

# O

# R̥g Veda

## LIVRO 3

### (Maṇḍala 3)

Traduzido para o inglês por:

**H. H. Wilson**

(Parte do) Segundo Aṣṭaka. Primeira Edição – 1854.

(Parte do) Terceiro Aṣṭaka. Primeira Edição – 1857.

[Disponíveis em [archive.org](http://archive.org)]

**Ralph T. H. Griffith**

Segunda Edição – 1896

[Disponível em [sacred-texts.com](http://sacred-texts.com)]

Incluindo 29 hinos<sup>1</sup> por

**Hermann Oldenberg** – 1897

[Disponível em [archive.org](http://archive.org) e em [sacred-texts.com](http://sacred-texts.com)]

Versões traduzidas para o português por:

**Eleonora Meier** – 2014.

[→ Ir para o Índice Rápido](#)

---

<sup>1</sup> Hinos 1-29. – *The Sacred Books of the East*, vol. 46.

## Conteúdo

Introdução do Terceiro e Quarto Aṣṭakas .....	6
Hino 1. Agni (Wilson) .....	15
Hino 1. Agni (Griffith) .....	17
Hino 1. Agni (Oldenberg) .....	19
Hino 2. Agni Vaiśvānara (Wilson) .....	21
Hino 2. Agni (Griffith) .....	23
Hino 2. Agni Vaiśvānara (Oldenberg).....	24
Hino 3. Agni Vaiśvānara (Wilson) .....	26
Hino 3. Agni (Griffith) .....	27
Hino 3. Agni Vaiśvānara (Oldenberg).....	28
Hino 4. Āprī (Wilson).....	29
Hino 4. Āprī (Griffith) .....	30
Hino 4. Hino Āprī (Oldenberg) .....	31
Hino 5. Agni (Wilson) .....	33
Hino 5. Agni (Griffith) .....	34
Hino 5. Agni (Oldenberg) .....	35
Hino 6. Agni (Wilson) .....	37
Hino 6. Agni (Griffith) .....	38
Hino 6. Agni (Oldenberg) .....	39
Hino 7. Agni (Wilson) .....	40
Hino 7. Agni (Griffith) .....	41
Hino 7. Agni (Oldenberg) .....	42
Hino 8. O Poste Sacrificial (Wilson) .....	44
Hino 8. O Poste Sacrificial (Griffith).....	45
Hino 8. O Poste Sacrificial (Oldenberg).....	46
Hino 9. Agni (Wilson) .....	48
Hino 9. Agni (Griffith) .....	49
Hino 9. Agni (Oldenberg) .....	50
Hino 10. Agni (Wilson).....	51
Hino 10. Agni (Griffith) .....	51
Hino 10. Agni (Oldenberg) .....	52
Hino 11. Agni (Wilson).....	53
Hino 11. Agni (Griffith) .....	53
Hino 11. Agni (Oldenberg) .....	54
Hino 12. Indra e Agni (Wilson) .....	55
Hino 12. Indra-Agni (Griffith).....	55
Hino 12. Indra-Agni (Oldenberg).....	56
Hino 13. Agni (Wilson).....	57
Hino 13. Agni (Griffith) .....	57

Hino 13. Agni (Oldenberg) .....	58
Hino 14. Agni (Wilson).....	59
Hino 14. Agni (Griffith) .....	60
Hino 14. Agni (Oldenberg) .....	61
Hino 15. Agni (Wilson).....	62
Hino 15. Agni (Griffith) .....	62
Hino 15. Agni (Oldenberg) .....	63
Hino 16. Agni (Wilson).....	64
Hino 16. Agni (Griffith) .....	64
Hino 16. Agni (Oldenberg) .....	65
Hino 17. Agni (Wilson).....	66
Hino 17. Agni (Griffith) .....	66
Hino 17. Agni (Oldenberg) .....	67
Hino 18. Agni (Wilson).....	68
Hino 18. Agni (Griffith) .....	68
Hino 18. Agni (Oldenberg) .....	69
Hino 19. Agni (Wilson).....	70
Hino 19. Agni (Griffith) .....	70
Hino 19. Agni (Oldenberg) .....	71
Hino 20. Agni (Wilson).....	72
Hino 20. Agni (Griffith) .....	72
Hino 20. Agni (Oldenberg) .....	73
Hino 21. Agni (Wilson).....	74
Hino 21. Agni (Griffith) .....	74
Hino 21. Agni (Oldenberg) .....	75
Hino 22. Agni (Wilson).....	76
Hino 22. Agni (Griffith) .....	76
Hino 22. Agni (Oldenberg) .....	77
Hino 23. Agni (Wilson).....	78
Hino 23. Agni (Griffith) .....	78
Hino 23. Agni (Oldenberg) .....	79
Hino 24. Agni (Wilson).....	80
Hino 24. Agni (Griffith) .....	80
Hino 24. Agni (Oldenberg) .....	81
Hino 25. Agni (Wilson).....	82
Hino 25. Agni (Griffith) .....	82
Hino 25. Agni (Oldenberg) .....	83
Hino 26. Agni (Wilson).....	83
Hino 26. Agni (Griffith) .....	84
Hino 26. Agni (Oldenberg) .....	85
Hino 27. Agni (Wilson).....	87

Hino 27. Agni (Griffith) .....	88
Hino 27. Agni (Oldenberg) .....	89
Hino 28. Agni (Wilson).....	90
Hino 28. Agni (Griffith) .....	90
Hino 28. Agni (Oldenberg) .....	91
Hino 29. Agni (Wilson).....	92
Hino 29. Agni (Griffith) .....	93
Hino 29. Agni (Oldenberg) .....	95
Hino 30. Indra (Wilson) .....	97
Hino 30. Indra (Griffith).....	99
Hino 31. Indra (Wilson) .....	101
Hino 31. Indra (Griffith).....	103
Hino 32. Indra (Wilson) .....	106
Hino 32. Indra (Griffith).....	107
Hino 33. Indra (Wilson) .....	109
Hino 33. Indra (Griffith).....	110
Hino 34. Indra (Wilson) .....	112
Hino 34. Indra (Griffith).....	113
Hino 35. Indra (Wilson) .....	114
Hino 35. Indra (Griffith).....	115
Hino 36. Indra (Wilson) .....	116
Hino 36. Indra (Griffith).....	117
Hino 37. Indra (Wilson) .....	119
Hino 37. Indra (Griffith).....	120
Hino 38. Indra (Wilson) .....	121
Hino 38. Indra (Griffith).....	122
Hino 39. Indra (Wilson) .....	124
Hino 39. Indra (Griffith).....	125
Hino 40. Indra (Wilson) .....	126
Hino 40. Indra (Griffith).....	127
Hino 41. Indra (Wilson) .....	128
Hino 41. Indra (Griffith).....	128
Hino 42. Indra (Wilson) .....	129
Hino 42. Indra (Griffith).....	129
Hino 43. Indra (Wilson) .....	130
Hino 43. Indra (Griffith).....	131
Hino 44. Indra (Wilson) .....	132
Hino 44. Indra (Griffith).....	132
Hino 45. Indra (Wilson) .....	133
Hino 45. Indra (Griffith).....	133
Hino 46. Indra (Wilson) .....	134

Hino 46. Indra (Griffith) .....	134
Hino 47. Indra (Wilson) .....	135
Hino 47. Indra (Griffith) .....	136
Hino 48. Indra (Wilson) .....	137
Hino 48. Indra (Griffith) .....	137
Hino 49. Indra (Wilson) .....	138
Hino 49. Indra (Griffith) .....	139
Hino 50. Indra (Wilson) .....	140
Hino 50. Indra (Griffith) .....	140
Hino 51. Indra (Wilson) .....	141
Hino 51. Indra (Griffith) .....	142
Hino 52. Indra (Wilson) .....	143
Hino 52. Indra (Griffith) .....	144
Hino 53. Indra, Parvata, etc. (Wilson) .....	145
Hino 53. Indra, Parvata, etc. (Griffith) .....	148
Hino 54. Viśvadevas (Wilson) .....	151
Hino 54. Viśvadevas (Griffith) .....	153
Hino 55. Viśvadevas (Wilson) .....	155
Hino 55. Viśvadevas (Griffith) .....	157
Hino 56. Viśvadevas (Wilson) .....	160
Hino 56. Viśvadevas (Griffith) .....	161
Hino 57. Viśvadevas (Wilson) .....	162
Hino 57. Viśvadevas (Griffith) .....	163
Hino 58. Aśvins (Wilson) .....	164
Hino 58. Aśvins (Griffith) .....	165
Hino 59. Mitra (Wilson) .....	166
Hino 59. Mitra (Griffith) .....	167
Hino 60. Ṛbhus (Wilson) .....	168
Hino 60. Ṛbhus (Griffith) .....	169
Hino 61. Uṣas (Wilson) .....	170
Hino 61. Uṣas (Griffith) .....	171
Hino 62. Indra e Outros (Wilson) .....	172
Hino 62. Indra e Outros (Griffith) .....	173
Métrica .....	175
Índice dos Sūktas do Terceiro Maṇḍala .....	178
Índice Rápido .....	182

## Introdução do Terceiro e Quarto Aṣṭakas.<sup>1</sup>

Como o terceiro volume do texto impresso termina o terceiro e o quarto Aṣṭakas, e inicia o quinto, eu achei oportuno publicar, no presente ocasião, a tradução do terceiro e quarto Aṣṭakas, completando a metade de todo o Ṛg-Veda.

O terceiro Aṣṭaka compreende a conclusão do terceiro Maṇḍala, o quarto, e o início do quinto; o resto do quinto, e cinco das seis seções do sexto Maṇḍala, estão incluídos no quarto Aṣṭaka.

Foi observado, na introdução do primeiro Aṣṭaka,<sup>2</sup> que o quinto Maṇḍala foi atribuído a Atri e seus filhos, que eram de nomenclatura bastante duvidosa; esse fato será confirmado pela presente tradução; e se a autoria dos Sūktas estiver definida corretamente, Atri deve ter tido uma família grande, porque os nomes ultrapassam quarenta, além de grupos, como Prayasvats, Gaupāyanas, Laupāyanas, e Vasūyus, cada um composto de um número indefinido; vários dos nomes, como Pratikṣatra, Pratiratra, Pratibhānu, Pratiprabha, são de invenção evidente; nós temos também, em Arcanānas e Śyāvāśyva, pai e filho, que não podiam ter sido ambos *filhos* de Atri; há também a ocorrência incomum de uma autora de um Sūkta, a senhora Viśvavārā.<sup>3</sup> O epíteto comum dessas pessoas, Ātreya, no entanto, não implica necessariamente um filho ou filha de Atri, e pode ser interpretado descendente ou discípulo; esse último é tornado mais provável, porque a lista inclui três Rājas entre os Ṛṣis, ou Tryaruṇa, Trasadasyu e Aśvamedha, que são co-autores de Sūkta (5.27); a um deles, Trasadasyu, um Sūkta anterior<sup>4</sup> também é atribuído. Com toda probabilidade, no entanto, existe pouca ou nenhuma autoridade para a autoria dos Sūktas deste Maṇḍala, e sua atribuição aos indivíduos é tão arbitrária e irreal quanto aquela de qualquer outra parte, seja denominada Aṣṭaka ou Maṇḍala.

Dos cento e vinte e um Sūktas do terceiro Aṣṭaka, aqueles dirigidos a Agni, sozinho ou associado a alguma outra divindade, são quarenta e quatro; aqueles a Indra, isoladamente ou com outros, quarenta e oito; fazendo juntos noventa e dois; do restante, cinco são dirigidos aos Viśvadevas, cinco aos Aśvins, cinco aos Ṛbhus, três a Dadhikrā, três a Uṣas, dois a Savitṛ, e um de cada ao Yūpa, ou poste sacrificial, às Āprīs, a Mitra, a Śyena ou Falcão, ao Céu e à Terra, a Vāyu, e a Kṣetrapati, ou, o senhor do campo, e aos instrumentos de agricultura.

O quarto Aṣṭaka compreende cento e quarenta Sūktas, dos quais Agni e Indra têm uma grande proporção, embora um pouco menos considerável do que no terceiro; o primeiro é o deus de trinta e seis Sūktas, o último, isoladamente ou em associação com outros, de quarenta e seis, juntos oitenta e dois; do restante, os Viśvadevas têm doze Sūktas dedicados a eles, um número muito maior do que o normal, além dos quais, cinco outros hinos são endereçados a diferentes divindades, muito semelhantes aos Viśvadevas; doze Sūktas têm os Maruts como deuses, e onze Mitra e Varuṇa conjuntamente, o que é algo incomum; os Aśvins têm seis Sūktas; Pūṣan quatro; a Aurora e Savitṛ dois cada; e Parjanya, Pṛthvī, Varuṇa, Sarasvatī, e as Vacas, têm um cada.

Com muito poucas exceções, há pouco de interesse novo nos Sūktas dessas duas divisões, com relação aos seus significados mitológicos; as mesmas qualidades

---

<sup>1</sup> [O Terceiro Aṣṭaka começa no Hino 7 desse Terceiro Maṇḍala e vai até o Hino 8 do Quinto Maṇḍala.

O Quarto Aṣṭaka começa no Hino 9 do Quinto Maṇḍala e vai até o Hino 61 do Sexto Maṇḍala.]

<sup>2</sup> [Na página 22 da versão em português.]

<sup>3</sup> [5.28.]

<sup>4</sup> [4.42.]

são atribuídas aos mesmos deuses e as mesmas lendas são repetidas, que ocorreram nos Aṣṭakas anteriores; as façanhas lendárias sendo às vezes, entretanto, transferidas para diferentes agentes, como no caso da morte de Vṛtra sendo atribuída a Agni, em vez de, como de costume, a Indra, (3.20.4); e novamente, onde Dadhyanch, o filho de Atharvan, é dito ter acendido o matador de Vṛtra, o destruidor das cidades dos Asuras, as façanhas de Indra são obviamente atribuídas a Agni, (6.16.14); a observação feita na Introdução da tradução do segundo Aṣṭaka pode ser aqui repetida, que os Sūktas dirigidos às principais divindades, especialmente a Agni e Indra, nessas duas divisões, tratam mais geralmente de solicitação e panegírico, e são menos ricos em lendas, do que os Sūktas do primeiro Aṣṭaka, com exceções muito raras, embora não totalmente sem importância.

Nos hinos dirigidos a Agni ocorrem os mesmos atributos e alusões que são encontrados nos Sūktas anteriores, e enumerados na Introdução do primeiro volume. Nós temos talvez mais claramente afirmado seu caráter de criador do universo, (3.10.5; 3.16.4; 4.2.15), e na universalidade dele, como insinuada em um hino com mais do que o misticismo normal (3.26.7,8, notas 4 e 5), nós temos os rudimentos provavelmente da noção panteísta, os quais, como a palavra Vedānta implica, são baseados no Veda; a identificação de Agni com outras divindades, ele sendo Indra, Vṛtra, Varuṇa, Aryaman, Rudra, é da mesma tendência, (5.3.1).

Da mesma forma os atributos e façanhas de Indra, ele ter matado Vṛtra, sua recuperação do gado roubado, sua destruição de vários Asuras, e das cidades deles, e seu amparo a príncipes individualmente, foram todos contados antes, em geral mais completamente; seu consumo do suco Soma é o tema de muitas estrofes desinteressantes, e a maioria dos hinos dos quais ele é o herói sugere pouco que seja de valor adicional. No décimo sexto hino da primeira seção do quarto Aṣṭaka são narradas algumas circunstâncias novas sobre o Asura Namuci; menção foi feita dele na primeira e na segunda seção, mas aqui, pela primeira vez, é dito dele, que ele envia um exército de mulheres contra Indra, como se uma nação de amazonas fosse aludida; a passagem, no entanto, é obscura e a explicação imperfeita (5.30.9).

No sexto Sūkta da quinta seção do terceiro Aṣṭaka [4.16] há também algumas lendas adicionais que podem ser suspeitas de um significado histórico, embora exageradas, quando é relatado que Indra foi seguido por uma grande tropa, milhares, em seu ataque contra o Asura Kuyava [v.12]; e que, em outra ocasião, ele destruiu cinquenta mil Kṛṣṇas, ou Rākṣasas de pele escura [v.13], de acordo com o comentador; uma inferência a partir desses números é que os Ṛṣis da época do Veda estavam familiarizados com a leva de numerosos corpos de combatentes; e outra, que é mais importante, é a probabilidade de que, por Asuras e Rākṣasas, se queira dizer nada mais que tribos ou nações hostis; os Rājas mortais, Kutsa, Rjīśvan, Sudās, e outros, em cuja defesa ou para cujo benefício esses adversários são destruídos, mal poderiam ter travado guerra com seres sobre-humanos, mal poderiam ter incorrido na inimizade deles, exceto em seu caráter de perturbadores de sacrifícios oferecidos aos deuses, querendo dizer com isso, muito possivelmente, as ainda não convertidas tribos da Índia contrárias aos ritos bramânicos; que nós devemos considerá-los como principalmente se não exclusivamente seres humanos é mais consistente com eles estarem envolvidos em disputas com príncipes humanos; e a identidade é estabelecida mais adiante pelo nome de Dasyu ser atribuído ao Asura, Śambara, (6.31.4).

Como Agni, Indra é identificado com várias pessoas e divindades; e em um hino é insinuado que ele é o único verdadeiro objeto de adoração, a quem quer que ela possa ser nominalmente dirigida, assumindo qualquer manifestação que ele queira, seja aquela

de Agni, Viṣṇu, ou Rudra (6.47.18); ele também é representado no mesmo hino como de um temperamento inconstante, negligenciando aqueles que o servem, e favorecendo aqueles que não lhe prestam adoração (v.17); uma noção um pouco em desacordo com a doutrina anteriormente inculcada, de que o culto cerimonial de Indra é capaz de expiar os crimes mais atrozes (5.34.4).<sup>5</sup>

Os Sūktas endereçados aos outros deuses propiciados no terceiro e quarto Aṣṭakas são na maior parte meras repetições daqueles que foram apresentados no primeiro e no segundo; um dos dois dedicados, no Terceiro Livro, a Savitrī (3.62.10), contém o verso que constitui uma parte essencial das preces diárias dos brâmanes, e é especialmente conhecido como *Gāyatrī*; os comentadores admitem alguma variedade de interpretação, mas ele provavelmente significava, em seu uso original, uma simples invocação ao sol para derramar uma influência benigna sobre os ofícios costumeiros de culto, e que ainda é empregado pelos hindus não filosóficos com apenas essa significação; noções posteriores, e especialmente aquelas do Vedānta, têm operado para anexar ao texto um sentido que ele não possuía a princípio, e o converteram em uma propiciação mística da origem espiritual e essência da existência, ou Brahm.

Os hinos endereçados a Dadhikrā ou Dadhikrāvan contemplam o sol sob o símbolo de um cavalo, e em um deles (4.40.5), ocorre uma estrofe conhecida como a *Haṃsavatī R̥c*, na qual, sob vários nomes, o sol é considerado como identificado com o Espírito Supremo ou Parabrahma, embora possa ser questionável até onde os termos tinham originalmente as significações que os comentadores posteriormente atribuíram a eles.

No terceiro Aṣṭaka há dois Sūktas dos quais o Śyena, o falcão ou milhafre, é dito ser a divindade de parte de um, e do outro inteiro; o estilo dos hinos é bastante místico, e uma interpretação identifica o pássaro com o Espírito Supremo; o teor geral, no entanto, apenas faz alusão a uma lenda contada no *Aitareya Brāhmaṇa*, como mencionado em uma nota,<sup>6</sup> de a planta Soma ter sido trazida do céu pela Gāyatrī, a métrica, personificada na forma de um falcão; uma possível alegoria conectando o uso de hinos na medida Gāyatrī com a oferenda inicial ou original da libação de Soma na adoração dos deuses.

Outro Sūkta novo no terceiro Aṣṭaka tem por seu objeto a santificação do senhor do campo, e dos implementos de agricultura; o espírito de misticismo os identifica com divindades, como Agni, Indra, Vāyu, mas sejam os termos entendidos literalmente ou simbolicamente, a inferência será a mesma, a grande importância atribuída pelos hindus da era védica às operações de agricultura, e à adequação dos meios utilizados por eles no cultivo da terra. O sentido do hino que vem depois desse não é fácil de compreender, mas ele é principalmente para elogiar a manteiga clarificada, ou *Ghī*, e pode ligar os trabalhos do pastor com aqueles do arado; um Sūkta dirigido às *Vacas* (6.28) pode ser considerado como de uma classe semelhante, mas ele não contém nada especialmente característico; o curto hino à Pṛthvī, a Terra (5.84), pode ser classificado com o agrícola, mas ele é muito geral e sem sentido.

Nos dois Aṣṭakas os Viśvadevas são os deuses de dezessete Sūktas, ou, se nós somarmos os cinco dirigidos a várias divindades, que são, entretanto, muito semelhantes aos Viśvadevas, vinte; eles são na maior parte os mesmos deuses que ocorrem com suas qualidades individuais em outros lugares, Agni, Indra, Varuṇa, Aditi, os Ādityas, os Maruts, e oferecem somente as suas características e alusões habituais; alguns dos hinos tratam de misticismo, e são, portanto, obscuros; e dispersas através deles se

<sup>5</sup> [Veja a segunda nota desse verso.]

<sup>6</sup> [3.43.7, nota 3.]



encontram referências a circunstâncias de interesse geral, mas na maior parte eles acrescentam pouco ao que foi descrito em outra parte. O mesmo pode ser dito dos Sūktas aos Maruts, aos Ásvins, aos Ṛbhus, cujos atributos e façanhas são meras repetições das que precederam; os Sūktas dedicados a Pūṣan o descrevem de forma mais explícita como o guardião das estradas e protetor dos viajantes, indicando uma troca de domicílio e relações de tráfego que poderiam prevalecer apenas entre um povo avançado de alguma forma em civilização; Pūṣan aparece também em um novo personagem como o patrono dos conjuradores (6.54.1), especialmente daqueles que descobrem bens roubados, uma ordem de professores ainda familiares ao povo da Índia.

Uma passagem solitária, e uma das quais o comentador não deu nenhuma explicação satisfatória, eleva o número de divindades a uma extensão que é totalmente incompatível com a enumeração comum; é dito no fim do nono Sūkta do primeiro capítulo do terceiro Aṣṭaka, (3.9.9), que três mil, trezentas e trinta e nove divindades, *devas*, prestaram homenagem a Agni, e o nomearam seu sacerdote ministrante. Sāyaṇa recorre para a confirmação dessa afirmação ao *Bṛhad Āraṇyaka*, onde algo do tipo é encontrado, mas que não pode ser considerado como autoridade para o texto do Veda; a enumeração comum das classes de divindades subordinadas as faz somente trinta e três, e o Veda é citado como a autoridade para essa enumeração como repetido nos *Purāṇas*.<sup>7</sup>

Embora os textos do *Ṛg-Veda*, mais ou menos separados, sejam amplamente empregados no ritual dos brâmanes, contudo as alusões a ofícios cerimoniais são muito raras, e nem sempre muito explícitas; naturalmente recomendações do oferecimento do suco da planta Soma são constantemente repetidas, e seus efeitos sobre aqueles que o bebem, especialmente Indra, são descritos no habitual estilo exagerado; há também, ocasionalmente, uma palpável confusão de atributos com aqueles da lua, resultante da identidade de nome (6.39.3). Manteiga clarificada ou *Ghī* é também não raro mencionada ou aludida; e em um caso nós temos um hino ao Yūpa, ou poste ao qual a vítima é presa, como simbólico de Vanaspati, o senhor da floresta, a árvore da qual ele foi fabricado. A prática de sacrifícios de animais em uma escala extensa é afirmada em dois lugares, em um dos quais (5.29.7) é dito que trezentos búfalos foram oferecidos a Indra como uma oferenda queimada, e no outro (6.17.11) é rogado que cem possam ser assim oferecidos; a frase em ambas as passagens é, preparar ou cozinhar, (raiz, *pac*), de modo que a oferenda, como aquela de outras nações da antiguidade, era sem dúvida compartilhada por aqueles que oferecem o holocausto; outro Sūkta (3.21) é considerado pelo comentador como apropriado para um sacrifício animal, porque ele especifica repetidamente o oferecimento da medula ou gordura do interior da vítima para Agni.

Não há praticamente qualquer indicação de especulação doutrinária ou filosófica, nenhuma alusão às noções mais recentes das várias escolas, exceto aquelas expressões acima citadas sugestivas da identidade de todos os deuses e de todos os seres; nem há qualquer indício da metempsicose, ou da doutrina que está intimamente ligada a ela, da renovação repetida do mundo; pelo contrário, há uma passagem notável que nega essa proposição inquestionada em outra parte. É lá afirmado enfaticamente que o céu e a terra foram gerados apenas uma vez, como foi o leite de Pṛśnī, ou a nutrição dos ventos, ou seja, a chuva; e que nada semelhante foi produzido sucessivamente, (6.48.22).

Várias sugestões são dadas, embora menos frequentes ou conclusivas do que nos Aṣṭakas anteriores, da condição social dos hindus do período védico; elas confirmam as conclusões tiradas anteriormente do estado avançado da civilização; as cidades são

<sup>7</sup> [Veja o *Viṣṇu Purāṇa*; pág. 136, nota 27, da versão em português.]

mencionadas repetidamente, e ainda que, como os objetos da hostilidade de Indra, elas possam ser consideradas como cidades nas nuvens, as residências dos Asuras, contudo a noção de tais agregações de qualquer classe de seres só poderia ter sido sugerida pela observação efetiva, e a ideia de cidades no céu somente poderia ter sido derivada de familiaridade com conjuntos similares sobre a terra; mas, como indicado acima, é provável que por Asuras nós devamos entender, pelo menos ocasionalmente, o povo anti-vêdico da Índia, e que são deles as cidades destruídas. Também deve ser observado que as cidades são destruídas em nome ou em defesa de príncipes mortais, que dificilmente poderiam ter sitiado cidades celestes, mesmo com a ajuda de Indra; de fato, em um caso (4.26.3) é dito que, tendo destruído noventa e nove das cem cidades do Asura, Śambara, Indra deixou a centésima habitável para seu protegido, Divodāsa, uma monarca terrestre, para quem uma metrópole no firmamento seria de vantagem questionável.

Que as cidades daqueles tempos compunham-se, em grande medida, de casebres de lama e esteiras é bem possível; elas ainda o são: Benares, Agra, Delhi, Calcutá, apresentam inúmeras construções da mais humilde classe, mas que elas consistiam exclusivamente desses é contestado em vários lugares. Em uma passagem (4.30.20), é dito que as cidades de Śambara que foram derrubadas compunham-se de pedra; em outra (6.47.2, nota), as mesmas cidades são indicadas pelo apelativo *dehyāh*, as gessadas, sugerindo o uso de cal, argamassa ou estuque; em outra, nós temos especificada uma estrutura com mil colunas, que, seja um palácio ou um templo, deve ter sido algo muito diferente de uma cabana; e mais uma vez, uma súplica é feita por uma grande habitação, o que não poderia significar uma cabana; cidades com edifícios de alguma pretensão obviamente não devem ter sido raridades para os autores dos hinos do Ṛg-Veda.

Já foi observado a respeito da grande escala na qual, mesmo permitindo exagero, as guerras devem ter sido conduzidas; uma passagem semelhante ocorre (4.30.21), na qual se diz que Indra, por causa de Dabhīti, destruiu trinta mil Dāsas, escravos, ou anti-vêdicos; o comentador diz Rākṣasas e outros, mas o texto tem apenas *dāsa*, e Dabhīti é um mortal. Não é, no entanto, só com Dāsas e Dasyus que nós encontramos hostilidades prevalecendo, e os Āryas parecem ter estado igualmente em desacordo entre si. Indra é dito, em uma passagem, ter matado dois dos líderes deles no rio Saryu (4.30.18), e em outra ter destruído igualmente os Āryas e Dāsas (6.33.3); parece, de fato, ter havido considerável animosidade predominante entre os povos, e os deuses não raro são solicitados para proteger o adorador contra os seus próprios vizinhos e parentes. Que a religião ou o governo nem sempre se sentem seguros pode ser inferido a partir de uma passagem na qual Indra é pedido para proteger o adorador não só na guerra, mas na paz, ou entre ou contra as pessoas (6.41.5).

De progresso nas artes úteis nós temos, como antes, exemplificações ocasionais, a prática da agricultura já foi citada; a arte da tecelagem é mencionada muito especificamente (6.9.2), embora em conexão com alguma referência mística à criação ou sacrifício; a amolação do fio de armas de ferro torna provável que o aço seja aludido, e não há nada de surpreendente nisso, porque o aço indiano era conhecido pelos persas, na época de Ctésias; a fusão de substâncias metálicas era praticada (6.3.4), muito possivelmente de ouro, pois ornamentos de ouro, couraças de ouro, são citados repetidamente; pode-se pensar que até moedas eram circulantes, pois entre os presentes feitos ao Ṛṣi de um Sūkta dez *carteiras* são especificadas (6.47.22); o termo *kośayīh* pode ser interpretado, no entanto, bolsas ou arcas, e elas podem ter contido apenas um determinado peso de metal precioso.

A mesma familiaridade com o mar, que foi comentada anteriormente, ocorre ocasionalmente, com clareza suficiente para não deixar nenhuma dúvida do significado do texto; desse modo, em um lugar é dito que os rios correm para o oceano ansiosos para se misturar com ele (3.36.6); e, também, que os rios desaparecem no oceano (4.55.6), onde também é dito que aqueles desejosos de lucro estão empenhados em atravessar o oceano, indicando claramente tráfego marítimo; diz-se que os Maruts, ou ventos personificados, sacodem as nuvens como navios, ou como o comentador amplia uma frase bastante elíptica, como o oceano sacode navios, em outro lugar (6.20.12), embora as expressões específicas possam ser duvidosas, contudo é inegável que a passagem pretende comunicar a travessia do oceano por certos indivíduos sob a orientação de Indra.

Há uma ou duas passagens curiosas relativas às leis de herança, e de contrato simples, ou compra e venda; elas podem não ser muito precisas ou totalmente inteligíveis, mas o são suficientemente para mostrar que decretos legislativos existiam, e que, no que diz respeito a esses dois assuntos, a lei era essencialmente a mesma que aquela que está prevista nos escritos reputados dos legisladores antigos, e, até certo ponto, ainda está em vigor. Um filho, em virtude de atos sagrados, ou seja, pode-se inferir, da adoração dos espíritos dos mortos, embora não assim especificado, é o herdeiro, com a exclusão de uma filha, porque ela, por casamento, leva a propriedade para uma família diferente; ela deve, no entanto, ser enriquecida com presentes, em seu casamento, pode-se supor por meio de dote; na falta de um herdeiro masculino direto, o filho de uma filha deve realizar os ritos, e, conseqüentemente, herdar a propriedade; mas isso se aplica apenas ao filho de uma filha nomeada,<sup>8</sup> que, de acordo com todas as autoridades mais antigas, era considerada igual a um filho; e o termo usado na passagem em questão evidentemente compreende essa estipulação ou nomeação; o *Sāsadvahni* é o transferidor de sua filha para outra família, sob acordo ou estipulação, e assim procede, ou estabelece, a filiação de um neto; ou como o comentador, sem dúvida muito corretamente, afirma, o pai estipula, Eu lhe darei a minha filha, que não tem irmãos, contanto que o filho que possa ser gerado nela possa ser o meu filho também; agora, essa lei, embora antiga, é um refinamento sobre as regras de herança, e é uma evidência inquestionável de civilização avançada.

A lei, que se uma pessoa vendeu uma mercadoria por menos do que seu valor, e se arrepende de ter feito isso, ela não pode recuperar a mercadoria vendida, do comprador, é, aparentemente, a lei dos dias atuais, embora possa haver alguma diferença de opinião; o que foi vendido, é dito, a um preço baixo por um idiota, ou por alguém bêbado ou insano, pode ser retomado compulsoriamente, se for necessário, do comprador; mas é então inferido razoavelmente que, se for vendido a um preço baixo por um homem de mente sã, a venda é válida; isso é qualificado tão longe, que, se a venda foi feita por engano ela pode ser cancelada; e em geral, a rescisão da venda ou compra de coisas não perecíveis é permitida dentro de dez dias, por vontade de qualquer uma das partes; isso é considerado por Mill (*History of India*, vol. I. p. 232) como totalmente incompatível com uma época em que as divisões e refinamentos da indústria multiplicaram o número de trocas, e ele teria, portanto, considerado a lei, como está formulada no texto do Veda, que faz uma compra e venda, uma vez concluída, inalterável, como uma prova de uma era avançada no intercâmbio de mercadorias de comercializáveis.

---

<sup>8</sup> "O filho de uma filha nomeada é igual ao filho do corpo; ele herdará como filho a condição de seu pai e de seu avô materno, que não deixa nenhum descendente masculino". Devala; veja *Colebrooke's Digest*, 3.161., e outros textos. *Ibid.*

Até agora, portanto, as alusões à condição social dos hindus estão em harmonia com aquelas que foram citadas previamente; e o mesmo pode ser dito das referências feitas às áreas ocupadas por eles, que estavam no noroeste e oeste da Índia, do Punjab à foz do Indo, sua passagem para o oceano; nós temos a Yamunā mencionada uma vez, a Ganges uma vez; a Sarasvatī é citada muitas vezes em suas duas qualidades como uma deusa e um rio, e a Dr̥ṣadvatī é em um lugar associada com ela como em *Manu*, junto com outro rio não encontrado em outros lugares, a Apayā; Vipāsā e Satudrī, ou Beas e Sutlej, são interlocutoras em um Sūkta [3.33] com o Ṛṣi Viśvāmitra, no qual ele suplica a elas para permitir que ele as vadeie com seus atendentes e vagões, estando em viagem para o noroeste, como ele mesmo diz, para coletar a planta Soma. Outros rios são citados, como a Rasā, Anitabhā, Kubhā (5.53.9), Paruṣṇī, e a Hariyūpīyā, ou Yavyāvātī, as posições das quais já não são conhecidas, mas que se encontravam provavelmente no oeste, e eram alimentadoras do Indo. Na margem leste da Hariyūpīyā morava um povo chamado Vṛcīvatś [Vrcivans] ou Varasikhas, que foram subjugados, como auxílio de Indra, pelos Rājas Abhyāvartin e Prastoka, (6.27.6), e que nós podemos supor, portanto, não terem sido hindus.<sup>9</sup> Um povo chamado Rusumas, habitando, diz-se, uma região assim chamada, deve ter sido uma tribo ortodoxa, oferecendo presentes valiosos ao Ṛṣi de um Sūkta no qual a generosidade deles é elogiada (5.33); por outro lado, parece ser sugerido que o hinduísmo dos Vedas não havia se espalhado para Bahar do Sul, quando é perguntado, o que o gado faz por ti (Indra), entre os Kīkaṭas (3.53.14), Kīkaṭa sendo a denominação comum daquela província; e não é incompatível com a limitação aparente dos hindus na época dos Vedas aos territórios do oeste, que a sua religião não tivesse se estendido tão longe para o interior, especialmente para uma região que ainda está parcialmente coberta por floresta, e habitada por tribos bárbaras. Além dos rios e povos assim citados, e na maior parte peculiares ao Veda, nós temos vários nomes de Rājas que não são encontrados em outros lugares (5.27; 5.33; 6.27); o casamento misto de famílias reais e santas, do qual os *Purāṇas* fornecem exemplos, é de autoridade védica, e é curiosamente ilustrado pela história de Śyāvāśva (5.61).

Algumas lendas de um tipo interessante ocorrem nos Aṣṭakas agora traduzidos; assim, no terceiro (3.53), nós temos um hino de alguma extensão por Viśvāmitra, que é geralmente considerado como autoridade para a existência de uma hostilidade violenta entre o autor e o Ṛṣi Vasiṣṭha, e seus respectivos descendentes, e ser o veículo de tal imprecisão sobre o último, que os brâmanes, que professarem pertencer ao *gotra*, a família tradicional ou escola, de Vasiṣṭha, não irão ler ou transcrever as passagens; a causa da disputa não é mencionada no Veda, mas é detalhada repetidamente, com algumas variações, nos poemas heroicos e *Purāṇas*. A forma mais antiga da lenda é, sem dúvida, aquela do *Rāmāyaṇa*, repetida no *Mahābhārata*, *Ādi Parva*, onde Viśvāmitra, enquanto ainda em sua condição original ou kṣatriya, tenta levar, do eremitério de Vasiṣṭha, por meio de violência a vaca que concede tudo, simbolizando, sem dúvida, uma briga entre as tribos bramânicas e kṣatriya pelo domínio da terra que produz tudo; na qual, no entanto, é muito notável que as forças convocadas para tomar o partido do brâmane são todas estrangeiras, Śakas, Yavanas, Pahnava e Mlecchas, ou tribos não convertidas, como Drāvira, Paundra, Kirāta. Viśvāmitra posteriormente, pela força da penitência, tornando-se um brâmane, aparece no *Rāmāyaṇa*, e nos dramas daí derivados, em relações muito amigáveis com Vasiṣṭha, como o Purohita ou sacerdote

<sup>9</sup> De acordo com a história, como contada na *Nīti-mañjarī*, a partir da *Brhad-devatā*, Abhyāvartin, filho de Cayamana, e Prastoha, filho de Sṛnjaya, tendo sido derrotados pelos Vārisikhas, recorreram ao Ṛṣi, Bharadvāja, para obter a intercessão dele com Indra em seu auxílio; o Ṛṣi atendeu ao pedido deles, e louvou Indra com o Sūkta que é apresentado, propiciado pelo qual o deus veio para ajudar os príncipes, e destruiu os Vārisikhas.

familiar de Daśaratha, mas no *Mahābhārata*, *Adi Parva*,<sup>10</sup> e *Śalya Parva*,<sup>11</sup> nós temos repetidos incidentes de ofensa, especialmente por Viśvāmitra, pelos quais Vasiṣṭha é reduzido ao desespero, e se esforça em vão para destruir a si mesmo. Algumas dessas circunstâncias são aludidas posteriormente.

Outra lenda digna de nota é aquela de Vāmadeva, que, enquanto ainda por nascer, insiste em vir à existência pelo lado de sua mãe, um incidente que pode ter sido sugestivo do nascimento subsequente similarmente extraordinário de Buddha. Outro incidente aludido é aquele de Vāmadeva ter, quando faminto, cozinhado para seu sustento as entranhas de um cão, uma circunstância repetida no décimo livro de *Manu*. Várias alusões parecem indicar que os seguidores dos Vedas não eram muito escrupulosos quanto aos artigos de sua dieta; parece, por exemplo, que a carne de gado selvagem era permitida, (4.21.8, nota); e, em uma passagem, é dito até que aquela da vaca é o melhor dos alimentos (6.39.1, nota).

A história do Rāja Tryaruna, seu Purohit e o menino por cima de quem o último dirige o carro do primeiro, envolve um argumento legal, que está entre as sutilezas da legislação hindu; Veja *Law Questions, Ballantyne's Synopsis of Science*, vol. 1. p. x; a consequência, no entanto, a cessação do uso do fogo, é mais notável, sugerindo possivelmente uma espécie de proibição, durante a qual a realização de sacrifícios queimados foi suspensa; a história é narrada muito obscuramente. Nós podemos chamar a atenção para mais uma lenda, porque ela é apresentada mais detalhadamente por *Manu* (10.107); o Veda somente afirma o fato de que Bharadvāja, o Rṣi, aceitou presentes de uma pessoa chamada Br̥bu; em *Manu* e na *Nīti-mañjarī* ele é dito ter sido um carpinteiro ou lenhador; e em ambas as autoridades a moral da história é a legalidade da aceitação de presentes de pessoas de casta inferior, por brâmanes em épocas de miséria; a última qualificação provavelmente era desconhecida nos tempos do Veda, quando questões de impureza, seja de alimentos ou de casta, não tinham vindo a ser cogitadas.

Ao mesmo tempo, pode-se duvidar se não há, nessas duas partes do R̥g-Veda, alguma sugestão da instituição de casta, embora ainda não totalmente desenvolvida; as cinco classes, que às vezes significam diferentes ordens de seres criados, podem, em uma ou duas passagens, se aplicar aos seres humanos somente, se às quatro distinções usuais com a *nīśāda* como a quinta não é afirmado explicitamente no texto, embora seja assim compreendido pelo comentador. A designação de *brâmane* ocorre não infreqüentemente, embora a sua aplicação específica possa ser questionável; em uma passagem, (4.42.1), nós temos o termo *kṣatriya*, como o dependente imediato de um Rāja; *Viś*, significando povo em geral, oferece os rudimentos de *vaiśya*, embora não precisamente a mesma palavra; nós, porém, não encontramos em nenhum lugar o termo *śūdra*, embora a noção possa ser indicada pelas palavras *Dāsa* e *Dāsih*, escravo e servis; a ausência do nome adequado é, no entanto, um argumento razoável contra o reconhecimento da ordem à qual ele pertence; e deve-se admitir que as indicações das quatro castas reconhecidas são imperfeitas e inconclusivas.

Qualquer que seja o caso da especificação de casta, entretanto, a mesma abstinência total que foi até então observada de toda alusão aos objetos de adoração consagrados pelos *Purāṇas* e *Tantras* continua a prevalecer nas duas seções adicionais agora traduzidas; e a tríade personificada de atributos divinos, Brahmā, Viṣṇu, Śiva, em suas qualidades de criador, preservador, destruidor, com as formas populares dos dois

<sup>10</sup> [Capítulo 176 e seguintes, a partir da pág. 347 da versão em português.]

<sup>11</sup> [Capítulo 42, pág. 111-113 da versão em português.]

últimos, Kṛṣṇa e o Linga, e todas as manifestações da esposa de Mahādeva, continuam a ser totalmente ignorados pelos textos primitivos da religião dos hindus.

H. H. Wilson.

Londres, 30 de abril de 1857.

## Hino 1. Agni (Wilson)

(Continuação do Segundo Aṣṭaka. Continuação do Adhyāya 8. Anuvāka 1. Sūkta I)

Os hinos do Terceiro Maṇḍala são atribuídos a Viśvāmitra,<sup>1</sup> ou indivíduos de sua família; ele é o Ṛṣi do primeiro Sūkta, a divindade do qual é Agni; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 13. **1.** Torna-me vigoroso, Agni, visto que tu me fizeste o portador do Soma para oferecê-lo no sacrifício; honrando os deuses que estão presentes, eu pego a pedra (para espremer o suco); eu os propicio; Agni, protege o meu corpo.

**2.** Nós realizamos, Agni, um sacrifício bem sucedido; que o meu louvor (te) magnifique enquanto adorando-te com combustível e com reverência; (os deuses) do céu desejam a adoração dos piedosos, que estão ansiosos para louvar o adorável e poderoso (Agni).

**3.** Os deuses descobriram o gracioso Agni (oculto) entre as águas dos (rios) que fluem, para o propósito de atos (sagrados); Agni, que é inteligente, de vigor purificado, e amigável; que desde o seu nascimento concedeu felicidade à terra e ao céu.

**4.** Os sete grandes rios<sup>2</sup> aumentaram em força o auspicioso, puro e radiante Agni assim que ele nasceu, da mesma maneira como éguas (cuidam do) potro recém-nascido; os deuses nutriram o corpo (de Agni) em seu nascimento.

**5.** Espalhando-se pelo firmamento com membros brilhantes, santificando o rito com (energias) inteligentes e purificadoras, e vestido com esplendor, ele concede ao adorador alimento abundante e prosperidade grandiosa e não diminuída.

Varga 14. **6.** Agni em todos os lugares se dirige para as não devoradoras, não devoradas (águas);<sup>3</sup> a vasta (prole) do firmamento, não vestidas,<sup>4</sup> porém não nuas, sete rios eternos, sempre jovens, surgidos da mesma fonte, receberam Agni como seu embrião comum.

**7.** Agregados no ventre das águas,<sup>5</sup> (seus raios) se espalham amplamente; e tendo todas as formas, são aqui eficazes para a difusão do (suco) doce, como vacas leiteiras de úberes cheios; os poderosos (Céu e Terra) são os pais apropriados do gracioso Agni.

**8.** Filho da força, sustentado por todos, tu resplandesces, possuindo raios brilhantes e rápidos; quando o vigoroso Agni é magnificado por louvor, então as efusões de chuva doce descem.

---

<sup>1</sup> Viśvāmitra é uma pessoa notável nas tradições da religião hindu; de acordo com as autoridades históricas e purânicas, ele era originalmente um membro da casta *Ṛṣatriya*, ou casta real e militar, e ele mesmo por algum tempo um monarca; ele era descendente de Kuśa, da linhagem lunar, e foi o antepassado de muitos personagens reais e santos, que, com ele, receberam o nome de seu ancestral comum, Kuśikas ou Kauśikas; pela força das austeridades dele, ele obrigou Brahmā a admiti-lo na ordem bramânica, na qual ele procurou admissão a fim de ser colocado no mesmo nível que Vasiṣṭha, com quem ele havia brigado; sua descendência, e as circunstâncias de sua disputa com Vasiṣṭha, são contadas, com algumas variações, no *Rāmāyaṇa*, I, cap. 51-65, no *Mahābhārata*, *Vāyu*, *Viṣṇu* e *Bhāgavata*, e outros *Purāṇas*; os detalhes do *Rāmāyaṇa* são os mais amplos; os textos do *Ṛg-veda* indicam uma conformidade geral com aqueles dos *Purāṇas* quanto à designação familiar de Viśvāmitra, e às divergências ocasionais com Vasiṣṭha, originárias, aparentemente, de seus respectivos patrocínios de príncipes hostis; de acordo, no entanto, com os poemas heróicos, os *Purāṇas*, e vários poemas e peças, esses dois santos estavam em termos muito amigáveis em suas relações com a família real de Ayodhyā, ou com o rei Daśaratha, e seu filho Rāma.

<sup>2</sup> Veja 1.32.12, nota 11. Os sete grandes rios da Índia, ou ramos do Ganges, parecem ter sido conhecidos dos romanos no tempo de Augusto.

Ceu septem surgens sedatis amnibus altus

Per taciturn Ganges. - . Æn. ix. 30.

<sup>3</sup> *Anadatīradabdhā*, não extinguindo Agni, nem, contudo evaporadas por ele.

<sup>4</sup> *Avasānā anagnā*, não usando roupas, mas envolvidas pela água como por um manto.

<sup>5</sup> O *antarikṣa*, meio do céu, ou o firmamento, a região de vapor.

**9.** Em seu nascimento, ele conheceu o úbere de seu pai,<sup>6</sup> e soltou suas torrentes, e sua fala (de trovão); não havia ninguém para detectá-lo, espreitando nas profundezas, com seus associados auspiciosos, (os ventos), e as muitas (águas) do firmamento.

**10.** Ele nutre o embrião do pai (firmamento), e do gerador (do mundo); ele sozinho consome muitas (plantas) florescentes; as noivas associadas (do Sol, Céu e Terra), que são bondosas para o homem, são ambas parentes daquele puro derramador (de bênçãos); que tu, Agni, sempre as preserves.

Varga 15. **11.** O grande Agni aumenta no amplo (firmamento) ilimitado, pois as águas suprem nutrição abundante; e plácido, ele dorme no local de nascimento das águas para o serviço dos rios irmãs.

**12.** O invencível Agni, o nutridor dos valentes em batalha, o visto por todos, brilhando por seu próprio esplendor, o gerador (do mundo), o embrião das águas, o principal dos líderes, o poderoso, é aquele que gerou as águas para (o benefício) do ofertante da libação.

**13.** A madeira auspiciosa gerou o embrião gracioso e multiforme das águas e das plantas; os deuses se aproximaram dele com reverência, e adoraram o adorável e poderoso (Agni), assim que nasceu.

**14.** Sóis poderosos, como relâmpagos brilhantes, se associam com o auto-brilhante Agni, grande em sua própria morada, como se em uma caverna (profunda), enquanto eles ordenham ambrosia no oceano infinito e vasto.

**15.** Eu, o instituidor do rito, te adoro com oblações; desejoso de teu favor, eu imploro a tua amizade; concede, junto com os deuses, proteção para aquele que te louva; preserva-nos com teus raios bem regulados.

Varga 16. **16.** Aproximando-nos de ti, benevolente Agni, e realizando todos os atos sagrados que são a causa de opulência, oferecendo oblações com seriedade e em abundância, que nós possamos superar as tropas hostis que são sem deuses.<sup>7</sup>

**17.** Tu, Agni, és o anunciador louvável dos deuses, ciente de todos os ritos sagrados; plácido, tu resides entre os mortais, e, como um auriga, tu segues os deuses, realizando (seus desejos).

**18.** O ser imortal está assentado na residência dos mortais, realizando os sacrifícios (deles); Agni, que é conhecedor de todos os ritos sagrados, brilha com volume expandido quando alimentado com manteiga clarificada.

**19.** Vem a nós com auxílios amigáveis, auspiciosos, e poderosos, tu que és grande e que permeias tudo; derrama sobre nós amplas riquezas, salvas de danos, bem faladas, desejáveis, e renomadas.

**20.** Eu dirijo a ti, Agni, que és antigo, essas adorações eternas bem como recentes; esses sacrifícios solenes são oferecidos ao derramador de benefícios, que em cada nascimento é estabelecido (entre os homens), conhecedor de tudo o que existe.

**21.** O imperecível Jātavedas, que em cada nascimento é estabelecido (entre os homens), é aceso pelos Víśvāmitras; que nós, (desfrutando) sua benevolência, sempre sejamos (mantidos) na boa vontade auspiciosa daquele (deus) adorável.

**22.** Poderoso Agni, (realizador) de boas obras, transporta, regozijante, esse nosso sacrifício para os deuses; Invocador dos deuses, concede-nos alimento abundante; concede-nos, Agni, grande riqueza.

**23.** Dá, Agni, ao ofertante da oblação, a terra, a concessora de gado, os meios de muitos (ritos religiosos), tal que ela possa ser perpétua; que possa haver para nós filhos e netos nascidos na nossa família, e que a tua benevolência sempre esteja sobre nós.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> *Piturūdhar viveda*; o pai aqui é o firmamento, e o úbere as nuvens, ou os estoques de chuva acumulada.

<sup>7</sup> *Abhiṣyāma pṛtanāyur adevān*, ou pode significar, que nós possamos vencer as tropas daqueles que não são deuses, isto é, os *Rākṣasas*, ou espíritos malignos, que obstruem sacrifícios.



---

## Hino 1. Agni (Griffith)<sup>9</sup>

1. Tu, Agni, que terás o forte, me fizeste sacerdote do Soma, para adorar em assembleia. Tu brilhas para os Deuses, eu ajusto as pedras de espremer. Eu labuto; sê alegre em ti mesmo, ó Agni.
2. Para o leste nós viramos o rito;<sup>10</sup> que o hino o ajude. Com madeira e culto eles honrarão Agni. Do céu os sínodos dos sábios o aprenderam; mesmo para o rápido e forte<sup>11</sup> eles buscam avanço.
3. O Prudente,<sup>12</sup> ele cuja vontade é pura, trouxe bem-estar, aliado por nascimento ao Céu e à Terra em parentesco. Os Deuses descobriram no meio das águas o belo Agni com o trabalho das Irmãs.<sup>13</sup>
4. A ele, Abençoado, as Sete Correntes fortes aumentaram, a ele branco ao nascer e vermelho quando tornado poderoso. Como éguas mães correm em direção ao seu filhote recém-nascido, assim ao nascimento dele os Deuses admiraram Agni.
5. Espalhando-se com membros radiantes por toda a região, purgando seu poder com purificações sábias, vestindo-se em luz, a vida das águas, ele propaga amplamente suas glórias sublimes e perfeitas.
6. Ele procurou as Poderosas do céu,<sup>14</sup> as que não consomem, as intatas, não vestidas e, contudo não nuas.<sup>15</sup> Então elas, antigas e jovens, que residem juntas, Sete Rios retumbantes, como um germe o receberam.
7. As pilhas dele,<sup>16</sup> assumindo todas as formas, estão espalhadas onde fluem as águas doces, na fonte da fertilidade;<sup>17</sup> lá estavam as vacas leiteiras<sup>18</sup> com úberes cheios, e ambas as Mães Poderosas emparelhadas do Extraordinário.

---

<sup>8</sup> Esse verso, que forma o refrão de vários hinos subsequentes, ocorre no *Sāma-Veda*, I. 76; ele é traduzido, com alguma diferença, por Benfey e Stevenson, como foi observado no Prefácio. [Na parte das tecnicidades omitidas na tradução daquela Introdução para o português; então eu incluo aqui as traduções desses dois estudiosos:

“Agni, concede a nós, os realizadores de sacrifício, os suprimentos pelos quais muitos ritos sagrados possam ser executados, e vacas que permaneçam sempre rentáveis. Ó Agni, que nós possamos ter filhos e netos, os pais de uma família numerosa, e que as tuas atenções favoráveis estejam sempre em nossa direção”. – Stevenson.

“O alimento, ó Agni, a dádiva muito efetiva da vaca, torna eterno para aquele te suplica. Para nós que haja um filho – que haja um nome de ampla ramificação para nós. Que esse seja, ó Agni, o fruto da tua benevolência para conosco”. – Benfey.]

<sup>9</sup> Os hinos do Terceiro Livro são atribuídos ao Ṛṣi Viśvāmitra ou aos membros da família dele. Viśvāmitra ocupa um lugar importante na tradição indiana, segundo a qual ele nasceu um *kṣatriya*, mas em virtude de suas intensas austeridades elevou-se à casta brāhmane. A rivalidade entre Viśvāmitra e o Ṛṣi Vasiṣṭha é mencionada em muitas passagens do Ṛgveda, e pensa-se que, como as distinções de casta não tinham se tornado fixas naquela época, as histórias posteriores sobre o assunto dessa rivalidade podem ter se baseado em uma lenda védica que diz que o rei Sudās, tendo empregado Vasiṣṭha como seu sacerdote doméstico, permitiu em várias ocasiões que Viśvāmitra também oficiasse, o que levou a ciúmes e disputa entre aqueles dois funcionários.

<sup>10</sup> Para a região dos Deuses; ‘nós realizamos um sacrifício bem sucedido’ – Wilson.

<sup>11</sup> Agni, de acordo com Sāyaṇa. Ludwig sugere que ‘o rápido, ou esperto’ pode significar o sacerdote, e ‘o forte’ o guerreiro, o Maghavan ou instituidor do sacrifício.

<sup>12</sup> O onisciente Agni, filho do Céu e da Terra.

<sup>13</sup> O sentido não está claro. Ludwig sugere *upasi* em vez de *apāsi*; ‘no seio das irmãs’, na profundidade dos rios irmãs.

<sup>14</sup> As águas acima do firmamento, os sete rios do próximo hemisfério.

<sup>15</sup> Tendo somente as águas transparentes como mantos.

<sup>16</sup> As nuvens empilhadas.

<sup>17</sup> O lugar de onde a chuva fertilizante flui.

<sup>18</sup> Essas também são as nuvens carregadas, e as *Mães Poderosas emparelhadas* são Céu e Terra, os pais do *Extraordinário* Agni.

**8.** Nutrido cuidadosamente, Filho da Força, tu brilhaste assumindo belezas duradouras e refulgentes. Rios cheios de fertilidade e suco doce desceram, lá onde o Poderoso cresceu forte por sabedoria.

**9.** Desde o nascimento ele conhecia até o seio de seu Pai,<sup>19</sup> ele colocou suas vozes e seus rios em movimento; conheciam a ele que se movia com Amigos abençoados<sup>20</sup> em segredo, com as jovens Damas do céu. Ele não ficou escondido.<sup>21</sup>

**10.** Ele<sup>22</sup> nutriu a Criança do Pai e Criador; sozinho o Bebê sugou muitos seios repletos.<sup>23</sup> Guarda, para o Brilhante e Forte,<sup>24</sup> as esposas companheiras<sup>25</sup> amigáveis para os homens e ligadas a ele por parentesco.

**11.** O Poderoso aumentou no espaço ilimitado; cheias muitas torrentes gloriosas deram força para Agni. Amigo da casa, no colo da Ordem deita Agni, no serviço dos Rios irmãs.<sup>26</sup>

**12.** Como sustentador forte onde grandes águas se reúnem, derramador de luz a quem o bando<sup>27</sup> se alegra de olhar; ele que gerou, e gerará, as luzes da aurora, o mais viril, Filho das Torrentes, é o jovem Agni.

**13.** A ele, variado em sua forma, o encantador Bebê das torrentes e plantas a madeira abençoada<sup>28</sup> tem gerado. Até os Deuses, movidos em espírito, ficaram em volta dele, e o serviram em seu nascimento, o Forte, o Extraordinário.

**14.** Como relâmpagos brilhantes, luminares poderosos acompanham Agni o difusor de luz, desenvolvido, por assim dizer, em segredo, em sua morada, enquanto no estábulo sem limites<sup>29</sup> eles ordenham Amṛta.<sup>30</sup>

**15.** Eu sacrificando sirvo-te com oblações e almejo com anseio a tua boa vontade e amizade. Concede, com os deuses, a tua graça para aquele que te louva, protege-nos com teus raios que guardam a herdade.

**16.** Que nós, ó Agni, tu que guias sabiamente, teus seguidores e mestres de todos os tesouros, fortes na glória da nossa prole nobre, subjuguemos os ímpios quando eles buscarem a batalha.

**17.** Bandeira dos Deuses tu te tornaste, ó Agni, dador de alegria, conhecedor de toda sabedoria secreta. Amigo da herdade, tu tens iluminado os mortais; conduzido em carro tu vais aos Deuses, realizando.<sup>31</sup>

**18.** Dentro da casa sentou-se o Rei Imortal dos mortais, executando totalmente os sínodos sagrados deles. Orvalhado com óleo sagrado ele brilha amplamente, Agni, o conhecedor de toda sabedoria secreta.

**19.** Vem a nós com tua amizade auspiciosa, vem em alta velocidade, Poderoso, com teus auxílios poderosos. Concede-nos riqueza abundante que salva do perigo, que traz uma boa reputação, uma parte gloriosa.

<sup>19</sup> Seu pai, segundo Sāyaṇa, é o firmamento; mas como o firmamento não é representado no Veda como um Deus, Dyaus, ou Tvaṣṭar, é provavelmente aludido, como Ludwig sugere.

<sup>20</sup> Os *Amigos abençoados* devem ser os Ṛbhus, e as jovens Damas as *Gnās* ou consortes dos Deuses. [Veja abaixo a versão desse verso por Oldenberg.]

<sup>21</sup> Isso não se refere a Agni, mas a seu pai, Tvaṣṭar.

<sup>22</sup> O pai.

<sup>23</sup> Das Águas celestiais.

<sup>24</sup> Agni.

<sup>25</sup> Céu e Terra, ou Noite e Manhã.

<sup>26</sup> Ou em seu peito, se *upasi* puder ser lido em lugar de *apāsi*.

<sup>27</sup> Por excelência, a tropa de Maruts.

<sup>28</sup> Um dos bastões de fogo pelos quais Agni é gerado.

<sup>29</sup> Isto é, no espaço aéreo ilimitado.

<sup>30</sup> Água, de acordo com Sāyaṇa.

<sup>31</sup> Ou seja, completando os nossos sacrifícios e tornando-os eficazes.

**20.** A ti que és antigo essas canções,<sup>32</sup> ó Agni, eu tenho declarado, as antigas e as mais recentes. Essas grandes libações para o forte são oferecidas; em cada nascimento Jātavedas é estabelecido.<sup>33</sup>

**21.** Estabelecido em cada nascimento é Jātavedas, perpétuo aceso pelos Viśvāmitras. Que possamos repousar sempre na benevolência, na graça auspiciosa dele o Santo.

**22.** Leva regozijante esse nosso sacrifício, ó Poderoso, ó verdadeiramente sábio, para os Deuses. Dá-nos alimento abundante, tu Arauto sacerdotal, digna-te a nos dar ampla riqueza, ó Agni.

**23.** Como alimento sagrado, Agni, para o teu invocador dá riqueza em gado, duradoura, rica em maravilhas. Para nós que nasça um filho, e prole que se propague. Agni, que essa tua vontade benevolente seja dirigida a nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 2 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 1. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 3, HINO 1.  
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 8, VARGA 13-16.

**1.** Tu terás a mim, ó Agni, como um forte (mestre) de Soma; portanto, tu me fizeste o mensageiro (dos deuses?) para realizar culto no sacrifício. Mandando meus pensamentos aos deuses eu apronto a pedra (de espremer), eu labuto, ó Agni; encontra prazer no teu próprio corpo.<sup>34</sup>

**2.** Para o leste nós viramos o sacrifício;<sup>35</sup> que a prece aumente. Eles honraram Agni com combustível e adoração. Eles têm ensinado (a ele) as ordenanças sacrificais dos sábios do Céu. Embora ele (Agni) seja inteligente e forte, eles têm buscado um caminho para ele.

**3.** Ele concebeu frescor,<sup>36</sup> o sábio de poderes puros,<sup>37</sup> ele que é por seu nascimento bem aliado com o Céu e a Terra. Os deuses encontraram Agni o conspícuo nas águas, no trabalho<sup>38</sup> das irmãs.

**4.** As sete (esposas) jovens<sup>39</sup> fizeram crescer o Abençoado que tinha nascido branco, avermelhado em seu crescimento. Elas correram até ele como éguas para um potro recém-nascido. Os deuses admiraram Agni em seu nascimento.

**5.** Expandindo-se com seus membros brilhantes para o espaço aéreo, purificando seu poder por purificações sábias, vestindo-se em luz, a vida das águas, ele cria beleza poderosa, perfeita.

---

<sup>32</sup> Literalmente, nascimentos; isto é, produções.

<sup>33</sup> Agni que conhece toda vida é nomeado em cada geração como o sumo sacerdote que medeia entre Deuses e homens.

<sup>34</sup> Isto é, faz o fogo resplandecer.

<sup>35</sup> Muitos ritos sacrificais são realizados de oeste para leste; comp. em relação à *Barhis*, 1.188.4; 10.110.4; em relação à concha sacrificial, 3.6.1; 5.28.1. Desse modo, o sacrifício inteiro é mencionado como procedendo em uma direção leste.

<sup>36</sup> O significado parece ser que Agni ganhou vigor por residir nas águas (veja o *pāda* 3).

<sup>37</sup> Mais exatamente, das faculdades purificadas.

<sup>38</sup> O acento *apási*, em vez de *āpasi*, parece muito suspeito. Para mim, a conjectura de Ludwig *upási* (no colo das irmãs, ou seja, das águas) parece excelente.

<sup>39</sup> Naturalmente as sete esposas são os rios ou águas.

6. Ele foi para (as águas) que não comem, as não enganadas, as jovens (filhas) do Céu que não estão vestidas e (contudo) não estão nuas. Aqui, as antigas jovens (mulheres), tendo a mesma origem, os sete sons<sup>40</sup> conceberam um germe.
7. As massas compactas dele assumindo todas as formas estão espalhadas no ventre de ghee, na corrente de mel. Lá as vacas leiteiras inchadas têm-se posicionado. Grandiosos são os pais do extraordinariamente poderoso (Agni), que são voltados um para o outro.<sup>41</sup>
8. Tendo sido carregado (nas águas) tu brilhaste, ó filho da força, assumindo formas maravilhosas brilhantes e ferozes. As correntes de mel e ghee gotejam, onde o viril cresceu por sabedoria.
9. Por (sua) natureza ele encontrou o úbere de seu pai; ele enviou seus rios e suas chuvas. Caminhando<sup>42</sup> escondido para seus queridos amigos ele não estava escondido para as jovens (filhas) do Céu.<sup>43</sup>
10. Ele carregou (em seu útero) o germe do pai, do pai que o gerou.<sup>44</sup> Ele, sendo um, sugou muitas (amas) ricas em leite.<sup>45</sup> Vigia para esse viril, brilhante as duas esposas ligadas em parentesco, pertencentes aos homens.<sup>46</sup>
11. O grande cresceu no amplo espaço ilimitado. As Águas (fizeram) Agni (crescer); pois muitas gloriosas<sup>47</sup> se reuniram. Ele jaz no útero de R̥ta, o (deus) doméstico Agni, na obra<sup>48</sup> das irmãs uterinas.
12. Como um cavalo que carrega (o prêmio), na assembleia das grandes (águas), visível para o filho dele,<sup>49</sup> ele cuja ...<sup>50</sup> é luz; ele que como pai gerou as vacas vermelhas,<sup>51</sup> ele o filho das águas é o mais valoroso, inquieto Agni.
13. A ele, o filho glorioso das águas e das plantas, a madeira abençoada<sup>52</sup> deu à luz, em suas muitas formas. Até mesmo os deuses, pois que eles concordaram em sua mente, honraram a ele que nasceu o mais admirável e forte.
14. Poderosos raios de luz como relâmpagos brilhantes, ordenhando (a seiva da) imortalidade no estábulo ilimitado, acompanharam Agni cuja ...<sup>53</sup> é luz, que tinha crescido em sua própria casa, por assim dizer em segredo.
15. Eu te magnifico, adorando-te com oferendas; eu (te) magnifico desejoso de tua amizade, de teu favor. Junto com os deuses auxilia aquele que te louva, e nos protege com tuas faces domésticas.

<sup>40</sup> O número de sete sons parece estar ligado com os sete R̥sis, veja 9.103.3. Os sete sons parecem ser identificados com os sete rios também em 3.7.1.

<sup>41</sup> Céu e Terra.

<sup>42</sup> Aqui eu acredito que nós temos um anacoluto. O poeta parece ter a intenção de dizer, 'Aquele que caminhava ... as filhas do Céu viram'. O professor Max Müller traduz esse hemistíquio: 'Ele encontrou a ele (o pai) movendo-se junto com amigos queridos, com as jovens donzelas do Céu – ele não estava escondido'.

<sup>43</sup> Agni estava escondido para os deuses, mas não para as águas.

<sup>44</sup> O verso 10.3.2, embora muito obscuro, parece conter uma ideia similar. O significado seria que Agni leva em seu ventre a Aurora, a filha do Céu?

<sup>45</sup> As águas.

<sup>46</sup> Essa frase, que eu traduzi tão literalmente quanto possível, é muito obscura. As duas mulheres parecem ser esposas de Agni. Elas são Noite e Aurora (as duas *sabardúghe*, 3.55.12? [*sabardugha*: que produz leite ou néctar]), cuja designação como 'pertencentes aos homens' não parece ser impossível? Ou as duas varas de acender (comp. 5.47.5)? Ou as duas *Darvís* [colheres ou conchas] (5.6.9)?

<sup>47</sup> Isso é feminino.

<sup>48</sup> Ou melhor 'no colo' (*upásī*). Comp. acima, verso 3, nota 38.

<sup>49</sup> Esse parece ser o adorador humano.

<sup>50</sup> [Aqui o tradutor omite a palavra, observando em nota que significado dela é incerto, assim como em 1.44.3.]

<sup>51</sup> As auroras.

<sup>52</sup> *Vánā*; a madeira considerada como uma esposa.

<sup>53</sup> Veja a nota 50.

**16.** Como teus seguidores, ó Agni, o melhor líder, ganhando todos os preciosos (tesouros), pressionando adiante com glória fértil, que nós possamos vencer os ímpios que procuram nos combater.

**17.** Tu tens estado aqui como a bandeira dos deuses, Agni, dador de alegria, conhecedor de toda sabedoria. Como o (deus) doméstico tu tens abrigado os mortais. Como o auriga tu segues diretamente atrás dos deuses.

**18.** O imortal, o rei, sentou-se na residência dos mortais, realizando os sacrifícios. Ele o de face de ghee resplandeceu amplamente, Agni conhecendo toda sabedoria.

**19.** Vem a nós com tua amizade amável, acelerando, grandioso, com tuas grandes bênçãos. Dá-nos abundante riqueza vitoriosa; faze a nossa parte gloriosa e adornada com discurso excelente.

**20.** Esses teus nascimentos antigos, ó Agni, e os mais recentes eu tenho contado a ti o antigo. Essas grandes libações (de Soma) foram preparadas para o valoroso; de geração em geração Jātavedas tem sido colocado (no altar).

**21.** Jātavedas, colocado (no altar) geração após geração, é aceso pelos Viśvāmitras, o incansável (ou eterno). Que nós possamos residir na graça dele o adorável, sim, em sua bondade bem-aventurada.

**22.** Leva, ó forte, esse nosso sacrifício para os deuses, ó sábio, como um doador generoso. Dá-nos, ó Hotṛ, alimento abundante; Agni, obtém, por sacrificar, riqueza imensa para nós.

**23.** Obtém, ó Agni, para sempre, para aquele que te implora, (a dádiva de) nutrição, a maravilhosa aquisição da vaca. Que um filho seja nosso, prole que continue a nossa linhagem. Agni, que esse teu favor permaneça conosco!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 2 \(Oldenberg\)](#)

---

## Hino 2. Agni Vaiśvānara (Wilson)

(Sūkta II)

O deus é Agni como Vaiśvānara; o Ṛṣi é Viśvāmitra; a métrica, Jagatī.

Varga 17. **1.** Nós oferecemos a Agni, que é Vaiśvānara, o aumentador de água, louvor (tão suave) quando manteiga clarificada pura; e os sacerdotes e o adorador incitam por seus ritos (piedosos) o invocador dos deuses à sua dupla função,<sup>1</sup> como um fabricante de rodas fabrica um carro.

**2.** Por seu nascimento ele iluminou o céu e a terra; ele era o filho de seus pais digno de louvor; o imperecível Agni, o portador de oblações, o dador de alimento, o convidado dos homens, o afluente em esplendor.

**3.** Os deuses, (dotados) de inteligência, deram nascimento a Agni no rito multiforme pelo uso de força preservadora; desejoso de alimento, eu louvo o grande Agni, brilhante com refulgência solar, e (vigoroso) como um cavalo.

**4.** Desejando alimento excelente, não infligindo desgraça, nós solicitamos a benção do adorável (Vaiśvānara) de Agni, o benfeitor dos Bhṛgus, o objeto de nossos desejos, que está familiarizado com atos passados, e brilha com esplendor celestial.

**5.** Homens com grama sagrada espalhada, e conchas erguidas, colocam diante deles nessa solenidade para a obtenção de felicidade, Agni, o dador de alimentos, o

---

<sup>1</sup> Para o acendimento do Gārhapatya e do Āhavanīya, os fogos doméstico e sacrificial.

resplandecente, o benfeitor de todos os deuses, o removedor de tristeza,<sup>2</sup> o aperfeiçoador dos atos (sagrados) do sacrificador.

Varga 18. **6.** Agni, de brilho purificador, invocador dos deuses, homens desejosos de (te) adorar, tendo espalhado a grama sagrada, se dirigem para a tua residência apropriada em sacrifícios; concede-lhes riqueza.

**7.** Ele encheu o céu e a terra e o espaçoso firmamento, ele de quem os realizadores de ritos (sagrados) tomaram posse assim que nasceu; ele, o sábio, o dador de alimento, é trazido como um cavalo para o sacrificador, por (causa da) obtenção de alimento.<sup>3</sup>

**8.** Reverenciem o transportador de oferendas (para os deuses), ele cujo sacrifício é aceitável; adorem a ele por quem tudo o que existe é conhecido, que é amigável para as nossas casas; pois Agni é o condutor do grande sacrifício, o observador de tudo, que tem sido colocado em frente aos deuses.

**9.** Os imortais, desejosos (da presença dele), santificaram os três esplendores<sup>4</sup> do grandioso Agni circundante; um deles eles colocaram no mundo dos mortais como o nutridor (de todos); os outros dois foram para a esfera vizinha.

**10.** Os seres humanos, desejando riqueza, dão brilho, (por seus louvores), ao senhor dos homens, o sábio (Agni), como eles adicionam brilho, (por polimento), a um machado; espalhando-se por toda parte, ele passa igualmente por lugares altos e baixos, e assumiu uma (condição de) embrião nessas regiões.<sup>5</sup>

Varga 19. **11.** O derramador (de benefícios), gerado em (muitos) receptáculos, floresce, rugindo em vários (lugares)<sup>6</sup> como um leão; Vaiśvānara, o resplandecente, o imortal, dando tesouros preciosos para o doador (da oblação).

**12.** Glorificado por seus adoradores, Vaiśvānara antigamente subiu ao céu que está acima do firmamento, concedendo riqueza ao seu (atual) adorador, como ele fez em tempos anteriores; ele percorre, sempre vigilante, o caminho comum (dos deuses).<sup>7</sup>

**13.** Nós imploramos por presentes riquezas ao resplandecente Agni, de muitos movimentos, de raios fulvos, a quem, poderoso, venerável, sábio, adorável, e residindo no céu, o vento (trouxe para baixo) e depositou (sobre a terra).

**14.** Nós imploramos com prece ao poderoso Agni, o dador de alimento, o que não recusa, (instalado) na frente do céu; o radiante no sacrifício, a ele que deve ser procurado (por todos), o observador de tudo, o emblema do céu, o residente na luz, que deve ser despertado ao amanhecer.

**15.** Nós pedimos riqueza do adorável (Agni), o invocador dos deuses, o puro, o honesto, o magnânimo, o louvável, o observador de todos, que é de muitas cores como uma carruagem, elegante em forma, e sempre amigável para a humanidade.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 3 \(Wilson\)](#)

<sup>2</sup> O texto tem apenas *Rudra*, – que o comentador traduz *duhkhānām drāvakam*, aquele que afasta aflições ou dores; de outro modo, nós podemos tomá-lo como um sinônimo de Agni.

<sup>3</sup> *Yajur-Veda*, xxxiii. 75.

<sup>4</sup> *Tisraḥ samidhaḥ*, literalmente, os três combustíveis, mas aqui dito significar as três formas ou condições do fogo, como fogo terreno, aquele do firmamento ou relâmpago, e aquele do céu, o sol; ou três rituais védicos, dois denominados *Āghāra*, e um *Anūyāja*; a celebração desse último é recompensada por prazer neste mundo, aquela dos dois primeiros por prazer no firmamento e no céu.

<sup>5</sup> Os dois pedaços de madeira, o atrito dos quais produz chama.

<sup>6</sup> Como em florestas em chamas.

<sup>7</sup> Isto é, como o sol.

## Hino 2. Agni (Griffith)

1. Para ele, Vaiśvānara,<sup>8</sup> que fortalece a Lei Sagrada, para Agni nós oferecemos o nosso louvor<sup>9</sup> como o óleo feito puro. Com discernimento cuidadoso os sacerdotes humanos o trazem para perto, nosso Arauto desde os tempos antigos, como um machado forma um carro.
2. Ele fez o céu e a terra resplandecentes por seu nascimento; Filho de duas Mães<sup>10</sup> ele era digno de ser implorado, Agni, portador de oblações, gracioso, sempre jovem, infalível, rico em luz radiante, o convidado dos homens.
3. Dentro do alcance do poder insuperável deles, por poder, os Deuses criaram Agni com pensamento criativo. Eu, ávido para ganhar força, me dirijo a ele, como um corcel, resplandecente com seu brilho, com sua luz ampla.
4. Ávidos para ganhar, nós almejamos dele o Deus amigável força confiante, digna de escolha, digna de ser exaltada; a recompensa dos Bhṛgus,<sup>11</sup> disposto, forte com o conhecimento dos sábios, o próprio Agni resplandecendo com a luz que vem do céu.
5. Em busca de felicidade, homens, tendo preparado a grama sagrada, colocam Agni glorioso por sua força diante deles aqui; sim, com conchas levantadas, a ele brilhante, querido por todos os Deuses, aperfeiçoando objetivos de obras, Rudra<sup>12</sup> de ritos solenes.
6. Em volta de tua morada, ó Sacerdote brilhantemente resplandecente, estão homens em sacrifício cuja grama sagrada está preparada. Desejando te prestar serviço, Agni, eles estão lá, desejosos de tua amizade; concede-lhes abundância de riqueza.
7. Ele<sup>13</sup> encheu o céu e a terra e o grande reino de luz, quando em seu nascimento os hábeis<sup>14</sup> o mantiveram em sua posse. Ele como um cavalo é levado para o sacrifício, sábio, benevolentemente inclinado, para que ele possa nos ganhar força.
8. Honrem o carregador de oblações, aquele que conhece ritos justos, sirvam ao Amigo do lar que conhece todas as coisas que existem. Ele dirige o carro<sup>15</sup> da ordenança sublime; Agni o mais ativo, é o grande Sumo Sacerdote dos Deuses.
9. Aqueles que estão livres da morte,<sup>16</sup> ávidos por ele, purificaram três esplendores<sup>17</sup> do poderoso Agni, que circunda tudo. Para o homem, para o seu prazer, um desses eles deram; os outros dois passaram para a esfera irmã.
10. O alimento sacrificial do homem afiou como um machado, por brilho, a ele o Sábio dos homens, o Senhor dos povos. Ocupado com ritos sagrados ele sobe e ele desce. Ele depositou seu germe vital dentro destes mundos.<sup>18</sup>
11. Ele se agita com vida em úteros diferentes em espécie, nascido como um Leão<sup>19</sup> ou um Touro que berra alto; Vaiśvānara imortal com poder de grande alcance, concedendo bens e riquezas àquele que oferece presentes.

---

<sup>8</sup> Agni que pertence a todos os homens; o Deus de todas as famílias arianas.

<sup>9</sup> Literalmente, 'o desejo', explicado por Sāyaṇa como *stutim*, isto é, o louvor que tu desejas e que nós agora oferecemos.

<sup>10</sup> Do Céu e da Terra, ou dos dois bastões de fogo.

<sup>11</sup> Agni, o tesouro que os Bhṛgus receberam de Mātariśvan e concederam a outros homens.

<sup>12</sup> Aqui um sinônimo de Agni. Veja 1.27.10.

<sup>13</sup> Agni.

<sup>14</sup> Os sacerdotes.

<sup>15</sup> Isto é, ele é o líder do sacrifício ordenado pela lei sagrada.

<sup>16</sup> Os Deuses imortais.

<sup>17</sup> Com referência ao aspecto dele como o Sol, o relâmpago, e o fogo doméstico, o último dos quais é dado ao homem como a sua própria posse especial.

<sup>18</sup> O germe do fogo está sempre latente nos bastões de fogo ou dois pedaços de madeira que são usados para produzir a chama.

<sup>19</sup> Destrutivo e voraz, e como *um Touro que berra alto*, com relação à sua força e ao rugido de suas chamadas.

12. Vaiśvānara, como antigamente, subiu na abóbada do céu, no cume do céu, bem recebido, por aqueles hábeis em canções nobres. Ele, como antigamente, produzindo riquezas para o povo, ainda vigilante, percorre o caminho comum<sup>20</sup> novamente.

13. Por nova prosperidade nós procuramos Agni, ele cujo percurso é esplêndido, de cabelo dourado, excelentemente brilhante, a quem Mātariśvan estabeleceu, morador do céu, santo e digno de grande louvor, sábio e fiel à Lei.

14. Tão puro e de curso rápido, observador da luz, que permanece um sinal na esfera brilhante do céu, que desperta ao amanhecer,<sup>21</sup> Agni, o chefe do céu, a quem ninguém pode desviar – a ele o Poderoso com prece poderosa nós buscamos.

15. O Sacerdote alegre, o puro, em quem nenhuma malícia é encontrada, Amigo da Casa, digno de louvor, querido por toda a humanidade, belo de se contemplar por beleza como um carro esplêndido, – Agni o Amigo dos homens nós sempre procuramos por causa de riquezas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 3 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 2. Agni Vaiśvānara (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 2.

AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 8, VARGA 17-19.

1. Por Vaiśvānara, o aumentador de Ṛta, por Agni nós produzimos<sup>22</sup> uma Dhiṣaṇā<sup>23</sup> como ghee purificado. E de fato<sup>24</sup> por sua prece os homens invocadores (fazem) a ele, o Hotṛ, como o machado faz uma carruagem.

2. Por seu nascimento ele deu esplendor a ambos os mundos (Céu e Terra). Ele se tornou o filho louvável de seus pais, Agni, o transportador de oblações, que nunca envelhece, com mente satisfeita, que não pode ser enganado, o convidado dos homens, rico em luz.

3. Através do poder da mente deles, dentro da esfera de sua força superior os deuses geraram Agni por seus pensamentos. Desejoso de ganhar o prêmio<sup>25</sup> eu me dirijo a Ele que brilha com seu esplendor, que é grande em sua luz, como (alguém que deseja ganhar o prêmio se dirige ao seu) cavalo de corrida.

4. Desejosos de ganhar o prêmio seletivo, glorioso e digno de louvor (que é a dádiva) do dador de alegria, nós escolhemos a bênção dos Bhṛgus,<sup>26</sup> o Uśij, que tem a mente de um sábio, Agni, que reina com sua luz celestial.

5. Homens, tendo espalhado a grama sacrificial, segurando a concha sacrificial, colocaram aqui em frente (como Purohita), por causa da bênção (divina), Agni renomado por força, com grande esplendor, unido com todos os deuses, o Rudra de sacrifícios, que realiza as oblações de (adoradores) ativos.

---

<sup>20</sup> O caminho dos Deuses, o qual como o Sol ele percorre.

<sup>21</sup> Quando re-aceso para o sacrifício da manhã.

<sup>22</sup> Literalmente, 'nós geramos'.

<sup>23</sup> [Veja 1.96.1, notas 7 e 13.]

<sup>24</sup> Literalmente, 'duplamente'. Veja [a nota 1 acima, e] 3.17.5 [nota 13].

<sup>25</sup> *Vājam saniṣyan* refere-se ao adorador que deseja obter *vāja* (força rápida, e a recompensa ou prêmio obtido por ela), e na comparação, ao proprietário de um cavalo de corrida que deseja ganhar a corrida.

<sup>26</sup> Veja 1.60.1.



- 6.** Ó (Agni), cuja chama é purificante, em volta da tua residência, ó Hotṛ, os homens que nos sacrifícios espalharam a grama sacrificial, ó Agni, buscando (como) honrar (a ti) e (desejando) a tua amizade, te cercam (com reverência); – outorga riqueza a eles!
- 7.** Ele encheu os dois mundos (Céu e Terra) e o grande Sol, quando os ativos (ou seja, os sacerdotes) seguraram com firmeza aquele que tinha nascido. Ele o sábio é guiado em volta para a execução de culto, como um corredor para a conquista do prêmio,<sup>27</sup> com a mente satisfeita.
- 8.** Adorem a ele, o dador de oferendas, o melhor realizador de culto; honrem a ele o Jātavedas doméstico. Agni, o auriga da poderosa Ṛta, ele que habita entre várias tribos, tornou-se o Purohita dos deuses.
- 9.** Os Uśíjs imortais purificaram três cepos para o vigoroso Agni<sup>28</sup> que vagueia em torno da terra; desses eles colocaram um entre os mortais para a sua fruição, dois passaram para o mundo irmã.<sup>29</sup>
- 10.** O alimento oferecido pelos homens afixou a ele, o sábio das tribos, o senhor das tribos, como um machado. Ativamente ele vai para as alturas e para as profundezas. Ele manteve firmemente o germe nesses mundos.
- 11.** Ele o gerador, o forte, se move nos ventres resplandecentes como um leão que ruga, Vaiśvānara com sua ampla corrente de luz, o imortal, distribuindo bens e tesouros para seu adorador.
- 12.** Vaiśvānara subiu no firmamento, as costas do céu, como antigamente, glorificado por aqueles que são ricos em bons pensamentos. Ele, criando riqueza para as criaturas como antigamente, segue vigilante em círculo o curso comum.
- 13.** O justo, adorável sacerdote digno de louvor, o residente do céu a quem Mātariśvan estabeleceu (na terra): nós nos aproximamos dele cujo caminho é brilhante e cujo cabelo é dourado, do resplandecente Agni, por causa de bem-estar sempre novo.
- 14.** Como o flamejante (o sol?) em seu caminho, o rápido, de aspecto semelhante ao Sol, a bandeira do céu, que reside na luz, que acorda ao amanhecer – Agni o chefe do céu, o não reprimido, dele nós nos aproximamos com adoração, do forte poderosamente.
- 15.** O dador de alegria, Hotṛ brilhante, em quem não há falsidade, o doméstico, habitante louvável entre todas as tribos, como um carro esplêndido, maravilhoso de se ver, estabelecido por Manus: dele nós nos aproximamos constantemente por causa de riquezas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 3 \(Oldenberg\)](#)

---

<sup>27</sup> Como no verso 3.

<sup>28</sup> Agni é afirmado aqui ter uma forma terrestre e duas celestes: o fogo pertencente aos homens, e, ao que parece, o sol e o relâmpago.

<sup>29</sup> Para o mundo celeste.

## Hino 3. Agni Vaiśvānara (Wilson)

(Sūkta III)

O deus, o Ṛṣi, e a métrica, mantêm-se inalterados.

Varga 20. **1.** (Adoradores) inteligentes oferecem para o poderoso Vaiśvānara coisas preciosas em ritos sagrados, para que eles possam seguir (o caminho do bem), pois o imortal Agni cultua os deuses; portanto, que ninguém viole os deveres eternos.

**2.** O mensageiro gracioso (dos deuses) segue entre o céu e a terra; sentado (no altar), e colocado diante dos homens, ele ornamenta as espaçosas câmaras (de sacrifício), com seus raios, animado pelos deuses, e afluyente em sabedoria.

**3.** Os sábios cultuam, com ritos (piedosos), Agni, o sinal de sacrifícios,<sup>1</sup> a realização da solenidade, em quem os recitadores dos louvores (dele) têm acumulado (seus) atos (de devoção), e de quem o adorador espera felicidade.

**4.** O pai dos sacrifícios, o fortificador dos sábios, o fim (do rito), a instrução dos sacerdotes, Agni, que tem permeado o céu e a terra de muitas formas, o amigo do homem, sábio, (e dotado) de esplendores, é glorificado (pelo adorador).

**5.** Os deuses colocaram neste mundo o encantador Agni em uma carruagem encantadora, Vaiśvānara de cor fulva, o que está sentado nas águas, o onisciente, o que permeia tudo, o dotado de energias, o nutridor, o ilustre.

Varga 21. **6.** Aperfeiçoando em execução o sacrifício multiforme do adorador, junto com os deuses a quem solenidades têm sido endereçadas, e junto com os sacerdotes, Agni, o auriga, o de movimento rápido, o de espírito humilde, o destruidor de inimigos, transita entre (o céu e a terra).

**7.** Agni, louva (os deuses para que nós possamos desfrutar) boa prole e vida longa; propicia-lhes por meio de libações; dá-nos colheitas abundantes; sempre vigilante, dá alimento ao respeitável (instituidor desta cerimônia), pois tu és o desejado dos deuses, o objeto dos atos piedosos dos devotos.

**8.** Os líderes (de ritos sagrados) louvam com prostração, por (causa de) crescimento, o poderoso senhor dos povos, o convidado (dos homens), o regulador eternamente de atos, o desejado dos sacerdotes, a exposição de sacrifícios, Jātavedas, dotado de energias (divinas).

**9.** O resplandecente e adorável Agni, andando em uma carruagem auspiciosa, abrangeu a terra inteira por seu vigor; vamos glorificar com louvores adequados os atos daquele nutridor de multidões em sua própria morada.

**10.** Vaiśvānara, eu celebro tuas energias, com as quais, ó sábio, tu te tornaste onisciente; assim que nasceste, Agni, tu ocupaste os reinos (do espaço), e o céu e a terra, e tu abarcaste todos esses contigo mesmo.

**11.** De atos que são aceitáveis para Vaiśvānara vem grande (riqueza); pois ele, o sábio (Agni) sozinho, concede (a recompensa) de zelo na (realização de) seu culto; adorando ambos os seus amigos prolíficos, o céu e a terra, Agni nasceu.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 4 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> *Ketuṃ yajñānām*: *ketu* é, propriamente, uma bandeira, mas é usado repetidamente no Veda no sentido de *prajñāpaka*, um emblema, um sinal, aquilo que torna alguma coisa conhecida.

### Hino 3. Agni (Griffith)

1. Para ele que brilha longe, Vaiśvānara, os bardos devem dar coisas preciosas para que ele possa seguir certos caminhos;<sup>2</sup> pois Agni o Imortal serve as Divindades, e, portanto, nunca viola as leis eternas deles.
2. Ele, enviado extraordinário, segue entre a terra e o céu, sentado firmemente como o Arauto, grande Sumo Sacerdote dos homens. Ele cerca com seus raios a morada sublime,<sup>3</sup> Agni, enviado pelos Deuses, enriquecido com prece.
3. Os sábios devem glorificar Agni com pensamentos sinceros, bandeira de sacrifício, que enche o sínodo completamente; em quem os cantores têm armazenado seus atos sagrados; dele o adorador procura alegria e felicidade.
4. O Senhor do sacrifício, grande Deus dos bardos sagrados, Agni, a medida e o símbolo dos sacerdotes, entrou no céu e na terra que se mostram de forma variada; o Sábio a quem muitos amam se regozija em seu poder.
5. Brilhante Agni com o carro brilhante, Senhor dos domínios verdes,<sup>4</sup> Vaiśvānara habitante das torrentes, que encontra a luz, penetrante, rápido e selvagem, cercado em volta com poderes, muito glorioso os Deuses o estabeleceram aqui.
6. Agni, junto com os Deuses e o povo de Manu pelo pensamento estendendo sacrifício de forma variada, segue, conduzido em carro, para lá e para cá<sup>5</sup> com aqueles que coroam cada rito,<sup>6</sup> o veloz, o Amigo da Casa, que desvia a maldição para longe.
7. Canta, Agni, por vida longa para nós e filhos nobres; fica cheio de abundância, faz brilhar sobre nós fartura de alimentos. Aumenta a força do grande homem,<sup>7</sup> tu, sempre vigilante; tu, ansiando pelos Deuses, conheces seus hinos muito bem.
8. O Poderoso, Senhor dos povos e seu convidado, o líder dos pensamentos deles, Amigo dedicado dos sacerdotes, o Anunciador dos nossos ritos solenes, Jātavedas, os homens sempre louvam com adoração, com apelos pelo seu bem-estar.
9. Agni o Deus resplandecente, dador de grande alegria, tem em seu carro encantador cercado as terras com poder. Vamos com louvações puras na casa dele nos aproximar das altas leis<sup>8</sup> do nutridor de multidões.
10. Eu celebro as tuas glórias, ó Vaiśvānara, com as quais tu, ó Deus perspicaz, encontraste a luz. Tu encheste em teu nascimento ambos os mundos, a terra e o céu; tudo isso, ó Agni, tu cercaste por ti mesmo.
11. Por sua grande habilidade sozinho o Sábio levou a efeito um ato grandioso, mais poderoso do que os atos extraordinários de Vaiśvānara.<sup>9</sup> Agni surgiu, magnificando ambos os seus Pais, Céu e Terra, ricos em semente prolífica.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 4 \(Griffith\)](#)

<sup>2</sup> Possa visitar os homens constantemente.

<sup>3</sup> O salão ou câmara na qual o sacrifício é celebrado.

<sup>4</sup> Que tem domínio sobre arbustos e árvores.

<sup>5</sup> Entre o céu e a terra.

<sup>6</sup> Os Deuses que tornam o sacrifício eficaz.

<sup>7</sup> A força do homem eminente que é o instituidor do sacrifício.

<sup>8</sup> Realizar os sacrifícios. – M. Müller.

<sup>9</sup> O primeiro hemistíquio dessa estrofe é um tanto obscuro. [Veja acima] a paráfrase de Sāyaṇa como apresentada por Wilson.

### Hino 3. Agni Vaiśvānara (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 3.  
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 8, VARGA 20-21.

1. Eles têm adorado Vaiśvānara com sua ampla corrente de luz com preces e tesouros para que ele possa andar em solo firme. Pois o imortal Agni honra os deuses, e desde os tempos antigos ele não tem violado as leis.
2. O magnífico mensageiro segue entre os dois mundos (céu e terra), o Hotṛ que se sentou, o Purohita de Manus. Ele cuida de sua vasta residência dia a dia, Agni que, incitado pelos deuses, dá riqueza para nossas preces.
3. Os sacerdotes têm exaltado com seus pensamentos Agni, a bandeira de sacrifícios, o realizador de sacrifício. Dele em quem eles têm reunido suas obras (sacrifício) e suas preces, o sacrificador deseja bênçãos.
4. O pai dos sacrifícios, o senhor miraculoso daqueles que conhecem preces (?),<sup>10</sup> Agni, é a medida e a regra dos sacrificadores; ele entrou nos dois mundos de formas múltiplas; o sábio amado por muitas pessoas é glorificado em suas fundações.
5. Os deuses estabeleceram aqui em grande beleza Agni o brilhante com seu carro brilhante, de quem toda lei é dourada,<sup>11</sup> Vaiśvānara que reside nas águas, que encontra o sol, o mergulhador, o veloz coberto com força, o rápido.
6. Agni, expandindo com seu pensamento o sacrifício adornado de vários modos, junto com os deuses e com o povo de Manus, corre como um auriga para lá e para cá com (deuses e homens) que realizam o sacrifício, o rápido, (deus) doméstico, o dissipador de maldições.
7. Agni, fica desperto em nossa vida que pode ser abençoada com filhos; cresce com seiva; faz brilhar sobre nós (fatura de) alimentos. Incita vigor e os grandes, ó (deus) vigilante. Tu és o Uśij (ou o desejoso) dos deuses, o (senhor) das preces de mente boa.
8. O senhor da tribo, o convidado vigoroso, o guia de preces, o Uśij (ou desejoso) daqueles que o invocam, Jātavedas, a luz do culto – a ele os homens louvam constantemente com adoração, com solicitações de seu bem-estar.
9. O deus resplandecente, alegre, Agni em seu carro, com seu poder tem cercado as residências. Que nós honremos em nossa casa com belas preces as ordens dele que é rico em prosperidade múltipla.
10. Ó Vaiśvānara, eu amo os teus estatutos pelos quais tu achaste o sol, ó perspicaz. Quando nascido tu encheste os mundos, céu e terra; Agni, tu circundaste todos esses (seres) por ti mesmo.
11. Pelos atos extraordinários de Vaiśvānara ele o sábio sozinho por sua grande habilidade tem libertado (seus poderes?) vigorosamente.<sup>12</sup> Agni nasceu exaltando ambos os seus pais, o Céu e a Terra, ricos em sementes.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 4 \(Oldenberg\)](#)

<sup>10</sup> *Ásurah vipah cītām*. Sobre o significado de *ásura*, que implica a posse de poder secreto, sobrenatural, veja Oldenberg, *Religion des Veda*, 162 e seguintes. – Comp. von Bradke, *Dyāus Asura*, pp. 64-65.

<sup>11</sup> Literalmente, 'cujas regras são amarelas'. O significado é que toda a esfera de atividade de Agni tem a cor amarela dourada.

<sup>12</sup> O professor Max Müller propõe traduzir, 'tem enviado sua grande canção', e observa: '*Bṛhat* não pode ser como *bṛhat sāma*, um nome de um hino?'

## Hino 4. Āprīs (Wilson)

(Sūkta IV)

As divindades são as Āprīs;<sup>1</sup> o Ṛṣi e a métrica<sup>2</sup> como antes.

Varga 22. **1.** Repetidamente aceso, (Agni),<sup>3</sup> acorda disposto favoravelmente; (dotado) com brilho reiterado, nutre o propósito benigno de (nos conceder) riqueza; traze, divino Agni, os deuses para o sacrifício; ministra, tu, o amigo (dos deuses), inclinado benignamente, para os (teus) amigos.

**2.** Tanūnapāt, a quem os deuses, Mitra, Varuṇa, e Agni, adoram diariamente três vezes por dia, torna este nosso sacrifício sagrado gerador de chuva produtivo de água.

**3.** Que o louvor aprovado por todos chegue ao invocador dos deuses; que Iḷa<sup>4</sup> proceda primeiro para adorar e para louvar com prostrações o derramador (de benefícios) na presença dele; que o adorável (Agni), instigado (por nós), adore os deuses.

**4.** Um caminho para cima foi preparado para vocês dois<sup>5</sup> no sacrifício; as oblações ardentes se elevam no alto; o invocador dos deuses está assentado no centro do radiante (salão); vamos espalhar a grama sagrada para os assentos dos deuses.

**5.** Os deuses que satisfazem o universo com chuva estão presentes nas sete oferendas (dos sacerdotes ministrantes), quando solicitados com (sinceridade de) mente; que as muitas divindades que são geradas em formas perceptíveis em sacrifícios venham para esse nosso rito.<sup>6</sup>

Varga 23. **6.** Que os adorados Dia e Noite, combinados ou separados, se manifestem em forma corpórea, para que Mitra, Varuṇa, Indra, ou (o último) acompanhado pelos Maruts, possam nos regozijar por suas glórias.

**7.** Eu propicio os dois principais invocadores divinos dos deuses; os sete ofertantes de alimento (sacrificial), expectantes de água, satisfazem (Agni) com oblações; os observadores ilustres de ritos sagrados o têm saudado em cada cerimônia como (identificável), de fato, com água.<sup>7</sup>

**8.** Que Bhāratī, associada com as Bhāratīs; Iḷā com os deuses e os homens; e Agni; e Sarasvatī com os Sārasvatas;<sup>8</sup> que as três deusas sentem-se sobre a grama sagrada (espalhada) diante delas.

**9.** Divino Tvaṣṭṛ, estando bem satisfeito, dá resultado ao nosso vigor procriador, de onde (um filho), viril, devoto, vigoroso, manejador da pedra (de moer Soma), e reverente aos deuses, possa nascer.

<sup>1</sup> Veja 1.188.

<sup>2</sup> [De acordo com Griffith, Oldenberg, e Gary Holland, a métrica desse hino é Triṣṭubh.]

<sup>3</sup> *Samit-samit* toma o lugar do *Samiddha* ou *Susamiddha* como um designativo de Agni em Sūktas anteriores.

<sup>4</sup> O Iḷita [implorado, requisitado – *sanskritdictionary.com*; ‘o adorado’ – nota 5 em 1.13.4, ‘magnificado’ – nota 29 em 1.142.4] de hinos anteriores, mas a construção da estrofe é difícil, e o significado obscuro.

<sup>5</sup> Agni e a Barhis, ou erva sagrada, à qual, como nas passagens paralelas, a estrofe é endereçada. [Veja a nota 24.]

<sup>6</sup> Nos Sūktas precedentes, as portas do salão de sacrifício são as personificações especificadas; aqui devem ser entendidas as divindades que presidem as portas.

<sup>7</sup> *Ṛtamit ta āhuh* é explicado pelo comentador como, *Agnim eva ṛtabhūtam āhuh*, eles têm chamado Agni, realmente, de *ṛta*; *ṛta* é geralmente traduzido como *água*, mas pode significar *verdade*; o comentador o deixa inexplicado, tendo, na frase anterior, *ṛtam śamsanta*, o traduzido por *udakam* [água], desejosos ou expectantes de água.

<sup>8</sup> O comentador interpreta *bhāratibhiḥ*, com as conexões de Bharata, ou do Sol, talvez significando os raios solares; Bhāratī ele explica por Vāc, fala; Iḷā ele explica por Bhūmi, a terra; e Sarasvatī por *Mādhyamikā vāk*; os Sārasvatas são as *Madhyamasthānas*, as regiões do meio, ou o firmamento; Agni, cujo nome é inserido de modo bastante desconexo, é, portanto, identificado por suas várias personificações como deusas, com o céu, meio do céu, e a terra, ou com a fala ou som nas três regiões, veja 1.142.9, nota 9.

10. Vanaspati, traze os deuses para perto; que Agni, o imolador, prepare a vítima;<sup>9</sup> que ele que é verdade oficie como sacerdote ministrante, pois, realmente, ele conhece o nascimento dos deuses.

11. Agni, aceso em chama, vem à nossa presença na mesma carruagem com Indra e com os deuses que se movem rapidamente; que Aditi, a mãe de filhos excelentes, sente-se na grama sagrada, e que os deuses imortais fiquem satisfeitos com a oblação oferecida reverentemente.<sup>10</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 5 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 4. Āprīs (Griffith)

1.<sup>11</sup> Sê amigável com cada toro de combustível aceso, com cada lampejo concede a bênção de riquezas. Traze os Deuses, ó Deus, para o nosso culto; serve, bem inclinado, como Amigo teus amigos, ó Agni.

2. Agni a quem diariamente Varuṇa e Mitra os Deuses trazem três vezes por dia para essa nossa adoração, Tanūnapāt,<sup>12</sup> enriquece com hidromel o nosso serviço que reside com óleo sagrado, que oferece honra.

3. O pensamento que traz cada bênção procede para adorar primeiro o Sacerdote da libação, para que nós possamos saudar o Forte com a nossa homenagem. Incitado, que ele possa trazer os Deuses, o melhor sacrificador.

4. No alto o seu caminho<sup>13</sup> para o sacrifício foi preparado; as chamas radiantes foram para cima, para as regiões. Pleno no meio do céu<sup>14</sup> o Sacerdote está sentado; espalhemos a grama sagrada onde os Deuses possam repousar.

5. Reivindicando em mente as oferendas queimadas dos sete sacerdotes, incitando todos, eles vieram em ordem estabelecida. Desse nosso sacrifício se aproximam os muitos que se mostram em beleza de herói nas assembleias.<sup>15</sup>

6. Noite e Aurora, louvadas, venham para cá juntas, ambos sorrindo, diferentes são suas formas em cor, para que Varuṇa e Mitra possam nos aceitar, e Indra, cercado por Maruts, com as glórias dele.

7. Eu almejo a graça dos dois principais Invocadores do céu;<sup>16</sup> os sete corcéis velozes<sup>17</sup> se alegram do seu modo habitual. Esses falam da verdade, louvando a verdade eterna, pensando na Ordem como os guardiões da Ordem.

8. Que Bhāratī com todas as suas Irmãs, Iḷā concordante com os Deuses, com os mortais Agni, Sarasvatī com todos os seus rios afins, venham para esta grama, Três Deusas, e se sentem.<sup>18</sup>

---

<sup>9</sup> Veja 2.3.10.

<sup>10</sup> *Svāhā devā amṛtā mādayantām; Svāhā* é explicado como *Svāhākārena yuktāh*, unido com ou endereçado pela exclamação, *Svāhā*. Esse *Sūkta* é mais complicado e obscuro do que qualquer um dos anteriores dirigidos às Āprīs, exceto o terceiro *Sūkta* do segundo Maṇḍala, com o qual ele tem a semelhança mais próxima; os dois são, talvez, de data um pouco mais recente que os outros.

<sup>11</sup> As Āprīs são os seres ou objetos divinos ou deificados aos quais os versos propiciatórios são endereçados. [Veja a observação de Wilson sobre esse hino na nota acima].

<sup>12</sup> Um nome de Agni; 'Filho de Ti Mesmo' – veja 1.13.2.

<sup>13</sup> Um caminho para Agni e a Barhis ou erva sagrada, o Deus e o objeto deificado abordado na estrofe. [Veja a nota 24.]

<sup>14</sup> No centro do radiante salão de sacrifício, como Sāyaṇa explica.

<sup>15</sup> Essa estrofe se refere às portas deificadas do salão de sacrifício, e aos deuses que as presidem.

<sup>16</sup> Agni e talvez Varuṇa. Veja 1.13.8.

<sup>17</sup> Os sete sacerdotes ministrantes.

9. Bem satisfeito conosco ó Deus, ó Tvaṣṭar, dá resultado pronto ao nosso vigor procriador, de onde surja o herói, poderoso, hábil em ação, amante dos Deuses, ajustador das pedras de espremer.

10. Manda para os Deuses a oblação, Senhor das Florestas;<sup>19</sup> e que o imolador, Agni, a prepare. Ele como o Sacerdote mais verdadeiro<sup>20</sup> oferecerá culto, pois ele conhece bem as gerações dos Deuses.

11. Vem a nós, ó Agni, devidamente aceso, junto com os Deuses poderosos e Indra. Nessa nossa grama sente-se Aditi, Mãe feliz,<sup>21</sup> e que o nosso Salve! deleite os Deuses imortais.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 5 \(Griffith\)](#)

## Hino 4. Hino Āprī (Oldenberg)

MAṄDALA 3, HINO 4.  
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 8, VARGA 22-23.

1. A cada toro<sup>22</sup> sê bondoso para nós. A cada lampejo nos concede a tua graça, a de Vasu. Traze aqui, ó Deus, os deuses que nós possamos sacrificar. Sacrifica, ó Agni, como um amigo amável para teus amigos.

2. Tu a quem os deuses, Varuṇa, Mitra, Agni, três vezes a cada dia trazem para cá por sacrifício dia a dia, Tanūnapāt, torna este nosso sacrifício doce como mel, tendo a sua morada em ghee,<sup>23</sup> (esse sacrifício), que adora (os deuses).

3. (Nosso) pensamento (adorador) rico em todas as bênçãos avança para adorar como o primeiro o Hotṛ do alimento sagrado (i!), para saudar o touro forte com adoração e homenagem. Que ele, o melhor sacrificador, incitado (pelas nossas preces) sacrifique aos deuses.

4. Para cima o seu<sup>24</sup> curso foi direcionado no culto; para cima as (suas) chamas foram; pronto (para receber vocês) está o ar.<sup>25</sup> Ou o Hotṛ está assentado no umbigo do céu. Nós espalhamos a grama sacrificial que recebe os deuses.

5. Escolhendo em sua mente o trabalho sétuplo dos Hotṛs, animando tudo (os deuses) vieram para cá no caminho certo. (As portas divinas<sup>26</sup>) com homens como seus

<sup>18</sup> Bhāratī, Iḷā e Sarasvatī são Deusas que presidem diferentes departamentos de culto religioso. Veja 1.13.9. O nome de Agni é inserido de modo bastante desconexo.

<sup>19</sup> Vanaspati, uma árvore grande; aqui o poste sacrificial que é dito ser uma forma de Agni.

<sup>20</sup> Quando comparado com sacerdotes humanos.

<sup>21</sup> Literalmente, que tem filhos excelentes, os Ādityas.

<sup>22</sup> Agni é invocado como personificado em cada tora de combustível que é colocada sobre o fogo sacrificial.

<sup>23</sup> Compare com 2.3.11.

<sup>24</sup> O texto tem o dual *vām*. Mas quem são os dois seres abordados? De acordo com Sāyaṇa, Agni e a Barhis, o que não parece muito provável. A estrutura da frase dá a impressão – embora essa impressão de modo algum seja segura – de que *vām*, que pertence a *gātu*, deve ser fornecida a *śocīmṣi* também. Se estivermos certos nessa suposição, os dois seres em questão não são os dois primeiros dos três fogos sagrados, o Āhavanīya e o Gārhapatya? Esses dois fogos são mencionados frequentemente nos textos rituais como uma díade, com a omissão do terceiro fogo. O professor Max Müller propõe trocar *vām* por *vā*. Segundo ele, o significado pode ser: ou a estrada foi feita para cima, ou seja, as chamas foram para cima, para o céu, ou Agni está assentado no umbigo do céu.

<sup>25</sup> Possivelmente as palavras *ūrdhvā śocīmṣi prasthitā rajāmsi* podem formar uma oração, 'para cima as (suas) chamas se foram em direção ao céu'. Max Müller.

<sup>26</sup> Que esse sujeito deve ser suprido, é mostrado pela composição regular dos hinos Āprī. Isso é confirmado pela palavra *pūrvīḥ*, que é, evidentemente, um epíteto das portas divinas; comp. 1.188.5; 7.2.5.

ornamentos<sup>27</sup> nascidas nos sacrifícios, vieram para cá e para lá para esse sacrifício, muitas delas.

**6.** Para cá (virão), as duas Auroras,<sup>28</sup> as (deusas) cortesês de aparência gloriosa.<sup>29</sup> De formas diferentes, ambas sorriem. (Elas virão) para que Mitra e Varuṇa possam ficar satisfeitos conosco, e Indra acompanhado dos Maruts com os poderes deles.

**7.** Eu me apodero dos dois Hotṛs divinos primeiro. Os sete fortes se regozijam de acordo com seu costume. Ensinando o direito, eles proclamam o direito, os guardiões da lei, contemplando a lei.

**8.**<sup>30</sup> Que Bhāratī, em concordância com as Bhāratīs, Iḷā com os deuses, Agni com os homens, Sarasvatī com todos os (seres) pertencentes a Sarasvatī (venham) para cá; que as três deusas se sentem nessa grama sacrificial.

**9.** Ó divino Tvaṣṭṛ, concede-nos e envia esta nossa semente que é para prosperar; (a semente) da qual nasça um filho viril capaz e hábil, que coloque para trabalhar as pedras de espremer, amando os deuses.

**10.** Ó árvore,<sup>31</sup> envia (a oferenda) para os deuses. Que Agni o matador apronte a oferenda. Que o mesmo, o próprio Hotṛ verdadeiro, sacrifique na medida em que ele conhece as gerações dos deuses.

**11.** Agni, sendo aceso, vem para cá, em uma carruagem com Indra, com os deuses rápidos. Que Aditi, a mãe de filhos nobres, sente-se na nossa grama sacrificial. Com Svāhā que os deuses imortais se regozijem.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 5 \(Oldenberg\)](#)

---

<sup>27</sup> 'Em forma humana' – Max Müller.

<sup>28</sup> Isto é, Noite e Aurora.

<sup>29</sup> Compare com 1.142.7.

<sup>30</sup> Os versos 8-11 são repetidos em 7.2.8-11.

<sup>31</sup> A árvore é o poste sacrificial (*yūpa*).



## Hino 5. Agni (Wilson)

(Sūkta V)

O deus é Agni; o R̥ṣi e a métrica como antes.

Varga 24. **1.** O sagaz Agni, ciente da aurora, é despertado para (seguir) os caminhos dos sábios; o luminoso Vahni, aceso pelo devoto, escancarou os portões da escuridão.

**2.** O adorável Agni é magnificado pelos hinos, as preces, os louvores, de (seus) adoradores; emulando as muitas glórias do sol, o mensageiro (dos deuses) brilha no vislumbre do amanhecer.

**3.** Agni, o embrião das águas, o amigo (dos piedosos), realizando (todos os desejos) com exatidão, foi colocado (pelos deuses) entre os homens, os descendentes de Manu; desejável e adorável, ele tomou seu posto no alto,<sup>1</sup> onde o sábio Agni deve receber as oblações dos devotos.

**4.** Agni, quando aceso, é Mitra; e, como Mitra, é o invocador (dos deuses); Varuṇa é Jātavedas; Mitra é o sacerdote ministrante; Damūnas é o agitador (Vāyu); Mitra (é o associado) de rios e montanhas.<sup>2</sup>

**5.** O gracioso (Agni) protege o lugar primário da terra movente; poderoso, ele protege o caminho do sol; ele protege a de sete cabeças (tropa dos Maruts) no centro (entre o céu e a terra); ele protege as estimulantes (oblações) dos deuses.

Varga 25. **6.** O poderoso, divino Agni, que conhece todas (as coisas) que devem ser conhecidas, fez da louvável e bela água, da pele brilhante,<sup>3</sup> o posto do adormecido difuso (Agni), e, sempre vigilante, a preserva.

**7.** Agni assumiu seu posto em um refúgio, brilhante, muito louvado, e tão desejoso (de recebê-lo) quanto ele é (de se dirigir a ele); radiante, puro, vasto, e purificador, ele renova repetidamente seus pais, (Céu e Terra).

**8.** Assim que gerado ele é levado para o alto pelas plantas, que crescem fluorescentes pela umidade, como as águas que embelezam descem; que ele, no seio de seus pais, nos proteja.

**9.** Louvado e (nutrido) por combustível, o poderoso Agni, posicionado no (altar o) umbigo da terra, na forma do firmamento, resplandeceu (brilantemente); que o amigável e adorável Agni que respira no meio do céu,<sup>4</sup> o mensageiro (dos deuses), os traga para o sacrifício.

**10.** O poderoso Agni, sendo o melhor dos luminares celestes, sustentou o céu com esplendor, quando o vento acendeu o portador de oblações, (até então oculto) em uma caverna dos Bhṛgus.<sup>5</sup>

**11.** Dá, Agni, ao ofertante da oblação, a terra, a concessora de gado, os meios de muitos (ritos religiosos), tal que ela possa ser perpétua; que possa haver para nós filhos e netos nascidos na nossa família, e que a tua benevolência sempre esteja sobre nós.<sup>6</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 6 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Isto é, o lugar chamado de altar do norte.

<sup>2</sup> O sentido da estrofe é a identidade de Agni com Mitra, o sol, e de ambos com Varuṇa e Vāyu.

<sup>3</sup> Que cobre por assim dizer por extinguir a chama de fogo.

<sup>4</sup> Mātariśvan, o comentador explica *mātari*, *antarikṣe*; que respira no meio do céu, ou age na forma do sol; ou *mātari* pode implicar *āraṇyām*, em uma floresta, aquele que permanece na floresta; as explicações são as de Yāska – *Nir.* VII. 26; o sentido mais usual de Mātariśvan é vento, como na próxima estrofe.

<sup>5</sup> *Yadī Bhṛghubhyaḥ ghuhā santam;* o comentador interpreta *Bhṛghubhyaḥ* por *ādityasya raśmibhyaḥ*, a partir dos raios do sol.

<sup>6</sup> O refrão do Hino 1 [v. 23].

---

## Hino 5. Agni (Griffith)

1. Agni que brilha de encontro às Auroras<sup>7</sup> é despertado. O Cantor santo que precede os sábios.<sup>8</sup> Com brilho espalhado ao longe, aceso pelos piedosos, o Sacerdote<sup>9</sup> escancarou ambos os portões da escuridão.
2. Agni tornou-se poderoso por louvações, a ser adorado com hinos daqueles que o louvam. Amando os variados aspectos da Ordem sagrada no primeiro resplendor da aurora ele brilha como enviado.
3. Entre as casas dos homens Agni foi estabelecido, cumprindo a Lei, Amigo, germe das águas. Amado e adorado, ao alto<sup>10</sup> ele ascendeu, o Cantor, objeto de nossas invocações.
4. Agni é Mitra quando aceso devidamente, Mitra como Sacerdote, Varuṇa, Jātavedas; Mitra como ministro ativo e Amigo da Casa, Mitra de rios correntes e montanhas.<sup>11</sup>
5. Ele guarda o caro lugar alto da Terra,<sup>12</sup> da Ave,<sup>13</sup> ele guarda em seu poder o curso de Sūrya, guarda o de Sete cabeças<sup>14</sup> no centro, guarda sublime o gozo das Divindades.
6. O Deus hábil que conhece todas as formas de conhecimento fez para si uma forma bela, digna de adoração. Esse Agni guarda com cuidado que nunca cessa a pele de Soma,<sup>15</sup> o lugar da Ave<sup>16</sup> rico em fertilidade.
7. Agni entrou ansiosamente no santuário ansioso rico em abundância, com fácil acesso. Resplandecente, puro, sublime e purificador, novamente, novamente ele renova suas Mães.<sup>17</sup>
8. Nascido repentinamente, pelas plantas<sup>18</sup> ele cresceu à grandeza, quando brotos tenros<sup>19</sup> com óleo sagrado o aumentaram, como águas adoráveis quando elas se apressam para baixo; que Agni no colo de seus Pais nos proteja.
9. Exaltado, o forte resplandeceu com combustível aceso do centro da terra,<sup>20</sup> da altura do céu. Que Agni, Amigo, adorável Mātariśvan,<sup>21</sup> como enviado traga os Deuses para a nossa adoração.
10. O melhor de todos os luminares, o elevado Agni sustentou com sua chama a altura do céu, quando, distante dos Bhṛguṣ,<sup>22</sup> Mātariśvan acendeu o portador de oblação onde ele estava em segredo.

---

<sup>7</sup> Re-aceso para os sacrifícios da manhã.

<sup>8</sup> Como seu guia e professor.

<sup>9</sup> Agni.

<sup>10</sup> O lugar chamado de altar do norte, diz Sāyaṇa. Talvez a altura do céu seja aludida.

<sup>11</sup> Agni é aqui identificado com Mitra, o Sol, e ambos esses Deuses são identificados com Varuṇa.

<sup>12</sup> Esse pode ser o altar, ou o ponto do Leste.

<sup>13</sup> O Sol que voa pelo céu.

<sup>14</sup> Dito por Sāyaṇa ser a hoste de Maruts, é mais provavelmente o Sol puxado por seus sete cavalos.

<sup>15</sup> O significado das palavras *sasasya carma* não é claro. Um envelope ou uma cobertura, que de algum modo místico supõe-se que esconde a planta Soma, parece ser aludido.

<sup>16</sup> A posição do Sol, que é adorado com oblações de manteiga clarificada.

<sup>17</sup> Ou seus pais, Céu e Terra, que são fortalecidos e restaurados à sua juventude por sacrifício.

<sup>18</sup> Os galhos usados como combustível.

<sup>19</sup> O feixe de erva usado para aspergir a manteiga clarificada sobre o fogo.

<sup>20</sup> O lugar mais importante da terra, o altar.

<sup>21</sup> No segundo hemistíquio Agni é identificado com Mātariśvan, o ser divino ou semi-divino que o trouxe do céu.

<sup>22</sup> As palavras do texto parecem querer dizer que Mātariśvan pegou o fogo dos Bhṛguṣ; mas, como Ludwig sugere, *pari* talvez signifique separação. Sāyaṇa explica Bhṛguṣ nesse lugar como os raios do Sol.

11. Como alimento sagrado, Agni, para o teu invocador dá riqueza em gado, duradoura, rica em maravilhas. Para nós que nasça um filho, e prole que se propague. Agni, que essa tua vontade benevolente seja dirigida a nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 6 \(Griffith\)](#)

## Hino 5. Agni (Oldenberg)

MAṄDALA 3, HINO 5.  
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 8, VARGA 24-25.

1. Brilhante Agni acordou diante das Auroras, o sacerdote que traça os passos dos sábios. Com sua ampla corrente de luz acesa pelos devotos, o mensageiro (dos deuses) abriu as duas portas da escuridão.
2. Agni tornou-se forte por louvores, pelos discursos dos louvadores, por hinos, o adorável. Amando muitos aspectos de Ṛta o mensageiro brilhou ao romper da Aurora.
3. Agni foi estabelecido entre as tribos de homens, o filho das águas, Mitra,<sup>23</sup> agindo da maneira correta. O encantador, adorável alcançou o topo; o sacerdote tornou-se aquele que deve ser invocado por orações.
4. Agni torna-se Mitra quando ele está aceso; ele o Hotṛ (Agni torna-se) Mitra; ele, Jātavedas, (torna-se) Varuṇa. O rápido Adhvaryu, o (deus) doméstico (Agni, torna-se) Mitra, o Mitra (ou seja, amigo ou aliado) dos rios e das montanhas.
5. Ele guarda o topo estimado do enganador,<sup>24</sup> a pegada da ave; o vigoroso guarda o curso do Sol. Agni guarda em seu (?) umbigo a (canção?) de sete cabeças;<sup>25</sup> o alto (Agni) guarda o gozo dos deuses.
6. O Ṛbhu<sup>26</sup> criou para si um bom nome digno de ser magnificado, ele, o deus que conhece todas as leis. A pele das ervas,<sup>27</sup> a pegada da ave rica em ghee; Agni vigia (tudo) isso, nunca falhando.

<sup>23</sup> Mitra tem aqui e no verso 4 dois significados: é o nome do deus Mitra, com quem Agni é identificado, e também significa 'amigo' ou 'aliado'.

<sup>24</sup> Tudo isso é muito enigmático. Na passagem paralela, 4.5.8, nós temos, em vez de *ripaḥ agram*, a leitura *rupaḥ agram*, o que é confirmado pelo verso 7 do mesmo hino (*agre rupaḥ*) e 10.13.3 (*pañca padāni rupaḥ anu aroham*), em apoio à leitura *ripaḥ*, por outro lado, o verso, 10.79.3 (*ripaḥ upasthe antaḥ*), pode ser citado. O significado de *rúp* é desconhecido; *rip* significa 'enganar' e 'enganador', mas o que é o topo do enganador? Bergaigne (*Religion Védique*, II, 77 e seguintes) tentou resolver o enigma, mas é realmente impossível. – O significado das palavras seguintes, *padam veḥ*, não é tão obscuro; há pelo menos alguma probabilidade de que a ave seja o próprio Agni (veja abaixo, 3.7.7), ou, possivelmente, o sol. A última explicação é defendida pelo professor Max Müller, que escreve: 'Não pode ser uma descrição do nascer do sol? *priyam ripaḥ agram* eu não entendo, mas *padam veḥ* é o lugar da ave, como em 1.130.3. *veḥ na garbham*, o ninho da ave ou do sol. Esse ninho é coberto por uma pedra, é, de fato, o *vraja*, que tem de ser aberto para deixar sair a luz do dia. É também o *yoni* ou o altar. *Ripaḥ agram* pode eventualmente ser o topo do Paṇi ou de Vṛtra, 10.79.3'.

<sup>25</sup> *Sapta śīrṣāṇ* ('de sete cabeças') ocorre novamente em outras duas passagens do Rg-Veda (8.51.4 [no terceiro dos hinos Vāḷakhilya, comumente inseridos após 8.48, mas contados separadamente como um suplemento por alguns editores, como é o caso da versão de Griffith] e 10.67.1), em ambas, ele é um epíteto de palavras que significam 'hino' ou 'prece' (*arka*, *dhī*). Possivelmente uma palavra semelhante deveria ser suprida aqui. Mas por que as preces são denominadas 'de sete cabeças'? Isso se refere a aspectos técnicos desconhecidos da liturgia védica? Isso está relacionado com os sete tons da escala, com a expressão *sapta dhītāyaḥ*, com o número de sete Hotṛs? O professor Max Müller observa que *saptaśīrṣāṇ* pode ser, como *saptāsya*, o *vraja* de Paṇi, aberto por Agni, 4.51.4, e que Bṛhaspati é chamado de *saptāsya*, 4.50.4, e *saptagu*, 10.47.6.

<sup>26</sup> Agni é aqui chamado de Ṛbhu por sua qualidade como um artesão hábil.

<sup>27</sup> Parece não haver dúvida de que *sasa* significa 'erva', ou possivelmente 'grão' em 10.79.3; o mesmo significado é bastante admissível em 1.51.3; 5.21.4; 8.72.3; embora essas passagens sejam demasiado incertas para decidir

7. Agni se aproximou do lugar<sup>28</sup> rico em ghee (o altar), com passagens largas, (o lugar) ansioso (por ele), (ele mesmo) ansioso. Ele o resplandecente, brilhante, alto purificador fez seus dois pais<sup>29</sup> novos repetidamente.

8. Assim que nasce ele tem crescido através da grama, quando as folhas (de grama) brotando o fortalecem com ghee. Como belas águas em seu caminho íngreme, Agni, estando no colo de seus pais, tem escapado para o amplo espaço.

9. Recebendo louvor o vigoroso resplandeceu com seu combustível, no topo do céu, no umbigo da terra. Que Agni digno de ser magnificado, (sendo) Mitra e Mātariśvan, o mensageiro, traga para cá os deuses para que eles possam receber o nosso sacrifício.

10. O alto, por (receber) combustível, sustentou o firmamento, Agni, tornando-se a maior das luzes, quando Mātariśvan por causa dos Bhṛgu<sup>30</sup> acendeu o portador de oblações, (Agni), que residia em segredo.

11 = 3.1.23.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 6 \(Oldenberg\)](#)

---

qualquer coisa. Eu não consigo encontrar nenhuma razão para acreditar que nós temos aqui e em 4.5.7, e 4.7.7 outra palavra derivada da raiz *sas* e significando 'o adormecido'.

<sup>28</sup> *Yónim*, literalmente 'ventre'.

<sup>29</sup> Provavelmente Céu e Terra.

<sup>30</sup> Eu adotei, embora eu não julgue como segura, a opinião de Grassmann sobre o significado de *pari* nesse contexto. Comp. H. O., *Religion des Veda*, 123, nota 4.

## Hino 6. Agni (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus, o R̥ṣi, e a métrica, como antes.

Varga 26. **1.** Ministrantes devotos, que devem ser inspirados por oração, trazem (a concha) destinada ao culto dos deuses, que deve ser transportada para o sul (do altar do fogo), e que, carregada de alimento (sacrificial), apontava para o leste, contendo a oblação, e, cheia de manteiga liquefeita, procede para Agni.

**2.** Agni, logo que nasce, ocupa o céu e a terra; pois tu, a quem o sacrifício é para ser oferecido, superaste em magnitude o firmamento e a terra; que os teus fogos de sete línguas sejam glorificados.

**3.** O firmamento e a terra e os (deuses) adoráveis propiciam a ti seu invocador, para a (conclusão do) sacrifício, sempre que os descendentes de Manu,<sup>1</sup> piedosos, e portando oblações, glorificam a tua chama radiante.

**4.** O grande e adorável Agni está sentado firme em seu trono espaçoso entre o céu e a terra; e as poderosas noivas companheiras<sup>2</sup> (do sol), as imperecíveis, imunes a danos (céu e terra) são as duas vacas produtoras de leite de (Agni) que se estende amplamente.

**5.** Grandiosas, Agni, são as obras de ti o poderoso; tu expandiste por teu poder o céu e a terra; tu tens sido o mensageiro (dos deuses); logo que gerado tu te tornaste o líder dos homens.

Varga 27. **6.** Atrela com tirantes, ao teu carro, os teus (corcéis) de crina longa, avermelhados (para vir) para o sacrifício; traze para cá, divino Jātavedas, todos os deuses, e os torna propícios à oblação.

**7.** Quando, Agni, tu permaneces na floresta, consumindo as águas à tua vontade, então os teus raios iluminam os céus, e tu brilhas como muitas auroras radiantes anteriores; os próprios deuses elogiam (o brilho) do seu invocador merecedor de louvor.

**8.** Os deuses que se divertem no (firmamento) espaçoso; aqueles que estão na esfera luminosa do céu; os adoráveis Ūmas,<sup>3</sup> que vêm quando invocados dignamente; os cavalos, Agni, que são adequados para o teu carro,

**9.** Com todos esses em uma carruagem, Agni, ou em muitas (carruagens), vem à nossa presença, pois teus cavalos são capazes; traze os trinta e três deuses com suas esposas,<sup>4</sup> por causa do alimento (sacrificial), e os alegra (todos com a libação de Soma).

**10.** Ele é o invocador (dos deuses), a quem os amplos céu e terra glorificam, por causa de crescimento, em sacrifícios repetidos; carregados com água, eles esperam como ritos sagrados, propícios à real presença dele que nasce da verdade.<sup>5</sup>

**11.** Dá, Agni, ao ofertante da oblação, a terra, a concessora de gado, os meios de muitos (ritos religiosos), tal que ela possa ser perpétua; que possa haver para nós filhos e netos nascidos na nossa família, e que a tua benevolência sempre esteja sobre nós.

[Fim do Segundo Volume da tradução da *R̥g-veda Saṁhitā* por Wilson.]

<sup>1</sup> Pessoas ligadas a Manu, é a explicação do comentador.

<sup>2</sup> *Sapatnī*, as duas noivas de um, ou seja, de acordo com o comentador, do sol.

<sup>3</sup> Os Ūmas são os *pitr̥s*, chamados Ūma; o termo é incomum.

<sup>4</sup> *Patnīvatas-triṁśataṁ trīṁśca devān*; o primeiro é, literalmente, tendo esposas, mas é às vezes considerado como um nome próprio; para os trinta e três deuses veja 1.34.11 [nota 13].

<sup>5</sup> *Prācī adhvareva tasthatuḥ sumeke ṛtāvārī ṛtajātasya satye*; a passagem é obscura, e o comentador não fez muito para torná-la mais explícita.

---

## Hino 6. Agni (Griffith)

1. Instigados por profunda devoção, ó cantores, tragam, piedosos, a concha que se aproxima dos Deuses.<sup>6</sup> Conduzida adiante para a direita<sup>7</sup> ela viaja para o leste, e, cheia de óleo, traz a oblação para Agni.
2. Tu em teu nascimento encheste a terra e o céu, sim, o mais adorável, tu os superaste. Mesmo através das extensões do céu e da terra que as tuas chamas rápidas de sete línguas passem, ó Agni.
3. O Céu e a Terra e os Deuses que devem ser adorados te estabelecem como Sacerdote para cada residência, sempre que famílias humanas, devotadas aos Deuses, trazendo oblações, louvam o teu brilho esplêndido.
4. Firme no lar dos Deuses o Poderoso<sup>8</sup> está sentado, entre os vastos Céu e Terra, o bem-amado – aquelas Vacas<sup>9</sup> que produzem, incólumes, seu néctar, cônjuges do Distante que anda com passos largos, sempre jovens, unidas.
5. Grandes são as obras de ti, o Grande, ó Agni, tu pelo teu poder expandiste a terra e o céu. Logo que nasceste tu foste um enviado, tu, Poderoso, eras o Líder do povo.
6. Amarra à lança com cordas de Ordem Sagrada os teus corcéis avermelhados de crina longa que aspergem gordura. Traze para cá, ó Deus, todos os Deuses juntos; proporciona-lhes culto nobre, Jātavedas.
7. Mesmo do céu as tuas luzes brilhantes brilharam aqui; constantemente tu tens irradiado através de muitas manhãs radiantes, de modo que os Deuses louvaram o trabalho do seu Arauto alegre que queima avidamente, Agni, nas florestas.
8. Os Deuses que se deleitam na ampla região do ar, ou aqueles os residentes no reino de brilho do céu, ou aqueles, os Santos, prontos para ouvir, nossos Auxiliadores, que, conduzidos em carro, dirigem seus cavalos para cá, Agni –
9. Com esses, trazidos em um carro, Agni, aproxima-te de nós, ou trazidos em muitos, porque os teus cavalos são capazes. Traze, com suas Damas, os Deuses, os Trinta e Três,<sup>10</sup> segundo a tua natureza Divina, e fica alegre.
10. Ele é o Sacerdote em cuja adoração repetida até os vastos Céu e Terra cantam por crescimento. Eles justos e verdadeiros e santos adiantando-se permanecem no sacrifício dele que surge da Ordem.
11. Como alimento sagrado, Agni, para o teu invocador dá riqueza em gado, duradoura, rica em maravilhas. Para nós que nasça um filho, e prole que se propague. Agni, que essa tua vontade benevolente seja dirigida a nós.

---

<sup>6</sup> A concha sacrificial com a qual a oblação de manteiga clarificada ou óleo é oferecida para os deuses.

<sup>7</sup> Ou para o sul do altar de fogo. De acordo com Ludwig, portando o presente sacrificial.

<sup>8</sup> Agni.

<sup>9</sup> Céu e Terra que produzem todas as bênçãos, aqui chamados também de esposas de Viṣṇu o deus do passo imenso, isto é, o Sol, ou, como Sāyaṇa diz, de Agni que se estende amplamente.

<sup>10</sup> Veja 1.34.11.

## Hino 6. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 6.  
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 8, VARGA 26-27.

1. Tragam para frente, ó cantores piedosos, animados em seus pensamentos,<sup>11</sup> (a concha), que está voltada para os deuses. Carregando (a manteiga sacrificial) da esquerda para a direita<sup>12</sup> ela se dirige para o leste, rica em força, levando a oferenda para Agni, cheia de ghee.
2. Quando nasceste tu encheste os dois mundos, ou melhor, tu até os ultrapassaste, ó amigo dos sacrifícios. Que, ó Agni, os teus cavalos de sete línguas<sup>13</sup> se movam adiante, pela grandeza do céu e da terra.<sup>14</sup>
3. Céu e Terra os adoráveis estabelecem-te como Hotṛ para a casa, sempre que as tribos humanas piedosas oferecendo alimento magnificam a luz brilhante.
4. (Tu estás) sentado, o grandioso, em um lugar firme, entre os dois Céus poderosos,<sup>15</sup> tu que és desejado – (entre) as duas esposas unidas que nunca envelhecem, invioláveis, as duas vacas leiteiras produtoras de suco<sup>16</sup> daquele que reina distante.<sup>17</sup>
5. Tuas, as leis (do) grande (deus), ó Agni, são grandes. Através do poder da tua mente tu expandiste os dois mundos. Tu te tornaste um mensageiro em teu nascimento, tu, ó touro, o líder das tribos.
6. Ou amarra à lança por meio da tua (arte de) atrelar os dois (cavalos) vermelhos, de crina longa, de Ṛta, que nadam em ghee, e traze para cá, ó deus, todos os deuses; realiza culto esplêndido, ó Jātavedas!
7. Até do céu as tuas luzes brilhantes têm brilhado; o teu esplendor segue muitas auroras resplandecentes, quando os deuses, ó Agni, louvaram o trabalho do Hotṛ alegre que queima avidamente nas florestas.
8. Se os deuses que se regozijam no extenso ar, ou aqueles que moram na luz celestial, ou aqueles que ajudam, prontos para ouvir o nosso apelo, e adoráveis; ou se os cavalos da tua carruagem, ó Agni, se voltaram para cá –
9. Vem com eles, ó Agni, em uma carruagem ou em muitas carruagens, pois os teus cavalos são poderosos. Traze para cá, segundo a tua natureza, os trinta e três deuses com suas esposas, e regozija-te (no Soma).
10. Ele é o Hotṛ cujo sacrifício até os dois mundos extensos saúdam repetidamente por causa de prosperidade. Viradas para o leste,<sup>18</sup> as duas (deusas) bem estabelecidas (Céu e Terra), as justas, verdadeiras, permanecem como no sacrifício<sup>19</sup> de (Agni) nascido da justiça.
- 11 = 3.1.23.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 7 \(Oldenberg\)](#)

<sup>11</sup> A tradução de *mananā* é conjectural e baseada apenas na etimologia.

<sup>12</sup> As *srucaḥ* [*sruc*: tipo de concha grande de madeira] são chamadas de *dakṣiṇāvṛtaḥ*, 1.144.1. Pela palavra *dakṣiṇāvāt* o poeta provavelmente pretendia designar a concha também como obtendo uma *Dakṣiṇā* (taxa sacrificial) para o sacerdote.

<sup>13</sup> As chamas de Agni.

<sup>14</sup> Comp. abaixo, 3.7.10. O significado parece ser: pela tua (de Agni) grandeza que é igual à do Céu e da Terra.

<sup>15</sup> Isto é, Céu e Terra.

<sup>16</sup> Ou 'as duas vacas leiteiras que dão leite instantaneamente'.

<sup>17</sup> Viṣṇu não é o único deus que é chamado de *urugāyá*, e, portanto não há razão pela qual epíteto não deva ser aqui aplicado a Agni.

<sup>18</sup> Compare com 2.2.7.

<sup>19</sup> Há uma sílaba além do número, a métrica e o significado estariam todos corretos se nós lêsemos *adhvaré* (em vez de *adhvaréva*): '(as duas deusas) permanecem no sacrifício', etc. O professor Max Müller explica: '*Adhvarā-iva*, como dois sacrifícios, como dois altares sacrificais, *barhis*'.

## FIM DO SEGUNDO AṢṬAKA.

---

### TERCEIRO AṢṬAKA

#### Hino 7. Agni (Wilson)

(Adhyāya 1. Continuação do Anuvāka 1. Sūkta VII)

O deus é Agni; o Ṛṣi é Viśvāmitra; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 1. **1.** Os raios daquele de costas pretas, que sustenta todos (Agni),<sup>1</sup> surgiram, e permearam os pais (terra e céu) e os rios que correm;<sup>2</sup> os pais circundantes cooperam com ele, e dão vida longa por causa de adoração assídua.

**2.** Os corcéis do derramador (de benefícios) que percorrem o céu são as vacas leiteiras<sup>3</sup> (de Agni); como ele alcança os (rios) divinos, portadores de (água) doce. Um som sagrado glorifica a ti (Agni), que estás desejoso de repouso, pacificando (as tuas chamas) na morada da água (o firmamento).

**3.** O senhor delas tem montado em suas éguas bem treinadas; o seletor sagaz de tesouros, o de costas pretas, de muitos membros (Agni) concedeu-lhes um lugar de descanso para fomentar a velocidade rápida (delas).<sup>4</sup>

**4.** Os (rios) correntes, revigorando-o, trazem o grande filho de Tvaṣṭṛ, o imperecível sustentador (do mundo), radiante com várias formas nas imediações (do firmamento); Agni está associado com o céu e a terra, como (um marido com) uma só esposa.<sup>5</sup>

**5.** Os homens compreendem o serviço do derramador (de benefícios) imune à injúria e exultam nos comandos do poderoso (Agni); seus hinos de louvor frequentes e fervorosos, brilhantes e radiantes, estão iluminando o céu.

Varga 2. **6.** Realmente (os homens) trazem grande leite para Agni por glorificarem em voz alta os pais poderosos (céu e terra), quando o derramador de chuva aproxima do adorador o seu próprio brilho, (com o qual) envolve a noite.

**7.** Sete sábios com cinco sacerdotes ministrantes<sup>6</sup> cuidam do posto que está preparado para o rápido (Agni); os divinos (sábios) imperecíveis, com suas faces para o leste, aspergindo (as libações), se regozijam enquanto eles celebram a adoração dos deuses.

**8.** Eu propicio os dois primeiros ofertantes divinos de sacrifício; os sete (sacerdotes) se alegram com a libação; os celebrantes ilustres de culto sagrado, recitando os louvores (dele), têm chamado Agni de o verdadeiro (objeto) de cada rito.<sup>7</sup>

**9.** Divino invocador dos deuses, os raios vastos e que se espalham amplamente derramaram (umidade) para ti, poderoso, o vitorioso, o extraordinário, o derramador (de benefícios); tu que és onisciente, conessor de alegria, traze para cá os grandes deuses, e o céu e a terra.

<sup>1</sup> *Śitipṛṣṭhasya dhāseḥ*; Agni está subentendido, por isso é *raśmaya*, raios, de acordo com Sāyaṇa; ele explica *dhāsi* por *sarvasya dhārayitr*. [Veja a nota 9.]

<sup>2</sup> *Sapta vāṇīḥ* o comentador explica por *sarpanasvabāvā nadīḥ*; de outro modo pode se pensar que *sapta* significa *sete*, sua acepção mais comum.

<sup>3</sup> *Dhenavaḥ*, mas Sāyaṇa o considera como um adjetivo equivalente a *prīṇayītryaḥ*, propiciadores, que agradam.

<sup>4</sup> *Atasasya dhāse* é explicado *satatagamanasya poṣanārtham*, para nutrir o andamento perpétuo.

<sup>5</sup> Nós temos no texto nada mais do que *ekām iva*, como uma, o pronome sendo feminino. O comentador acrescenta: como um homem convive com uma mulher.

<sup>6</sup> Isso exclui, segundo o comentador, o Udgātṛ e sua classe.

<sup>7</sup> [Compare com 3.4.7, nota 7.]



10. Sempre movente (Agni), que as manhãs se ergam para nós, repletas de oblações, com preces piedosas, e com sinais auspiciosos, e conferindo riqueza; e, com o poder da tua (chama difusa), consome todo pecado em nome do teu respeitável (adorador).

11. Dá, Agni, ao ofertante da oblação, terra a concessora de gado, os meios de muitos (ritos piedosos), tal que ela possa ser perpétua; que possa haver para nós filhos e netos, e que a tua boa vontade sempre seja produtiva de benefícios para nós.<sup>8</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 8 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 7. Agni (Griffith)

1. Os sete tons surgidos da iguaria de costas brancas fizeram seu caminho entre o par de Mães. Ambos os Pais circunjacentes se reúnem; para nos dar longura de dias eles se apressam adiante.<sup>9</sup>

2. O Varonil que reside nos céus<sup>10</sup> tem Éguas e Vacas Leiteiras;<sup>11</sup> ele veio às Deusas que trazem tesouro doce. A ti<sup>12</sup> seguro repousando no lugar da Ordem a Vaca<sup>13</sup> sozinha em seu caminho procede.

3. Mestre sábio,<sup>14</sup> rico descobridor de riquezas, ele montou aquelas<sup>15</sup> que podem ser guiadas com facilidade. Ele, de costas escuras,<sup>16</sup> múltiplo com aspecto variado, as fez irromper de seu alimento o mato.<sup>17</sup>

4. Correntes que dão força<sup>18</sup> o trazem para cá eterno, pronto para apoiar o trabalho imenso<sup>19</sup> de Tvaṣṭar. Ele, flamejando em seu lar com todos os seus membros, entrou em ambos os mundos como se eles fossem um só.<sup>20</sup>

5. Eles conhecem a bênção do Touro vermelho, e são alegres sob o domínio do Senhor de cor flamejante; eles que dão brilho a partir do céu com bela refulgência, cuja canção sublime como Iḷā deve ser honrada.<sup>21</sup>

---

<sup>8</sup> Esse verso é o refrão de vários Sūktas no Aṣṭaka anterior, veja 3.1.23; 3.5.11; 3.6.11. Sāyaṇa varia um pouco sua interpretação em alguns aspectos sobre essa recorrência do verso; assim ele traduz no primeiro, Iḷā, por Bhūmi, terra; aqui ele a chama de uma divindade feminina na forma de uma vaca, *gorūpām devatām*, e ele conecta *vijāvā* com *anumati*, boa-vontade, explicando-a como *abandhyā*, que seja não estéril, produtiva; veja Introdução, vol. ii. p. xxvi. [Essa parte da Introdução foi omitida na tradução para o português; veja a nota 8 do Hino 1 acima.]

<sup>9</sup> *Os sete tons* são os hinos cantados em sete tons, ou métricas. *A iguaria de costas brancas* é o Soma misturado com leite, e o par de Mães ou Mãe e Pai são Céu e Terra, cujo espaço intermediário os hinos alcançaram. *Os Pais circunjacentes* são Céu e Terra. A construção da primeira metade da estrofe é difícil, a forma masculina *ye* sendo aparentemente usada em lugar da feminina. Sāyaṇa insere *raśmayah*, raios, dos quais ele faz o sujeito da primeira frase, e explica *dhāsi*, iguaria, por 'Agni que sustenta todos', e *sapta vāṇīh*, sete vozes ou tons, por 'os rios que correm'. O hino é cheio de dificuldades; 'um hino intencionalmente obscuro', diz o professor Grassmann, 'cujo texto parcialmente corrompido não pode, por causa dessa obscuridade, ser restabelecido satisfatoriamente'.

<sup>10</sup> O Agni celestial.

<sup>11</sup> Deusas do ar.

<sup>12</sup> A Agni.

<sup>13</sup> Vāk a Deusa da Fala, ou seja, o próprio discurso, prece.

<sup>14</sup> Agni.

<sup>15</sup> Suas éguas, as chamas que avançam rapidamente que o levam adiante.

<sup>16</sup> Com fumaça.

<sup>17</sup> [Veja a nota 32.]

<sup>18</sup> As águas do ar que trazem para baixo o embrião Agni na chuva.

<sup>19</sup> A criação inteira, ou, como não há substantivo expressado, o filho de Tvaṣṭar, o Sol, pode ser aludido.

<sup>20</sup> Ou seja, permeou e iluminou o céu e a terra simultaneamente, como se eles fossem um mundo.

<sup>21</sup> *O Touro vermelho*: Agni. *Eles*: talvez os Deuses. *Iḷā*: Prece ou Louvor.

6. Sim, pela tradição dos antigos sábios eles<sup>22</sup> trouxeram grande força dos dois Pais poderosos, para onde o Touro do cantor, o dissipador da noite, conforme a sua própria lei tornou-se forte.
7. Sete cantores santos guardam com cinco Adhvaryus<sup>23</sup> o posto amado firmemente estabelecido da Ave.<sup>24</sup> Os Touros dispostos,<sup>25</sup> intocados pela velhice, se regozijam; como os próprios Deuses os caminhos dos Deuses eles seguem.
8. Eu almejo a graça dos dois principais Invocadores do céu;<sup>26</sup> os sete corcéis velozes se alegram do seu modo habitual. Esses falam da verdade, louvando a Verdade Eterna, pensando na Ordem como os guardiões da Ordem.
9. As muitas<sup>27</sup> procuram o grande Corcel como um garanhão; as rédeas obedecem ao Senhor de cor variada. Ó Sacerdote celestial, o mais agradável, cheio de sabedoria, traze os grandes Deuses para nós, e a Terra e o Céu.
10. Rico Senhor, as manhãs têm brilhado em esplendor, de raios belos, de discurso belo, adoradas com todas as iguarias, sim, com a glória da terra, ó Agni. Perdoa-nos, para o nosso bem-estar, até o pecado cometido.
11. Como alimento sagrado, Agni, para o teu invocador, dá riqueza em gado, duradoura, rica em maravilhas. Para nós que nasça um filho, e prole que se propague. Agni, que essa tua vontade benevolente seja dirigida a nós.<sup>28</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 8 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 7. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 3, HINO 7.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 1-2.

1. Aqueles que se ergueram da bebida daquele de costas brancas entraram nos dois pais, os sete sons. Os pais que cercam (tudo) se reúnem, eles seguem adiante para aspirar por vida longa.<sup>29</sup>

---

<sup>22</sup> Os homens que primeiramente honraram Agni que é chamado de *o Touro do cantor*, o Deus forte que protege seu adorador.

<sup>23</sup> Sacerdotes ministrantes.

<sup>24</sup> Agni aquele que voa rapidamente.

<sup>25</sup> Os sacerdotes zelosos, que nessa estrofe são ousadamente chamados de Deuses.

<sup>26</sup> Ou Hotars; de acordo com Sāyaṇa, o Agni celeste e o terrestre. Essa estrofe é repetida de 3.4.7.

<sup>27</sup> O adjetivo é feminino e não tem substantivo expressado. As auroras podem ser aludidas, ou talvez as libações.

<sup>28</sup> Essa estrofe conclusiva é o refrão de vários hinos desse Livro, e há variação considerável na interpretação de Sāyaṇa do mesmo nos diferentes lugares nos quais ele ocorre.

<sup>29</sup> Sobre o significado desse verso difícil apenas conjeturas podem ser dadas. O de costas brancas pode ser Agni . Se isso estiver certo, 'aqueles que se ergueram da bebida de Agni' podem ser raios ou chamas de Agni; essas chamas entram nas duas mães, isto é, Céu e Terra, e nos sete sons, as canções sacrificais que são identificadas com os sete rios terrestres e celestes (comp. acima, 3.1.6). Tudo isso se baseia na suposição de que o texto tradicional está correto. Griffith diz que *yé* é 'aparentemente utilizado em lugar do feminino'. Eu não acredito nessa possibilidade, mas em vez de *yé* (*ya*) a verdadeira leitura pode ser *yā(h)*. Nesse caso, as sete *vānīs* [sons] seriam sujeito: 'Eles que se ergueram da bebida daquele de costas brancas, os sete sons entraram nos dois pais'. O significado disso pode ser: As canções sacrificais, erguendo-se por assim da oferenda feita para Agni, e da mesma forma as correntes de água que, em forma de nuvens de fumaça sobem da oferenda (comp. 1.164.51), têm ido para o Céu e a Terra. Que os pais no terceiro *Pāda* são novamente o Céu e a Terra é mostrado por 10.65.8, *parikṣitā pitarā ... dyāvāpṛthivī*. Pode-se observar que o autor de 10.65 (veja especialmente os versos 6-8), evidentemente imitou as expressões do hino 3.7. 'A união do Céu e da Terra marca o início do dia e do ano'. Max Müller.

2. As vacas leiteiras que residem no céu são as éguas do varonil. Ele tem cavalgado as deusas que carregam o (alimento) doce.<sup>30</sup> A ti que vives em paz na morada de R̥ta, a única vaca<sup>31</sup> circungira, fazendo seu caminho.
3. Ele montou as éguas, que se tornaram bem manejáveis, o senhor sábio, o descobridor de riquezas. Ele com as costas azuis escuras, com muitas faces, as fez sair da bebida do mato.<sup>32</sup>
4. Dando forte vigor ao filho que nunca envelhece de Tvaṣṭr,<sup>33</sup> as correntes carregam a Ele o firmemente fixo. Flamejando em sua residência com seus membros ele entrou nos dois mundos como se eles fossem um.
5. Eles conhecem amizade para com o viril, o vermelho, e se deleitam no comando do avermelhado (Agni), (os deuses) brilhantes do céu, resplandecentes com esplendor radiante, a cuja hoste Iḷā pertence, o louvor poderoso.
6. E encontrando-a por seguir o barulho eles trouxeram para os grandes pais do grande uma canção de louvor, quando o touro perto do anoitecer (?) tornou-se forte de acordo com a própria lei do cantor.<sup>34</sup>
7. Com os cinco Adhvaryus os sete sacerdotes vigiam a pegada amada que a ave fez.<sup>35</sup> Virados para frente os touros que nunca envelhecem<sup>36</sup> se regozijam; pois eles, sendo deuses, têm seguido as leis dos deuses.
- 8 = 3.4.7.
9. As muitas (éguas) estão cheias de desejo pelo ganhão poderoso. Para o viril, brilhante, as rédeas dirigem facilmente (os cavalos).<sup>37</sup> Hotṛ Divino! Tu que és um grande dador de alegria e sábio, traze para cá os grandes deuses e os dois mundos.<sup>38</sup>
10. As auroras, ó concessor de riqueza, as poderosas sacrificadoras, brilhantes e que falam bem têm brilhado com riqueza. E pela grandeza da terra,<sup>39</sup> ó Agni, perdoa-nos até o pecado cometido,<sup>40</sup> para que nós possamos ser grandes.
- 11 = 3.1.23.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 8 \(Oldenberg\)](#)

---

<sup>30</sup> As vacas leiteiras, éguas, ou deusas parecem ser as águas celestes ou Auroras.

<sup>31</sup> A vaca (*Vāc*, de acordo com Sāyaṇa) é a Aurora que retorna diariamente em seu devido caminho? Ou a manteiga oferecida a Agni?

<sup>32</sup> O significado pode ser o seguinte. As Águas habitam nas plantas como sua seiva. Agni, quando queima ou bebe, por assim dizer, o mato, destrói essa morada das Águas; ele faz com que as águas saiam da madeira.

<sup>33</sup> Sobre Agni como o filho de Tvaṣṭr, veja Hillebrandt, *Vedische Mythologie*, I, 522 e seguintes.

<sup>34</sup> Ou, 'quando touro do cantor ... tornou-se forte de acordo com sua própria lei'? O touro, naturalmente, é Agni.

<sup>35</sup> Veja 3.5.5-6.

<sup>36</sup> As chamas de Agni?

<sup>37</sup> *Rāsmayaḥ*, 'as rédeas', ao mesmo tempo significa 'os raios' (de Agni).

<sup>38</sup> 'Traze aqui para os dois mundos os grandes deuses'. Max Müller.

<sup>39</sup> O significado parece ser: pela tua grandeza que é igual à da terra.

<sup>40</sup> Compare com 10.63.8 ['salvem-nos do pecado não cometido e do cometido']. Veja também 1.24.9 e 6.51.8.

## Hino 8. O Poste Sacrificial (Wilson)

(Sūkta VIII)

Considera-se que a divindade é o Yūpa, ou poste sacrificial, diversificado como único ou como muitos; os Viśvadevas são as divindades da oitava estrofe; o R̥ṣi é Viśvāmitra; a métrica do terceiro e do sétimo versos é Anuṣṭubh; do resto, Triṣṭubh.

Varga 3. **1.** Vanaspati,<sup>1</sup> o devoto te unge com manteiga sagrada no sacrifício; e se tu te encontras ereto, ou se a tua morada é no colo dessa tua mãe (terra), concede-nos riquezas.

**2.** Permanecendo no leste do (fogo) aceso, distribuindo alimentos (como a fonte) de (saúde) imperecível e progênie excelente, mantendo afastado o nosso inimigo à distância, eleva-te para grande auspiciosidade.

**3.** Sê exaltado, Vanaspati, nesse pedaço de terra sagrado, sendo medido com medição cuidadosa, e dá alimentos ao ofertante do sacrifício.

**4.** Bem vestido e decorado com guirlandas, vem o jovem (pilar); o mais excelente ele é logo que gerado; veneradores inabaláveis e sábios dos deuses, meditando piedosamente em suas mentes, o erguem.

**5.** Nascido (na floresta), e embelezado no sacrifício celebrado por homens, ele é (novamente) gerado para a santificação dos dias (de ritos sagrados); (sacerdotes) firmes, ativos e inteligentes o consagram com inteligência, e o adorador devoto recita o seu louvor.

Varga 4. **6.** Que aqueles (postes) que os homens devotos cortaram, ou que, Vanaspati, o machado podou, que eles em pé resplandecentes com todas as suas partes (inteiras) nos concedam riqueza com progênie.

**7.** Que aqueles postes que foram cortados sobre a terra, e que foram fabricados pelos sacerdotes, aqueles que são os realizadores do sacrifício, transportem a nossa (oferenda) aceitável para os deuses.

**8.** Que os líderes do rito, os divinos Ādityas, Rudras, Vasus, Céu e Terra, a Terra, o firmamento, bem satisfeitos, protejam o nosso sacrifício; que eles ergam no alto o estandarte da cerimônia.

**9.** Vestidos em (trajes) brilhantes, inteiros (em suas partes), esses pilares que se alinham em fileiras como cisnes, têm vindo a nós erguidos por sábios piedosos no leste (do fogo); eles prosseguem resplandecentes no caminho dos deuses.

**10.** Inteiros em todas as partes e envolvidos com anéis, eles aparecem sobre a terra como os chifres do gado com chifres; ouvindo (seus louvores) pelos sacerdotes; que eles nos protejam em batalhas.

**11.** Vanaspati eleva-te com cem ramos, para que nós possamos nos elevar com mil, tu a quem o machado afiado trouxe para grande auspiciosidade.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 9 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> Vanaspati, literalmente, senhor da floresta, é dito aqui significar o poste de madeira ao qual a vítima é amarrada; o verso é citado no *Aitareya Brāhmaṇa*, II. 2, e é similarmente explicado no *Nirukta*, 8, 18.

## Hino 8. O Poste Sacrificial (Griffith)

1. Homens que servem os Deuses, ó Soberano da Floresta,<sup>2</sup> com hidromel celeste<sup>3</sup> te ungem no sacrifício. Concede riqueza a nós quando tu estás de pé assim como quando repousando no seio desta Mãe.<sup>4</sup>
2. Estabelecido ao leste do fogo aceso, aceitando prece que não enfraquece, rico em heróis, afastando de nós a pobreza e a fome, ergue-te para nos trazer grande boa fortuna.
3. Senhor da Floresta, eleva-te no local mais alto da terra.<sup>5</sup> Dá esplendor, fixo e bem medido, para aquele que traz o sacrifício.
4. Bem vestido, envolvido,<sup>6</sup> ele é chegado, o jovem; ganhando vida a sua glória se torna maior.<sup>7</sup> Contemplativos em mente e adorando os Deuses, sábios de grande inteligência o levantam.
5. Surgido ele se ergue nos dias de tempo bom,<sup>8</sup> aumentando no sínodo frequentado por homens. Com canção os sábios e hábeis o consagram; sua voz o cantor que adora os Deuses profere.
6. Vocês a quem os homens religiosos têm plantado firmemente; tu Soberano da Floresta a quem o machado tem moldado, – que aquelas as Estacas divinas que estão de pé aqui estejam dispostas a nos conceder riqueza com abundância de filhos.
7. Ó homens que erguem as conchas, esses cortados e plantados<sup>9</sup> no solo, trazendo uma bênção para o campo, levarão o nosso presente precioso para os Deuses.
8. Ādityas, Rudras, Vasus, os líderes cuidadosos, a Terra, o Céu, e Pṛthivī<sup>10</sup> e a região do meio do Ar, Divindades concordantes abençoarão o nosso culto e tornarão sublime o estandarte do nosso sacrifício.
9. Como cisnes que voam em linha alongada, os Pilares<sup>11</sup> vieram a nós adornados em cor brilhante. Eles, erguidos no alto, por sábios, para o leste, partem como Deuses para as moradas dos Deuses.
10. Aquelas Estacas na terra com anéis que as decoram parecem aos olhos como chifres de criaturas com chifres; ou, quando levantadas por sacerdotes em invocação, que elas nos ajudem no avanço para a batalha.
11. Senhor da Floresta, ergue-te com cem ramos; com mil ramos que nós nos elevemos à grandeza, tu a quem este machado, com um gume bem afiado para grande felicidade, trouxe diante de nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 9 \(Griffith\)](#)

<sup>2</sup> A árvore alta (*vānaspāti*) a partir da qual é feito o poste sacrificial ao qual a vítima é amarrada. O poste quando consagrado é um objeto deificado e é considerado como uma forma de Agni.

<sup>3</sup> Ou bálsamo; óleo sagrado ou manteiga clarificada. Para uma descrição completa da cerimônia de unção do Poste Sacrificial veja o *Aitareya Brāhmaṇa* de Haug, pp. 74-78.

<sup>4</sup> [Veja a nota 14.]

<sup>5</sup> O altar.

<sup>6</sup> Com uma corda ou guirlanda.

<sup>7</sup> [Veja a nota 16.]

<sup>8</sup> Quando as Chuvas periódicas acabaram.

<sup>9</sup> Aparentemente lascas cortadas da árvore.

<sup>10</sup> A Terra considerada como única, e não como um do par constantemente conectado Céu e Terra.

<sup>11</sup> Aparentemente cavacos ou lascas (compare com a estrofe 7) que caem da árvore, enquanto ela é cortada para formar a Estaca Sacrificial, como aves brancas ou pardas descendo sobre o solo.

## Hino 8. O Poste Sacrificial (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 8.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 3-4.

- 1.<sup>12</sup> Os adoradores dos deuses te ungem no sacrifício, ó senhor da floresta, com mel celeste.<sup>13</sup> Quando em pé dá prosperidade (a nós) aqui, ou quando permanecendo no colo dessa mãe.<sup>14</sup>
2. Situado em frente ao (fogo) aceso, aceitando as nossas palavras sagradas que protegem contra a velhice e dão filhos valentes, afastando para longe de nós a falta de pensamentos, ergue-te por causa de grande prosperidade.<sup>15</sup>
3. Ergue-te, ó senhor da floresta, no cume da terra. Erigido por instalação hábil confere esplendor ao (adorador) que equipa o sacrifício como um veículo.
4. Um jovem bem vestido adornado veio para cá. Ele se torna mais excelente quando nasce.<sup>16</sup> Sábios cheios de pensamentos piedosos, ansiando pelos deuses em sua mente, o produzem.
5. Aquele que tendo nascido nasce<sup>17</sup> em dias auspiciosos,<sup>18</sup> crescendo na assembleia e no sacrifício. Homens sábios, ativos o purificam por pensamentos piedosos; o sacerdote se aproximando dos deuses eleva a sua voz.
6. Vocês a quem os adoradores dos deuses fixaram abaixo (no solo), ou que o machado moldou, ó senhor da floresta; que aqueles postes divinos<sup>19</sup> de pé (aqui) tenham o cuidado de nos conceder tesouros com progênie.
7. (Os postes) que foram derrubados na terra e fixados abaixo, e para os quais as conchas sacrificais foram levantadas; que eles, dando alegria aos nossos campos, busquem avidamente bens preciosos para nós entre os deuses.
8. Que os Ādityas, os Rudras, os Vasus, os bons líderes, o Céu e a Terra, a Terra<sup>20</sup> e o Ar – que os deuses abençoem unanimemente esse sacrifício; que eles levantem a bandeira do sacrifício (o Yūpa).
9. Como cisnes se alinhando em filas, enfeitando-se em brilho os postes sacrificais têm vindo a nós. Liderados pelos sábios eles seguem adiante como deuses para a morada dos deuses.

<sup>12</sup> Este Sūkta é uma coleção de versos litúrgicos que se referem à instalação e unção do poste sacrificial, e ao enrolamento de uma corda em volta dele. Veja *Aitareya Brāhmaṇa* II, 2; *Āsvalāyana Śrautasūtra* III, 1, 8 e seguintes. Sobre os atos rituais referentes ao poste sacrificial que parecem estar ligados com a antiga adoração da árvore, comp. também H. O., *Religion des Veda*, 90 e seguintes, 256.

<sup>13</sup> O poste é ungido com manteiga. Essa manteiga é mencionada como mel também no *Yajus*, que se refere a esse rito, 'Que o deus Savitr te unte com mel', *Taittirīya Saṁhitā* I, 3, 6, 1.

<sup>14</sup> No colo da mãe Terra.

<sup>15</sup> O poste sacrificial é abordado.

<sup>16</sup> O poste sacrificial, em torno do qual uma corda de grama é amarrada, é comparado aqui com um jovem bem vestido. Isso parece conter uma alusão à cerimônia Upanayana, na qual o jovem era investido com o cinto sagrado, e que era considerada como um segundo nascimento (comp. Pāda B: 'Ele se torna mais excelente quando nasce'). Não há dúvida de que esse rito é tão antigo e mais antigo que o *Rg-Veda*, veja *Religion des Veda*, 466 e seguintes. Pode-se notar que vários *Grhya-sūtras* prescrevem o uso de nosso verso no Upanayana (*Āsvalāyana* I, 20, 9, etc.).

<sup>17</sup> Essa expressão se refere novamente ao segundo nascimento (veja nota anterior)?

<sup>18</sup> [Ou, 'na auspiciosidade de dias'.]

<sup>19</sup> No *Rg-Veda*, *svāru* significa o próprio poste sacrificial, e não, como nos textos rituais posteriores (Schwab, *Thieropfer*, pp. 11, 74), aquela lasca da madeira do poste sacrificial (*yūpaśakala*), em relação à qual Kātyāyana (VI, 3, 17) prescreve: 'Ele esconde a lasca da madeira do poste sacrificial na corda (amarrada em volta do poste)'. – Veja Weber, *Indische Studien*, IX, 222.

<sup>20</sup> A Terra é mencionada duas vezes, em primeiro lugar, junto com o Céu, no composto *dyāvākṣamā*, e então separadamente, como Prthivī.

**10.** Como chifres de animais com chifres os postes sacrificais com suas peças de cabeça<sup>21</sup> são vistos na terra. Ouvindo (a nós) no chamado emulativo dos (sacerdotes) invocadores que eles nos protejam nas corridas de batalhas.

**11.** Ó senhor da floresta, ergue-te com cem ramos; que nós nos elevemos com mil ramos (filhos) – tu, a quem este machado afiado levou adiante para grande prosperidade.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 9 \(Oldenberg\)](#)

---

---

<sup>21</sup> Sobre a cobertura de madeira para a cabeça do poste sacrificial (*caṣāla*), veja Schwab, *Das Thieropfer*, p. 9. [*Caṣāla* é o aro de madeira no topo de um poste sacrificial. – *spokensanskrit.de.*]

## Hino 9. Agni (Wilson)

(Sūkta IX)

O deus é Agni; o Ṛṣi Viśvāmitra; a métrica Bṛhatī, exceto no último verso, no qual ela é Triṣṭubh.

Varga 5. **1.** Nós teus amigos mortais recorreremos para a nossa proteção a ti, o divino, o neto das águas, o auspicioso, o resplandecente, o acessível, o impecável.

**2.** Desejoso como tu és das florestas desde que tu te dirigiste às águas maternas, Agni, a tua demora tão longe não deve ser suportada; (em um momento) tu estás aqui conosco.<sup>1</sup>

**3.** Tu desejas muito levar satisfação (ao teu adorador) e estás bem disposto a isso; daqueles em cuja amizade tu és querido, alguns precedem, enquanto outros se sentam em volta.<sup>2</sup>

**4.** As divindades benignas e de vida longa te descobriram, Agni, quando requerido para ir contra os inimigos constantes e reunidos deles, escondido nas águas como um leão (em uma caverna).

**5.** Portanto Mātariśvan trouxe para os deuses de longe, Agni, escondido por si mesmo, e gerado pelo atrito, como (um pai traz de volta) um (filho) fugitivo.<sup>3</sup>

Varga 6. **6.** Portador de oblações, os homens te prendem (assim oculto) para o serviço dos deuses, e para que tu, o mais jovem (dos deuses) e amigável para a humanidade, possas recompensar pelos teus atos todos os seus ritos piedosos.

**7.** Auspicioso é o teu culto, pois ele torna próspero o (adorador) ignorante, portanto os animais<sup>4</sup> te reverenciam, Agni, aceso no início da noite.

**8.** Ofereçam oblações ao objeto de sacrifício sagrado, o purificador brilhante, que está latente (no combustível); adorem calmamente aquele que permeia (o rito), o mensageiro (dos deuses), o rápido, o deus antigo que tem direito à louvação.

**9.** Três mil trezentos e trinta e nove divindades adoraram Agni;<sup>5</sup> eles o aspergiram com manteiga derretida; eles espalharam para ele a erva sagrada; e o colocaram sobre ela como seu sacerdote ministrante.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 10 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> Isto é, de acordo com o comentador, embora ainda não aceso, contudo logo que o atrito do material para iniciar um fogo ocorre Agni aparece.

<sup>2</sup> De acordo com Sāyaṇa alusão é feita aos dezesseis sacerdotes, de quem o Adhvaryu e onze outros tomam parte ativa no cerimonial, enquanto o Udgātr̥ e outros três ficam sentados perto, empenhados no recital das preces e hinos.

<sup>3</sup> O texto tem apenas *sasṛvāmsam*, como alguém indo; o comentador completa pai e filho; ou pode-se pensar que isso indica senhor e escravo.

<sup>4</sup> *Paśavaḥ*; de acordo com o comentário, bípedes bem como quadrúpedes.

<sup>5</sup> Sāyaṇa cita o *Bṛhad Āraṇyaka* para essa enumeração, *Adhyāya* v. *Brāhmaṇa*, p. 642, mas aquela obra dá aparentemente 3333, ou, de acordo com o glossário de Ānanda Giri, 3336, mas nos versos seguintes o número é, como de costume, especificado como trinta e três; os oito Vasus, onze Rudras e doze Ādityas, com Indra e Prajāpati; o verso ocorre no *Yajush*, xxxiii. 7, onde Mahīdhara explica parte do aumento por multiplicar os trinta e três por dez pelos *gaṇas* de divindades, fazendo não muito corretamente 333; e repetindo esse número duas vezes, uma por sua multiplicação por Brahmā, Viṣṇu e Rudra, e novamente por suas Śaktis; a explicação não é muito clara. [Veja a nota 13.]



## Hino 9. Agni (Griffith)

1. Nós como teus amigos te escolhemos, mortais um Deus, para ser nosso auxílio, Filho das Águas, o abençoado, o Resplandecente, vitorioso e incomparável.
2. Visto que tu deleitando-te na floresta foste às tuas correntes mãe, Agni, não deve ser desprezado aquele teu retorno<sup>6</sup> quando de longe tu agora estás aqui.
3. Sobre a fumaça pungente tu prevaleceste, e assim és benevolente. Alguns<sup>7</sup> vão antes, e outros<sup>8</sup> ao redor de ti sentam, eles em cuja amizade tu tens lugar.
4. Ele, que já tinha passado além de seus inimigos, além de atividades contínuas, a Ele os Infalíveis,<sup>9</sup> vigilantes, encontraram nas torrentes, escondido como um leão em sua toca.
5. Ele vagando de acordo com sua própria livre vontade, Agni aqui oculto de nossa visão, a ele Mātariśvan<sup>10</sup> trouxe para nós de longe produzido por fricção, dos Deuses.
6. Ó Portador de Oblações, assim os mortais te receberam dos Deuses, enquanto tu, o Amigo do homem, guardas cada sacrifício com teu próprio poder, O Mais Jovem.
7. Em meio às tuas maravilhas isto é bom, sim, para o simples é evidente, quando reunidos ao redor de ti, Agni, encontram-se os rebanhos<sup>11</sup> onde tu és aceso pela manhã.<sup>12</sup>
8. Ofereçam a ele que conhece ritos justos, que queima com brilho purificador, enviado veloz, ativo, antigo, e adorável; sirvam o Deus atentamente.
9. Três vezes cem Deuses e três vezes mil, e três vezes dez e nove adoraram Agni,<sup>13</sup> para ele espalharam erva sagrada, com óleo o orvalharam, e o estabeleceram como Sacerdote e Sacrificador.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 10 \(Griffith\)](#)

<sup>6</sup> A tua descida das águas celestiais nas quais tu nasceste como relâmpago.

<sup>7</sup> Segundo Sāyaṇa, os Adhvaryus.

<sup>8</sup> Os sacerdotes Sāma que sentam e recitam as preces e hinos.

<sup>9</sup> Os Deuses, que seguiram e encontraram o fugitivo Agni.

<sup>10</sup> O ser divino ou semi-divino que trouxe Agni para os homens.

<sup>11</sup> De acordo com o comentador, inclui homens assim como quadrúpedes.

<sup>12</sup> Antes de o gado ser mandado pastar.

<sup>13</sup> No Vaiśvadeva Nivid ou Hino de Convite aos Viśvedevas, o número de Deuses é dito ser 3 x 11, então 33, então 303, então 3003. Por somar 33+303+3003 o número 3339 é obtido. Veja o *Aitareya Brāhmaṇa* de Haug, II. p. 212, nota. [“Talvez a autoridade mais antiga que nós temos para fixar o número de divindades hindus, em primeiro lugar, em trinta e três, seja o *Rgveda* 8.28.1. É dito que o hino ao qual esse verso pertence proveio de Manu, o progenitor da raça humana. Seu estilo mostra traços de grande antiguidade, e mal pode haver dúvida de que ele é um dos hinos védicos mais antigos que nós temos. A divisão desses trinta e três deuses em três grupos, de onze cada, igualmente distribuídos entre os três mundos, céu, ar e terra, (veja 1.139.11) parece ser o resultado de especulações posteriores. De acordo com o Nivid em questão, os deuses não estão distribuídos entre os três mundos, mas eles estão no céu, e terra, água, e firmamento, na Brahma e Kṣatra, na Barhis, e na Vedi, no sacrifício, e no ar”. – Trecho da nota 21.]

## Hino 9. Agni (Oldenberg)

MAṄDALA 3, HINO 9.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 5-6.

1. Nós, teus amigos,<sup>14</sup> te escolhemos para nossa proteção, (nós) os mortais (a ti), o deus, a prole das Águas, o abençoado com esplendor excelente,<sup>15</sup> que avança gloriosamente, o não ameaçado.
2. Quando tu, encontrando prazer na floresta, foste até tuas mães, as Águas, aquele teu retorno, Agni, (para este mundo) não deve ser desprezado, quando residindo longe tu vens cá.
3. Alto acima (de toda) agudeza pungente tu crescestes,<sup>16</sup> e realmente tu és bondoso. Alguns avançam aqui e ali; outros se sentam em volta de ti, em cuja amizade tu permaneces.<sup>17</sup>
4. Ele, que foi além (de todas as) falhas, além de todos os obstáculos,<sup>18</sup> os sinceros, os vigilantes<sup>19</sup> o encontraram como um leão (é encontrado), quando ele tinha ido para as Águas;
5. Ele que tinha corrido por assim dizer por seu próprio poder, Agni, que residia desse modo em segredo – a ele Mātariśvan trouxe para cá de longe, dos deuses, quando ele tinha sido produzido por atrito (das florestas).
6. (E assim) os mortais te seguraram, ó carregador de alimento sacrificial para os deuses,<sup>20</sup> porque tu, ó (deus), pertencente aos Manus, proteges todos os sacrifícios pelo poder da tua mente, ó mais jovem!
7. Isso é algo glorioso; aqui o teu poder maravilhoso se mostra até para o simples, que o gado se deita ao redor de ti quando tu és aceso, ó Agni, na aproximação da escuridão.<sup>21</sup>
8. Façam suas oferendas em (Agni), o melhor realizador de culto, o afiado que purifica com suas chamas.<sup>22</sup> Sirvam obedientemente ao deus, o mensageiro rápido, o ágil, o antigo, o adorável.
- 9.<sup>23</sup> Três mil e trezentos deuses e trinta e nove prestaram serviço a Agni. Eles o aspergiram com ghee e espalharam para ele a grama sacrificial; então eles o fizeram se sentar como um Hotr.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 10 \(Oldenberg\)](#)

<sup>14</sup> Para essa expressão, compare com 1.30.7; 8.21.2 e 9.

<sup>15</sup> Compare com 8.19.4.

<sup>16</sup> Compare com 1.81.5 e 1.102.8 [versões de Griffith].

<sup>17</sup> Os diferentes sacerdotes oficiantes parecem ser aludidos.

<sup>18</sup> Compare com 1.42.7.

<sup>19</sup> Os deuses que procuravam Agni.

<sup>20</sup> Para *devebhyaḥ havyavāhana*, veja 10.118.5, 119.13 e 150.1.

<sup>21</sup> 'Os animais selvagens fogem do fogo à noite, os animais domésticos são atraídos por ele'. Max Müller.

<sup>22</sup> Para esse Pāda, comp. 8.43.31, 8.102.11 [8.91.11 na versão de Griffith] e 10.21.1.

<sup>23</sup> Esse verso é idêntico ao 10.52.6.

## Hino 10. Agni (Wilson)

(Sūkta X)

O deus e o R̥ṣi como antes; a métrica é Uṣṇih.

- Varga 7. **1.** A ti, rei dos homens; Agni, o divino; mortais prudentes te acendem no sacrifício.  
**2.** Eles te louvam como o sacerdote, o invocador (dos deuses) em sacrifícios; resplandece o protetor do rito piedoso em tua própria residência.  
**3.** Ele de fato que oferece oblações a ti, o conhecedor de todas as coisas, ele adquire (Agni) progênie excelente; ele prospera.  
**4.** Que (Agni), a bandeira de sacrifícios, oferecendo oblações da parte do adorador através (do ministério) dos sete sacerdotes oficiantes, venha para cá com os deuses.  
**5.** Ofereçam ao ministrante Agni como se para o Criador (do mundo), o grande louvor recitado antigamente, para animar as energias dos (adoradores) piedosos.<sup>1</sup>
- Varga 8. **6.** Nossos hinos exaltam Agni, para que ele possa nascer o mais digno de louvor, e possa se manifestar para (o propósito de conceder) alimento e riqueza abundantes.  
**7.** Agni, tu deves ser adorado especialmente no sacrifício; adora os deuses (em nome do adorador) devoto; tu brilhas o invocador (dos deuses), o alegrador (dos piedosos) superando os teus inimigos.<sup>2</sup>  
**8.** Tu, nosso purificador, acende para nós uma progênie brilhante; está sempre perto daqueles que te louvam para o seu bem estar.  
**9.** Os sábios, inteligentes e vigilantes (adoradores) te acendem, tal como tu (tens sido descrito), o portador de oblações, o imortal, gerado pela força.<sup>3</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 11 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 10. Agni (Griffith)

1. A ti Agni, Deus, Senhor Imperial de toda a humanidade, os homens mortais Com compreensão acendem no sacrifício.
2. Eles te louvam em seus ritos solenes, Agni, como Ministro e Sacerdote, Resplandece em teu próprio lar, como guardião da Lei.
3. Ele, de fato, que te honra com combustível, Conhecedor de toda a Vida, Ele, Agni! ganha força heroica, ele prospera bem.
4. Bandeira de sacrifícios, ele, Agni, com deuses veio a nós, Adornado pelos sete sacerdotes, àquele que traz presentes.
5. Para Agni, o Sacerdote Invocador, ofereçam o seu melhor, o seu discurso sublime, Para ele como Ordenador que traz a luz de canções.<sup>4</sup>
6. Que esses nossos hinos façam Agni crescer, de onde, digno de louvor, ele vem à vida, para grande força e grande posse, belo de se ver.
7. Melhor Sacrificador, traze os Deuses, ó Agni, para o homem piedoso; Um Sacerdote alegre, teu esplendor afasta os nossos inimigos!

---

<sup>1</sup> *Sāma-Veda*, I. 98.

<sup>2</sup> *Sāma-Veda*, I. 100.

<sup>3</sup> *Sahovrdham*, produzido pela força necessária para o atrito.

<sup>4</sup> Isto é, que ilumina e inspira nossos hinos.

8. Como tal, ó Purificador, faze brilhar sobre nós poder heroico glorioso;  
Sê o Amigo mais próximo para aqueles que te louvam, pelo seu bem-estar.
9. Desse modo, vigilantes, versados em hinos sagrados, os cantores santos te acendem.  
Portador de oblações, imortal, nutridor de força.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 11 \(Griffith\)](#)

## Hino 10. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 10.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 7-8.

- 1.<sup>5</sup> A ti, ó Agni, o maior rei das tribos humanas, o deus, os mortais pensativos acendem em seu culto.
2. A ti, ó Agni, o Ṛitvij, o Hotṛ, eles magnificam nos sacrifícios. Brilha como o guardião de Rta em tua própria casa.<sup>6</sup>
3. Ele, de fato, que pode adorar a ti, o Jātavedas, com combustível, adquire abundância em homens valentes, ó Agni; ele prosperará.
4. Que Ele, a bandeira dos sacrifícios, Agni, venha para cá com os deuses, ungido pelos sete Hotṛs<sup>7</sup> por causa do homem que oferece alimento sacrificial.
5. Apresentem um antigo, poderoso discurso para Agni, o Hotṛ, que é como um adorador trazendo as luzes de preces.
6. Que as nossas preces aumentem Agni, visto que ele nasce merecedor de louvores, o visível, por causa de grande força e riqueza.
- 7.<sup>8</sup> Que Agni, como o melhor sacrificador no culto (dos homens), realize o sacrifício aos deuses para o homem devotado aos deuses. Como um Hotṛ alegre tu reias (passando) além de (todas as) falhas.
8. Assim, ó purificador, faze brilhar sobre nós gloriosa abundância em heróis. Sê o (amigo) mais próximo para aqueles que te louvam, por seu bem-estar.
9. Desse modo os sacerdotes cheios de louvor admirador, tendo despertado, acendem a ti, o carregador imortal de alimento sacrificial, o aumentador de força.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 11 \(Oldenberg\)](#)

<sup>5</sup> O primeiro Pāda é idêntico a 8.44.19.

<sup>6</sup> Compare com 1.1.8.

<sup>7</sup> A lista mais antiga de sacerdotes oficiantes no sacrifício Soma continha sete sacerdotes. Veja H. O., *Religion des Veda*, 383 e seguintes. Por isso Agni é chamado de *saptáhotā*, veja 3.29.14.

<sup>8</sup> O segundo Pāda é idêntico a 1.15.12.

## Hino 11. Agni (Wilson)

(Sūkta XI)

O deus e o R̥ṣi como antes; a métrica é Gāyatrī.

Varga 9. **1.** Agni, o invocador dos deuses, o ministro (dos deuses), o supervisor do sacrifício, compreende o rito solene em seu devido tempo.

**2.** Aquele Agni, que é portador de oblações, o imortal, o desejoso (de oferendas), o mensageiro (dos deuses), e é o recebedor de iguarias sacrificais, está associado com a compreensão.<sup>1</sup>

**3.** Agni, a antiga bandeira de sacrifício, conhece (todas as coisas) através de compreensão; a radiância dele atravessa (a escuridão).<sup>2</sup>

**4.** Os deuses fizeram de Agni, que é o filho da força, o eternamente renomado, o conhecedor de tudo o que nasce, o portador (de oblações).

**5.** Agni, o que antecede os seres humanos,<sup>3</sup> (sempre) alerta, o veículo das oferendas deles, é sempre novo, é insuscetível de dano.

Varga 10. **6.** Agni, o mais generoso contribuidor de alimentos, é capaz de resistir ileso a todos os atacantes, o nutridor dos deuses.

**7.** De Agni de esplendor purificador o mortal apresentador (de oferendas) obtém pelo seu transporte (delas para os deuses) iguarias abundantes e uma residência.<sup>4</sup>

**8.** Que nós, dotados de inteligência, obtenhamos todas as coisas boas por nossos louvores a Agni, para quem tudo é conhecido.

**9.** Que nós obtenhamos, Agni, todas as coisas preciosas (como saque) em batalhas, já que os deuses estão concentrados em ti.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 12 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 11. Agni (Griffith)

**1.** Agni é Sacerdote, o grande Sumo Sacerdote do sacrifício, o mais rápido em ato; Ele conhece o rito em curso constante.

**2.** Portador de oblações, imortal, bem inclinado, um ávido mensageiro, Agni se aproxima de nós com o pensamento.<sup>5</sup>

**3.** A bandeira de sacrifício desde os tempos antigos, Agni bem sabe com seu pensamento tornar próspero o objetivo e a esperança deste homem.<sup>6</sup>

**4.** Agni, ilustre desde antigamente, o Filho da força que conhece toda vida, Os Deuses fizeram ser seu Sacerdote.

---

<sup>1</sup> *Dhiyā samṛṇvati*, isto é, de acordo com Sāyaṇa, Agni está plenamente ciente dos objetos da cerimônia, e um desejo está implícito de que ele possa comunicar conhecimento semelhante aos seus realizadores; Mahīdhara o entende um tanto diferentemente em forma, embora o mesmo em substância, como, por meio de conhecimento Agni se associa com os deuses, para o propósito de transportar as oblações para eles. – *Yajush*, xxii. 16.

<sup>2</sup> *Artham hyasya tarani*, a sua intenção ou objetivo é atravessar, ou aquele que atravessa; sua luz ou radiância é o fim ou objetivo de Agni, que passa por cima ou através, a escuridão subentendida.

<sup>3</sup> *Viśām Mānuṣiṇām*, de acordo com Sāyaṇa, significa homens, os descendentes de Manu.

<sup>4</sup> Esse e os dois anteriores ocorrem no *Sāma Veda*, ii. 906-908.

<sup>5</sup> Ou, através de nossa prece.

<sup>6</sup> Que institui o sacrifício.

5. Infalível é Agni, aquele que vai antes das tribos de homens,  
Uma carruagem rápida e sempre nova.
6. Força dos Deuses que ninguém pode prejudicar, subjugando todos os inimigos dele,  
Agni é o mais poderoso em fama.
7. Por oferecer alimento sagrado para ele o adorador mortal obtém  
Um lar dele cuja luz torna puro.
8. De Agni, pelos nossos hinos, que nós ganhemos todas as coisas que trazem  
felicidade, cantores daquele que conhece toda vida.
9. Ó Agni, em nossos atos de força que nós obtenhamos todas as coisas preciosas;  
Os Deuses estão centrados todos em ti.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 12 \(Griffith\)](#)

### **Hino 11. Agni (Oldenberg)**

MAṄḌALA 3, HINO 11.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 9-10

1. Agni é o Hotr, o Purohita de nossa adoração, ele que habita entre muitas tribos, Ele conhece o sacrifício na devida ordem.
2. Ele, o imortal carregador de oblações, o Uśij, o mensageiro, com a mente satisfeita, Agni se coloca em movimento (incitado) pelo pensamento (dos homens que rezam?).
3. Agni dá atenção<sup>7</sup> (a nós) pelo pensamento (a prece?), a bandeira do sacrifício, o antigo; pois seu propósito triunfa.
4. Os deuses fizeram de Agni, o antigo renomado filho da força, o Jātavedas, seu carregador (para o sacrifício).
5. Agni o que não pode ser enganado que segue à frente das tribos humanas, ele é a carruagem veloz,<sup>8</sup> sempre novo.
6. Superando todos os ataques, Ele, o ileso (poder da) mente dos deuses, Agni, é o mais poderosamente renomado.
7. Através do veículo (que transporta os deuses) para as delícias (do sacrifício), o mortal adorador alcança a morada de (Agni) cujas chamas são purificadoras.
8. Que nós, os sacerdotes, pelas nossas preces obtenhamos todas as dádivas beatíficas de Agni Jātavedas.
9. Agni! Que nós ganhemos todas as melhores coisas nas (provas de) força. Em ti os deuses se estabeleceram.<sup>9</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 12 \(Oldenberg\)](#)

<sup>7</sup> O significado parece ser que Agni está atento ao seu propósito; comp. 1.10.2.

<sup>8</sup> Sobre Agni considerado como uma carruagem, veja Bergaigne, *Religion Védique*, I, 144.

<sup>9</sup> Isto é, todas as melhores coisas (Pāda 1); comp. 6.5.2

## Hino 12. Indra e Agni (Wilson)

(Sūkta XII)

Os deuses são Indra e Agni; o R̥ṣi e a métrica como antes.

Varga 11. **1.** Indra e Agni venham a esta libação aceitável, (trazidos) pelos nossos louvores<sup>1</sup> do céu, e induzidos por (nossa) devoção a beber dela.

**2.** Indra e Agni, o sacrifício consciente associado com o adorador<sup>2</sup> procede até vocês; (convocados) por esta (invocação), bebam a libação.

**3.** Incitado pela energia do sacrifício, eu recorro a Indra e Agni, os protetores dos virtuosos; que eles fiquem saciados com o Soma aqui ofertado.

**4.** Eu invoco Indra e Agni, os derrotadores de inimigos, os destruidores de Vṛtra, os vitoriosos, os invencíveis, os concessores do alimento mais abundante.<sup>3</sup>

**5.** Os recitadores de preces, os repetidores de louvor, que são hábeis em canto sagrado, adoram vocês dois; eu recorro a Indra e Agni por alimento.<sup>4</sup>

Varga 12. **6.** Indra e Agni, com um esforço unido vocês derrubaram noventa cidades governadas por (seus) inimigos.<sup>5</sup>

**7.** Indra e Agni, os ministros piedosos, estão presentes em nosso rito sagrado, de acordo com as formas de culto.<sup>6</sup>

**8.** Indra e Agni, em vocês, vigor e alimento estão residindo juntos, e, portanto em vocês está depositada a distribuição de água.<sup>7</sup>

**9.** Indra e Agni, iluminadores do céu, sejam sempre agraciados (com vitória) em batalhas, pois assim a sua<sup>8</sup> bravura proclama.<sup>9</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 13 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 12. Indra-Agni (Griffith)

**1.** Movidos, Indra-Agni, pelo nosso hino, venham para o suco, o orvalho precioso; Bebam, impelidos pela canção.

**2.** Ó Indra-Agni, com o homem que os louva vem o rito despertador; Portanto, vocês dois bebam esse suco derramado.

---

<sup>1</sup> 'Chamados por nossos louvores, venham vocês dois do local de Svarga para este Soma agradável', é a explicação de Sāyaṇa; o verso ocorre no *Sāma-Veda*, II. 19, e no *Yajur-Veda*, VII. 31; Mahīdhara tenta dar um sentido diferente para *Nabha*, que ele identifica com *Āditya*, e conjetura uma comparação subentendida, como: venham para o Soma que é como o sol desejável; ou pode significar, diz ele, aqueles que residem no céu, os deuses: venham para o Soma que é procurado pelos deuses.

<sup>2</sup> *Jarituḥ sacā yajño jighāti cetanaḥ*; a expressão é bastante obscura; *yajña* e *cetana* são ambos aplicados por Sāyaṇa ao Soma, como o material do sacrifício, *yajña-sādhanam*, e o animador ou dador de consciência para os órgãos de percepção; *indriyānām cetayitā*, e o cooperador com o adorador na obtenção de céu ou outros benefícios. Essa e a próxima estrofe ocorrem no *Sāma*, II. 20, 21; o professor Benfey a compreendeu de forma diferente.

<sup>3</sup> *Sāma-Veda*, II. 1052.

<sup>4</sup> *Sāma-Veda*, II. 925, 1053.

<sup>5</sup> *Sāma-Veda*, II. 926, 1054. *Dāsa-patniḥ puraḥ*, cidades das quais os Dāsas eram os senhores; provavelmente o mesmo que *Dasyus*, infiéis, inimigos dos deuses.

<sup>6</sup> *Sāma-Veda*, II. 927, 1044.

<sup>7</sup> *Sāma-Veda*, II. 928, 1045.

<sup>8</sup> [*Tua*, no texto em inglês.]

<sup>9</sup> *Sāma-Veda*, II. 1043; todos os versos desse Sūkta são encontrados no *Sāma-Veda* em diferentes lugares.

3. Pela força do sacrifício eu escolho Indra-Agni que amam os sábios;  
Com Soma que esses os saciem aqui.
4. Eu invoco Indra e Agni, vencedores unidos, generosos, indômitos,  
Matadores de inimigos, os melhores para ganhar o despojo.
5. Indra e Agni, cantores hábeis em melodia os louvam com hinos, trazendo louvores;  
Eu escolho vocês para o alimento sagrado.
6. Indra e Agni, vocês derrubaram os noventa<sup>10</sup> fortes que os Dāsas defendiam,  
Juntos, com um grande feito.
7. Para Indra-Agni pensamentos reverentes avançam da tarefa sagrada<sup>11</sup>  
Pelo caminho da Lei Sagrada.
8. Ó Indra-Agni, poderes são seus, e habitações e alimento delicioso  
Boa é a sua prontidão para agir.
9. Indra e Agni, em seus atos de força vocês enfeitam os reinos lúcidos do céu;  
Famosa é aquela sua força de herói.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 13 \(Griffith\)](#)

## Hino 12. Indra-Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 12.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 11-12.

1. Indra-Agni, em consequência de nossas preces venham para cá para o (Soma) espremido, para a nuvem preciosa.<sup>12</sup> Bebam dele incitados pelos nossos pensamentos (ou seja, por nossas preces).
2. Indra-Agni, o sacrifício brilhante daquele que os louva avança junto (com as libações de Soma, os louvores, etc.). Assim bebam esse (Soma) espremido!
3. Por esse sacrifício incitante eu escolho Indra e Agni que se mostram como sábios; que eles aqui se saciem com Soma.
4. Eu chamo os generosos, os matadores de inimigos,<sup>13</sup> os conquistadores unidos, invictos, Indra-Agni, os maiores ganhadores de saque.
5. Os louvadores ricos em hinos, conhecendo todos os modos (de sacrifício), os louvam. Indra-Agni, eu escolho o alimento (que vocês dão).
6. Indra-Agni, vocês derrubaram juntos por um ato noventa fortalezas das quais os Dāsas eram os senhores.
7. Indra-Agni, os pensamentos (dos adoradores) avançam em direção a (vocês) a partir do trabalho (do sacrifício) pelos caminhos da Ṛta.
8. Indra e Agni, suas são moradas poderosas e deleites. Vocês cruzam as águas; esse é o feito que pertence a vocês.
9. Indra e Agni, vocês exibem as luzes do céu em seus atos de força; aquele feito poderoso de vocês tem sido largamente conhecido.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 13 \(Oldenberg\)](#)

<sup>10</sup> Noventa é usado indefinidamente em lugar de um grande número. Os fortes são as fortalezas dos habitantes não arianos da região.

<sup>11</sup> Sacrifício.

<sup>12</sup> 'Nuvem', é claro, significa aquilo que vem da nuvem. Nos hinos Soma do nono Maṅḍala, a palavra *nābhaḥ* parece frequentemente se referir à água com a qual o Soma é misturado.

<sup>13</sup> Ou, os matadores de Vṛtra.



## Hino 13. Agni (Wilson)

(Anuvāka 2. Sūkta I)

O deus é Agni; o R̥ṣi é R̥ṣabha, um filho de Viśvāmitra; a métrica é Anuṣṭubh.

- Varga 13. **1.** (Sacerdotes) profiram (louvores) devotados para este seu divino Agni, para que assim glorificado ele possa vir até nós com os deuses, e sentar-se na grama sacrificial.
- 2.** O observador da verdade, de quem (são) o céu e a terra, e cujo vigor as (divindades) protetoras auxiliam; a ele, os ofertantes de oblações adoram, e aqueles desejosos de riquezas (recorrem) a ele por proteção.
- 3.** Ele, o sábio, é o diretor daqueles (que sacrificam), ele é (o regulador) de sacrifícios; adorem a ele seu (benfeitor), o doador, que é o concesso de riqueza.
- 4.** Que aquele Agni nos conceda habitações prósperas para a nossa proteção, para que dele riqueza infinita, ela esteja no céu ou na terra, ou nas águas (possa vir até nós).
- 5.** O devoto acende (o fogo) com seus ritos obtentores de riqueza, (para adorar), o radiante, não precedido Agni, o invocador (dos deuses), o protetor dos homens.
- Varga 14. **6.** Aperfeiçoa a nossa prece, Invocador dos deuses, assim como os nossos hinos; Agni, que aumentas com os ventos e és o que dá milhares, aumenta a nossa felicidade.
- 7.** Concede-nos de fato, Agni, riqueza (que possa ser contada) aos milhares, e que inclua filhos, nutrição, tesouro brilhante,<sup>1</sup> e vigor, e que seja infinita e inesgotável.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 14 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 13. Agni (Griffith)

- 1.** Para Agni, para esse Deus de vocês eu canto em voz alta com a máxima energia. Que ele venha a nós com os Deuses, e sente-se, o melhor Ofertante, na grama.
- 2.** O Santo, de quem são a terra e o céu, e auxílio serve sua força; a ele os homens que trazem oferendas louvam, e aqueles que desejam ganhar, por graça.
- 3.** Ele é o sábio que guia estes homens, Líder de ritos sagrados é ele. A ele, seu próprio Agni, sirvam bem, que ganha e concede riqueza.
- 4.** Assim que o gracioso Agni conceda o refúgio mais agradável para o nosso uso; De onde nos céus ou nas torrentes ele derramará riqueza sobre as nossas terras.
- 5.** Os cantores acendem a ele, o Sacerdote, Agni o Senhor das tribos de homens, Resplandecente e inigualável por seus próprios projetos excelentes.
- 6.** Ajuda-nos, ó Brahman,<sup>2</sup> o melhor de todos os invocadores dos Deuses em canção. Irradia, amigo dos Maruts, felicidade sobre nós, ó Agni, um Deus muitíssimo generoso.
- 7.** Sim, concede-nos tesouro aos milhares com filhos e com nutrição, E, Agni, esplêndida força de herói, exaltada, que não definha.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 14 \(Griffith\)](#)

---

<sup>1</sup> *Puṣṭimat, dyumat*: o primeiro, de acordo com o comentário, implica gado, de cujo leite e semelhantes o sustento é derivado; o segundo significa metais preciosos e joias.

<sup>2</sup> Agni é aqui abordado como o Brahman ou sacerdote rezador.

## Hino 13. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 13.<sup>3</sup>  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 13.

1. Para este deus Agni eu canto para vocês mais poderosamente. Que ele venha a nós com os deuses; que ele, o melhor sacrificador, se sente na grama sacrificial.
2. O justo a cuja habilidade os dois mundos (Céu e Terra) e (todas as) bênçãos se agarram – a Ele os homens ricos em oferendas magnificam, a Ele aqueles que anseiam por ganho, para que possam obter a sua bênção.
3. Ele, o sacerdote, é o guia desses (homens),<sup>4</sup> e ele de fato (é o guia) de sacrifícios. Louvem esse Agni que é o dador, o ganhador de riqueza.
4. Que esse Agni nos dê o abrigo mais abençoado para o nosso banquete (sacrificial), de onde ele possa derramar riqueza sobre nós no céu, nas habitações (humanas),<sup>5</sup> e nas águas.
5. Os cantores acendem Agni, o Hotṛ, o senhor das tribos, o brilhante, o extraordinário, com os excelentes pensamentos dele.<sup>6</sup>
6. E que tu, o melhor invocador dos deuses, possas nos ajudar em nossas palavras, em nossos hinos. Faze brilhar felicidade sobre nós, Agni a quem os Maruts fortalecem,<sup>7</sup> o maior ganhador de (riqueza) aos milhares.
7. Agora nos concede riqueza aos milhares com filhos e prosperidade, esplêndida, a mais poderosa, e imperecível abundância em heróis, ó Agni!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 14 \(Oldenberg\)](#)

---

<sup>3</sup> Comp. a respeito deste hino, *Aitareya Brāhmaṇa* II, 40.

<sup>4</sup> Talvez nós devêssemos suprir, por conta do nominativo precedente, *vīprah* (sacerdote): 'desses (sacerdotes)'.

<sup>5</sup> O professor Max Müller propõe traduzir: 'De onde ele possa derramar riqueza sobre nossa habitação, esteja ele no céu ou nas águas'.

<sup>6</sup> Comp. 10.172.2, *ā yāhi vasvyā dhiyā*.

<sup>7</sup> Comp. *Śāṅkhāyana Śrautasūtra* VIII, 16.

## Hino 14. Agni (Wilson)

(Sūkta II)

O deus e o Ṛṣi como antes; a métrica é Triṣṭubh.

1. O invocador (dos deuses), o alegrador (de seus adoradores), o verdadeiro, o oferecedor de sacrifício, o mais sábio, o criador, está presente em nossos ritos sagrados. Agni, filho de força, cujo carro é o relâmpago, cujo cabelo é chama, manifesta a sua glória na terra.
2. Eu pronuncio para ti as palavras de adoração, sê satisfeito por elas, observador da verdade; dotadas de força, (elas são dirigidas) a ti que és o explanador (de ritos sagrados); sábio (como tu és) traz (para cá) os sábios; objeto de sacrifício, senta-te no meio sobre a erva sagrada para nossa proteção.
3. Que o dia e a noite concessores de alimento se apressem para ti enquanto tu, Agni, os encontras nos caminhos do vento; uma vez que (os sacerdotes) sempre adoram a ti precedente (a eles)<sup>1</sup> com oblações, enquanto eles (unidos) como a lança (e o jugo de uma carruagem), permanecem sucessivamente em nossa morada.
4. Vigoroso Agni, a ti Mitra e Varuṇa, e todos os Maruts oferecem louvor; visto que, filho da força, tu permaneces um sol,<sup>2</sup> derramando (teus) raios com brilho sobre a humanidade.
5. Com as mãos erguidas,<sup>3</sup> nos aproximando de ti com reverência, nós te oferecemos hoje a nossa oblação;<sup>4</sup> tu, que és sábio, cultua os deuses com a mente mais devotada e com louvor incansável.
6. De ti, de fato, filho da força, muitos e vários benefícios e vários tipos de alimento recaem sobre o (adorador) devoto; concede-nos, Agni, riqueza infinita, e (um filho) observador da verdade, com fala desprovida de malícia.
7. Divino (Agni), poderoso e onisciente, estas (são as oferendas) que nós mortais apresentamos para ti no sacrifício; sê ciente de cada adorador respeitável,<sup>5</sup> e compartilha, imortal, de todas (as oferendas dele) nesta ocasião.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 15 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> O comentador explica: Agni é adorado na alvorada antes do dia, e ao anoitecer, antes da noite.

<sup>2</sup> *Tiṣṭhāh sūrya*; esse último é explicado variadamente pelo comentador, como *su*, bem, e *arya*, mestre; ou como, incitador, impulsor, *preraka*, ou vigor, energia, *vīrya*.

<sup>3</sup> *Yajur-Veda*, xviii. 75: Mahīdhara explica *Uttānahastāh*, com as mãos abertas, não avarentamente.

<sup>4</sup> *Kāmam*; ambos os comentadores consideram esse sinônimo aqui de oblação, como aquilo que é desejável para os deuses.

<sup>5</sup> *Viśvasya surathasya bodhi*; o escoliasta explica o verbo, sabe que eu sou o protetor dele; *suratha* é, literalmente, aquele que tem uma boa carruagem, e é interpretado dessa maneira no comentário.

## Hino 14. Agni (Griffith)

1. O Sacerdote agradável chegou ao sínodo, verdadeiro, hábil em sacrifício, o mais sábio, Ordenador. Agni, o Filho da Força, cujo carro é relâmpago, cujo cabelo é chama, tem mostrado o seu brilho sobre a terra.
2. Para ti eu ofereço discurso reverente; aceita-o; a ti que o notas, vitorioso, fiel! Traze, tu que sabes, aqueles que sabem,<sup>6</sup> e senta-te em meio à grama sagrada, por auxílio, ó Santo.
3. As Duas que mostram seu vigor, Noite e Manhã, pelos caminhos do vento se apressarão para ti, ó Agni. Quando os homens adornam o Antigo<sup>7</sup> com oblações, essas buscam, como em dois assentos de carruagem, a residência.
4. A ti, forte Agni! Varuṇa e Mitra e todos os Maruts cantaram uma canção de triunfo, quando às terras dos povos tu chegaste, expandindo-os<sup>8</sup> como o Sol dos homens, com brilho.
5. Aproximando-nos com mãos erguidas e adoração, nós hoje realizamos por ti o teu anseio.<sup>9</sup> Adora os deuses com o espírito mais devotado, um Sacerdote sem pensamento hostil, ó Agni.
6. Pois, Filho da Força, de ti vêm muitos auxílios e poderes abundantes que um Deus possui. Agni, a nós com discurso que não tem falsidade concede riquezas, reais, a serem contadas aos milhares.
7. Tudo, Deus, que em sacrifício nós mortais temos feito é tudo por ti, forte, de propósito sábio! Sê o Amigo de cada bom dono de carruagem. Desfruta tudo isso<sup>10</sup> aqui, imortal Agni.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 15 \(Griffith\)](#)

---

<sup>6</sup> Os Deuses.

<sup>7</sup> Agni.

<sup>8</sup> Fazendo os homens arianos se espalharem como o Sol espalha seus raios.

<sup>9</sup> Por oblações.

<sup>10</sup> Todas as nossas oferendas sacrificais.

## Hino 14. Agni (Oldenberg)

MAṄDALA 3, HINO 14.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 14.

1. O Hotṛ que dá alegria tomou seu lugar nos sacrifícios, Ele o verdadeiro, o sacrificador, o maior sábio, o adorador. Agni, cujo carro é relâmpago, o filho da força, cujo cabelo é chama, expandiu sua luz sobre a terra.
2. Ele foi oferecido a ti – fica satisfeito com o discurso adorador – a ti que é observador dele, ó justo, forte. Traze para cá, tu que és sábio, os sábios (deuses). Senta-te na grama sacrificial no meio (dela) para a felicidade, ó venerável!
3. A ti, Agni, Noite e Aurora que promovem a tua força,<sup>11</sup> se apressarão nos caminhos do vento. Quando (os mortais) ungem o antigo<sup>12</sup> com oferendas, elas<sup>13</sup> permanecem na casa como em um assento de carro.
4. Mitra e Varuṇa, ó forte Agni, e todos os Maruts cantarão para ti uma canção agradável, quando tu, ó filho da força, permaneces com tuas chamas, um sol espalhando homens sobre as habitações (terrenas).
5. Nós te demos teu desejo hoje, sentando-nos perto de ti com adoração com mãos estendidas;<sup>14</sup> sacrifica aos deuses como um sacerdote com tua mente mais hábil no sacrifício, com pensamentos infalíveis, ó Agni!
6. De ti, de fato, ó filho da força, provêm bênçãos divinas e ganhos múltiplos. Dá-nos mil vezes riqueza verdadeira de acordo com a tua palavra sincera, ó Agni!
7. Do que nós temos feito aqui para ti neste sacrifício, nós mortais, ó deus hábil e pensativo, toma conhecimento de tudo isso, ó (deus) com a boa carruagem;<sup>15</sup> torna todo esse (alimento sacrificial) aqui saboroso, imortal Agni!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 15 \(Oldenberg\)](#)

---

<sup>11</sup> É possível que aqui, como em várias outras passagens, uma confusão entre os dois verbos *vājáyati* e *vājayāti* tenha ocorrido. Se a leitura fosse *vājáyanti*, nós teríamos que traduzir 'Noite e Aurora que estão se esforçando juntas (como se em uma corrida uma contra a outra?)'

<sup>12</sup> O antigo é Agni.

<sup>13</sup> As duas deusas, Noite e Aurora.

<sup>14</sup> Comp. 10.79.2.

<sup>15</sup> O texto tradicional tem *tvaṃ viśvasya surathasya bodhi*, que só pode significar, 'toma conhecimento de cada um que tem uma boa carruagem' – que Bergaigne (*Quelques observations sur les figures de rhétorique dans le Rig-veda*, p. 15) explica: 'o carro questão é a prece que leva o deus ao sacrifício'. Eu acredito que o texto está corrompido, em vez de *suráthasya* eu acho que nós devemos ler *surathāsya* (= *suratha asya*).

## Hino 15. Agni (Wilson)

(Sūkta III)

O deus é Agni; o R̥ṣi é Utkīla do gotra ou família Kata; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 15. **1.** Radiante com grande glória, repele os Rākṣasas e Piśācas hostis;<sup>1</sup> que eu possa estar no (desfrute) da graça do grande (Agni), o dador de prosperidade, e no serviço dele (que é) invocado facilmente.

**2.** Considera-te nosso protetor no romper da aurora hoje e quando o sol tiver surgido;<sup>2</sup> Agni, que és gerado com forma (corporificada),<sup>3</sup> fica satisfeito com o meu louvor constante, como um pai (fica satisfeito com) seu filho.

**3.** Derramador (de benefícios), observador dos homens, radiante em meio à escuridão, brilha, Agni, com (raios) abundantes na devida ordem; concessor de residências, conduze-nos (para o bem), mantém longe todo mal, e, o mais jovem (de todos os deuses), satisfaz os nossos desejos de riqueza.

**4.** Agni, que és irresistível e o derramador (de benefícios), consome vitorioso todas as cidades (do inimigo), e (todas as suas) coisas preciosas; (tu), o devidamente adorado, o conhecedor de tudo o que nasce, (sê para nós) o condutor do primeiro grande sacrifício preservador.<sup>4</sup>

**5.** Destruidor (do mundo), tu que és radiante e dotado de inteligência, celebra muitos ritos sagrados impecáveis em honra dos deuses, e reprimindo (a tua impaciência), transporta até eles como um vagão o nosso alimento (sacrificial); ilumina (com teus raios) os belos céu e terra.

**6.** Sê propício, derramador (de benefícios); concede alimento (farto), Agni; (faze) o céu e a terra nos darem leite; divino (Agni), associado aos deuses, resplandecendo com esplendor brilhante, não deixes a má vontade de qualquer mortal prevalecer contra nós.

**7.** Dá, Agni, ao ofertante da oblação, terra a concessora de gado, os meios de muitos ritos sagrados, tal que ela possa durar por muito tempo; que haja para nós filhos e netos, e que a tua graça, Agni, seja produtiva de bem para nós.<sup>5</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 16 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 15. Agni (Griffith)

**1.** Resplandecente com teu brilho de ampla extensão, dissipa os terrores dos demônios que nos odeiam. Que o sublime Agni seja o meu guia e refúgio, o facilmente invocado, o bom Protetor.

---

<sup>1</sup> *Dviṣo rakṣaso amīvāḥ*; Sāyaṇa explica *amīva* ou como um epíteto dos Rākṣasas, livres de doença, vigorosos, fortes, ou talvez um sinônimo de *Piśācika*, como pairando sobre o sacrifício, a fim de interrompê-lo; Mahīdhara, *Yajur-Veda*, ii. 49, o apresenta no sentido de *vyādhi*, doença, mantém longe as doenças.

<sup>2</sup> Alguns, diz o comentador, realizam a adoração do fogo antes do nascer do sol, alguns depois que o sol nasceu.

<sup>3</sup> *Tanvā sujātaḥ*, bem-nascido com um corpo, isto é, com chamas; ou pode significar auto-nascido, *svayambhū*, de acordo com o comentário.

<sup>4</sup> Do Jyotiṣṭoma, que, de acordo com outro texto, é o primeiro e o mais importante dos sacrifícios.

<sup>5</sup> Veja acima 3.7.11.

2. Sê para nós, agora enquanto a manhã está raiando, sê um guardião quando o Sol tiver subido. Aceita, como os homens aceitam uma criança legítima, o meu louvor, ó Agni nascido nobremente em corpo.
3. Touro, que vês os homens, através de muitas manhãs, entre as escuras<sup>6</sup> resplandece vermelho, ó Agni. Guia-nos, bom Senhor, e nos conduz através dos problemas; ajuda a nós que ansiamos, Deus mais jovem, por riqueza.
4. Resplandece, um Touro invencível, ó Agni, ganhando por conquista todas as fortalezas e tesouros, tu Jātavedas que és hábil em guiar, o Líder do principal grande sacrifício salvador.<sup>7</sup>
5. Iluminando os Deuses aqui, Agni, o Cantor mais sábio, traze para nós abrigos numerosos e perfeitos. Traze vigor, como um carro que recolhe saque; traze-nos, ó Agni, os belos Céu e Terra.
6. Cresce, ó Touro, e dá àqueles poderes um impulso, até a Terra e o Céu que produzem seu leite<sup>8</sup> em abundância, brilhando, ó Deus, com os Deuses em esplendor luminoso. Não deixes que a malevolência de um mortal nos obstrua.
7. Agni, como alimento sagrado, para o teu invocador, dá riqueza em gado, duradoura, rica em maravilhas. Para nós que nasça um filho e prole que se propague. Agni, que essa tua vontade benevolente seja dirigida a nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 16 \(Griffith\)](#)

## Hino 15. Agni (Oldenberg)

MAÑÐALA 3, HINO 15.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 15.

1. Flamejante com a tua ampla corrente de luz espanta os demônios, feiticeiros, pragas. Que eu resida na proteção do grande (deus) que protege bem, sob a orientação de Agni que ouve prontamente o nosso chamado.
2. Sê nosso protetor quando essa aurora resplandece, sê (nosso protetor), quando o sol nasceu. Nutre, ó Agni, bem-nascido em corpo, este louvor meu como (um homem se alegra) no nascimento (de um filho), em sua própria prole.
3. Contemplando os homens, brilha depois de muitas (auroras), ó touro, Agni, vermelho nas (noites) escuras. Ó Vasu! Guia-nos e leva-nos através da angústia. Ajuda-nos, os Uśijs,<sup>9</sup> por riqueza, tu o mais jovem (dos deuses)!
4. Brilha, ó Agni, tu o touro invencível, que tens conquistado todas as fortalezas e todos os prazeres, o líder do primeiro, do protetor,<sup>10</sup> poderoso sacrifício, ó Jātavedas, o melhor guia.
5. Ó cantor, tu que és sábio, resplandecendo brilhantemente em direção aos deuses, traze para nós teus muitos abrigos perfeitos, e ganho como um carro vitorioso; Agni, (traze para cá) em direção a nós os dois mundos bem estabelecidos (Céu e Terra).

<sup>6</sup> Na escuridão das noites.

<sup>7</sup> [Veja as notas 4 e 10.]

<sup>8</sup> Chuva e toda influência fertilizante.

<sup>9</sup> O poeta compara a si mesmo e seus amigos com a tribo sacerdotal mítica dos Uśijs (Bergaigne, *Religion Védique*, I, 57 seg.), usando, como parece, ao mesmo tempo, a palavra *uśijaḥ* em seu sentido adjetivo 'os desejosos'.

<sup>10</sup> O texto está correto? Acho que *pāyoḥ* deve ser corrigido para *pāyo* ou *pāyūḥ*; 'o líder e protetor do primeiro sacrifício poderoso'. O erro pode ter sido causado pelos genitivos que cercam a palavra.

6. Ó touro, aumenta e suscita nossos ganhos. Agni! (Aumenta) para nós os dois mundos (Céu e Terra) ricos em leite, ó Deus junto com os deuses, resplandecendo com brilho belo! Que o ódio de um mortal nunca nos cerque.

7 = 3.1.23.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 16 \(Oldenberg\)](#)

---

## Hino 16. Agni (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus e o Ṛṣi são os mesmos; a métrica dos versos ímpares é Bṛhatī; dos ímpares, Sato-bṛhatī.

Varga 16. **1.** Este Agni é o senhor do heroísmo e de grande boa sorte; ele é o senhor da riqueza que consiste em progênie e gado; ele é o senhor dos matadores de Vṛtra.<sup>1</sup>

**2.** Maruts, líderes (de ritos), associem-se com esse aumentador (de nossa prosperidade), em quem (residem) riquezas que contribuem para a felicidade, vocês que (são vitoriosos) sobre (seus) inimigos em batalha, que humilham (seus inimigos) diariamente.

**3.** Faze-nos prosperar, opulento Agni, derramador (de benefícios), com riquezas compostas por vigor, progênie numerosa, saúde e felicidade.

**4.** Ele que é o criador permeia todos os mundos; ele o criador duradouro (de todos) leva as nossas oferendas para os deuses; ele está presente com os (adoradores) devotos e entre o heroísmo e as devoções dos homens.

**5.** Não nos entregues, Agni, à malignidade; não (nos condenes) à ausência de posteridade; nem, filho da força, à falta de gado, nem à repreensão; afasta (todas as) animosidades.

**6.** Auspicioso Agni, confere (a nós) no rito, alimento (a fonte de) felicidade e renome.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 17 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 16. Agni (Griffith)

**1.** Este Agni é o Senhor de grande felicidade e força de herói; Senhor da prosperidade rica em filhos, fortuna em rebanhos de vacas; Senhor dos combates com o inimigo.

**2.** Acompanhem, Maruts, Heróis, a ele o que faz prosperar em quem se encontra riqueza que aumenta bem-aventurança; que<sup>2</sup> em lutas sempre vencem os homens de coração mau, que subjagam o inimigo.

**3.** Como tal, ó Agni, dá-nos riqueza e poder de herói, ó Generoso! Os mais elevados,<sup>3</sup> muito gloriosos, ricos em descendência, livres de doenças e cheios de energia.

**4.** Aquele que fez tudo o que vive, que excede todos em poder, que ordena serviço aos Deuses, ele opera entre os Deuses, ele opera na força de herói, sim, também no louvor dos homens.

---

<sup>1</sup> *Vṛtrahathānām īṣe*, mas aqui *Vṛtra* pode implicar um inimigo, ou iniquidade.

<sup>2</sup> Referindo-se aos Maruts; os verbos estando na terceira pessoa.

<sup>3</sup> Esses epítetos qualificam riqueza e poder de herói.



5. Não nos abandones à indignância, Agni, nem à falta de filhos heróis, nem, filho da força, à falta de gado, nem à censura. Afugenta os nossos inimigos.
6. Ajuda-nos para a força, abençoado Agni! rica em descendência, abundante, em nosso sacrifício. Inunda-nos com riquezas ainda mais abundantes, que trazem bem-estar, com grande renome, ó mais Glorioso!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 17 \(Griffith\)](#)

## Hino 16. Agni (Oldenberg)

MAÑDALA 3, HINO 16.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 16.

1. Este Agni governa sobre abundância em homens valentes, sobre grande felicidade. Ele governa sobre a riqueza que consiste em prole e vacas; ele governa sobre a matança de inimigos.
2. Ó Maruts, ó homens, agarrem-se a este favorecedor que possui bênçãos que promovem alegria – (os Maruts) que em batalhas derrotam (inimigos) de mente má, que têm enganado o inimigo dia após dia.
3. Como tal, ó generoso Agni, prepara<sup>4</sup> para nós riquezas e fartura em homens valentes, que, ó altamente glorioso, possam ser as mais exaltadas,<sup>5</sup> ricas em prole, livres de pragas e poderosas.
4. O criador que (permanece) vitoriosamente acima de todos os seres, o criador que faz o louvor chegar entre os deuses; ele permanece firme entre os deuses, entre a hoste de heróis, firme também no louvor dos homens.
5. Não nos entregues, Agni, à falta de pensamento nem à falta de heróis nem à falta de vacas, ó filho da força, nem ao zombador. Afasta os poderes hostis.
6. Ajuda-nos nesse sacrifício, ó abençoado, com ganho imenso que é acompanhado por prole, ó Agni! Que nós sejamos unidos com riqueza maior, alegradora, gloriosa, ó tu de imenso esplendor!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 17 \(Oldenberg\)](#)

<sup>4</sup> Literalmente, 'afia'.

<sup>5</sup> [De acordo com a nota 3, esses epítetos qualificam riquezas e fartura em homens valentes.]

## Hino 17. Agni (Wilson)

(Sūkta V)

O deus é Agni; o Ṛṣi é Kata o filho de Viśvāmitra; a métrica é Triṣṭubh.

- Varga 17. **1.** O justo (Agni)<sup>1</sup> quando aceso primeiro nos vários (altares), o objeto de adoração por todos, cujo cabelo é chama, e que é purificado com manteiga, o purificador, o dignamente adorado, é aspergido com oblações para o culto dos deuses.
- 2.** Como tu ofereceste a oferenda queimada, Agni, (em nome da) terra; como tu, Jātavedas, que és conhecedor (de ritos sagrados, ofereceste sacrifício em nome) do céu; assim com essa oblação adora os deuses, e aperfeiçoa este rito hoje (como tu fizeste com) aquele de Manu.<sup>2</sup>
- 3.** Três são as tuas existências Jātavedas;<sup>3</sup> três, Agni, são as tuas mães auroras;<sup>4</sup> com elas oferece a oblação dos deuses, e conhecendo (os desejos dele,) sê o concesso de felicidade ao instituidor do sacrifício.
- 4.** Jātavedas, nós veneramos a ti, glorificando o brilhante, belo, adorável Agni; os deuses fizeram de ti seu mensageiro, o desinteressado portador de oblações, o centro de ambrosia.
- 5.** Ele é o mais diligente oferecedor de culto que é o apresentador de oblações antes de ti,<sup>5</sup> e que em dois lugares (o mediano e o melhor) sentado com o alimento sacrificial é (a fonte de) felicidade (para os adoradores); oficia, tu conhecedor (dos objetos de devoção), de acordo com a piedade dele, e desse modo torna o nosso rito aceitável para os deuses.<sup>6</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 18 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 17. Agni (Griffith)

- 1.** Devidamente aceso segundo os costumes antigos, trazendo todos os tesouros, ele é unguido com unguentos, de cabelos de chama, vestido em óleo, o purificador Agni, hábil em ritos justos, para trazer os Deuses para culto.
- 2.** Como tu, ó Agni, hábil Jātavedas, tens sacrificado como Sacerdote da Terra, do Céu, assim com esta oferenda traze os Deuses, e torna próspero esse sacrifício hoje como antigamente para Manu.
- 3.** Três são os teus tempos de vida,<sup>7</sup> ó Jātavedas, e as três manhãs<sup>8</sup> são teus nascimentos, ó Agni. Com essas, conhecendo bem, concede o bondoso favor dos Deuses, e ajuda em impulso e esforço o homem que adora.

---

<sup>1</sup> *Prathamānudharmā*; *dharmā* pode ser considerado como um sinônimo de Agni; ou a construção pode ser *anudharma*, de acordo com a lei ou religião.

<sup>2</sup> Veja Félix Nève sobre o Dilúvio. [*La tradition indienne du déluge dans sa forme la plus ancienne.*]

<sup>3</sup> *Trīṇyāyūṃṣi*, três vidas, como sustentado por manteiga, por combustível, e pela planta Soma.

<sup>4</sup> *Tisra ājānīruṣaṣaḥ*; *ājāni* pode significar irmãs, ou mães; as auroras personificadas como as mães ou as irmãs de Agni, como anteriores ou posteriores ao acendimento do fogo sacrificial no início da manhã; por que 'três' não aparece, a menos que os três fogos diurnos sejam aludidos; como irmãs, um texto é citado por Sāyaṇa atribuindo a elas ofícios separados: uma preserva as pessoas, uma o vigor, uma o reino.

<sup>5</sup> [Veja as notas 9 e 14.]

<sup>6</sup> Essa estrofe é bastante obscura.

<sup>7</sup> É dito que a existência de Agni sobre a terra é tripla como dependente do fornecimento de combustível, manteiga clarificada, e Soma.

4. Agni o mais brilhante e justo com canção nós honramos, sim, o adorável, ó Jātavedas. De ti, enviado, mensageiro, portador de oblações, os Deuses fizeram centro de vida eterna.

5. Aquele Sacerdote antes de ti,<sup>9</sup> ainda mais hábil em culto, estabelecido antigamente, dador de saúde por sua natureza, – conforme o costume dele oferece, tu que conheces, e coloca o nosso sacrifício onde os Deuses possam prová-lo.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 18 \(Griffith\)](#)

## Hino 17. Agni (Oldenberg)

MANDALA 3, HINO 17.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 17.

1. Aquele que é aceso conforme as ordenanças primitivas é ungido com unguentos,<sup>10</sup> o dador de todos os tesouros, ele cujo cabelo é chama, cujo manto imponente é ghee, o purificador, hábil em sacrifício, Agni – que ele possa sacrificar para os deuses.

2. Como tu realizaste, ó Agni, o dever de Hotṛ para a Terra, como tu o fizeste para o Céu, ó Jātavedas, cheio de inteligência, do mesmo modo sacrifica com esta oferenda para os deuses. Torna próspero esse sacrifício hoje como tu fizeste para Manus.

3. Tu tens três vidas, ó Jātavedas, e três nascimentos a partir da Aurora,<sup>11</sup> ó Agni! Sendo sábio, sacrifica com essas para o favor dos deuses, e traze sorte e bem-estar para o sacrificador.

4. Louvando Agni cheio de esplendor, cheio de beleza, nós te adoramos, ó Jātavedas, digno de ser magnificado. De ti os deuses fizeram seu mensageiro, seu administrador,<sup>12</sup> e carregador de oferendas, o centro da imortalidade.

5. Ó Agni, o Hotṛ que antes de ti era um sacrificador excelente, que, de fato,<sup>13</sup> sentou-se e trouxe sorte por si mesmo;<sup>14</sup> sacrifica de acordo com as regras dele, ó inteligente, e estabelece o nosso sacrifício no festim dos deuses.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 18 \(Oldenberg\)](#)

<sup>8</sup> Agni renasce a cada manhã, e o número três parece ser usado somente por causa de conformidade com os três tempos de vida mencionados previamente.

<sup>9</sup> O predecessor mais hábil de Agni provavelmente é o Agni celestial, o sumo sacerdote que sacrifica para os Deuses. O Agni terrestre deve tomá-lo como seu modelo.

<sup>10</sup> Possivelmente o poeta pretendia aludir também ao outro sentido de *aktúbhiḥ*, que significa tanto 'unguentos' quanto 'noites'. As noites tornam Agni visível e o ungem por assim dizer com beleza.

<sup>11</sup> O professor Max Müller traduz: Três vidas são tuas, as auroras são os teus três locais de nascimento, ou três auroras são os teus locais de nascimento.

<sup>12</sup> Veja 1.58.7.

<sup>13</sup> Literalmente, 'duplamente'. Grassmann está certo em observar que os poetas védicos mostram certa predileção pela palavra *dvitā* quando falando de Agni sendo estabelecido e fazendo seu trabalho no sacrifício. O professor Max Müller pensa nos dois lares de Agni, terra e céu.

<sup>14</sup> Sobre o Hotṛ mais antigo do que Agni, comp. Bergaigne, *Religion Védique*, I, 109. Provavelmente isso se refere simplesmente a Agni ou ao fogo usado em sacrifícios anteriores.

## Hino 18. Agni (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus, Ṛṣi, e métrica, como antes.

Varga 18. **1.** Sê disposto favoravelmente, Agni, ao se aproximar de nós (neste rito); sê o realizador (dos nossos objetivos) como um amigo (para um amigo) ou pai (para um filho); visto que os homens são os opressores cruéis dos homens, consome os inimigos que vêm contra nós.

**2.** Atormenta completamente, Agni, os nossos inimigos atacantes, frustrando o propósito do adversário que não oferece culto; dador de habitações, que és conhecedor (de ritos sagrados), atormenta aqueles que não pensam (em atos piedosos), para que os teus (raios) imperecíveis, que permeiam tudo, sempre possam permanecer.

**3.** Desejoso (de riqueza) eu te ofereço, Agni, uma oblação com manteiga e com combustível para a tua velocidade e fortalecimento, louvando-te com uma prece sagrada tanto quanto eu sou capaz; (eu te propicio) para que tu possas tornar esse louvor resplandecente com tesouro infinito.

**4.** Ergue-te, filho da força, com (teu) esplendor quando louvado com hinos, e confere alimento e riqueza abundantes, Agni, aos descendentes de Viśvāmītra<sup>1</sup> celebrando teu louvor; e concede-lhes isenção de doença e perigo; encorajador de obras piedosas (Agni), nós aspergimos repetidamente tua substância (com leite e manteiga).

**5.** Doador generoso (de riquezas), concede a nós os mais preciosos dos tesouros, pois é por esse motivo, Agni, que tu és aceso; tu tens braços prontamente estendidos, cujas formas (radiantes dão) riqueza à residência do teu adorador afortunado.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 19 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 18. Agni (Griffith)

**1.** Agni, sê bom para nós quando nos aproximamos de ti, bom como amigo para amigo, como pai e mãe. As raças da humanidade são grandes opressoras, queima a malignidade que se esforça contra nós.

**2.** Agni, queima os hostis que estão perto de nós, queima a maldição do inimigo que não presta culto. Queima, Vasu, tu que observas bem, os tolos; que os teus ágeis raios eternos te cerquem.

**3.** Com combustível, Agni, e com óleo, desejoso, a minha oferenda eu apresento em busca de força e conquista, com prece, tanto quanto eu tenho poder, adorando – esse hino divino para ganhar cem tesouros.

**4.** Dá com teu brilho, tu Filho da Força, quando louvado, grande força vital para aqueles que se esforçam para servir-te. Dá ricamente, Agni, aos Viśvāmītras em repouso e atividade. Nós temos adornado o teu corpo frequentemente.

**5.** Dá-nos, ó Senhor generoso, grande fartura de riquezas, pois, Agni, assim tu és quando aceso devidamente. Tu no lar feliz do cantor concedes, amplamente com braços estendidos, coisas de beleza.

---

<sup>1</sup> *Viśvāmītreṣu*, aos Viśvāmītras, ou o plural pode ser usado honorificamente no sentido do singular.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 19 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 18. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 18.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 18.

1. Sê bondoso, ó Agni, quando nós nos aproximamos de ti, como um amigo para um amigo, como pais,<sup>2</sup> um líder direto. Pois cheias de fraude são as tribos de homens; queima contra (todos) os poderes malignos de modo que eles não voltem.
2. Queima, ó Agni, os inimigos mais próximos, queima a maldição do malfeitor distante. Queima, ó Vasu, vendo os invisíveis. Que as tuas chamas que nunca envelhecem, que nunca se cansam, se espalhem.
3. Desejando (as tuas bênçãos), ó Agni, por combustível e ghee eu ofereço este alimento sacrificial para (a obtenção de) poder fomentador e de força; adorando-te com minhas palavras tanto quanto eu tenho poder (eu ofereço) essa prece divina para a obtenção de bênçãos (centuplicadas).
4. (Resplandecendo) com tua chama, ó filho da força, louvado (por nós), concede vigor poderoso àqueles que trabalham para ti, sorte radiante e bem-estar, ó Agni, para os Viśvāmitras! Nós temos purificado o teu corpo muitas vezes.
5. Dá-nos tesouros, ó melhor ganhador de riquezas; tal de fato tu és, Agni, quando tu estás aceso. Na casa do louvador abençoado tu tens colocado, junto com riqueza, teus braços poderosos(?),<sup>3</sup> tuas formas maravilhosas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 19 \(Oldenberg\)](#)

---

<sup>2</sup> É bastante estranho que Agni seja comparado com os dois pais. Geralmente são os dois Ásvins, ou o Céu e a Terra, ou o par de Indra e Varuṇa, etc. que são comparados com o pai e a mãe. Sem dúvida em nosso verso o dual foi escolhido por causa da métrica. – Eu não acho que Bollensen (*Orient und Occident*, II, 473) e Kirste (*Bezzenberger's Beiträge*, XVI, 297) estejam certos em acreditar que um dativo de *pitr* é encontrado aqui, e em traduzir: ' como um bom (filho) para seu pai'.

<sup>3</sup> *Karāsna* deve significar algo como 'braço', embora o significado exato seja duvidoso. O professor Max Müller escreve: 'Tu assumiste brilhantemente um corpo com braços flexíveis ou com braços esticados, se nós não lermos *srprakarasnā*'.

## Hino 19. Agni (Wilson)

(Sūkta VII)

O deus e a métrica como antes; o Ṛṣi é Gāthin,<sup>1</sup> um filho de Viśvāmitra.

- Varga 19. **1.** Eu recorro neste sacrifício a Agni, o invocador e louvador (dos deuses), o inteligente, o onisciente, o não iludido; que ele, o adorável, sacrifique por nós aos deuses, (e) aceite as preciosas (oferendas) que nós fazemos por alimento e riquezas.
- 2.** Reverenciando os deuses, eu coloco diante de ti, Agni, a brilhante (oferenda) que produz oblação, concede alimento, carregada de manteiga; que tu (propiciado) pela riqueza apresentada, santifiques (esse) sacrifício pela sua circumambulação.
- 3.** Aquele que é protegido, Agni, por ti, se torna dotado de uma mente mais luminosa; concede a ele progênie excelente; que nós sempre estejamos sob o poder de ti, que és o disposto distribuidor de riquezas; glorificando-te (que nós sejamos) os receptáculos de riqueza.
- 4.** Os sacerdotes ministrantes concentraram em ti, Agni, que és divino, muitas hostes (de chamas); traze para cá os deuses, mais jovem (dos deuses), para que tu possas adorar hoje o esplendor divino.
- 5.** Visto que os atendentes divinos (sacerdotes) te ungem como o invocador dos deuses para oferecer culto no sacrifício, por isso concorda em ser nosso protetor nessa ocasião, e concede alimento abundante aos nossos descendentes.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 20 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 19. Agni (Griffith)

- 1.** Agni, rápido, sábio, infalível, onisciente, eu escolho para ser nosso Sacerdote nesta oblação. No serviço de nossos Deuses ele, o melhor qualificado, adorará; que ele obtenha para nós bênçãos por força e riquezas.
- 2.** Agni, para ti eu ergo a concha alimentada com óleo, brilhante, com uma oferenda, portando a nossa oblação. Da direita, escolhendo a assistência dos Deuses, ele com ricos presentes organizou o culto.
- 3.** De espírito mais perspicaz é o homem que tu ajudas, dá-nos boa prole, tu que dás livremente. Em poder de riqueza os mais ricos em homens, ó Agni, de ti, o Bom, que nós possamos cantar belos louvores.
- 4.** Os homens enquanto eles adoram a ti o Deus, ó Agni, colocaram em ti muitos aspectos brilhantes plenos.<sup>2</sup> Então traze, ó Mais Jovem, a assembleia dos Deuses, a Tropa Celestial que tu honrarás hoje.

---

<sup>1</sup> [De acordo com Oldenberg e Gary Holland, Gāthin é o filho de Kuśika. Ele é o *pai* de Viśvāmitra segundo o *Mahābhārata*, Livro 1, cap. 176 (pág. 347 da versão em português). "De acordo com a *Sarvānukramaṇī*, Gāthi Kauśika é o pai de Viśvāmitra e o filho de Kuśika, mas em alguns outros lugares Kuśika (aqui o avô), é aceito como o pai de Viśvāmitra. Porque ele é dito ser Kauśika então ele é o filho de Kuśika; e em muitos lugares Viśvāmitra é tratado como Ghātina (inclusive na *Bṛhaddevatā* 8:70). Desse modo ele é Viśvāmitra Ghātina, o filho de Gāthi. Isso foi aceito pelo Aitareya Brāhmin (7:18)". – *Rishis and Rishikas*, Prof. Shrikant Prasoan. No *Aitareya Brāhmaṇa*, (7.18), (pág. 470 da tradução inglesa por Martin Haug, de 1863) Viśvāmitra, ao louvar seus filhos, diz: 'Todos os filhos verdadeiros de Viśvāmitra, os netos de Gāthi', e na nota treze afirma-se: 'Gāthi é o pai de Viśvāmitra'.]

<sup>2</sup> Aparência brilhante, ou presença esplêndida.

5. Quando os Deuses te consagram Sacerdote em sua oblação, e te instalam para a tua tarefa como Sacrificador, ó Agni, sê tu aqui o nosso bondoso defensor, e para nós concede o dom da glória.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 20 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 19. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 19.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 19.

1. Eu escolho Agni como Hotṛ nesta refeição sacrificial, o sábio inteligente onisciente e não tolo. Que ele, o sacrificador excelente, sacrifique por nós em meio à hoste de deuses; que ele obtenha dádivas generosas (para nós) por causa de riqueza e força.
2. Para ti, ó Agni, eu estendo a (concha) rica em alimento sacrificial, esplêndida, cheia de dádivas, cheia de ghee. Da esquerda para a direita, escolhendo a hoste dos deuses,<sup>3</sup> ele estabeleceu o sacrifício com presentes e bens.<sup>4</sup>
3. Quem quer que seja favorecido por ti é abençoado com o espírito mais afiado. Favorece-o com uma boa prole, ó Deus rico em favores! Agni, que nós, (residindo) na abundância de riqueza mais viril, sejamos ricos em louvor perfeito a ti, o Vasu.
4. Em ti de fato, ó Agni, homens sacrificadores têm colocado muitas faces de (ti), o deus.<sup>5</sup> Traze aqui então o exército dos deuses, ó mais jovem, quando tu sacrificarás hoje para a hoste divina.<sup>6</sup>
5. Quando os deuses te ungirem como o Hotṛ na refeição sacrificial fazendo-te sentar para o sacrifício, fica aqui, ó Agni, nosso favorecedor, e concede glória aos nossos corpos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 20 \(Oldenberg\)](#)

---

<sup>3</sup> Comp. abaixo, 4.6.3. Essa passagem paralela mostra que *pradaḥṣiniṭ* pertence a *urāṇaḥ*, não a *aśret*. Agni é representado como escolhendo, isto é, convidando o exército dos deuses, por se mover em volta do alimento sacrificial da esquerda para a direita.

<sup>4</sup> Ou, 'com os (divinos) doadores e com os Vasus'.

<sup>5</sup> Eles têm inflamado muitos fogos, cada um dos quais é uma face do deus Agni.

<sup>6</sup> Ou, 'para que tu possas sacrificar', etc.

## Hino 20. Agni (Wilson)

(Sūkta VIII)

Os Viśvadevas são os deuses da primeira e última estrofes; Agni é o deus do resto; o R̥ṣi e a métrica como antes.

Varga 20. **1.** O portador (da oblação) invoca com louvores ao romper do dia, Agni, a aurora, os Ásvins e Dadhikrā;<sup>1</sup> que as divindades resplandecentes, desejosas de nosso sacrifício, ouçam em uníssono (a invocação).

**2.** Agni, nascido de sacrifício, três são as tuas iguarias;<sup>2</sup> três os teus lugares de permanência;<sup>3</sup> três as línguas que satisfazem (os deuses);<sup>4</sup> três de fato são as tuas formas,<sup>5</sup> aceitáveis para os deuses, e com eles nunca desatento (aos nossos desejos), sê propício para os nossos louvores.

**3.** Divino Agni, distribuidor de alimento e que conhece tudo o que existe, muitos são os nomes de ti,<sup>6</sup> que és imortal, o que satisfaz todos os homens, amigo do suplicante, os deuses têm depositado em ti quaisquer que sejam as ilusões dos ilusórios (Rākṣasas).<sup>7</sup>

**4.** O divino Agni é o guia dos homens devotos, como o sol é o regulador das estações do ano; que ele, o observador da verdade, o matador de Vṛtra, o antigo, o onisciente, conduza seu adorador (seguro) ao longo de todas as dificuldades.

**5.** Eu invoco para este rito, Dadhikrā, Agni, a divina Uṣas, Bṛhaspati, o divino Savitr̥, os Ásvins, Mitra e Varuṇa, Bhaga, os Vasus, os Rudras, e os Ādityas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 21 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 20. Agni (Griffith)

**1.** Com louvores ao raiar da manhã o sacerdote invoca Agni, Aurora, Dadhikrās,<sup>8</sup> e ambos os Ásvins. Unânimes os Deuses cuja luz é esplêndida, ansiosos para provar o nosso sacrifício, nos ouvirão.

**2.** Três são os teus poderes,<sup>9</sup> ó Agni, três as tuas posições,<sup>10</sup> três são as tuas línguas,<sup>11</sup> sim, muitas, Filho da Ordem! Tu tens três corpos<sup>12</sup> nos quais os Deuses se deleitam; com esses protege os nossos hinos com cuidado incessante.

**3.** Ó Agni, muitos são os nomes que tu tens,<sup>13</sup> Imortal, Deus, Divino, e Jātavedas. E muitos encantos<sup>14</sup> de encantadores, Inspirador de todos! eles têm colocado em ti, Senhor de atendentes verdadeiros!

---

<sup>1</sup> Isso normalmente significa um cavalo; neste lugar, de acordo com Sāyaṇa, implica certa divindade, *Kāścid-devah*.

<sup>2</sup> Manteiga, combustível, e o Soma.

<sup>3</sup> Três altares, ou os três sacrifícios diários, ou os três mundos.

<sup>4</sup> Os três fogos, Gārhapatya, Āhavanīya, e Dakṣiṇa.

<sup>5</sup> Os três fogos chamados Pāvaka, Pavamāna, e Śuci.

<sup>6</sup> *Bhūrīṇi nāma*, por *nāmāni*; o comentador explica a o substantivo por *tejānsi*, esplendores.

<sup>7</sup> Portanto Agni é capaz de neutralizar os truques deles para perturbar sacrifícios.

<sup>8</sup> Ou Dadhikrā, um ser mítico descrito como um tipo de cavalo divino, e provavelmente uma personificação do Sol da manhã. Ele é invocado de manhã junto com Agni, Uṣas e os Ásvins.

<sup>9</sup> Ou três tipos de alimento fortalecedor. [Veja a nota 2.]

<sup>10</sup> [Nota 3.]

<sup>11</sup> [Nota 4.]

<sup>12</sup> Ou formas como Pāvaka, Pavamāna, e Śuci.



4. Agni, como Bhaga, guia as pessoas bondosas, ele que é fiel à Lei e guarda as estações. Antigo, onisciente, ele o matador de Vṛtra levará o cantor seguro através de todos os problemas.

5. Eu invoco Savitar o Deus, a Manhã, Bṛhaspati e Dadhikrās, e Agni, Varuṇa e Mitra, os Ásvins, Bhaga, os Vasus, Rudras e Ādityas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 21 \(Griffith\)](#)

## Hino 20. Agni (Oldenberg)

MANDALA 3, HINO 20.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 20.

1. O transportador (dos deuses)<sup>15</sup> chama por seus hinos Agni, Uṣas (aurora), os dois Ásvins, Dadhikrā<sup>16</sup> ao amanhecer. Que os deuses ricos em luz, ansiando unanimemente por nosso sacrifício, nos ouçam.

2. Agni, tripla é a tua força; três são as tuas moradas; três são as tuas muitas línguas, ó tu que és nascido em Rta! E três, ó Agni, são os teus corpos amados pelos deuses. Com esses protege as nossas preces incessantemente.

3.<sup>17</sup> Agni! Muitos são os nomes, ó Jātavedas, de ti o imortal, ó deus, auto-dependente! E quaisquer que sejam os poderes secretos dos poderosos,<sup>18</sup> ó tu que animas todos, em ti eles colocaram juntos (aqueles) muitos (poderes), ó (deus) por cujas relações os homens perguntam.

4. Agni é o líder divino das tribos divinas como Bhaga, o guardião das estações,<sup>19</sup> o justo. Que Ele, o matador de Vṛtra,<sup>20</sup> o antigo, o possuidor de toda riqueza, leve o cantor através de todos os problemas.

5. Eu convido para cá Dadhikrā, Agni, e a deusa Uṣas, Bṛhaspati e o deus Savitṛ, os Ásvins, Mitra e Varuṇa e Bhaga, os Vasus, Rudras e Ādityas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 21 \(Oldenberg\)](#)

<sup>13</sup> Ou as naturezas que tu possuis.

<sup>14</sup> Ou poderes sobrenaturais.

<sup>15</sup> O 'transportador' dos deuses é o Hotṛ.

<sup>16</sup> Sobre Dadhikrā ou Dadhikrāvan, o cavalo deificado de Trasadasyu, consulte Pischel, *Vedische Studien*, I, 124; Ludwig, vol. IV, p. 79; H. O., *Religion des Veda*, 71. O professor Max Müller escreve: 'Parece-me alguma forma de Agni geralmente em companhia de deuses matutinos'.

<sup>17</sup> O leitor que comparar essa passagem com 19.4 observará uma semelhança geral apontando para a conclusão de que ambos os versos pertencem ao mesmo autor.

<sup>18</sup> *Māyā māyinām*: comp. sobre a ideia de Māyā, H. O., *Religion des Veda*, 163, 294.

<sup>19</sup> Talvez *ṛtupāḥ* deve ser mudado para *ṛtapāḥ* 'o deus que protege a Rta, o justo'.

<sup>20</sup> Ou 'o matador de inimigos'.

## Hino 21. Agni (Wilson)

(Sūkta IX)

O deus é Agni; o R̥ṣi, Gāthin; a métrica do primeiro e quarto versos é Triṣṭubh; do segundo e do terceiro Anuṣṭubh; e do quinto Sato-bṛhatī.<sup>1</sup>

- Varga 21. **1.** Leva o nosso sacrifício, Jātavedas, para os imortais, e aceita essas oblações; Agni, invocador (dos deuses), sentado (no altar) compartilha primeiro das gotas<sup>2</sup> da medula e da manteiga.
- 2.** As gotas de medula carregadas com manteiga caem, purificador, para ti, no teu próprio rito, para o sustento dos deuses; portanto, concede-nos afluência excelente.
- 3.** As gotas (de medula) pingando com manteiga são oferecidas, Agni, a ti que és sábio; tu o R̥ṣi mais excelente estás aceso; sê o protetor do sacrifício.
- 4.** Irreprimível e poderoso Agni, as gotas de medula e de manteiga gotejam para ti; portanto, tu, que és louvado pelos sábios, vem com grande esplendor, e fica satisfeito, sempre inteligente Agni, com as nossas oblações.
- 5.** Nós apresentamos para ti a medula mais densa que foi extraída por ti do interior (da vítima);<sup>3</sup> concessor de residências, as gotas caem para ti sobre a pele; as distribui entre os deuses.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 22 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 21. Agni (Griffith)

- 1.** Coloca este nosso sacrifício entre os Imortais; fica satisfeito com estes nossos presentes, Jātavedas. Ó Sacerdote, ó Agni, senta-te diante de nós, e desfruta primeiro as gotas de óleo e gordura.
- 2.** Para ti, ó Purificador, fluem as gotas de gordura, ricas em óleo. De acordo com o teu costume concede-nos a benção mais seleta para que os Deuses possam se banquetear.
- 3.** Agni, o mais excelente! para ti o Sábio são as gotas que pingam com óleo. Tu és aceso como o melhor dos Videntes. Auxilia o sacrifício.
- 4.** Para ti, ó Agni, poderoso e irresistível, para ti brotam as gotas de óleo e gordura. Com grande luz tu vieste, ó louvado por poetas! Aceita a nossa oferenda, ó Sábio.
- 5.** Gordura extremamente rica, extraída do meio,<sup>4</sup> – essa como nosso presente nós te oferecemos. Deus excelente, as gotas escorrem sobre a tua pele. As distribui para cada um entre os Deuses.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 22 \(Griffith\)](#)

---

<sup>1</sup> [*Virādrūpā Satobrhatī*; isto é, *Satobrhatī* do tipo *Virāt*.]

<sup>2</sup> *Stokāh*, geralmente significando uma pequena porção, é explicado completamente por *vindavaḥ*, gotas; o hino, de acordo com Sāyaṇa, é próprio para sacrifícios de animais, *paśu-yāgam*.

<sup>3</sup> *Ojiṣṭhaṃ te madhyato meda udbhṛtaṃ*; o *medas* ou *vapā* é descrito como a matéria gordurosa que lubrifica o abdômen como manteiga coagulada; ela é, evidentemente, a mesma que é descrita no *Antigo Testamento* como 'a gordura que cobre as vísceras, e toda a gordura que está sobre as vísceras'. *Levit.* iv. 9, etc.

<sup>4</sup> [Veja a nota anterior.]

## Hino 21. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 21.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 21.

- 1.<sup>5</sup> Leva este nosso sacrifício para os imortais; aceita benevolentemente essas oferendas, ó Jātavedas. Ó Agni, compartilha das gotas de gordura e ghee, ó Hotr, tendo te sentado como o primeiro.
2. Para ti, ó purificador, as gotas de gordura misturadas com ghee escorrem. Ó (deus) que segues as tuas próprias ordenanças, dá-nos a melhor bênção para este festim para o qual os deuses vêm avidamente.
3. A ti, o sacerdote, ó Agni, (pertencem) as gotas pingando com ghee, ó bom! Tu és aceso como o melhor Ṛṣi. Sê um favorecedor de nosso sacrifício!
4. Para ti, ó generoso, cheio de poder, as gotas de gordura e ghee escorrem, ó Agni! Louvado pelos sábios tu vens para cá com luz poderosa. Aceita benevolentemente as oferendas, ó sábio!
5. Para ti a gordura mais rica<sup>6</sup> foi retirada do meio. Nós a damos para ti. Na tua pele, ó Vasu, as gotas escorrem. Aceita-as ansiosamente para cada um dos deuses.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 22 \(Oldenberg\)](#)

---

<sup>5</sup> O hino pertence ao ritual de sacrifício animal. Ele deve ser recitado, de acordo com a prescrição dos textos védicos posteriores, enquanto a *vapā* (omento) do animal sacrificial é assada e as gotas de gordura pingam dela. Veja Schwab, *Das Altindische Thieropfer*, p. 114 e seguintes, e os textos *Sūtra* citados por ele (por exemplo, *Āśvalāyana Śrautasūtra* 111, 4, 1).

<sup>6</sup> *Vapākhyam havīḥ*, Sāyaṇa. Essa explicação é evidentemente correta. Depois que o animal sacrificial foi morto, o omento, que é muito rico em gordura, é tirado primeiro de seu corpo e oferecido. Veja H. O., *Die Religion des Veda*, 360 e seguintes.

## Hino 22. Agni (Wilson)

(Sūkta X)

Cinco fogos<sup>1</sup> são as divindades; o R̥ṣi como antes; a métrica da quarta estrofe é Anuṣṭubh; do resto, Triṣṭubh.

Varga 22. **1.** Este é aquele Agni em quem Indra, desejoso (da oblação), colocou o Soma derramado em (sua própria) barriga;<sup>2</sup> tu és louvado por nós, Jātavedas, desfrutando o alimento sacrificial de muitos tipos como um corcel rápido (desfrutando muitos prazeres na batalha).<sup>3</sup>

**2.** Adorável Agni, o teu esplendor que está no céu, na terra, nas plantas, nas águas, e com o qual tu cobres o firmamento,<sup>4</sup> aquele, é brilhante e resplandecente, contemplando do alto o homem, (vasto como) o oceano.

**3.** Tu te moves, Agni, para o vapor no céu;<sup>5</sup> tu congregas as divindades que são os ares vitais<sup>6</sup> (do corpo); tu animas as águas na região luminosa acima do sol,<sup>7</sup> bem como aquelas que estão no firmamento abaixo.

**4.** Que os fogos benignos chamados purīṣyas,<sup>8</sup> junto com os instrumentos (que cavaram os poços nos quais eles estão colocados) combinados, aceitem o sacrifício (e nos concedam) alimento saudável e abundante.

**5.** Concede, Agni, ao ofertante da oblação, terra, a dadora de gado, os meios de muitos ritos sagrados, tal que ela possa durar por muito tempo; que possa haver para nós filhos e netos, e que a tua benevolência, Agni, seja produtiva de benefício para nós.<sup>9</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 23 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 22. Agni (Griffith)

**1.** Este é aquele Agni de onde<sup>10</sup> o ansioso Indra tomou o Soma espremido profundamente dentro de seu corpo. Ganhador de despojos aos milhares, como um corcel, com louvor tu és exaltado, Jātavedas.

---

<sup>1</sup> *Pañcacitirūpā agnayo devatā*, cada verso é dito ser recitado separadamente enquanto o Adhvaryu constrói uma cova ou um altar, *iṣṭaka*, para coletar, *cayana* ou *citi*, um fogo sacrificial; o hino ocorre na mesma ordem no *Yajush*, XII. 47, 51.

<sup>2</sup> *Dadhe jaṭhare, svodare dadhāra*; mas o verbo também é aplicado a *yasmin*, o fogo no qual o Soma foi colocado.

<sup>3</sup> *Sahasriṇam vājamatyam na saptim sasavān*, desfrutando de alimento mil vezes como um cavalo rápido; como um cavalo que goza de diversas propriedades no campo de batalha, é a explicação de Sāyaṇa, a qual não ilustra muito a comparação; Mahīdhara apresenta as palavras em um sentido totalmente diferente, [por exemplo:] *sahasriṇam*, ele vincula a *somaṃ*, digno de mil libações.

<sup>4</sup> Agni, respectivamente, como o sol, como o fogo sacrificial, como o fogo que é aceso por atrito da madeira, como fogo submarino e como vento.

<sup>5</sup> Isto é, na forma de fumaça.

<sup>6</sup> Mahīdhara concorda com Sāyaṇa em explicar *dhiṣṇyā* por *prānā*, ou os devas que presidem os ares vitais.

<sup>7</sup> Diz-se que *rocana* é o *loka* ou região onde a radiância ígnea queima, acima do sol.

<sup>8</sup> *Purīṣyāso aghnayaḥ*; Sāyaṇa explica o termo como: misturados com areia; Mahīdhara: bons para os animais; *Purīṣam* ocorre no *Nirukta* entre os sinônimos de água, e em outros lugares é explicado como aquilo que satisfaz ou que sacia – *Nir.* ii. 22.

<sup>9</sup> [3.1.23;] 3.7.11.

<sup>10</sup> Literalmente, no qual; que é derramado em quem ou qual.

2. Aquela tua luz no céu e na terra, ó Agni, nas plantas, ó Santo, e nas águas, com a qual tu tens expandido largamente a região do meio do ar – brilhante é aquele esplendor, ondulante, contemplador do homem.
3. Ó Agni, para o mar do céu tu vais, tu chamaste para cá os Deuses vistos em espírito. As águas, também, vêm para cá, aquelas no alto lá no reino de luz do Sol, e aquelas abaixo dele.
4. Que os fogos que residem na névoa, combinados com aqueles que têm seus lares nas torrentes, sinceros aceitem o nosso sacrifício, grandes iguarias livres de toda doença.
5. Agni, como alimento sagrado para o teu invocador dá riqueza em gado, duradoura, rica em maravilhas. Para nós que nasça um filho e prole que se propague. Agni, que essa tua vontade benevolente seja dirigida a nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 23 \(Griffith\)](#)

## Hino 22. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 22.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 22.

- 1.<sup>11</sup> Esse é aquele Agni com quem o desejoso Indra tomou o espremido Soma em seu corpo. Tendo obtido força milhares de vezes como um cavalo, um cavalo de corrida, tu és louvado, ó Jātavedas!
2. Teu esplendor, ó Agni, que reside no céu e na terra, nas plantas, ó venerável, e nas águas, com o qual tu tens te espalhado pelo amplo ar – aquela tua luz é feroz, ondulante, contempladora do homem.
3. Agni, tu vais para as torrentes do céu. Tu tens falado aos deuses que são generosos (?).<sup>12</sup> (Tu vais) para as águas que (residem) no alto no éter do Sol, e para aquelas que se aproximam abaixo.
4. Que os fogos do solo, unidos com aqueles nas encostas,<sup>13</sup> sem malícia aceitem benevolentemente o nosso sacrifício e alimento abundante livre de toda praga.
- 5 = 3.1.23.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 23 \(Oldenberg\)](#)

<sup>11</sup> Veja, na nota no verso 4, uma conjetura sobre o uso ritual para o qual o hino foi composto. Uma espécie de comentário sobre este hino é encontrado no *Śatapatha Brāhmaṇa* VII, 1, 1, 22 e seguintes.

<sup>12</sup> Na tradução de *dhiṣṇya* eu segui Pischel, *Vedische Studien*, II, 87, embora essa tradução seja bastante incerta. O significado deveria ser: 'os deuses que residem nos altares *dhiṣṇya*?

<sup>13</sup> *Agni puriṣya*, ou seja, o fogo que reside no solo, é mencionado com muita frequência nos Mantras pertencentes ao *Agnicayana*, isto é, à construção do altar de tijolo. Agni é considerado como residente no solo utilizado nesse rito. Assim sendo nos textos *Yajus* todo o nosso hino ocorre entre os textos a serem recitados no *Agnicayana* (*Taittirīya Samhitā*, IV, 2, 4, 2, etc.; compare também *Āśvalāyana Śrautasūtra* IV, 8, 20). Talvez nós possamos conjeturar, portanto, que o rito *Agnicayana* em sua forma mais simples já era conhecido na época do *Ṛg-Veda*, e que o nosso hino era destinado a ele. – Os fogos *prāvaṇa* (fogos residentes nas encostas) podem ser os fogos residentes nos rios que descem os *pravaṇas* ou declives.

## Hino 23. Agni (Wilson)

(Sūkta XI)

O deus é Agni; os Ṛṣis são Devaśravas e Devavāta, filhos de Bharata; a métrica é Triṣṭubh, exceto na terceira estrofe, na qual ela é Sato-br̥hatī.

- Varga 23. 1. Agitado (pela fricção dos bastões), devidamente colocado na câmara de sacrifício, o jovem e sábio líder do rito, Jātavedas, o imperecível Agni, (ardendo) em meio a florestas que se esgotam, nos concede nessa ocasião (alimento) ambrosíaco.
2. Os dois filhos de Bharata, Devaśravas e Devavāta, agitaram o muito poderoso e concesso de riqueza Agni; contempla-nos, Agni, com vastas riquezas, e sê aquele que traz alimento (para nós) todos os dias.
3. Os dez dedos têm gerado esse antigo (Agni); louva, Devaśravas, esse bem-nascido, amado (filho) de seus pais,<sup>1</sup> gerado por Devavāta, Agni, que é o servo dos homens.
4. Eu te coloco em um excelente local de terra<sup>2</sup> em um dia auspicioso dos dias; Agni, brilha nas (margens) frequentadas<sup>3</sup> dos rios Dṛṣadvati, Āpayā e Sarasvatī.
5. Concede, Agni, ao ofertante da oblação, terra, a dadora de gado, os meios de muitos ritos sagrados, tal que ela possa durar por muito tempo; que possa haver para nós filhos e netos, e que a tua benevolência, Agni, seja produtiva de benefício para nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 24 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 23. Agni (Griffith)

1. Friccionado à vida, bem estabelecido na residência, Líder de sacrifício, o Sábio, o Jovem, aqui no combustível que define, Jātavedas, eterno, assumiu existência imortal.
2. Ambos os Bhāratas,<sup>4</sup> Devaśravas, Devāvata, friccionaram fortemente à vida o eficaz Agni. Ó Agni, procura sem demora<sup>5</sup> amplas riquezas; sê, a cada dia, portador de alimento para nos nutrir.
3. A ele nascido nobremente antigamente os dez dedos produziram, ele a quem suas Mães<sup>6</sup> consideravam querido. Louva o Agni de Devāvata, tu Devaśravas, ele<sup>7</sup> que será o Senhor do povo.
4. Ele<sup>8</sup> te colocou no lugar mais encantador da terra,<sup>9</sup> no lugar de Iḷā,<sup>10</sup> em dias de tempo bom favorável. Sobre o homem, sobre Āpayā, Agni! sobre os rios Dṛṣadvati, Sarasvatī,<sup>11</sup> brilha ricamente.

---

<sup>1</sup> Os dois pedaços de pau que foram friccionados por Devavāta.

<sup>2</sup> *Pr̥thivyā iḷāyāspade*, na pegada de terra na forma de uma vaca, de acordo com Sāyaṇa, isto é, no altar do norte.

<sup>3</sup> *Mānuṣī*, relativo ao homem ou a Manu, é dito implicar *manuṣyasancaraviṣaye tīre*, em uma margem, um lugar frequentado por homens; os rios Dṛṣadvati e Sarasvatī são bem conhecidos; o Āpayā não ocorreu antes.

<sup>4</sup> Filhos de Bharata, os dois Ṛṣis do hino.

<sup>5</sup> [Veja a nota 15.]

<sup>6</sup> Os dois bastões de fogo a partir dos quais Agni vem à vida.

<sup>7</sup> [Veja a nota 18.]

<sup>8</sup> O adorador.

<sup>9</sup> Segundo Sāyaṇa, o altar do norte.

<sup>10</sup> O lugar de prece e louvor.

5. Agni, como alimento sagrado para o teu invocador dá riqueza em gado, duradoura, rica em maravilhas. Para nós que nasça um filho e prole que se propague. Agni, que essa tua vontade benevolente seja dirigida a nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 24 \(Griffith\)](#)

---

### Hino 23. Agni (Oldenberg)

MANḌALA 3, HINO 23.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 23.

1. Produzido por atrito, bem preservado em sua morada, o jovem sábio, o líder do culto, Agni sempre jovem nas florestas<sup>12</sup> que envelhecem – Jātavedas, aqui assumiu imortalidade.<sup>13</sup>
2. Os dois Bharatas,<sup>14</sup> Devaśravas e Devavāta, em meio à riqueza têm produzido pelo atrito Agni o (deus) hábil. Agni, procura sem demora riqueza poderosa, e, então sê<sup>15</sup> para nós um guia de alimento dia a dia.
- 3.<sup>16</sup> Os dez dedos o levaram ao nascimento, o antigo, amado (Agni), bem nascido em suas mães.<sup>17</sup> Louva, ó Devaśravas, o Agni de Devavāta que<sup>18</sup> deve ser o senhor do povo.
4. Eu te<sup>19</sup> estabeleci<sup>20</sup> no melhor (local) da terra, no lugar de Iḷā,<sup>21</sup> nos dias auspiciosos. Ó Agni, como o deus que tem pertencido a Manus,<sup>22</sup> brilha com riqueza no Dr̥ṣadvati, no Āpayā, no Sarasvatī.
- 5 = 3.1.23.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 24 \(Oldenberg\)](#)

---

<sup>11</sup> Dr̥ṣadvati e Sarasvatī são rios bem conhecidos (veja 1.3.10). Āpayā, que não é mencionado em outro lugar, parece ter sido um rio pequeno na mesma vizinhança, perto dos primeiros assentamentos dos imigrantes arianos.

<sup>12</sup> As 'florestas' são o combustível. 'Será que o poeta quer dizer: Nunca consumido na madeira ou florestas consumidas, ou seja, o fogo queima e é mantido vivo, enquanto a madeira é queimada?' Max Müller.

<sup>13</sup> Ou, 'ele recebeu a bebida da imortalidade' – o que pode se referir ao ghee oferecido no fogo.

<sup>14</sup> Sobre a tribo dos Bharatas tendo seus lugares, como o verso 4 parece mostrar, nas margens do Sarasvatī e do Dr̥ṣadvati, consulte H. O., *Buddha* (primeira edição), 413 e seguintes.

<sup>15</sup> Esse é um imperativo, significando uma ordem para ser realizada depois de outra coisa ter sido feita ou acontecido. Agni primeiro deve olhar em volta (*vi paśya*), e deve então se tornar (*bhavatāt*) um guia de alimentos, isto é, ele deve conduzir fartura de alimento para a casa do adorador.

<sup>16</sup> Esse Satobrhatī, sozinho entre versos Triṣṭubh, deve ser considerado como formando um dístico com o verso 2? Comp. H. O., *Die Hymnen des Rigveda*, vol. i, p. 102, nota 7.

<sup>17</sup> As madeiras.

<sup>18</sup> Agni, não Devavāta, é aludido.

<sup>19</sup> Agni é abordado.

<sup>20</sup> Ou, 'ele estabeleceu'. A forma pode ser a primeira ou terceira pessoa, presente ou perfeito.

<sup>21</sup> O melhor lugar da terra, o lugar de Iḷā (ou seja, da nutrição que vem da vaca, do ghee oferecido para Agni) é o solo sacrificial ou mais especialmente o local no qual o fogo sacrificial está estabelecido.

<sup>22</sup> Ou 'aos homens'.

## Hino 24. Agni (Wilson)

(Sūkta XII)

O deus é Agni; o Ṛṣi Viśvāmitra; a métrica do primeiro verso é Anuṣṭubh; do resto, Gāyatrī.

Varga 24. **1.** Repele, Agni, exércitos (hostis); afugenta (todos os) atacantes; insuperável, vencedor de inimigos, dá alimento para o instituidor desse sacrifício.<sup>1</sup>

**2.** Agni (que és) imortal e que és satisfeito por oblações, tu estás aceso sobre o altar; fica satisfeito com esse nosso sacrifício.

**3.** Agni, filho da força, vigilante (no exercício da)<sup>2</sup> tua energia, toma o teu lugar quando invocado sobre a grama sagrada (espalhada em) meu (sacrifício).

**4.** Agni, com todos os fogos divinos, respeita os louvores daqueles que em (seus) sacrifícios são (teus) adoradores (especiais).

**5.** Concede, Agni, ampla riqueza e progênie ao doador (da oblação); nos torna prósperos, possuidores de prole.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 25 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 24. Agni (Griffith)

**1.** Agni, subjuga bandos opositores, e afugenta os nossos inimigos.

Invencível, mata inimigos ímpios; dá esplendor ao adorador.

**2.** Aceso com libação, Agni, tu, imortal, que chamas os Deuses para o banquete, Aceita o nosso sacrifício com alegria.

**3.** Com esplendor, Agni, Filho da Força, tu que és adorado, Vigilante, Senta-te nessa minha grama sagrada.

**4.** Com todos os teus fogos, com todos os Deuses, Agni, exalta as canções que nós cantamos. E os homens vivos em ritos sagrados.

**5.** Concede, Agni, ao adorador prosperidade rica em heróis, fartura abundante, Nos torna ricos com muitos filhos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 25 \(Griffith\)](#)

---

<sup>1</sup> *Yajur-Veda*, ix. 37.

<sup>2</sup> *Dyumnena jāghṛve*, é explicado como *svatejasā sarvadā jāgaraṇopeta*, sempre dotado de sua vigilância pelo próprio brilho ou energia, *loka rakṣārtham*, para a preservação do mundo.



## Hino 24. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 24.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 24.

1. Agni, sê vitorioso em batalhas; empurra para longe os conspiradores. Difícil de derrotar, derrotando os poderes malignos, confere esplendor ao (adorador) que equipa o sacrifício como um veículo.<sup>3</sup>
2. Agni, tu és aceso com nutrição,<sup>4</sup> o ofertante imortal de um banquete (para os deuses). Aceita benevolmente o nosso culto.
3. Agni, vigilante, filho da força, em quem oferendas são derramadas, senta-te com teu esplendor nessa minha grama sacrificial.
4. Agni, juntamente com todos os Agnis, com os deuses exalta as nossas preces e aqueles que são respeitosos nos sacrifícios.
5. Agni, dá riqueza para o adorador, abundância de homens valentes; favorece-nos<sup>5</sup> para que nós possamos ser ricos em filhos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 25 \(Oldenberg\)](#)

---

<sup>3</sup> Veja 3.8.3.

<sup>4</sup> *Iṭā*: designando especialmente o alimento que vem da vaca (personificado como Iṭā), como o ghee.

<sup>5</sup> Literalmente, 'afia-nos'.

## Hino 25. Agni (Wilson)

(Sūkta XIII)

O deus é Agni; como antes, mas Indra também é incluído no quarto verso; o Ṛṣi é Viśvāmitra; a métrica, Virāj.<sup>1</sup>

- Varga 25. **1.** Agni, que és onisciente, e o discriminador (de atos), tu és o filho do céu ou o filho da terra; tu, que és inteligente, adora individualmente os deuses nesta ocasião.
- 2.** O sábio Agni concede faculdades (que asseguram prosperidade e descendentes); adornando (o mundo com brilho) ele dá (alimento sacrificial) para os imortais; Agni, (para quem) muitas oblações (são oferecidas), traze para cá para nós os deuses.
- 3.** Agni, o não confundido, o regente (do mundo), o radiante, associado com vigor e alimento, ilumina os pais imortais divinos de todas as coisas, o céu e a terra.
- 4.** Agni, que tu e Indra, deuses que não desdenham (o nosso rito), venham para o sacrifício na casa do ofertante da libação para beber o suco Soma.
- 5.** Agni, filho da força, Jātavedas o eterno, percorrendo as regiões habitadas com a tua proteção tu és aceso na residência das águas.<sup>2</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 26 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 25. Agni (Griffith)

- 1.** Tu és o sábio Filho de Dyaus, ó Agni, sim, e o Filho da Terra, que conhece todas as coisas. Traze os Deuses especialmente, tu Sábido, para a adoração.
- 2.** Agni o sábio dá a força de heróis, concede alimento fortalecedor, preparando-o por néctar. Tu que és rico em alimento traze os Deuses para cá.
- 3.** Agni, infalível, ilumina a Terra e o Céu, Deusas imortais benevolentes para todos os homens, – Senhor por sua força, esplêndido por adorações.
- 4.** Venham para o sacrifício, Agni e Indra; venham à casa do ofertante que tem o Soma. Venham, dispostos amigavelmente, Deuses, para beber o Soma.
- 5.** No lar das torrentes<sup>3</sup> tu és aceso, Agni, ó Jātavedas, Filho da Força, eterno, Exaltando com tua ajuda os lugares de reunião.<sup>4</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 26 \(Griffith\)](#)

---

<sup>1</sup> [Ou Virāj, uma forma de Triṣṭubh consistindo em três em vez de quatro pādas de onze sílabas cada. – Griffith, edição de 1889.]

<sup>2</sup> Isto é, como o relâmpago no firmamento.

<sup>3</sup> No firmamento, o lar das águas aéreas.

<sup>4</sup> Os mundos ou regiões habitadas por seres vivos, de acordo com Sāyaṇa.

## Hino 25. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 25.  
AṢṬAKA 3, ĀDHYĀYA 1, VARGA 25.

1. Agni, tu és para sempre o filho sábio do Céu e da Terra, o todo-rico. Do teu modo peculiar sacrifica aqui para os deuses, ó inteligente!
2. Agni, o conhecedor, obtém (para o seu adorador) poderes heroicos; ele obtém (para ele) força, estando ocupado por causa de imortalidade. Traze então os deuses para cá, ó (Agni), rico em alimentos.
3. Agni, o sábio, brilha sobre o Céu e a Terra, as duas deusas imortais que cercam todas as pessoas – ele que governa através de sua força, e que é cheio de luz através de adoração.
4. Agni e Indra, venham para cá para o sacrifício na casa do adorador rico em (Soma) espremido, nunca falhando, ó dois deuses, em beber do Soma.
5. Agni, tu és aceso na casa das águas, (nosso) próprio (deus), ó filho da força, Jātavedas, que exaltas as residências (nas quais tu habitas) pela tua bênção.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 26 \(Oldenberg\)](#)

---

## Hino 26. Agni (Wilson)

(Sūkta XIV)

A divindade do primeiro terceto é Vaiśvānara; do segundo, Agni, com os Maruts; das duas estrofes seguintes, Agni ou Parabrahma; da nona, o próprio Viśvāmitra, que é o Ṛṣi de todas as estrofes, exceto a sétima, a qual se supõe ser proferida por Brahma, ou Agni identificado com o espírito divino; a métrica dos dois primeiros tercetos é Jagatī, do resto, Triṣṭubh.

- Varga 26. **1.** Nós da linhagem de Kuśika oferecendo oblações, desejosos de riqueza, tendo-o contemplado em nossas mentes, invocamos com louvores o divino Vaiśvānara, o observador da verdade,<sup>1</sup> o conhecedor do céu, o generoso, o auriga, o frequentador (de sacrifícios).
- 2.** Nós te invocamos para a nossa própria proteção e para as devoções da humanidade, o radiante Agni, Vaiśvānara, o iluminador do firmamento, o adorável senhor dos ritos sagrados,<sup>2</sup> o sábio, o ouvinte (de súplicas), o convidado (do homem), o de movimento rápido.
- 3.** Vaiśvānara é aceso em cada era pelos Kuśikas como um potro relinchando (é nutrido) por sua mãe; que aquele Agni, vigilante, entre os imortais, nos dê riqueza com prole excelente e bons cavalos.

---

<sup>1</sup> *Anuṣṭāya*, de *anu* e *satya*; nesse e em compostos similares que são de recorrência frequente, a noção, pelo menos de acordo com o comentador, não é aquela de observar a verdade em abstrato, mas de manter a fé com o sacrificador, por dar a ele a recompensa desejada à qual ele tem direito justamente.

<sup>2</sup> *Bṛhaspati*, explicado aqui como *Bṛhato yajñasya patim*, o senhor do grande sacrifício; senhor por protegê-lo.

4. Que os fogos velozes combinados com os ventos vigorosos procedam para a pura (região da água), unindo as gotas (de chuva); os Maruts irresistíveis, oniscientes, agitam as nuvens que derramam copiosamente.

5. Os Maruts embelezados com fogo, agitadores de tudo; nós buscamos a radiância ardente deles por proteção; eles, os filhos de Rudra, os generosos Maruts, cuja forma é a chuva, são estrondosos como leões rugidores.

Varga 27. 6. Nós solicitamos a força dos Maruts, a irradiação de Agni com preces solenes em toda assembleia e companhia (de adoradores); aqueles Maruts que têm corcéis de várias cores, que são dispensadores de riqueza infalível, (de propósito) firme, e frequentadores de sacrifícios.

7. Eu, Agni, sou por nascimento dotado de conhecimento de tudo o que existe;<sup>3</sup> manteiga clarificada é meu olho; ambrosia é minha boca; eu sou o sopro vital de natureza tripla, a medida do firmamento, calor eterno; eu também sou a oblação.<sup>4</sup>

8. Agni, compreendendo completamente a luz que deve ser entendida pelo coração, purificou-se (pelas três formas) purificadoras; ele se fez o tesouro mais excelente por meio (dessas) auto-manifestações, e dali contemplou o céu e a terra.<sup>5</sup>

9. Céu e terra sejam bondosos para o sábio<sup>6</sup> que é por assim dizer um rio de muitos canais e inesgotável (de conhecimento); o pai (de seus discípulos), o examinador de textos sagrados, regozijando-se no colo de seus pais, cujas palavras são verdade.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 27 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 26. Agni (Griffith)

1. Reverenciando em nosso coração Agni Vaiśvānara,<sup>7</sup> o descobridor da luz, cujas promessas são verdadeiras, o Deus generoso, alegre, conduzido em carro, nós Kuśikas<sup>8</sup> o invocamos com oblação, buscando riqueza com canções.

<sup>3</sup> *Agni asmi janmanā jātavedā*; ou pode significar, eu, Agni, sou por nascimento Jātavedas.

<sup>4</sup> Essa é uma descrição um tanto mística da universalidade de Agni na dupla qualidade de desfrutador e de desfrutado, de alimento e de alimentador, e nas três formas de fogo, ar, e sol, presidindo a terra, o meio do céu, e o céu; o olho de Agni é a luz de todos, qual luz é alimentada por oblações de manteiga; ambrosia é a recompensa de atos piedosos ou gozo de céu e semelhantes, que é obtível por meio de oblações ao fogo, como se através de sua boca ou rosto, *amṛtam me āsan*; *arka* *tridhātuḥ*; *arka* é explicado como *jagatsraṣṭā prāṇaḥ*, ar vital criador do mundo, que, tornando-se triplo, é Vāyu, no firmamento, Agni, na terra, e Āditya como a fonte de calor eterno e vida. Sāyaṇa fornece outra ilustração, mais simples, da fraseologia, ou, como o olho ilumina o mundo, assim *ghee* lançado no fogo o faz queimar mais ardente e dispensar mais luz; *amṛta* ele explica também por *prabhā*, luz, luz é minha face; *tridhātu* ele atribui aos três ares vitais chamados *prāṇa*, *apāna* e *vyāna*; a identidade com o ar e o sol é explicada similarmente; o verso ocorre no *Yajush* xviii. 66, onde Mahīdhara o interpreta de forma diferente: de acordo com ele, é o *yajamāna* que se identifica com Agni, dizendo: Eu sou por nascimento, Agni, ou da forma de Agni, *Agni-rūpa*, o senhor de tudo o que nasce, o sacrifício (*arka*), os três Vedas, a medida da água, o sol eterno; *ghee* é o olho; ou seja, eu vejo o oferecedor de *ghee* no fogo, eu converto a oblação que é colocada em minha boca em ambrosia; portanto, não há dualidade entre Agni e o indivíduo.

<sup>5</sup> Tendo por auto-contemplação reconhecido a sua identidade com as três manifestações, Agni, Vāyu e Āditya, ele vem a conhecer sua identidade com o universo, conforme o texto, *ātmani vijnāte sarvam idam vijnātam bhavati*, o eu sendo conhecido, todo esse (universo) é conhecido.

<sup>6</sup> Ou seja, o próprio Viśvāmitra; por sua descoberta que Vaiśvānara é Para-brahma o espírito supremo; como mal seria decoroso falar tanto em seu próprio louvor essa estrofe pode ser atribuída a Brahma.

<sup>7</sup> Comum a, querido para, ou residente com, todos os homens arianos.

<sup>8</sup> Homens da família do Ṛṣi Kuśika.

2. Aquele Agni, brilhante, Vaiśvānara, nós invocamos em busca de auxílio, e Mātariśvan<sup>9</sup> digno do cântico de louvor; Bṛhaspati para a observância do homem dos Deuses, o Cantor pronto para ouvir, o hóspede que se move rapidamente.
3. Era após era Vaiśvānara, relinchando como um cavalo, é aceso com as mulheres<sup>10</sup> pelos Kuśikas. Que Agni, ele que está vigilante entre os Deuses Imortais, dê-nos força heroica e riqueza em corcéis nobres.
4. Que eles partam,<sup>11</sup> os fortes, como chamas de fogo com força. Reunidos para a vitória eles atrelaram seus cervos pintados. Derramadores de torrentes, os Maruts, Mestres de toda riqueza, eles que podem nunca ser conquistados, fazem as montanhas tremer.
5. Os Maruts, Amigos dos homens, são gloriosos como o fogo; o seu auxílio poderoso e resplandecente nós imploramos. Aqueles Filhos de Rudra tempestuosos vestidos em mantos de chuva, alegres dadores de boas dádivas, rugem como os leões rugem.
6. Nós, bando após bando e tropa após tropa, rogamos com belos louvores o esplendor de Agni e a força dos Maruts, Com cervos pintalgados em lugar de corcéis, com riqueza que nunca falha, eles, Sábios, vêm para sacrificar em nossas reuniões.
7. Agni sou eu que conheço, por nascimento, todas as criaturas. Meu olho é manteiga, em minha boca se encontra o néctar. Eu sou luz tripla, medidor da região; calor inesgotável eu sou, chamado de oblação queimada.<sup>12</sup>
8. Tendo em mente um pensamento com luz harmoniosa, ele purificou o Sol com três refinações;<sup>13</sup> por sua própria natureza ganhou o maior tesouro, e olhou amplamente sobre a terra e o céu.
9. A Fonte que não falha com cem riachos, Pai inspirado de preces que os homens devem proferir, o Brilhante, alegre no seio de seus pais,<sup>14</sup> a ele, o Falador da Verdade, saciem, Terra e Céu.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 27 \(Griffith\)](#)

## Hino 26. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 26.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 26-27.

1.<sup>15</sup> Com nossas oferendas reverenciando em nossa mente Agni Vaiśvānara, o seguidor da verdade, o descobridor do sol – nós, os Kuśikas,<sup>16</sup> desejosos de bens, chamamos com as nossas preces o deus que dá chuva, o auriga, o alegre.

<sup>9</sup> Dito aqui por Sāyaṇa significar Agni como Deus do relâmpago; mas o sentido usual da palavra é apropriado o suficiente.

<sup>10</sup> Os dedos, em outro lugar chamados de donzelas, e irmãs, que agitam o bastão de fogo.

<sup>11</sup> Os Maruts, ou Deuses da Tempestade.

<sup>12</sup> Aqui Agni fala e declara sua universalidade como a Alma de todos. Ele conhece todas as criaturas vivas. Em seu olho, ou seu olho, é a luz que é alimentada com oferendas de óleo sagrado. O *amṛta*, néctar ou ambrosia, que é a recompensa da piedade, é obtido por meio de oferendas queimadas ou através da boca de Agni. Ele percorre ou mede o firmamento, e como luz ele brilha como o sol no céu, o relâmpago no meio do ar, e o fogo na terra. Veja a nota sobre a passagem na tradução de Wilson. [Nota 4 acima.]

<sup>13</sup> Segundo Sāyaṇa, com suas três formas purificadoras como Agni, Vāyu e Sūrya, ou fogo, vento, e sol. Mas *pavitraiḥ* pode significar 'com divisões mentais', e o sentido seria que Agni dividiu a luz em três, sol, relâmpago, e fogo.

<sup>14</sup> Ou seja, em ligação estreita com o Céu e a Terra.

<sup>15</sup> A posição deste Sūkta na coleção mostra que ele deve ser dividido em três hinos independentes. Isso é confirmado pela métrica, o primeiro e o segundo desses três hinos estando em Jagatī, o terceiro em Triṣṭubh, e também pelo conteúdo: o primeiro hino é dirigido a Agni Vaiśvānara, o segundo a Agni acompanhado pelos Maruts, o terceiro contém especulações místicas sobre a natureza e as obras de Agni.

2. Nós chamamos aquele belo Agni para nos ajudar, Vaiśvānara, Mātariśvan o louvável;<sup>17</sup> nós os homens (chamamos) Br̥haspati<sup>18</sup> para (o culto) da hoste divina, o sacerdote que nos ouve, o convidado que desliza rapidamente.
3. Vaiśvānara, relinchando como um cavalo, é aceso pelas mulheres,<sup>19</sup> pelos Kuśikas, de era em era; que esse Agni nos dê abundância em homens valentes e em cavalos e tesouros, ele que vigia entre os imortais.
4. Que os Vājas<sup>20</sup> avancem, os Agnis com seus poderes. Unidos<sup>21</sup> eles atrelaram os cervos pintalgados para sua procissão triunfal. Os Maruts, poderosamente crescentes, os todo-ricos, fazem tremer as montanhas, os não iludidos.
5. Os Maruts que possuem a beleza de Agni,<sup>22</sup> pertencem a todas as raças de homens. Nós imploramos o seu auxílio feroz, forte. Eles são tumultuosos, os filhos de Rudra, vestidos em chuva, de espírito irascível como leões, dadores de chuva.
6. Nós imploramos com os nossos melhores louvores a cada hoste, a cada tropa (dos Maruts), o esplendor de Agni, o poder dos Maruts. Com os veados manchados como cavalos, com presentes que não podem ser tirados, eles vão para o sacrifício, sábios nas ordenanças (sacrificais).
7. Agni sou eu, Jātavedas por nascimento. Ghee é meu olho, (a bebida da) imortalidade está em minha boca. A canção tripla<sup>23</sup> atravessando o espaço aéreo, o imperecível Gharma,<sup>24</sup> o alimento sacrificial sou eu por nome.
8. Com três filtros purificadores ele (Agni) purificou a canção, com seu coração ele pensou, descobrindo a luz. O tesouro mais poderoso ele produziu pelos poderes de sua própria natureza, e então ele examinou o céu e a terra.
9. Conduzam a ele que é a fonte inesgotável com cem regatos, que tem conhecimento de preces (?), o pai de (cada discurso) que deve ser proferido, o ribombante,<sup>25</sup> alegremente animado no colo de seus pais – conduzam a ele o falador da verdade através de (todos os perigos), ó dois mundos!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 27 \(Oldenberg\)](#)

<sup>16</sup> Os Kuśikas são idênticos aos Viśvāmitras, ou possivelmente os últimos formam um ramo dos Kuśikas.

<sup>17</sup> Sobre a relação de Mātariśvan com Agni, veja 1.96.4, [notas 10 e 18].

<sup>18</sup> Br̥haspati, embora em sua origem distinto de Agni, é aqui identificado com ele, como Mātariśvan.

<sup>19</sup> Pelos dez dedos. Comp. 1.71.1.

<sup>20</sup> Eu adoto a interpretação de Bergaigne (*Religion Védique*, II, 405, nota 1) e Pischel (*Vedische Studien*, I, 46). *Vājāh* parece ser o nome próprio sinônimo de *Ṛbhāvah*; os Maruts podem ser chamados de *Vājāh* porque eles são chamados várias vezes de *Ṛbhukṣānah*. Mas é possível que nós tenhamos que traduzir simplesmente: 'Que os poderes de força', etc.;. Comp. 3.27.1.

<sup>21</sup> Possivelmente nós teríamos que suprir, 'unidos com seus cervos pintalgados, com sua beleza', etc.;. Veja 2.36.2. Ou o significado pode ser, 'os Maruts unidos com Agni ou com os Agnis'; comp. 1.166.11.

<sup>22</sup> Ou, eles recebem sua beleza através de Agni.

<sup>23</sup> A canção é chamada de *tridhātu* porque ela é cantada pelos três Udgātṛs (cantores)? Ou porque ela geralmente é composta por três versos?

<sup>24</sup> O Gharma é a oferenda de leite quente levada para os Aśvins. Sobre o significado provável dessa oferenda, veja H. O., *Religion des Veda*, 447 e seguintes.

<sup>25</sup> A tradução de *meḷi* (veja 4.7.11; *Atharva-veda* XI, 7, 5; *Taittirīya Saṁhitā* V, 7, 8, 1), é bastante conjectural.

## Hino 27. Agni (Wilson)

(Sūkta XV)

A divindade é Agni, ou, do primeiro verso, Rtu, ou a estação personificada; Viśvāmitra é o R̥ṣi; a métrica é Gāyatrī.

Varga 28. **1.** Os meses, os meios meses, (os deuses) que são os recebedores de oblações, com as vacas produtoras de manteiga, presidem seu rito;<sup>1</sup> o sacrificador, desejoso de prosperidade, cultua os deuses.

**2.** Adoro com louvor o sábio Agni, o realizador de sacrifício, o possuidor de felicidade, o repositório de riqueza.

**3.** Que nós oferecendo oblações efetuemos a detenção de ti que és divino (até a conclusão do rito), e que nós (desse modo) superemos todas as animosidades.<sup>2</sup>

**4.** Nós solicitamos aquele Agni, que está sendo aceso no sacrifício, o purificador, o adorável, cujo cabelo é chama.

**5.** Agni, o que brilha radiante, o imortal, o purificador com manteiga clarificada, o invocado adequadamente, o portador da oblação no sacrifício.

Varga 29. **6.** Os exorcistas<sup>3</sup> (dos demônios), erguendo as suas conchas, e oferecendo sacrifício, invocaram Agni por esta cerimônia para a sua proteção.

**7.** O oferecedor da oblação, o divino, imortal, Agni, vem primeiro (à cerimônia) dirigindo solenidades pela sua experiência.<sup>4</sup>

**8.** O poderoso Agni é colocado (à frente pelos deuses) em batalha, ele é apresentado com reverência em ritos sagrados; pois ele é o sábio realizador do sacrifício.

**9.** Ele que foi feito pelo rito sagrado, o escolhido (do adorador), que compreende (dentro de si mesmo) o germe de todas as criaturas, e a quem a filha de Dakṣa (recebe) como o pai (do mundo).<sup>5</sup>

**10.** Agni, gerado da força, Iḷā<sup>6</sup> (a filha) de Dakṣa tem sustentado a ti, o desejável, o resplandecente, e ansioso (pela oblação).

Varga 30. **11.** Os sábios (sacerdotes) realizadores (da cerimônia) acendem com oblações para a devida celebração do rito, Agni, o regulador (de todos), o que envia chuva.

**12.** Eu adoro nesse sacrifício Agni o neto do alimento (sacrificial),<sup>7</sup> brilhando acima no firmamento, a criação dos sábios.<sup>8</sup>

---

<sup>1</sup> *Pra vo vājā abhidyavo haviṣmanto ghṛtācyā*; o comentador explica *vājā* por *māsāḥ*, meses, e *abhidyavaḥ* por *ardhamāsāḥ*, meios meses; *haviṣmanta*, literalmente, tendo a *havis* ou oblação de manteiga, ele considera um epíteto de *devāḥ*, deuses, mediante a autoridade do *Taittirīya*; mas eles também o explicam por *paśavaḥ*, animais que produzem leite, dos quais a *havis* é feita, no que os *Vājasaneyins* concordam; *Ghṛtāci* ele traduz *Gau*, mas o *Vājasaneya* é citado para o seu significado, *Sruk*, uma concha; não há verbo, mas *pra* é considerado como implicando *prabhavanti*, todos esses presidem seu sacrifício; a explicação de Sāyaṇa é aquela do *Taittirīya Brāhmaṇa*, mas a linha é obscura, as palavras nos sentidos dados são incomuns, e o todo é elíptico.

<sup>2</sup> *Dveṣāmsi*, ódios; Sāyaṇa propõe *pāpāni*, pecados.

<sup>3</sup> *Sabādhah*, repelindo os perturbadores de ritos sagrados por repetir o mantra ou feitiço para a sua destruição, é a explicação de Sāyaṇa.

<sup>4</sup> *Māyayā*, geralmente ilusão ou engano, é aqui explicado como o conhecimento dos objetos de ritos sagrados.

<sup>5</sup> *Dakṣasya pitaraṃ tanā* é explicado por Sāyaṇa como *dakṣasya prajāpater tanayā*, a filha do Prajāpati Dakṣa; ou seja, a terra, aqui identificada com o altar, *vedīrūpā*; ela sustenta, *dhārayati*, subentendido, a ele, Agni, o protetor ou pai do mundo; essa e as duas estrofes anteriores ocorrem no *Sāman* II. 827, 829.

<sup>6</sup> Como antes, a terra ou o altar.

<sup>7</sup> *Ūrjo napātam*, ou o filho da oblação, como resplandecendo quando alimentado por manteiga e semelhantes; ou a descendência pode ser considerada diferentemente: da oblação provém Āditya, e de Āditya, Agni.

<sup>8</sup> *Kavikratum*, de quem, *kavayaḥ*, os sábios, isto é, o *adhvaryu* e o resto, são os criadores, *karttāraḥ*, por friccionarem os bastões para desenvolver a chama.

13. Agni, que deve ser adorado com louvor e com prostração, o dissipador da escuridão, o belo, o derramador (de benefícios) é aceso.

14. Os ofertantes de oblações glorificam aquele Agni que é o derramador (de benefícios) e é o transportador das oferendas para os deuses como um cavalo (leva seu condutor até sua casa).

15. Derramador (de benefícios), nós, oferecendo (oblações) profusamente acendemos a ti, poderoso e resplandecente Agni, que és aquele que manda chuva.<sup>9</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 28 \(Wilson\)](#)

### Hino 27. Agni (Griffith)

1. Em concha pingando óleo seu alimento vai, em oblação, para o céu,  
Vai para os Deuses em busca de bem-aventurança.

2. Agni eu louvo, o Sábio inspirado, o que coroa sacrifício através de canção,  
Que ouve e dá presentes abundantes.

3. Ó Agni, se nós pudermos obter o controle de ti o Deus poderoso,  
Então nós devemos derrotar nossos inimigos.

4. Aceso em sacrifícios ele é Agni, santificador, digno de louvor,  
Com chama como cabelo; a ele nós buscamos.

5. O imortal Agni, brilhando muito, vestido em óleo, bem adorado, leva  
Os presentes de sacrifício para longe.

6. Os sacerdotes com conchas levantadas, adorando aqui com pensamento santo,  
Trouxeram este Agni para nosso auxílio.

7. Imortal, Sacrificador, Deus, com poder extraordinário ele lidera o caminho,  
Incitando a grande assembleia adiante.

8. Forte, ele está colocado em atos de força. Em sacrifícios levado na frente,  
Como Cantor ele completa o rito.

9. Excelente, ele foi feito pelo pensamento.<sup>10</sup> O Germe dos seres eu ganhei,  
Sim, e o Pai de força ativa.

10. A ti eu estabeleci, Excelente, ó fortalecido pela prece do sábio!  
A ti, Agni, ansioso, nobremente brilhante.

11. Agni, o Rápido e Ativo, cantores, na hora do sacrifício,  
Ansiosamente acendem com seu alimento.

12. Agni o Filho da Força que brilha até o céu em ritos solenes,  
O sábio de coração, eu glorifico.

13. Digno de ser louvado e adorado, aparecendo em beleza através da escuridão,  
Agni, o Forte, é bem aceso.

14. Agni é aceso como um touro, como um cavalo carregador dos Deuses;  
Homens com oblações o adoram.

15. A ti nós acenderemos como um touro, nós, que somos Touros nós mesmos,<sup>11</sup> ó  
Touro. A ti, Agni, brilhando poderosamente.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 28 \(Griffith\)](#)

<sup>9</sup> O comentador cita *Manu* III. 76, para essa propriedade de Agni: 'a oferenda que é sacrificada com fogo procede inteiramente para o sol, do sol é gerada a chuva, e da chuva os alimentos; daí a humanidade'.

<sup>10</sup> Pelo pensamento santo, ou devoção.

<sup>11</sup> Sacerdotes são frequentemente chamados de touros, por causa de seu grande poder. Veja 3.7.7.



## Hino 27. Agni (Oldenberg)

MAṄDALA 3, HINO 27.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 28-30.

- 1.<sup>12</sup> Para frente (vai) a sua<sup>13</sup> força tendendo para o céu, rica em oferendas, com a (concha), cheia de ghee. Aos deuses vai (o adorador) desejoso de seu favor.
2. Eu glorifico com prece Agni que tem conhecimento de preces (?), o realizador do sacrifício, que nos ouve, e em quem (riqueza múltipla) foi colocada.
3. Ó Agni, que nós sejamos capazes de controlar a ti o deus forte;<sup>14</sup> que nós derrotemos (todos) os poderes hostis.
4. Agni, aceso no sacrifício, o purificador que deve ser magnificado, cujo cabelo é chama – dele nós nos aproximamos (com preces).
5. Com sua ampla corrente de luz o imortal Agni, vestido em ghee, bem servido com oblações, é o carregador de oferendas no sacrifício.
6. Segurando as conchas (sacrificais), realizando o sacrifício eles com pensamento correto urgentemente trouxeram Agni para cá por auxílio.
7. O Hotr, o deus imortal segue na frente com seu poder secreto, instigando os sacrifícios.
8. O forte (cavalo, ou seja, Agni) é colocado nas corridas. Ele é levado adiante nos sacrifícios, o sacerdote, o realizador de sacrifício.
9. Ele foi produzido<sup>15</sup> por prece, o excelente. Eu o estabeleci, o germe dos seres, para sempre o pai de Dakṣa.<sup>16</sup>
10. Eu te estabeleci,<sup>17</sup> o excelente, com a nutrição<sup>18</sup> de Dakṣa, ó tu que és produzido pela força, ó Agni, a ti o resplandecente, ó Uśij.<sup>19</sup>
11. Os sacerdotes, ansiosos para pôr a Ṛta para trabalhar,<sup>20</sup> acendem com força rápida Agni o governador, aquele que cruza as águas.
12. Eu glorifico o filho do vigor nesse sacrifício, que brilha sob o céu, o pensativo Agni.
13. Aquele que deve ser magnificado e adorado, que é visível através da escuridão, Agni, o viril, é aceso.
14. Agni, o viril, é aceso, ele que puxa para cá os deuses como um cavalo. Os (adoradores) ricos em oferendas o magnificam.
15. Nós os viris acenderemos a ti o (deus) viril, ó viril Agni que brilhas poderosamente.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 28 \(Oldenberg\)](#)

<sup>12</sup> A posição do hino na coleção mostra que ele deve ser dividido em *Tṛcas*, e isso é confirmado pelo uso ritual de vários desses *Tṛcas* (veja Bergaigne, *Recherches sur l'Histoire de la Liturgie Védique*, 19, nota 1). No entanto, alguns dos *Tṛcas*, pelo menos, não parecem formar hinos independentes; o verso 10 muito provavelmente se encontra em conexão com o verso 9, e o mesmo parece ser o caso com os versos 12 e 13. Ludwig (IV, 305) e Bergaigne (loc. cit.) consideram todo o Sūkta como uma coleção de *Sāmidhenis* ou versos a ser recitados para cada pedaço de madeira lançado ao fogo.

<sup>13</sup> Dos sacerdotes e sacrificadores?

<sup>14</sup> Compare com 2.5.1.

<sup>15</sup> Isso parece significar, 'ele foi colocado para trabalhar'.

<sup>16</sup> Ou, o pai da inteligência. Dakṣa é a inteligência personificada.

<sup>17</sup> Veja 3.23.4.

<sup>18</sup> O texto tem *iḷā*, a mesma palavra que em 3.24.2. O professor Max Müller observa: 'Poderia ser, *ni tvā dadhe iḷā*, eu te coloquei sobre o altar com nutrição, filho da força de Dakṣa'?

<sup>19</sup> Ou, 'o desejoso'.

<sup>20</sup> 'Colocar para trabalhar a Justiça (Ṛta)' significa aqui 'realizar o sacrifício'. O sacrifício é considerado como uma esfera especialmente permeada pelo poder de Ṛta. Comp. H. O., *Religion des Veda*, 197.

---

## Hino 28. Agni (Wilson)

(Sūkta XVI)

O deus e o R̥ṣi são como antes; a métrica da terceira estrofe é Uṣṇih; da quarta Triṣṭubh; da quinta Jagatī; do resto, Gāyatrī.

- Varga 31. **1.** Agni, por quem tudo é conhecido, que recompensas atos piedosos com riqueza, aceita os nossos bolos oferecidos com manteiga no culto da manhã.
- 2.** Os bolos e a manteiga estão cozidos, Agni, e realmente preparados para ti; aceita-os, mais jovem (dos deuses).
- 3.** Come, Agni, os bolos e a manteiga oferecidos enquanto o dia desaparece; tu, filho da força, és colocado (por nós) no sacrifício.
- 4.** Sábio Jātavedas, aceita os bolos e a manteiga oferecidos nesse sacrifício no rito do meio-dia; os (adoradores) prudentes não sonegam em cerimônias solenes a porção de ti que és poderoso.
- 5.** Sê satisfeito, Agni, filho da força, com os bolos e a manteiga oferecidos no terceiro (sacrifício diário), e, (propiciado) pelo louvor, leva a (oblação) preciosa imperecível e que desperta<sup>1</sup> para os deuses imortais.
- 6.** Agni, que és Jātavedas e estás crescendo mediante oblações, aceita os bolos e a manteiga enquanto o dia desaparece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 29 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 28. Agni (Griffith)

- 1.** Agni, que conheces tudo, aceita a nossa oferenda e o bolo de farinha, Na libação da alvorada, rico em preces!<sup>2</sup>
- 2.** Agni, o bolo sacrificial foi preparado e cozido para ti; Aceita-o, ó Deus Mais Jovem.
- 3.** Agni, desfruta o bolo de farinha e a nossa oblação de três dias;<sup>3</sup> Tu, Filho da Força, estás estabelecido no nosso sacrifício.
- 4.** Aqui no sacrifício do meio-dia desfruta o bolo sacrificial, sábio, Jātavedas! Agni, os sábios nas assembleias nunca diminuem a parte devida a ti o Poderoso.
- 5.** Ó Agni, na terceira libação pega com alegria o bolo de sacrifício oferecido, tu, Filho da Força. Através de habilidade em canção leva para os Deuses o nosso sacrifício, vigilante e cheio de riquezas, para os Deuses Imortais.
- 6.** Ó crescente Agni, conhecedor, tu, de todos, aceita os nossos presentes, o bolo, E aquele preparado antes de ontem.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> *Jāgrvim*; de acordo com o comentador o suco Soma oferecido ao amanhecer é denominado *Jāgrvi*, o dissipador do sono, mas aqui nós estamos no terceiro ou culto ao anoitecer.

<sup>2</sup> [Compare com 1.64.15. "Dhiyā-vasu, como um epíteto dos deuses, significa rico em preces, ou seja, invocado por muitos adoradores. Ele não ocorre com frequência. Além dos hinos de Nodhas, ele ocorre de forma independente apenas em 1.3.10 (Sarasvatī); 3.3.2, 3.28.1 (Agni), sendo esses hinos todos atribuídos à família de Viśvāmitra". – Max Müller, *Vedic Hymns* (Part. I), pp. 124-125, nota 3.]

<sup>3</sup> O suco Soma preparado no dia antes de ontem e deixado para fermentar.

---

## Hino 28. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 28.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 31.

- 1.<sup>5</sup> Ó Agni Jātavedas, aceita benevolentemente a nossa oferenda, o bolo sacrificial na libação da manhã, ó Deus que dás riqueza por nossas preces.
2. O bolo sacrificial, ó Agni, foi cozido ou preparado para ti; aceita-o benevolentemente, ó (deus) mais jovem.
3. Agni, aceita avidamente o bolo sacrificial que foi oferecido, que permaneceu de um dia para o outro. Tu és o filho da força, estabelecido no sacrifício.
4. Na libação do meio-dia, Jātavedas, aceita aqui benevolentemente o bolo sacrificial, ó sábio. Agni, os sábios não diminuem nas distribuições sacrificais a parte que pertence a ti, o vigoroso.
5. Agni, na terceira libação pega alegremente o bolo sacrificial, ó filho da força, que foi oferecido. E do teu modo admirável coloca o nosso sacrifício vigilante, abençoado com tesouros, diante dos deuses imortais.
6. Agni, desenvolvido, ó Jātavedas, aceita benevolentemente a nossa oferenda, o bolo sacrificial que permaneceu de um dia para o outro.

<sup>4</sup> [Compare com 1.45.10.]

<sup>5</sup> Este *Sūkta* e o seguinte são, como a posição deles no fim do *Anuvāka* e o número de seus versos mostram, adições posteriores à coleção original. O hino 28 contém versos destinados às oferendas de bolos sacrificais para Agni em cada um dos três *Savanas*. Exatamente do mesmo modo que o hino 52, que também pertence aos acréscimos posteriores, se refere aos bolos sacrificais oferecidos a Indra. A oblação desses bolos a Indra em cada *Savana* é encontrada também no ritual védico posterior (comp. *Kātyāyana IX*, 9, 2 e seguintes; Weber, *Indische Studien*, X, 369, 376), e vários versos de 3.52 são indicados lá como versos *Puronuvākya* [introdutórios ou invitatórios] para aquelas mesmas oferendas; veja *Āsvalāyana Srautasūtra V*, 4, 2. 3. Depois de cada oferenda de bolo para Indra segue a oblação *Sviṣṭakṛt* para Agni, e para essas oblações *Āsvalāyana* (no lugar citado, *Sūtra* 6) prescreve os versos 1, 4 e 5 do nosso hino, de acordo com a ordem dos três *Savanas*. A partir do texto do hino parece ser evidente que os versos 1-3 foram compostos para o primeiro, o verso 4 para o segundo, e os versos 5-6 para o terceiro *savana*. Com essa distribuição a mudança das métricas evidentemente está em conexão. De acordo com as teorias dos teólogos védicos posteriores, nós temos aqui a *Gāyatrī* como a métrica característica do primeiro, a *Triṣṭubh* do segundo, e a *Jagatī* do terceiro *Savana*.

## Hino 29. Agni (Wilson)

(Sūkta XVII)

O deus é Agni, exceto no quinto verso, onde se supõe que o sacerdote oficiante toma o lugar dele; o R̥ṣi é Viśvāmitra; a métrica da primeira, quarta, décima e décima segunda estrofes, é Anuṣṭubh; da sexta, décima primeira, décima quarta, e décima quinta, Jagatī, e, do resto, Triṣṭubh.

Varga 32. **1.**<sup>1</sup> Esta, a aparelhagem de atrito, está pronta;<sup>2</sup> a geração (da chama) está pronta; pega esta (acha) a protetora da humanidade, e vamos agitar o fogo como tem sido feito desde antigamente.

**2.** Jātavedas foi depositado nos dois bastões como o embrião é depositado em mulheres grávidas; Agni deve ser adorado dia a dia por homens vigilantes carregados de oblações.

**3.** Que o sacerdote inteligente coloque o mais baixo dos bastões com a face para cima, o superior (com a superfície) para baixo, de modo que fecundado rapidamente ele possa gerar o derramador (de benefícios) Agni; então o resplandecente brilhante filho de Iḷā<sup>3</sup> cuja luz dissipa a escuridão, nasce da madeira de atrito.

**4.** Agni, que és Jātavedas, nós te colocamos sobre a terra no centro, no lugar de Iḷā,<sup>4</sup> para o propósito de receber a oferenda.

**5.** Condutores do rito, produzam por atrito o perspicaz Agni, sincero, inteligente, imortal, e de membros radiantes; gerem a ele, líderes (da solenidade), no primeiro lugar o principal emblema do sacrifício, que é a fonte da felicidade.

Varga 33. **6.** Quando eles friccionam (os bastões) com seus braços o radiante Agni irrompe da madeira como um corcel veloz, e como o carro de muitas cores dos Ásvins desimpedido em seu curso, Agni se espalha amplamente em volta consumindo pedras e árvores.

**7.** Assim que nasce Agni brilha inteligente, movendo-se rapidamente, hábil em ritos, louvado pelos sábios, e generoso em dádivas, (e é ele) a quem os deuses têm mantido como o portador de oblações em sacrifícios, adorável e onisciente.

**8.** Ofertante de oblações senta-te na tua própria esfera,<sup>5</sup> pois tu és conhecedor (de atos sagrados), e da posição do instituidor da cerimônia no principal lugar do rito sagrado;<sup>6</sup> nutridor dos deuses, adora os deuses, Agni, e dá alimento abundante ao fundador do sacrifício.

**9.** Produzam, amigos, fumaça,<sup>7</sup> o derramador (de benefícios); incansáveis persistam na disputa com (Agni); o heroico Agni é capaz de enfrentar hostes, e por meio dele os deuses venceram seus inimigos.

---

<sup>1</sup> [Veja a tradução por Muir do primeiro e segundo versos, e da metade do terceiro, na nota 24.]

<sup>2</sup> *Astīdam adhimanthanam asti prajananam kṛtam*; *adhimanthana* é o bastão, a corda, e similares colocados sobre os dois pedaços de madeira para ajudar no seu atrito; *prajananam* pode ter seu sentido geral de gerar, ou denota um tufo de grama seca usado para apanhar e transferir a chama. *Sāma-Veda*, I. 79.

<sup>3</sup> O fogo do Altar.

<sup>4</sup> *Iḷāyāspade nābhā pṛthivyā adhi*; ou seja, no meio do altar do norte; esta e a anterior ocorrem no *Yajush*, XXXIV. 14, 15; a passagem também é citada no *Aitareya Brāhmaṇa*, *Panch. I. Adhy. 5*, e explicada similarmente no comentário.

<sup>5</sup> Sāyaṇa explica *sve loke* por *uttaravedyāh nābhau*: no centro do altar norte; Mahīdhara, *Yajur-Veda*, XI 35, diz: *kṛṣṇājīne*, sobre a pele de antílope negro.

<sup>6</sup> *Sādayā yajñam sukṛtasya yonau*; *yajñā*, de acordo com Sāyaṇa, está colocado em lugar do *yajamāna*, que deve estar posicionado no melhor lugar, ou o que desfrutou do resultado do rito sagrado; Mahīdhara diz que *sukṛta yonih* significa o *kṛṣṇājīna*, a pele do antílope negro.

<sup>7</sup> *Kṛṇota dhūmam*, produzam fogo, por metonímia.

**10.** Este em cada estação, Agni, é o teu lugar,<sup>8</sup> de onde, assim que gerado, tu sempre tens brilhado; sabendo que é assim, Agni, permanece lá, e prospera por nossos louvores.

Varga 34. **11.** Quando (existente) como um embrião (na madeira), Agni é chamado de Tanūnapāt;<sup>9</sup> quando é gerado (ele é chamado de) Narāśaṁsa o destruidor de Asuras; quando ele demonstrou (sua energia) no firmamento material, Mātariśvan;<sup>10</sup> e a criação do vento está em seu movimento rápido.

**12.** Agni, que és pronunciado por atrito reverente, e depositado com cuidado reverente, e que és perspicaz, torna os nossos ritos (livres de defeitos), e adora os deuses (em nome) do adorador devoto.

**13.** Os mortais têm gerado o imortal, o imperecível (Agni), o devorador de oblações, o transporte (pelos qual eles atravessam o pecado), os dez dedos irmãos entrelaçados o proclamam nascido como se fosse um (bebê) do sexo masculino.<sup>11</sup>

**14.** Agni, que tem sete sacerdotes ministrantes, brilha eternamente; quando ele resplandeceu sobre o peito e colo de sua mãe (terra), ele é vociferante (com deleite); dia após dia ele nunca dorme depois que ele nasce do interior da madeira emissora (de faísca).

**15.** Os Kuśikas, os primogênitos de Brahmā, armados contra inimigos como as energias dos Maruts, compreendem o universo; eles proferiram a prece acompanhada pela oblação; eles um por um acenderam Agni nessa residência.

**16.** Agni, oferecedor de oblações, conhecedor dos ritos, visto que nós recorremos a ti hoje nesse sacrifício que prossegue, portanto leva firmemente (a oferenda para os deuses), ou fica em repouso tranquilamente, e conhecedor (do significado de nossos atos) e sábio (em todos os aspectos), aproxima-te (e aceita) a libação de Soma.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 30 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 29. Agni (Griffith)

**1.** Aqui está o equipamento para fricção,<sup>12</sup> aqui a isca preparada para a faísca. Traze a Matrona;<sup>13</sup> nós friccionaremos Agni do modo antigo.

**2.** Nos dois bastões de fogo Jātavedas jaz, assim como o germe firme em mulheres grávidas, Agni que dia a dia deve ser exaltado por homens que vigiam e adoram com oblações.

**3.** Coloca este com cuidado<sup>14</sup> sobre aquele que está estendido; ela logo teve o Touro quando tornada prolífera. Com seu pilar vermelho – radiante é o seu esplendor – em nossa tarefa hábil nasce o Filho de Iḷā.<sup>15</sup>

---

<sup>8</sup> Sāyaṇa diz que isso alude à *araṇi*, a vara de *vetasa* ou *aśvattha*, ou outras árvores; Mahīdhara, *Yajur-Veda*, III. 14, o explica como o Gārhapatya ou fogo doméstico; ele traduz a frase conclusiva também de forma diferente: dá-nos aumento de riquezas.

<sup>9</sup> Aquele que não consome os corpos dos adoradores, ou pode ter o significado dado anteriormente, o neto das águas.

<sup>10</sup> Que respira, *śvasiti*, na atmosfera materna, *mātari*.

<sup>11</sup> Quando os sacerdotes e assistentes veem a chama irromper eles batem palmas e fazem sons de alegria, como os pais de um filho recém-nascido.

<sup>12</sup> A palavra *adhimanthanam* significa o bastão de fogo superior e a corda usada para agitá-lo. A isca de fazer fogo é um tufo de erva Kuśa seca posicionada de modo a apanhar a chama produzida pelo atrito.

<sup>13</sup> O pedaço inferior de madeira no qual a faísca é gerada. Sāyaṇa explica a palavra *viśpātīm*, feminino de *viśpāti*, senhor do povo, como protetora dos homens por meio dos sacrifícios que são realizados com o auxílio do fogo que ela produz.

4. No lugar de Iḷā<sup>16</sup> nós te estabelecemos, no ponto central da terra; que, Agni Jātavedas, tu possas levar as nossas oferendas para os Deuses.
5. Friccionado à vida, ó homens, o Sábio, o sincero, Imortal, muito inteligente e belo de se olhar. Ó homens, produzam o mais propício Agni, o primeiro estandarte do sacrifício ao leste.
6. Quando com seus braços eles o friccionam ele resplandece imediatamente como um corcel forte, de cor vermelha, na madeira. Brilhante, irreprimível, por assim dizer no caminho dos Ásvins,<sup>17</sup> ele passa pelas pedras e queima a grama.
7. Agni brilha ao nascer, observador, poderoso, o generoso, o Cantor louvado pelos sábios; a quem, como adorável e conhecedor de todas as coisas, os Deuses estabeleceram em ritos solenes como portador de oferendas.
8. Coloca-te, ó sacerdote, no teu próprio lugar,<sup>18</sup> observador; estabelece o sacrifício na casa de culto. Tu, querido para os Deuses, os servirás com oblação; Agni, dá vida longa ao sacrificador.
9. Levantem uma fumaça poderosa, meus colegas de trabalho! Vocês alcançarão riqueza sem obstrução. Este Agni é o herói ganhador de batalhas por quem os Deuses venceram os Dasyus.
10. Este é o teu lugar de nascimento ordenado de onde vindo à vida tu resplandeceste. Sabendo disso, Agni, senta-te, e torna prósperas as canções que nós cantamos.
11. Como Germe Celeste<sup>19</sup> ele é chamado de Tanūnapāt, e Narāśaṁsa nascido difundido em forma variada. Formado em sua Mãe<sup>20</sup> ele é Mātariśvan, ele tem, em seu curso, se tornado o vôo rápido do vento.
12. Com forte atrito friccionado à vida, estabelecido com mão cuidadosa, um Sábio, Agni, torna os sacrifícios bons, e para o piedoso traz os Deuses.
13. Os mortais trouxeram à vida o Deus Imortal, o Conquistador com mandíbulas poderosas, infalível. As dez irmãs,<sup>21</sup> não casadas e unidas, pegam juntas o Bebê, o Menino recém-nascido.
14. Servido por sete sacerdotes, ele resplandeceu desde os tempos antigos, quando no seio de sua Mãe, em seu colo, ele brilhava. Dando leite a cada dia ele não fecha seu olho, visto que do corpo do Asura<sup>22</sup> ele foi trazido à vida.
15. Assim como as investidas dos Maruts que atacam o inimigo, aqueles que nasceram antes de todos<sup>23</sup> conheciam o pleno poder da prece. Os Kuśikas fizeram o hino glorioso ascender e, cada um individualmente, em sua casa, acendeu o fogo.
16. Visto que nós, ó Sacerdote observador, te elegemos neste dia, quando o sacrifício solene começou, assim certamente tu adoraste, certamente tu trabalhaste; vem até o Soma, sábio e conhecedor de tudo.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 30 \(Griffith\)](#)

<sup>14</sup> Coloca o bastão de fogo superior, que deve ser girado rapidamente, sobre o pedaço de madeira inferior que está preparado para recebê-lo.

<sup>15</sup> Agni.

<sup>16</sup> No altar do norte, o lugar de culto e libação, ou prece e louvor.

<sup>17</sup> Com a velocidade da carruagem dos Ásvins.

<sup>18</sup> No centro do altar do norte.

<sup>19</sup> Ou filho do Asura Dyaus, ou seja, na forma de relâmpago.

<sup>20</sup> Segundo Sāyaṇa, a atmosfera materna.

<sup>21</sup> Os dedos usados para produzir o fogo.

<sup>22</sup> O Asura é, aparentemente, Dyaus. O professor Wilson, seguindo Sāyaṇa, traduz: 'do interior da madeira emissora (de faísca)'.

<sup>23</sup> Os Ṛṣis mais antigos tais como Kuśika e seus filhos.

## Hino 29. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA 3, HINO 29.  
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 1, VARGA 32-34.

- 1.<sup>24</sup> Este é o suporte no qual a fricção (para produzir o fogo) é realizada;<sup>25</sup> o órgão criador<sup>26</sup> foi preparado. Traze aqui a dona de casa;<sup>27</sup> vamos produzir Agni, por friccionar da maneira antiga.
2. Nos dois bastões de fogo reside Jātavedas, como o germe (jaz) seguro em mulheres grávidas – Agni que deve ser magnificado dia após dia por homens vigilantes que trazem oferendas.
3. Coloca-o<sup>28</sup> habilmente nela que se encontra estendida.<sup>29</sup> Tendo concebido ela rapidamente deu à luz ao viril. Aquele cujo topo é vermelho – brilhante é seu esplendor – o filho de Ilā nasceu no (devido) modo.
4. No lugar de Ilā, no umbigo da terra nós te colocaremos, Jātavedas, para que tu, ó Agni, possas levar as oferendas (aos deuses).
5. Friccionem, ó homens, o sábio verdadeiro, o inteligente, o imortal, o de bela face. Produzam, ó homens, Agni, a bandeira de sacrifício, o primeiro na frente, o gracioso.
6. Quando eles o produzem por friccionar com seus braços, ele resplandece flamejante na madeira como um cavalo de corrida vermelho. Como o brilhante no caminho dos Ásvins<sup>30</sup> o não reprimido (Agni) poupa as pedras, queimando a grama.
7. Agni, quando nasce, brilha resplandecente, o corredor, o sacerdote, louvado pelos sábios, o dador de chuva, a quem os deuses colocaram nos sacrifícios, para ser glorificado, como o carregador onisciente das oferendas sacrificais.
8. Senta-te, ó Hotṛ, no espaço que é teu, como o conhecedor. Coloca o sacrifício na residência de boas obras (ou seja, no altar). Almejando avidamente os deuses tu adorarás os deuses por meio de oferendas. Agni, concede vigor poderoso ao sacrificador.
9. Produzam uma fumaça poderosa,<sup>31</sup> ó amigos. Sem falha avancem em direção à força. Esse Agni é o conquistador em batalhas, rico em homens valentes, ele por quem os deuses subjugarão os Dasyus.
10. Este é o teu local de nascimento no devido tempo de onde nascido tu resplandeceste, conhecendo-o, ó Agni, senta-te nele, e faz as nossas preces prosperarem.

<sup>24</sup> Os versos 1-3, a, b, foram traduzidos por Muir, *Original Sanskrit Texts*, V, p. 209[-210: "1. Este processo de fricção, de geração, começou; traze esta mestra do povo (a *araṇi* inferior, ou madeira para fricção); vamos friccionar Agni para fora como antigamente. 2. Esse deus está depositado nos dois pedaços de madeira, como o embrião em mulheres grávidas. Agni deve ser louvado diariamente por homens que trazem oblações e acordam (cedo). 3. Hável (no processo), põe (a peça superior de madeira) em contato com a inferior, que jaz deitada; sendo fecundada, ela rapidamente produz o vigoroso (Agni)". A nota 328 esclarece: "Os antigos indianos consideravam o pedaço de madeira superior como o masculino, e o inferior como feminino, fatores na geração de Agni". – pág. 210.]

<sup>25</sup> Sobre o *adhimanthanaśakala*, o pedaço de madeira no qual o bastão de fogo inferior é colocado, veja *Śatapatha Brāhmaṇa* III, 4, 1, 20.

<sup>26</sup> *Prajánana* parece ser usado no sentido concreto como o órgão masculino. Como tal, o poeta pode ter considerado o assim chamado *pramantha* na geração de Agni, que é descrito como tendo a forma do órgão masculino.

<sup>27</sup> Sāyaṇa explica isso como significando a *Araṇi* (bastão de fogo), ou seja, a *Araṇi* inferior, o receptáculo do bastão de fogo superior. No *Taittirīya Brāhmaṇa* I, 2, 1, 13 as duas *Araṇis* são tratadas como *mahī viśpatnī*.

<sup>28</sup> O bastão de fogo superior ou, mais precisamente, o *pramantha*.

<sup>29</sup> Compare com 2.10.3. A *Araṇi* inferior é aludida, a qual é considerada como uma esposa e mais especificamente como a ninfa Urvaśī (*Kātyāyana* V, 1, 30, etc.).

<sup>30</sup> Para *yāman* veja 1.37.3; 3.2.14; 6.16.5. O brilhante no caminho dos Ásvins não deve ser o sol? Sāyaṇa pensa no carro dos Ásvins, o que também pode estar certo.

<sup>31</sup> Literalmente, uma fumaça viril, forte, ou como touro.

**11.** Ele é chamado de Tanūnapāt como o germe do Asura. Narāśaṃsa ele se torna quando ele nasce, Mātariśvan quando ele foi moldado na mãe.<sup>32</sup> E ele se tornou o avanço do vento em seu curso rápido.

**12.** Friccionado para fora por fricção hábil, estabelecido por estabelecimento hábil, como um sábio, ó Agni, realiza sacrifícios excelentes. Sacrifica aos deuses para aquele que é devotado aos deuses.<sup>33</sup>

**13.** Os mortais têm gerado o imortal, o ...,<sup>34</sup> o favorecedor com mandíbulas fortes. As dez irmãs não casadas<sup>35</sup> unidas cuidam do homem (Agni), quando ele nasceu.

**14.** Ele o deus dos sete Hotṛs resplandeceu desde os tempos antigos, quando ele flamejou no colo de sua mãe, no úbere dela. Dia após dia o alegre nunca fecha seus olhos, quando ele nasceu do ventre do Asura (isto é, do Céu?).

**15.** Os assaltos de (Agni), quando ele ataca seus inimigos, são como aqueles dos Maruts. (Ele é) o (filho) primogênito da palavra sagrada. Eles conhecem cada (fogo).<sup>36</sup> Os Kuśikas elevaram sua palavra brilhante; eles acenderam Agni, cada um em sua casa.

**16.** Depois de termos te escolhido aqui hoje, ó sábio Hotṛ, enquanto esse sacrifício estava acontecendo, tu sacrificaste firmemente e trabalhaste firmemente. Vem para este Soma, perito e conhecedor!

[Índice](#) ◀

---

<sup>32</sup> Esse é um jogo de palavras (*mātariśvā* e *āmimīta mātari*, 'ele foi moldado na mãe').

<sup>33</sup> Esse Pāda é idêntico a 1.15.12. Ele é um *galita*. [*Galita*: 'caído' [ou suprimido] dito dos versos omitidos do *padapāṭha* por causa de sua ocorrência em uma passagem anterior'. – *sanskritdictionary.com*.]

<sup>34</sup> O significado de *asremān* é desconhecido.

<sup>35</sup> Os dez dedos.

<sup>36</sup> Ou *prathamajām brahmaṇah viśve it viduḥ*: 'todas as (pessoas) conhecem o primogênito (filho) da palavra sagrada?' O professor Max Müller escreve: '*Prathamajāḥ* é o vento, 10.168.3. Ele pode aqui referir aos Maruts, que muitas vezes são ditos cantar preces; eles sabem tudo sobre Brahman (prece)'.



## Hino 30. Indra (Wilson)

(Adhyāya 2. Anuvāka 3. Sūkta I)

O deus é Indra; o Ṛṣi Viśvāmitra; a métrica Triṣṭubh.

Varga 1. **1.** Os portadores de libações te desejam; teus amigos derramam o suco Soma; eles oferecem oblações copiosas; (apoiados por ti) eles suportam pacientemente a calúnia dos homens, pois quem é tão renomado quanto tu és.

**2.** Dono de corcéis fulvos, as regiões mais remotas não são remotas para ti; então vem rapidamente com teus cavalos; a ti, o constante derramador (de benefícios), esses sacrifícios são oferecidos; as pedras (para moer a Soma) estão prontas, enquanto o fogo está sendo aceso.

**3.** Derramador (de benefícios, que és) Indra, o utente do elmo,<sup>1</sup> o professor de opulência, o transportador (de homens para além do mal),<sup>2</sup> o líder da tropa numerosa (dos Maruts), o realizador de muitos atos grandiosos, o devastador de (regiões) hostis, o terror de teus inimigos, onde estão aqueles feitos heroicos (que tu realizaste) contra os mortais (Asuras), quando combatido (por eles em batalha)?

**4.** Tu sozinho derrubando os (Asuras) firmemente estabelecidos procedes, destruindo os Vr̥tras, e obedientes ao teu comando o céu e a terra e as montanhas permaneceram como se imóveis.

**5.** Tu sozinho, quando invocado por muitos, e o matador de Vr̥tra pela tua destreza, disseste firmemente (para os Deuses), não temam! Indra, dotado de opulência, vasto é o teu alcance, com o qual tu apreendeste estas regiões ilimitadas, o céu e a terra.

Varga 2. **6.** Que (o teu carro), Indra, puxado por teus cavalos (avance) para baixo (sobre os Asuras); que o teu raio destruidor caia sobre teus inimigos; mata aqueles que assaltam na frente ou na retaguarda, ou que fogem (do combate); faz do universo (a residência da) verdade; (que tal poder) esteja concentrado em ti.

**7.** O homem a quem tu concedes, senhor do poder, (a tua boa vontade), desfruta (de prosperidade) doméstica inaudita; Indra, que és invocado por muitos, a tua graça auspiciosa, o que é obtida por oblações,<sup>3</sup> é a concessora de riqueza sem limites.

**8.** Indra, que és invocado por muitos, reduziste a pó o malévolos insultuoso Vr̥tra opondo-se a ti, residente com a mãe dos Dānavas, e crescente em poder, até que, tendo-o privado de mãos e pés, tu o destruístes pela tua força.<sup>4</sup>

**9.** Tu fixaste tranquila em sua posição a vasta terra ilimitada e errante; o derramador (de benefícios) sustentou o céu e o firmamento; que as águas geradas por ti aqui desçam.

**10.** A nuvem pesada,<sup>5</sup> o receptáculo de água, temendo (a ti) seu destruidor, abriu-se antes (que tu tivesses lançado teu raio); então Indra, invocado por muitos, fez caminhos

---

<sup>1</sup> *Suśipra*, em mais do que uma passagem anterior, foi explicado, tendo um nariz ou queixo belo, para o qual Sāyaṇa aqui também cita o *Nirukta*, VI. 17, mas ele propõe um novo significado, *śirastrāṇam*, uma proteção da cabeça, um elmo.

<sup>2</sup> *Tarutra* também pode ser traduzido, aquele por quem os deuses superam ou derrotam os Asuras.

<sup>3</sup> *Sumatirghṛtācī*; a aplicação do epíteto não é muito óbvia, aquilo que vai para ou obtém manteiga clarificada, *haviṛ ancati*, *prāpnoti*, mas não é aplicável a mais nada no hemistíquio.

<sup>4</sup> *Sahadānum kṣiyantam sampiṇak kuṇārum*; essa é a alegoria habitual da destruição da nuvem, mas vários dos termos admitem diferentes interpretações: *Sahadānu*, com aqueles procedentes de Danu, como em uma passagem anterior, 1.32.9, ou pode significar, unido com os Dānavas ou, segundo Mahīdhara, *Yajur-Veda*, xviii. 69, pode ser simplesmente *sahau* de *sahas*, força; *kṣiyantam*, de acordo com Sāyaṇa, é *bādhamānam*, que se opõe à chuva; Mahīdhara explica *nikaṭavarttamānam*, estando perto de; *kuṇāru* pode ser um nome próprio, o de um Asura, um ruidoso ou maledicente, ou, de acordo com Yāska, de som alto; Sāyaṇa também nos dá outra interpretação: esmaga a nuvem crescente que derrama água, permanente no céu, e troyejante.

facilmente percorridos para as águas saírem, e desejáveis e ressoando alto elas procedem até as (águas da terra).

Varga 3. **11.** Sozinho Indra encheu os dois, a terra e o céu mutuamente combinados, e abundantes com riqueza; tu, herói, em teu carro, vem com teus cavalos atrelados do firmamento, impaciente para estar perto de nós.

**12.** Sūrya não fere os quadrantes (do horizonte), abertos diariamente (para a jornada dele), a progênie de Haryaśva;<sup>6</sup> quando ele percorreu as estradas (que ele tem que percorrer), então ele solta seus cavalos, pois esse é seu ofício.

**13.** Todos os homens ficam ansiosos para ver a grandiosa e variegada hoste (dos raios solares) na saída da aurora depois que a noite foi desalojada, e quando a manhã chega, eles reconhecem os atos muitos grandes e gloriosos de Indra.

**14.** Uma grande luz foi derramada sobre os rios; a vaca pasta ainda imatura, carregada com o (leite) maduro, pois Indra colocou na vaca toda essa doçura coletada para o sustento.

**15.** Indra sê firme, pois há obstrutores de (teu) caminho; garante para o adorador e seus amigos (os meios de completar) o sacrifício; inimigos mortais<sup>7</sup> que carregam arcos, armados com armas danosas, e vindo com má intenção, devem ser destruídos (por ti).

Varga 4. **16.** O som (do teu raio) foi ouvido pelos inimigos que se aproximam; lança sobre eles o raio destruidor, corta-os pela raiz, resiste, Maghavan, vence, mata os Rākṣasas, completa (o sacrifício).

**17.** Arranca os Rākṣasas, Indra, pela raiz; corta em pedaços o meio, arruína o topo; para quaisquer (regiões) remotas que tu tenhas impellido o pecador, lança sobre o inimigo do Veda<sup>8</sup> a tua arma consumidora.

**18.** Regulador (do mundo abastece-nos) com cavalos para o nosso bem-estar, e quando tu estiveres sentado perto de nós que nós possamos nos tornar poderosos, desfrutando de alimento abundante, e amplas riquezas, e que haja para nós riqueza acompanhada por progênie.

**19.** Traze para nós, Indra, riqueza esplêndida; nós confiamos na generosidade de ti que gostas de doar; o nosso desejo é tão insaciável quanto o fogo do oceano; sacia-o, senhor de riquezas infinitas.

**20.** Satisfaze esse nosso desejo (de riqueza) com vacas, com cavalos, com tesouro brilhante, e nos torna renomados; os sábios Kuśikas, desejosos de céu, oferecem louvor a ti, Indra, com (preces) piedosas.

**21.** Indra, o senhor do gado, (divide as nuvens e nos manda) a chuva, de onde alimentos nutritivos possam vir até nós; derramador (de benefícios), tu estás espalhado através do firmamento, e és poderoso através da verdade; Maghavan, considera a ti mesmo como nosso protetor.

**22.** Nós invocamos para nossa proteção o opulento Indra, célebre nesse combate; o líder na (luta) concessora de alimento, que ouve (os nossos louvores), terrível em batalhas, o destruidor de inimigos, o conquistador de riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 31 \(Wilson\)](#)

<sup>5</sup> *Alātr̥ṇo balah*, o primeiro é explicado, uma nuvem, e o segundo, aquilo que por sua abundância de água é capaz de fazer mal; o verso é similarmente explicado por Yāsha, *Nir*, vi. 2, mas a construção e fraseologia o tornam um tanto obscuro.

<sup>6</sup> Indra, ou aquele com os cavalos fulvos.

<sup>7</sup> *Martyāsah*; Sāyaṇa explica, aqui, como *Mārayitārah*, matadores, assassinos.

<sup>8</sup> *Brahma dviṣe*; Sāyaṇa o interpreta como: aquele que nutre o ódio contra o *brahman*; mas *brahma* pode significar a prece dos Vedas, ou os Vedas, o qual é aqui o significado mais provável, ou pelo menos a religião ou ritual dos seguidores do Veda.

---

### Hino 30. Indra (Griffith)

1. Os amigos que oferecem Soma anseiam encontrar-te; eles derramam Soma e oferecem suas iguarias. Eles suportam impassíveis a blasfêmia do povo, pois toda a nossa sabedoria vem de ti, ó Indra.
2. Não são distantes para ti as regiões mais elevadas do meio do ar; parte para cá, Senhor dos Baios, com teus Cavalos Baios. Feitas para o Firme e Forte são essas libações. As pedras de espremer estão colocadas e o fogo está aceso.
3. Bela face tem Indra, Maghavan, o Vitorioso, Senhor de um grande exército, o que causa temporal, forte em ação. O que uma vez tu fizeste em poder quando os mortais te irritaram, – onde agora, ó Touro, estão aquelas tuas façanhas de herói?
4. Pois, derrubando o que nunca tinha sido abalado, tu partes sozinho destruindo Vṛtras. Para aquele que segue a tua Lei as montanhas e os céus e a terra permanecem como se estabelecidos firmemente.
5. Sim, Invocado por muitos! em segurança através de tuas glórias sozinho tu falasses a verdade como matador de Vṛtra. Até estes dois mundos ilimitados para ti, ó Indra, quando tu os apanhas, são apenas um punhado.
6. Adiante com teus Cavalos Baios pelo despenhadeiro, Indra, adiante, esmagando inimigos, segue o teu raio de trovão! Mata aqueles que te encontram, aqueles que fogem, que seguem; torna verdadeira toda promessa tua; que tudo seja concluído.
7. O homem a quem tu dás como Provedor goza de fartura doméstica indivisa. Abençoado, Indra, é o teu favor que derrama gordura: o teu culto, Muito-invocado! traz presentes aos milhares.
8. Tu, Indra, Invocado por muitos! esmagaste em pedaços Kuṇāru<sup>9</sup> o demônio sem mãos que morava com Dānu.<sup>10</sup> Tu com poder, Indra, mataste o escarnecedor, Vṛtra o sem pés quando ele cresceu em vigor.
9. Tu estabeleceste em seu lugar, Indra, a terra plana, vasta, vigorosa, ilimitada. O Touro<sup>11</sup> tem sustentado o céu e a região do meio do ar. Por ti enviadas para frente que as torrentes fluam para cá.
10. Aquele que reteve as vacas, em silêncio<sup>12</sup> cedeu por medo diante de teu golpe, ó Indra. Ele fez caminhos fáceis para conduzir adiante o gado. Louvores de fôlego alto ajudaram o Muito invocado.
11. Indra sozinho repletou a terra e o céu, o Par que se reúne, rico em tesouros. Sim, traz para perto de nós da região do meio do ar, no teu carro, força e alimentos saudáveis, ó Herói.
12. Sūrya não ultrapassa os limites ordenados colocados diariamente<sup>13</sup> pelo Senhor dos Corcéis Fulvos. Quando ele chega à meta, sua viagem terminou, seus Cavalos ele solta; essa é conduta de Indra.
13. Os homens alegremente no decorrer da noite contemplariam a ampla frente brilhante da Manhã refulgente; e todos reconhecem, quando ela vem em glória, as obras múltiplas e consideráveis de Indra.

---

<sup>9</sup> O nome de um demônio.

<sup>10</sup> Mãe de Vṛtra. Veja também 1.32.9.

<sup>11</sup> O poderoso Indra.

<sup>12</sup> Eu adoto a interpretação do professor Max Müller (*Vedic Hymns* I. pp. 227-228) da difícil palavra *alātrṇah*, 'a qual tinha evidentemente se tornado ininteligível mesmo na época de Yāska'.

<sup>13</sup> Com referência, talvez, como o professor Ludwig observa, à mudança aparente no lugar de nascimento do sol.

**14.** Um esplendor poderoso repousa no seio dela; trazendo leite maduro a Vaca,<sup>14</sup> imatura, avança. Toda a doçura está reunida na Novilha, doçura que Indra fez para o nosso prazer.

**15.** Obstruindo o caminho, eles vêm.<sup>15</sup> Sê firme, ó Indra; ajuda os amigos a sacrificar e aquele que canta. Estes devem ser mortos por ti, os mortais malignos, armados com artifícios prejudiciais, nossos inimigos portadores de aljavas.

**16.** Um grito é ouvido de inimigos muito perto de nós; contra eles envia a tua arma que flameja mais ferozmente. Rasga-os por debaixo, esmaga-os e subjuga-os. Mata, Maghavan, e faz dos demônios nosso saque.

**17.** Arranca pela raiz a raça de Rākṣasas, ó Indra; despedaça-a na frente e esmaga-a no meio. Por quanto tempo tu tens te comportado como alguém que oscila? Lança o teu dardo quente naquele que odeia devoção;

**18.** Quando conduzido por Corcéis fortes para o nosso bem-estar, ó Líder, tu te instalas em muitas iguarias nobres. Que nós sejamos ganhadores de riquezas abundantes. Que Indra seja a nossa riqueza com abundância de filhos.

**19.** Dá-nos prosperidade resplandecente, ó Indra; deixa-nos desfrutar do teu transbordamento de generosidade. Extenso como um oceano o nosso desejo se expandiu, satisfaze-o, ó Senhor do Tesouro dos tesouros.

**20.** Com vacas e cavalos realiza esse desejo; com generosidade muito esplêndida continuamente o amplia. Buscando a luz, com hinos a ti, ó Indra, os Kuśikas trouxeram seu presente, os cantores.

**21.** Senhor das vacas, abre o estábulo das vacas; as vacas serão nossas, e força que ganha o saque. Herói, cujo poder é verdadeiro, o teu lar é o céu; para nós, ó Maghavan, dá presentes de gado.

**22.** Nós invocamos Maghavan, Indra auspicioso, o melhor herói nessa luta onde o saque é coletado, o Forte que ouve, que dá auxílio em batalhas, que mata os Vṛtras, ganha e reúne riquezas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 31 \(Griffith\)](#)

---

<sup>14</sup> *A Vaca, e a Novilha*: a benéfica Uṣas ou Manhã.

<sup>15</sup> Aqueles que insultam e obstruem o culto de Indra.

## Hino 31. Indra (Wilson)

(Sūkta II)

O deus e o R̥ṣi são os mesmos, ou o último pode ser outro Viśvāmitra o filho de Iṣīratha,<sup>1</sup> da família de Kuśika; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 5. **1.**<sup>2</sup> O pai sem filhos,<sup>3</sup> regulando (o contrato), se refere ao seu neto, (o filho) de sua filha, e contando com a eficiência do rito, honra (seu neto) com presentes valiosos; o pai, confiando na fecundação da filha, se mantém com uma mente tranquila.

**2.** (Um filho,) nascido do corpo, não transfere a riqueza (paterna) para uma irmã;<sup>4</sup> ele fez (dela) o receptáculo do embrião do marido;<sup>5</sup> se os pais geram filhos (de ambos os sexos),<sup>6</sup> um é o realizador de atos sagrados, o outro é para ser enriquecido (com presentes).<sup>7</sup>

**3.** Para a adoração do resplandecente (Indra), Agni, brilhando com chama, gerou filhos poderosos; grandioso era o germe, e grandioso foi o nascimento deles, e grande era a sua eficácia, para o culto de Haryaśva.

**4.** Os vitoriosos (Maruts) associados (com Indra quando lutando com Vṛtra) perceberam uma grande luz saindo da escuridão. As auroras reconhecendo-o (como o sol) se ergueram, e Indra era o único soberano dos raios (de luz).

**5.** Os sete sábios inteligentes (os Aṅgirasas) tendo averiguado que (as vacas) estavam escondidas na forte (caverna), propiciaram (Indra) por devoção mental; eles recuperaram todas elas pelo caminho do sacrifício; pois Indra, conhecendo (seus atos piedosos), e oferecendo-lhes homenagem, entrou (na caverna).

Varga 6. **6.** Quando Saramā descobriu a (entrada) quebrada da montanha, então Indra fez uma grande e ampla (provisão) para os filhotes dela, como previamente (prometido);<sup>8</sup> então o (animal) de patas firmes, primeiro reconhecendo o mugido delas, prosseguiu, e chegou à presença das vacas imperecíveis.<sup>9</sup>

**7.** O mais sábio (Indra), desejoso da amizade dos (Aṅgirasas), foi até a caverna, e a montanha cedeu o seu conteúdo para o (deus) valente, auxiliado pelos jovens Maruts, igualmente desejando (conciliar os sábios); o destruidor (dos Asuras) recuperou (o gado), e imediatamente Aṅgiras se tornou seu adorador.

---

<sup>1</sup> [Veja 1.10.11, nota 7.]

<sup>2</sup> Muitos dos versos neste hino são mais obscuros do que o habitual. [Essa nota encontra-se ao final do hino na tradução inglesa.]

<sup>3</sup> *Sāsadvahni*; o último é dito ser o pai de uma filha apenas, não de um filho, porque ele leva para longe sua propriedade através de sua filha casada em outra família; *sāsad*, *sāsti*, ele estipula, que o filho de sua filha, seu neto, será seu filho, um modo de filiação reconhecido por lei; e, contando com um herdeiro assim obtido, e que pode realizar seus ritos fúnebres, ele fica satisfeito. [Veja a nota 20.]

<sup>4</sup> Se houver um filho a herança não vai para a irmã.

<sup>5</sup> E ao fazê-lo a torna *samskṛtā*, ele assegura por ela um dos ritos purificatórios essenciais.

<sup>6</sup> *Yadī mātarō janayanti vahni*; aqui *vahni* é explicado prole, ou seja, prole masculina, um filho, enquanto *avahni* é dito significar uma filha; mas pode implicar ambos, como tendo sido carregados pela esposa, e o contexto requer esse significado, pois um, o filho, como o realizador de ritos fúnebres e outros, é o herdeiro, enquanto a outra é *ṛndhan*, *ṛddhyamānā*, para ser aumentada ou feita rica, com vestidos, ornamentos, e semelhantes.

<sup>7</sup> Esses dois versos, se corretamente interpretados, não têm qualquer relação com o tema do Sūkta, e entram sem qualquer objetivo aparente; eles são muito obscuros, e são apenas feitos um pouco inteligíveis por interpretações que parecem ser arbitrárias, e são muito incomuns, embora não peculiares a Sāyaṇa, as explicações dele sendo baseadas naquelas de Yāska. *Nir.*, III. 4-6.

<sup>8</sup> [Veja 1.62.3, nota 2.]

<sup>9</sup> Veja 1.6.5, [nota 4]; o verso ocorre o também no *Yajur-Veda*, xxxiii. 59, onde o comentador dá, além da habitual ilustração lendária, uma interpretação diferente e mais mística, explicando *saramā* por *vāc*, fala, aquela na qual os deuses *saharamante*, se deleitam juntos; as outras frases são explicadas não muito distintamente, no mesmo sentido.

**8.** Que ele que é o símbolo de tudo o que é excelente, o antecipador (de seus inimigos), ele que conhece tudo o que nasce, que destrói Śuṣṇa, o perspicaz,<sup>10</sup> o restituidor do gado, que ele, um amigo que vem do céu, honrando-nos como seus amigos, seja livre de toda censura.<sup>11</sup>

**9.** Os Aṅgirasas, com mentes concentradas em seu gado, sentaram-se (para adorar Indra), com hinos, seguindo a estrada para a imortalidade; grande foi essa sua perseverança, pela qual eles buscaram por meses realizar (seus objetivos).

**10.** Contemplando o seu próprio (gado) dando leite à sua antiga descendência (os Aṅgirasas) ficaram encantados; os seus gritos se espalharam pelo céu e a terra; eles recolocaram as vacas recuperadas em seus lugares, e colocaram guardas sobre as vacas.

Varga 7. **11.** Indra, o matador de Vṛtra, soltou as vacas leiteiras, ajudado pelos Maruts, nascidos para seu auxílio, e com direito a louvores e oblações, e as (vacas) excelentes que contribuem abundantemente para oferendas sagradas, e que produzem a manteiga de libação, ordenharam para ele o doce alimento (sacrificial).

**12.** Eles (os Aṅgirasas) realizando atos piedosos fizeram para seu protetor uma residência espaçosa e esplêndida a qual eles celebraram; sentados (no sacrifício) e sustentando com o pilar (do firmamento) os pais (de todas as coisas, céu e terra), eles estabeleceram o rápido Indra no alto (no céu).

**13.** Visto que o nosso louvor devoto designou um governante próspero para a regulação do céu e da terra, a quem louvores irrepreensíveis e apropriados (são devidos), portanto todas as energias de Indra são exercidas espontaneamente.

**14.** Eu desejo, Indra, a tua amizade, e (o exercício d)os teus poderes; muitos cavalos vêm ao matador de Vṛtra; nós oferecemos a ti, sábio, grande louvor e oblações; considera-te, Maghavan, como nosso protetor.<sup>12</sup>

**15.** Campos extensos, vasto tesouro, pastagens (espaçosas), aquele que sabe muito (Indra) tem concedido aos seus amigos; o radiante Indra com os líderes (de ritos, os Maruts) gerou o sol, a alvorada, a terra, e o fogo.

Varga 8. **16.** Este Indra de espírito humilde criou as águas muito espalhadas, misturadas, que deleitam todos; e elas, purificando as doces (libações) com os sábios purificadores,<sup>13</sup> e sendo benevolentes (para todos), prosseguem com (as revoluções) de dias e noites.<sup>14</sup>

**17.** As duas adoráveis (alternâncias de) dia e noite,<sup>15</sup> mantendo (todas as coisas) pelo poder do sol,<sup>16</sup> revolvem sucessivamente; os teus amigos sinceros e aceitáveis (os Maruts) estão prontos para enfrentar (os teus inimigos) e manter a tua grandeza.

**18.** Matador de Vṛtra, tu, que és de vida longa, o derramador (de benefícios), o dador de alimentos, sê o senhor dos nossos louvores verdadeiros, dirigindo-te (para o sacrifício), vem a nós grandioso, com proteções grandiosas, amigáveis, e auspiciosas.

<sup>10</sup> *Padaviḥ, kavitama*, o mais sábio ou perspicaz quanto ao passado, de *pada*, um objeto, e *viḥ*, que conhece.

<sup>11</sup> *Muñcanniravadyāt*, sempre, *nitaram*, sê livre, *muñcatu* – de uma falha tal como aquela da natureza da morte de Vṛtra; *Vṛtrabadha rūpād-doṣāt*; mas essa é uma noção purânica, Vṛtra, de acordo com os *Purāṇas*, sendo um brâmane, e por matá-lo Indra era culpado do pecado hediondo de *Brahmahatyā* [bramanicídio, ou assassinato de brâmane].

<sup>12</sup> *Sāma-Veda*, I. V. 21.

<sup>13</sup> *Kavibhiḥ pavitraiḥ*; de acordo com o comentador, os sábios, que são por assim dizer os filtros ou purificadores da libação de Soma, são as divindades, Agni, Vāyu e Sūrya.

<sup>14</sup> *Dyubhir-hinvantya tubhiḥ*, eles seguem com dias e noites; de acordo com o comentador, eles regulam de dia e de noite as respectivas funções de todo o mundo; eles fazem o mundo inteiro diligente em suas respectivas funções de noite e de dia.

<sup>15</sup> O texto tem *Ubhe kṛṣṇe*, os dois escuros, ou seja, o escoliasta afirma, *ahorātre*, dia e noite.

<sup>16</sup> *Sūryasya mahanā*; o comentador identifica Sūrya com Indra, o impulsor, *preraka*, do mundo.

**19.** Adorando-o com reverência, como um Aṅgiras, eu faço o antigo (Indra) renovar<sup>17</sup> ao aceitar a oblação; destrói os muitos opressores ímpios (de teus adoradores) e concede a nós, Maghavan, a tua própria (riqueza) para a nossa aceitação.

**20.** As tuas águas purificadoras foram espalhadas amplamente; enche os leitões delas para o nosso bem-estar; viajando em teu carro, defende-nos dos malevolentes, e nos torna rapidamente os conquistadores de gado.

**21.** Indra, o matador de Vṛtra, o senhor dos rebanhos, descobriu o gado, e por seu esplendor radiante afastou os negros (Asuras), e indicando com veracidade (aos Aṅgirasas) as honestas (vacas), ele fechou o portão sobre todo o próprio gado deles.<sup>18</sup>

**22.** Nós invocamos para nossa proteção o opulento Indra, célebre nesse combate; o líder na (luta) concessora de alimento, que ouve (os nossos louvores), terrível em batalhas, o destruidor de inimigos, o conquistador de riqueza.<sup>19</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 32 \(Wilson\)](#)

### Hino 31. Indra (Griffith)

**1.**<sup>20</sup> Sábio, que ensina, seguindo o conceito de Ordem, o sem filhos ganhou um neto de sua filha. Desejoso, como um pai, de ver seu filho prolífero, ele apressou-se para encontrá-la com um espírito ansioso.

**2.** O Filho não deixou sua parte para o irmão,<sup>21</sup> ele fez um lar<sup>22</sup> para manter aquele que deve ganhá-la. Quando os Pais<sup>23</sup> dele deram ao Sacerdote sua existência, do bom par<sup>24</sup> um atuou, um promoveu.

**3.** Agni nasceu tremendo com língua que tremeluzia, de modo que os notáveis filhos do Vermelho<sup>25</sup> fossem honrados. Grandioso é o germe deles, aquela nascida deles<sup>26</sup> é poderosa, grandiosa a aproximação do Senhor dos Baios através de sacrifícios.

**4.** Bandos conquistadores<sup>27</sup> serviram o Guerreiro; eles reconheceram grande luz a partir da escuridão. As Auroras conscientes saíram ao encontro do advento dele, e o único Mestre das vacas<sup>28</sup> era Indra.

<sup>17</sup> [Esse trecho por Griffith: 'eu renovo a antiga canção para ele o Antigo'.]

<sup>18</sup> *Duraśca viśvā avṛṇod apa svāḥ*; isto é, de acordo com Sāyaṇa, tendo colocado o gado nos currais, ele cobriu ou fechou as portas.

<sup>19</sup> [Verso idêntico a 3.30.22.]

<sup>20</sup> Eu sou incapaz de dar uma versão satisfatória ou até inteligível das primeiras duas estrofes que parecem atribuir, de uma maneira muito obscura, a Agni e aos Deuses do céu os costumes ou leis de sucessão à propriedade entre os homens. Na primeira estrofe *vāhniḥ*, que geralmente significa um portador de oblações, um sacrificador, um sacerdote, ou alguém que é conduzido como um Deus em um carro celeste, é dito por Sāyaṇa significar sem filhos, o pai de uma filha somente, porque ele transfere sua propriedade por meio de sua filha casada para outra família. O pai sem filhos, de acordo com Sāyaṇa, 'estipula que o filho de sua filha, seu neto, será seu filho, um modo de filiação reconhecido por lei; e, contando com um herdeiro assim obtido, e que pode realizar seus ritos fúnebres, ele fica satisfeito', [nota 3]. Isso pode ser inteligível, mas o que isso tem a ver com Agni ou com o resto do hino não está claro. Grassmann considera que *vāhniḥ* significa o bastão de fogo superior, e a filha significa o pedaço de madeira inferior.

<sup>21</sup> Wilson, seguindo Sāyaṇa, traduz: '(um filho,) nascido do corpo, não transfere a riqueza (paterna) para uma irmã'. Ludwig supõe que o significado é: o filho corpóreo (de Dyaus, ou das águas celestes) não transmitiu sua herança (isto é, sacrifício) para um irmão.

<sup>22</sup> As plantas que recebem e mantêm Agni, que obtém a herança de sacrifício.

<sup>23</sup> Talvez os bastões de fogo, um dos quais por agitação produz a chama no outro.

<sup>24</sup> O oferecedor terrestre que realiza o sacrifício, e o oferecedor celeste que o torna eficaz. Veja Bergaigne, *La Religion Védique*, I, 234. Ludwig reconhece que o sentido das duas estrofes é problemático, [veja a nota 7].

<sup>25</sup> Os raios quentes do fogo brilhante.

<sup>26</sup> A chegada de Indra, que é causada pelo acendimento do fogo sacrificial.

<sup>27</sup> Os Maruts sempre vitoriosos.

5. Os sábios as libertaram de sua prisão firmemente construída; os sete sacerdotes<sup>29</sup> as impeliram adiante com seu espírito. Todo caminho da Ordem sagrada eles descobriram; ele, cheio de conhecimento, compartilhou esses atos através de culto.

6. Quando Saramā<sup>30</sup> tinha encontrado a fissura da montanha, aquele vasto e antigo lugar ela saqueou completamente. Na vanguarda das torrentes<sup>31</sup> ela as<sup>32</sup> guiou para frente, de pés ligeiros; ela que conhecia bem chegou primeiro ao mugido delas.

7. Ansiando por amizade chegou o cantor mais nobre,<sup>33</sup> a colina derramou seu tesouro para os piedosos. O Herói<sup>34</sup> com seguidores jovens lutou e conquistou, e imediatamente Aṅgiras estava cantando louvores.

8. Igual a cada coisa nobre, sim, que sobrepuja todos, ele conhece todas as criaturas, ele mata Śuṣṇa. Nosso Líder, ávido por guerra, cantando do céu, como Amigo ele salvou seus amados da desonra.

9. Eles<sup>35</sup> se sentaram com espírito ávido por saque, fazendo com hinos um caminho para a vida eterna. E esse ainda é seu local de sessão frequente, pelo qual eles buscaram ganhar os meses<sup>36</sup> através da Ordem.

10. Tirando o leite de antiga semente prolífica, eles se alegraram quando eles viram sua própria posse.<sup>37</sup> Seu grito de triunfo aqueceu a terra e o céu. Quando as vacas apareceram, eles mandaram os heróis incitá-las.

11. Indra impeliu adiante as vacas, aquele matador de Vṛtra, enquanto hinos de louvor erguiam-se e presentes eram oferecidos. Para ele a Vaca, nobre e estendendo-se ao longe, derramou sucos agradáveis, trazendo óleo e doçura.

12. Eles fizeram uma mansão para seu Pai,<sup>38</sup> com habilidade Ihe proporcionaram uma residência grande e gloriosa; com suporte firme separaram e pararam os Pais,<sup>39</sup> e, sentando-se, fixaram a ele lá erguido, poderoso.

13. Quando o amplo cálice<sup>40</sup> o tinha incitado, crescendo rápido, vasto, para perfurar a terra e o céu, – ele em quem canções irrepreensíveis estão todas juntas; todos os poderes invencíveis pertencem a Indra.

14. Eu anseio teus poderes, eu anseio tua forte amizade; muitas parselhas completas<sup>41</sup> vão ao matador de Vṛtra. Grande é o louvor, nós buscamos a graça do Príncipe. Sê tu, ó Maghavan, nosso guarda e protetor.

15. Ele, tendo encontrado grande, esplêndido, rico domínio, enviou vida e movimento para seus amigos e amantes. Indra que brilhou junto com os Heróis gerou a canção, o fogo, e o Sol e a Manhã.

16. Vasto, o Amigo da Casa, ele colocou as águas para fluir, todo-transparentes, amplamente espalhadas, que se movem juntas. Pelas purificações sábias<sup>42</sup> do hidromel tornado sagrado, através de dias e noites eles aceleram as correntes rápidas para frente.

<sup>28</sup> Recuperador dos raios de luz desaparecidos.

<sup>29</sup> *Os sábios e os sete sacerdotes* são os Aṅgiras.

<sup>30</sup> O cão de caça de Indra. Veja 1.62.3.

<sup>31</sup> Apressando-se para fora da caverna de montanha na frente das águas libertadas.

<sup>32</sup> As vacas, as águas e os raios de luz.

<sup>33</sup> Como um nome de multidão, todos os Aṅgiras.

<sup>34</sup> Indra com seus aliados, os Maruts.

<sup>35</sup> Os Aṅgiras, que estavam ansiosos para recuperar as vacas.

<sup>36</sup> Adquirir o poder de manter os festivais mensais.

<sup>37</sup> Ou, 'Eles se alegraram ao vê-las, como sua própria posse, produzindo o leite de antiga semente prolífica'. Os Aṅgiras se regozijaram quando eles viram novamente os raios de luz, derramando o que origina e sustenta toda vida. A interpretação de Sāyaṇa dessa estrofe difícil é apresentada por Wilson, [veja a versão dele acima.]

<sup>38</sup> De acordo com Sāyaṇa, para seu protetor Indra. Mas Agni pode ser aludido, a mansão sendo o lugar de sacrifício.

<sup>39</sup> Céu e Terra, pais de todas as coisas.

<sup>40</sup> A taça de suco Soma. Mas, de acordo com Ludwig, *dhiṣaṇā*, aqui e em outros lugares, significa o desejo mais intenso, anseio.

<sup>41</sup> Hinos enviados como parselhas de cavalos.



**17.** Para ti procedem os escuros, os detentores do tesouro,<sup>43</sup> ambos santificados pela graça da Sūrya. Enquanto os teus encantadores Amigos tempestuosos,<sup>44</sup> Indra, falham em alcançar a medida da tua grandeza.

**18.** Sê o Senhor de canções alegres, ó matador de Vṛtra, Touro querido para todos, que dás o poder de vida. Vem a nós com tua amizade auspiciosa, apressando-te, Poderoso, com auxílios poderosos.

**19.** Como Aṅgiras eu o reverencio com adoração, e renovo a antiga canção para ele o Antigo. Afugenta as muitas criaturas malignas ímpias, e dá-nos, Maghavan, a luz do céu para nos ajudar.

**20.** Ao longe estão espalhadas as águas purificadoras;<sup>45</sup> transporta-nos através delas até a segurança. Salva-nos, nosso Auriga, do mal, ó Indra, em breve, muito em breve, faze-nos ganhar despojos de gado.

**21.** Suas vacas<sup>46</sup> seu Senhor tem mostrado, o matador de Vṛtra, através das hostes negras ele passou com atendentes vermelhos.<sup>47</sup> Ensinando-nos coisas agradáveis pela Ordem sagrada, para nós ele escancarou todos os seus portais.

**22.** Nós invocamos Maghavan, Indra auspicioso, o melhor Herói nessa luta onde o saque é coletado, o Forte que ouve, que dá auxílio em batalhas, que mata os Vṛtras, ganha e reúne riquezas.<sup>48</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 32 \(Griffith\)](#)

---

<sup>42</sup> Ou, de acordo com Sāyaṇa, os sábios purificadores, ou seja, Agni, Vāyu, e Sūrya, que agem como purificadores da libação de suco Soma.

<sup>43</sup> Ou, o escuro e o detentor do tesouro; Noite e Dia.

<sup>44</sup> Os Maruts.

<sup>45</sup> O epíteto *pāvākāḥ*, purificadoras, está totalmente fora de lugar aqui. Ludwig sugere *pāpakāḥ*, más, o que seria mais apropriado.

<sup>46</sup> Raios de luz.

<sup>47</sup> Os Maruts.

<sup>48</sup> [Veja a nota 2.] O professor Grassmann coloca o hino em seu Apêndice.

## Hino 32. Indra (Wilson)

(Sūkta III)

O deus, o R̥ṣi, e a métrica, os mesmos.

Varga 9. **1.** Indra, o senhor do Soma, bebe este suco Soma que é agradável para ti no sacrifício do meio-dia; Maghavan, participante do Soma sem vigor<sup>1</sup> desjunge os teus cavalos, e, enchendo suas mandíbulas (com forragem), alegra-os nesta cerimônia.

**2.** Indra, bebe o suco Soma misturado com leite, com leiteiro, ou fresco;<sup>2</sup> nós o oferecemos para a tua alegria, associado com a companhia devota dos Maruts e dos Rudras; bebe-o até tu estares satisfeito.

**3.** Estes são os Maruts, Indra, que, adorando a tua coragem, aumentam a tua força devastadora (por sua ajuda); acompanhado pelos Rudras, bebe, manejador do raio, e de queixo belo, no sacrifício do meio-dia.

**4.** Aqueles eram os Maruts que eram a força de Indra, e o encorajaram gentilmente; animado por quem ele perfurou a parte vital de Vṛtra, imaginando-se invulnerável.

**5.** Satisfeito<sup>3</sup> com o sacrifício, como se ele fosse aquele de Manu, bebe, Indra, o suco Soma, por causa de vigor perpétuo; vem, Senhor dos corcéis fulvos, com os adoráveis Maruts, e com os aqueles que percorrem (o ar); manda para baixo as águas (do firmamento) para (misturar com) as águas da terra.<sup>4</sup>

Varga 10. **6.** Visto que tu mataste com luta ativa o adormecido, sombrio, Vṛtra que cercava as águas, tu soltaste as águas brilhantes como cavalos (correndo) para a batalha.

**7.** Por isso nós sacrificamos com reverência ao vasto e poderoso Indra, que é adorável, imperecível, jovem; cuja magnitude os ilimitados céu e terra não mediram, nem podem medir.

**8.** Todos os deuses não podem depreciar as façanhas muito gloriosas, e as obras pias de Indra; aquele que tem sustentado a terra e o céu, e o firmamento, e que, o realizador de grandes feitos, gerou o sol e o amanhecer.

**9.** Não fazedor de mal, tal era a tua verdadeira grandeza, que assim que nasceste, tu bebeste o suco Soma; nem os céus, nem os dias, nem os meses, nem os anos, resistem à força de ti que és poderoso.

**10.** Logo que nasceste no céu mais alto, tu bebeste, Indra, o suco Soma para a tua satisfação; e quando tu permeaste o céu e a terra, tu te tornaste o primeiro artífice (de criação).

Varga 11. **11.** Indra, de quem muitos nascem; tu que és vigoroso mataste Ahi, envolvendo a água adormecida, e confiante em sua bravura; mas o céu não compreendeu a tua grandeza quando tu permaneceste ocultando a terra por meio de uma de (tuas) chamas.<sup>5</sup>

**12.** Esse nosso sacrifício, Indra, é teu aumento, pois o rito no qual o Soma é derramado é aceitável para ti; tu, que és digno de culto, protege o adorador pela (eficácia da) adoração, e que esse sacrifício fortaleça o teu raio para a morte de Ahi.

<sup>1</sup> *R̥j̥ṣin*, possuindo *r̥j̥ṣan*, *gatasāram Somam*, Soma tendo perdido sua força.

<sup>2</sup> *Gavāsīram*, *manthinam*, *śukram*; o primeiro ocorreu antes, o segundo é explicado como misturado com leiteiro; e o último, novo ou fresco; ou eles podem significar: estando no recipiente de leiteiro ácido.

<sup>3</sup> [Aqui eu preferi adotar a leitura de Griffith, *pleased*, satisfeito, em vez de *phased*, faseado.]

<sup>4</sup> Faze com que as águas que ficam no meio do ar alcancem, ou se tornem aquelas da, terra; a noção já ocorreu antes.

<sup>5</sup> *Anyayā sphigyā kṣām avasthāḥ*, é explicado, *ckatarayā katyā bhūmim aracchādya tiṣṭhasi*; o significado não é muito claro.

**13.** O adorador, por seu sacrifício preservador, fez Indra presente; que eu possa trazê-lo à minha presença para obter nova riqueza, ele que tem sido exaltado por louvores, sejam antigos, medievais, ou recentes.

**14.** Quando o pensamento de glorificar Indra entrou em minha mente, então eu gerei (seus louvores); que eu o louve antes de encontrar distantes (maus) dias, pelo que ele possa nos guiar para além do pecado; pois aqueles em ambos os lados de nós o invocam, como (aqueles em cada margem de um rio saúdam) um passageiro em um barco.

**15.** O vaso está cheio para ele (com Soma); bem-vindo Indra; eu o derramo para tu beberes, como um carregador de água (derrama água) de sua bolsa; que o agradável suco Soma flua em reverência em volta de Indra para a satisfação dele.

**16.** Invocado por muitos, o oceano profundo não te detém, nem as montanhas que acompanham (te param); e, portanto, convocado por teus amigos, tu tens reprimido a forte chama que permanece no abismo.<sup>6</sup>

**17.** Nós invocamos para nossa proteção o opulento Indra, célebre nesse combate; o líder na (luta) concessora de alimento, que ouve (os nossos louvores), terrível em batalhas, o destruidor de inimigos, o conquistador de riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 33 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 32. Indra (Griffith)

**1.** Bebe este Soma, Indra, Senhor do Soma; bebe o gole do meio-dia que tu amas. Inflando as tuas bochechas,<sup>7</sup> impetuoso,<sup>8</sup> Doador generoso, aqui solta os teus dois Cavalos Baios e regozija-te.

**2.** Bebe-o puro, misturado com farinha, misturado com leite, ó Indra; nós temos derramado o Soma para o teu êxtase. Unido com o grupo de Maruts realizadores de preces, sim, com os Rudras, bebe até que estejas saciado;

**3.** Aqueles que deram aumento à tua força e vigor, os Maruts cantando o teu poder,<sup>9</sup> ó Indra. Bebe, ó de bela face, cuja mão empunha o trovão, com os Rudras reunidos, em nossa libação do meio-dia.

**4.** Eles, os próprios Maruts que estavam lá, incitaram com música a força de Indra criada por hidromel. Por eles impelido a agir ele atingiu os órgãos vitais de Vr̥tra, embora ele considerasse que ninguém podia feri-lo.

**5.** Satisfeito, como um homem,<sup>10</sup> com a nossa libação, Indra, bebe, por força de herói duradoura, o Soma. Senhor dos Baios, movido por sacrifício vem para cá; tu com os Velozes<sup>11</sup> agitas torrentes e águas.

**6.** Quando tu soltaste os rios para correr como cavalos de corrida na competição veloz, tendo atingido Vr̥tra com arma voadora onde ele jazia, ó Indra, e, ímpio, mantinha as Deusas<sup>12</sup> cercadas.

---

<sup>6</sup> *Dr̥dham cid arujo gavyam ūrvam* Sāyaṇa interpreta como: tu tens interrompido totalmente o fogo forte (*ūrva*) permanente nas profundezas.

<sup>7</sup> Significando, aparentemente, estalando teus lábios em antecipação ao gole de Soma. Sāyaṇa explica como 'enchendo as mandíbulas deles (dos cavalos de Indra) com forragem'.

<sup>8</sup> Esse parece ser o significado do epíteto *r̥j̥sin* como derivado da raiz *r̥j̥*, em vez de, como Sāyaṇa o explica, 'bebedor do resíduo sem vigor do Soma'. O último significado, entretanto, é admissível, e é apoiado por autoridade genuína.

<sup>9</sup> A canção dos Maruts é a música de 'As tempestades aladas, cantando seu salmo de trovão'. – P. B. Shelley.

<sup>10</sup> Ou, como tu ficaste satisfeito com a libação de Manu.

<sup>11</sup> Os Maruts.

7. Com reverência adoremos o poderoso Indra, grandioso e sublime, eterno, sempre jovem, cuja grandeza as queridas metades do mundo<sup>13</sup> não têm mensurado, não, nem concebido o poder dele o Santo.
8. Muitas são as realizações feitas nobremente de Indra, e de todos os Deuses nenhum transgride os estatutos dele. Ele sustenta essa terra e o céu, e, fazedor de maravilhas, ele gerou o Sol e a Manhã.
9. Nisto, ó Sincero, está a tua verdadeira grandeza, que assim que nasceste tu bebeste o Soma. Os dias não podem deter o poder de ti o Poderoso, nem as noites, Indra, nem os meses, nem os outonos.
10. Assim que nasceste no mais alto céu tu bebeste Soma para deleitar-te, Indra; e quando tinhas permeado terra e céu tu foste o primeiro sustentador do cantor.
11. Tu, Deus pujante, o mais poderoso, mataste Ahi que mostrava sua força quando agachado em volta das águas. O próprio céu não alcançou a tua grandeza, quando com um quadril teu a terra foi sombreada.<sup>14</sup>
12. O sacrifício, Indra, te fez crescer tão poderoso, a cara oblação com o Soma que flui. Ó Venerável, com culto ajuda o nosso culto, pois o culto ajudou o teu raio quando matando Ahi.
13. Com sacrifício e desejo eu trouxe Indra; contudo para novas bênçãos que eu possa voltá-lo para cá, ele glorificado por canções e louvores antigos, por louvores de épocas posteriores e dias ainda recentes.
14. Eu produzi uma canção quando o desejo me apanhou; antes do dia decisivo<sup>15</sup> eu louvarei Indra; então, que ele nos conduza com segurança sobre os problemas, como em um navio, quando ambos os lados o invocam.
15. Cheio está seu cálice; Glória! Como um derramador eu enchi o recipiente para ele beber. Apresentados na direita, sucos Soma preciosos nos trouxeram Indra, para regozijá-lo, aqui.
16. Nem a corrente que flui profundamente, ó Muito Invocado! nem as colinas que te cercam te impedem, visto que aqui incitado, por teus amigos, ó Indra, tu quebraste até o estábulo de gado construído firmemente.
17. Nós invocamos Maghavan, Indra auspicioso, o melhor Herói nessa luta onde o saque é coletado, o Forte que ouve, que dá auxílio em batalhas, que mata os Vr̥tras, ganha e reúne riquezas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 33 \(Griffith\)](#)

---

<sup>12</sup> As águas celestes.

<sup>13</sup> Céu e terra.

<sup>14</sup> O professor Wilson, seguindo Sāyana, traduz: 'quando tu permaneceste ocultando a terra por meio de uma de (tuas) chamas', e observa que o significado não é muito claro. Mas *sphigī* significa um quadril e não uma chama, e o poeta parece querer dizer que uma parte do corpo de Indra ensombreou ou cobriu a terra enquanto o resto estava nos céus. Assim, no livro 10.119.11, Indra é representado como dizendo quando alegrado pelo Soma: um lado de mim está no firmamento, e eu puxei o outro para baixo.

<sup>15</sup> Na véspera de uma batalha importante.

## Hino 33. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

Como este hino consiste em um diálogo entre Viśvāmitra e os rios Vipāś e Śutudrī<sup>1</sup> eles são considerados, respectivamente, os Ṛṣis dos versos atribuídos a cada um; o deus é Indra; a métrica é Triṣṭubh, exceto no último verso, no qual ela é Anuṣṭubh.

Varga 12. **1.** Apressando-se a partir dos flancos das montanhas, ansiosas (para chegar ao mar) como duas éguas com rédeas soltas disputando (uma com a outra em velocidade), como duas formosas vacas mãe (acelerando) para afagar (seus bezerros), a Vipāś e a Śutudrī<sup>2</sup> fluem rapidamente com águas unidas.

**2.** Impelidas por Indra, solicitando (os comandos dele), vocês vão para o oceano como aurigas (para sua meta); fluindo juntas, e elevadas com (suas) ondas, (rios) brilhantes, uma de vocês procede para a outra.

**3.** Eu me dirigi ao rio mais maternal; eu fui à larga auspiciosa Vipāś, fluindo junto para um receptáculo comum, como vacas mães (se apressando para) afagar o bezerro.

**4.** *Os rios falam:* Fertilizando (a terra) com esta (nossa) corrente, nós estamos fluindo para o receptáculo que foi designado pela divindade (Indra); o curso indicado para o nosso avanço não (permite) atraso; de que o sábio está desejoso, que ele se dirige aos rios?

**5.** *Viśvāmitra fala:* Rios carregados de água, descansem um momento de seu curso a meu pedido, que vou colher a (planta) Soma;<sup>3</sup> eu, o filho de Kuśika, desejoso de proteção, me dirijo com a prece mais sincera especialmente ao rio diante de mim.<sup>4</sup>

Varga 13. **6.** *Os rios falam:* Indra, o manejador do raio, cavou nossos canais quando ele matou Ahi o bloqueador de rios;<sup>5</sup> o divino Savitr<sup>6</sup> de mãos boas nos guiou (em nosso caminho), e obedientes às ordens dele nós fluímos (como) amplas (correntes).

**7.** *Viśvāmitra fala:* Sempre aquele feito heroico de Indra deve ser celebrado quando ele cortou Ahi em pedaços, e com seu raio destruiu os circundantes (obstrutores de chuva), de onde as águas prosseguiram na direção que elas desejam.

**8.** *Os rios falam:* Louvador de Indra, não esquece esse discurso, nem as palavras que (tu dirigiste a nós) para as eras futuras (reverenciarem); celebrante (de rituais sagrados), sê favorável a nós em preces solenes; não nos trata conforme o (modo arrogante) dos homens; saudações a ti!

**9.** *Viśvāmitra fala:* Ouçam, irmãs (correntes), bondosamente aquele que as louva; que veio de longe com um vagão e carruagem;<sup>7</sup> curvem-se humildemente; tornem-se

---

<sup>1</sup> [Beas e Sutelj.] Segundo a lenda citada por Sāyaṇa, dada também por Yāska. *Nir.* II. 24, Viśvāmitra, o sacerdote da família de Sudās, o filho de Piyavana, tendo ganhado muita riqueza em seu serviço, voltava com ela para casa, quando seu caminho o levou à confluência da Vipāś e Śutudrī; a fim de torná-las vadeáveis, ele dirigiu a elas as primeiras estrofes deste hino, às quais elas responderam, e permitiram que ele e seus seguidores atravessassem.

<sup>2</sup> Os modernos Beas e Sutelj, o primeiro dos quais cai no último; na leitura mais usual do sânscrito antigo os nomes são Vipāśā e Śutudrī [Śatadru].

<sup>3</sup> *Me vacase somyāya*, ao meu discurso que diz respeito ao Soma, ou seja, de acordo com o escoliasta, o objetivo do meu discurso é, que tendo atravessado, eu possa ir colher a planta Soma; Yāska concorda com Sāyaṇa na interpretação dessa estrofe, *Nir.* II. 25.

<sup>4</sup> Isto é, o Śutudrī.

<sup>5</sup> A nuvem aprisionando a água das chuvas.

<sup>6</sup> Sāyaṇa considera Savitr como um epíteto de Indra, o impulsor ou animador do mundo, o *Nirukta* tem uma explicação semelhante, II. 26.

<sup>7</sup> *Anasā rathena*; o comentador, e Yāska também, separa essas palavras, *śakaṭena rathena ca*, por uma carroça e uma carruagem; o *anas*, uma carroça ou vagão, ou caminhão, seria para o transporte da planta Soma.

facilmente vadeáveis; permaneçam, rios, mais baixos do que o eixo (da roda) com suas correntezas.

**10.** *Os rios falam:* Cantor de hinos, nós ouvimos as tuas palavras, que tu vens de longe com um vagão e uma carruagem; nós nos curvamos diante de ti; como uma mulher nutrindo (seu filho), como uma donzela inclinando-se para abraçar um homem, (assim nós faremos) por ti.<sup>8</sup>

Varga 14. **11.** *Viśvāmitra fala:* Já que, rios, (vocês me permitiram atravessar), assim que os Bharatas<sup>9</sup> atravessem (a sua corrente unida); que a tropa que deseja cruzar a água, permitida (por vocês), e impelida por Indra, passe; então que o curso indicado para o seu avanço (seja retomado); eu recorro à graça de vocês que são dignas de adoração.

**12.** Os Bharatas procurando gado passaram; o sábio desfrutou do favor dos rios; correntes distribuidoras de alimentos, produtivas de riqueza, espalhem abundância, encham (seus leitões), fluam rapidamente.

**13.** Que as suas ondas (rios) fluam de modo que o pino<sup>10</sup> da canga possa estar acima de (suas) águas; deixem os tirantes inteiros, e que (as duas correntes), livres de infortúnio ou defeito, e não criticadas, não apresentem aumento (atual).<sup>11</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 34 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 33. Indra (Griffith)

**1.**<sup>12</sup> Adiante do seio das montanhas, ávidas como duas éguas velozes com rédea solta disputando, como duas vacas mãe brilhantes que lambem seu filhote, Vipās<sup>13</sup> e Śutudrī aceleram as suas águas.

**2.** Impelidas por Indra a quem vocês rogam para incitá-las, vocês se movem por assim dizer em carros para o oceano. Fluindo juntas, elevadas com suas ondas grandes, ó Correntes resplandecentes, cada uma de vocês procura a outra.

**3.** Eu alcancei o rio mais maternal, nós nos aproximamos da Vipās, a ampla, a abençoada. Lambendo por assim dizer seu bezerro o par de Mães flui adiante para o seu lar comum juntas.

---

<sup>8</sup> *Te* é repetido no final da linha sem qualquer ligação aparente; de acordo com o escoliasta ele é repetido por respeito.

<sup>9</sup> Diz-se que os Bharatas são da mesma tribo que Viśvāmitra; mas, possivelmente, nada mais é indicado do que aqueles que eram os carregadores das posses de Viśvāmitra, pois a conexão dele com os Bharatas é um tanto remota; além de que o sacerdote familiar deles era Vasiṣṭha. *Mahābhārata, Ādi Parva*, [pág. 201 da tradução em português]; também deve ser observado que a palavra no texto é *Bharata*, enquanto o nome da tribo é mais corretamente *Bhārata*, com a primeira vogal longa, embora a vogal curta também seja permitida pelas regras de derivação.

<sup>10</sup> *Samyā, yugakīlā*; o comentador o explica também como as cordas que são presas às extremidades do jugo, os tirantes, mas ele traduz *yoktrāṇi*, a qual ocorre imediatamente, da mesma forma, e que é mais propriamente os tirantes.

<sup>11</sup> *Mā śūnam āratām*; Sāyaṇa explica *śūnam* por *samrddhim*, aumento, referindo-se, muito provavelmente, apenas ao momento presente, querendo dizer: que os rios não subam a ponto de impedir a passagem dele; de outro modo pode-se considerar que ele transmite um desejo de que os rios nunca possam sofrer qualquer diminuição, tomando *śūnam* no sentido de *śūnyam*, vazio. O professor Roth traduziu esse Sūkta, em seu *Litteratur des Veda*, p. 101; naturalmente há diferenças de interpretação entre nós, especialmente quando ele corrige tanto Sāyaṇa quanto Yāska, como no verso 5.

<sup>12</sup> [Veja a nota 1.] O hino tem alguma beleza poética, e é interessante como uma relíquia das tradições dos arianos a respeito de seu progresso para o leste na Terra dos Cinco Rios.

<sup>13</sup> Considerado como idêntico ao Hyphasis [Hifasis] de Arriano, é o moderno Beas que nasce no Himalaia e cai no Sutlej, a Śutudrī do texto, um pouco ao norte de Amṛtsar [ou Amritsar].

4.<sup>14</sup> Nós duas que nascemos e crescemos com águas ondulantes avançamos para o lar que os Deuses nos fizeram. A nossa corrente não pode ser parada quando incitada ao movimento. O que o cantor deseja, chamando os Rios?

5.<sup>15</sup> Demorem-se um pouco por minha ordem amigável;<sup>16</sup> descansem, Santas, um momento em sua jornada. Com hino sublime pedindo a sua graça o filho de Kuśika<sup>17</sup> chamou o Rio.

6.<sup>18</sup> Indra que empunha o trovão cavou nossos canais; ele atingiu Vṛtra, aquele que parou nossas correntes. Savitar,<sup>19</sup> Deus, o de mãos adoráveis, nos guiou, e por seu envio nós fluímos expandidas.

7.<sup>20</sup> Aquele feito heroico de Indra deve ser louvado para sempre, que ele rasgou Ahi em pedaços. Ele atingiu os obstrutores com seu trovão, e ávidas por seu curso as águas fluíram adiante.

8.<sup>21</sup> Nunca esqueças esse teu discurso, ó cantor, que as gerações futuras devem repetir. Em hinos, ó bardo, mostra-nos a tua bondade. Não nos humilhes em meio aos homens. Honras a ti!

9.<sup>22</sup> Ouçam rapidamente, Irmãs, o bardo que vem a vocês de longe com carro e vagão. Curvem-se humildemente; sejam fáceis de ser atravessadas, fiquem, Rios, com suas correntes abaixo de nossos eixos.

10.<sup>23</sup> Sim, nós ouviremos as tuas palavras, ó cantor. Com carreta e carro tu vens de longe. Para baixo, como uma mãe amamentando, eu me curvei, e me entregarei como uma donzela para seu amante.

11.<sup>24</sup> Assim que os Bharatas<sup>25</sup> tiverem passado através de ti, o grupo guerreiro, instigados e apressados por Indra, então que as suas correntezas fluam adiante em movimento rápido. Eu peço a graça de vocês que merecem a nossa adoração.

12. A hoste guerreira, os Bharatas, atravessou, o cantor ganhou o favor dos Rios. Cresçam com suas ondas, acelerando, derramando riquezas. Encham seus canais completamente, e rolem rapidamente para frente.

13.<sup>26</sup> Desse modo que a sua onda mantenha os pinos,<sup>27</sup> e, ó Águas, poupem as correias; E que nunca o par de Touros,<sup>28</sup> inofensivo e sem pecados, defínhe.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 34 \(Griffith\)](#)

---

<sup>14</sup> Os rios falam em resposta ao discurso de Viśvāmitra.

<sup>15</sup> Viśvāmitra fala novamente.

<sup>16</sup> De acordo com os comentadores, Yāska e Sāyaṇa, o significado de *me vácāse somyāya* é 'ao meu discurso que diz respeito ao Soma'; isto é, o objetivo do meu discurso é que eu possa atravessar e colher a planta Soma. A palavra *somyā*, consistindo de, conectado com, ou inspirado por, Soma, parece ter aqui o seu sentido mais geral de adorável, agradável, ou amigável.

<sup>17</sup> Viśvāmitra.

<sup>18</sup> Os rios falam.

<sup>19</sup> [Veja a nota 6.]

<sup>20</sup> Viśvāmitra fala.

<sup>21</sup> Os rios falam.

<sup>22</sup> Viśvāmitra fala.

<sup>23</sup> Os rios falam.

<sup>24</sup> Viśvāmitra fala.

<sup>25</sup> A família de Viśvāmitra.

<sup>26</sup> Esse verso, em uma métrica diferente, é manifestamente uma adição posterior.

<sup>27</sup> Das cangas.

<sup>28</sup> Os dois rios fortes que avançam. Compare com 'tauriformis Aufidus' de Horácio. O professor Wilson, seguindo Sāyaṇa, dá uma versão um tanto diferente da estrofe. [Veja acima.]

## Hino 34. Indra (Wilson)

(Sūkta V)

Indra é o deus; o Ṛṣi é Viśvāmitra; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 15. **1.** Indra, o destruidor de cidades, possuidor de riqueza, manifestando (a sua grandeza), impiedoso para seus inimigos, cobriu o dia com seu esplendor; atraído pela prece, aumentando em volume, e armado com muitas armas,<sup>1</sup> ele deleitou o céu e a terra.

**2.** Adornando-te, eu dirijo orações sinceras a ti que és adorável e poderoso, para (obter) alimentos; tu, Indra, és aquele que precede os homens<sup>2</sup> os descendentes de Manu, e os descendentes dos deuses.

**3.** Indra, de feitos gloriosos, destruiu Vṛtra; irresistível em combate, ele venceu os enganadores resolvidos a destruí-lo; ele matou o mutilado (demônio à espreita) na floresta, e tornou manifestas as vacas (roubadas que tinham sido escondidas) na noite.

**4.** Indra, o dador de Svarga, gerando os dias, subjugou vitorioso com os ansiosos (Aṅgirasas) as hostes hostis, e iluminando para o homem a bandeira dos dias,<sup>3</sup> ele obteve luz para o grande conflito.

**5.** Indra entrou nas confiantes (tropas) hostis como um homem distribuindo muitos (presentes) para (seus) líderes; ele animou essas auroras para o adorador e aumentou o brilho delas (por meio de seu próprio).

Varga 16. **6.** Eles celebram muitas façanhas grandiosas e gloriosas desse poderoso Indra; ele esmagou o forte por sua força, e, de bravura irresistível, ele derrotou os Dasyus por meio de ilusões.

**7.** Senhor dos virtuosos, realizador dos desejos dos homens, ele deu aos deuses<sup>4</sup> a riqueza (que tinha sido ganha) em batalha feroz, e, portanto sábios perspicazes glorificam aquelas façanhas dele com louvores na residência do adorador.<sup>5</sup>

**8.** Adoradores devotos propiciam Indra, o vitorioso, o excelente, o concesso de força, o desfrutador do céu e das águas divinas, e que foi aquele que deu a terra e o céu e este (firmamento aos seus habitantes).

**9.** Ele deu cavalos, ele também deu o sol, e Indra deu também a vaca que nutre muitos; ele deu tesouro dourado, e tendo destruído os Dasyus, ele protegeu a tribo ariana.<sup>6</sup>

**10.** Indra concedeu plantas e dias, ele deu árvores e o firmamento, ele dividiu a nuvem, ele dispersou oponentes, ele era o domador de adversários.

**11.** Nós invocamos para nossa proteção o opulento Indra, célebre nesse combate; o líder na (luta) concessora de alimento, que ouve (os nossos louvores), terrível em batalhas, o destruidor de inimigos, o conquistador de riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 35 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> *Bhūridātra*: *dātra*, de *do*, cortar, é explicado como uma arma.

<sup>2</sup> *Pūrvayāvā*, *agrato gantā*, o que vai antes; não há outra explicação.

<sup>3</sup> Iluminando, de acordo com o comentário, *sūrya*, ou o sol.

<sup>4</sup> *Devebhyaḥ*; Sāyaṇa explica *stotrebhyaḥ*, aos louvadores ou adoradores.

<sup>5</sup> *Vivasvataḥ sadane*; *vivasvataḥ* é aqui explicado como, residência deles, *vasataḥ*, onde vários (*vi*) ritos religiosos são realizados.

<sup>6</sup> *Āryaṃ varṇam*; Sāyaṇa considera isso como implicando apenas a melhor tribo, ou ordem, ou as três primeiras castas coletivamente.



### Hino 34. Indra (Griffith)

1. Quebrador de fortalezas,<sup>7</sup> Senhor da Riqueza, que dispersa inimigos, Indra com relâmpagos derrotou o Dāsa. Incitado pela prece e avolumado em corpo, ele encheu a terra e o céu, o Doador Generoso.
2. Eu estímulo o teu zelo, o Forte, o Herói, enfeitando a minha canção de louvor para ti o Imortal. Ó Indra, tu és igualmente o Líder dos exércitos celestes e das gerações humanas.
3. Liderando seu grupo Indra cercou Vṛtra; tornou-se fraco o líder astuto dos encantadores. Aquele que queima feroz em florestas<sup>8</sup> matou Vyāṁsa,<sup>9</sup> e tornou visíveis as vacas leiteiras das noites.<sup>10</sup>
4. Indra, ganhador de luz, Criador dos dias, conquistou, vitorioso, bandos hostis com aqueles que o amavam. Para o homem o emblema brilhante dos dias ele iluminou, e encontrou a luz para a sua alegria e júbilo.
5. Adiante para desferir golpes ferozmente Indra forçou, como herói fazendo muitas façanhas de herói. Essas canções sagradas ele ensinou ao bardo que o louvou, e espalhou amplamente a cor resplandecente dessas Auroras.
6. Eles louvam os atos poderosos dele o Poderoso, os muitos feitos gloriosos realizados por Indra. Ele em sua força, com bravura insuperável, através de artes extraordinárias esmagou os malignos Dasyus.
7. Senhor dos bravos, Indra que governa o povo deu liberdade aos Deuses por meio de força e batalha. Cantores sábios glorificam com louvores cantados essas realizações dele na morada de Vivasvān.<sup>11</sup>
8. Excelente, Conquistador, o concessor de vitória, o ganhador da luz e Águas Divinas, aquele que ganhou esta terra vasta e este céu, – em Indra se regozijam aqueles que amam devoções.
9. Ele ganhou a posse do Sol e dos Cavalos, Indra obteve a vaca que alimenta muitos. Tesouro dourado ele ganhou; ele atingiu os Dasyus, e deu proteção à cor ariana.<sup>12</sup>
10. Ele tomou posse das plantas e dos dias; ele ganhou as árvores da floresta e a região do meio do ar. Ele fendeu Vala, e afugentou oponentes; desse modo ele era o domador dos arrogantes.
11. Nós invocamos Maghavan, Indra auspicioso, o melhor Herói na luta onde o saque é coletado, o Forte, que ouve, que dá auxílio em batalhas, que mata os Vṛtras, ganha e reúne riquezas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 35 \(Griffith\)](#)

<sup>7</sup> Quebrador dos castelos de nuvens dos demônios que retêm a chuva assim como das fortalezas das tribos hostis não arianas.

<sup>8</sup> Talvez o raio.

<sup>9</sup> O nome de um dos demônios da seca. Veja 1.101.2 e 1.103.2.

<sup>10</sup> Segundo Sāyaṇa, 'tornou manifestas as vacas (roubadas que tinham sido escondidas) na noite'; isto é, recuperou os raios de luz.

<sup>11</sup> Na câmara de sacrifício, no lar do adorador que representa Vivasvān, o Deus Radiante, considerado como o Sacrificador Celeste.

<sup>12</sup> Ou, a raça dos arianos; de acordo com Sāyaṇa, a tribo ou classe mais nobre, significando as três primeiras classes ou castas.

## Hino 35. Indra (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus, o R̥ṣi, e a métrica, como antes.

Varga 17. **1.** Fica, Indra, tendo atrelado os cavalos ao carro, como Vāyu pára quando ele atrelou seus corcéis, e vem à nossa presença; solicitado por nós para beber a bebida (Soma), que com reverência nós oferecemos para a tua exultação.

**2.** Eu arreio para ti, que és invocado por muitos, os cavalos que deslizam rapidamente aos varais do carro, para que eles possam trazer Indra para este sacrifício que está preparado com tudo (o que é necessário).

**3.** Derramador (de benefícios), dador de alimentos, guia para cá os teus cavalos vigorosos, que (nos) defendem contra inimigos, e protegem (teus adoradores); desatrela aqui os cavalos baios, e dá-lhes forragem, e come diariamente alimento adequado.<sup>1</sup>

**4.** Eu atrelo com prece os teus cavalos, que devem ser atrelados com prece, que são aliados e de passo rápido em batalha; levanta-te, e, onisciente Indra, subindo em tua carruagem firme e ligeira, vem para a libação.

**5.** Que outros sacrifícios não atraiam os teus corcéis vigorosos e de costas lisas; desconsiderando outros, vem perpetuamente para cá, para que nós possamos propiciar-te suficientemente com libações de Soma derramado.

Varga 18. **6.** Esta libação de Soma é para ti; desce, e, bem disposto, bebe dela incessantemente; sentado na grama sagrada nesse sacrifício, leva, Indra, essa (libação) em teu estômago.<sup>2</sup>

**7.** A grama sagrada está espalhada para ti; o suco Soma, Indra, é derramado; o grão com o qual alimentar teus cavalos está preparado; as oblações são oferecidas a ti permanecendo na grama sagrada, que és louvado por muitos, e (és) o derramador (de benefícios), acompanhado pelos Maruts.

**8.** Os líderes (da cerimônia) prepararam para ti, Indra, esta (libação), adoçada com leite, as pedras, a água; belo Indra, que estás disposto favoravelmente, e que és sábio, conhecendo bem (o culto) que está de acordo com os teus caminhos peculiares,<sup>3</sup> vem e bebe dessa libação.

**9.** Associado, Indra, com aqueles com Maruts com quem tu tens compartilhado a libação, que te encorajaram (em batalha), e são a tua tropa acompanhante, bebe, desejoso (da bebida), o suco Soma, junto com eles, com a língua de Agni.

**10.** Adorável Indra, bebe da libação derramada, seja por teu próprio esforço, ou através da língua de Agni; bebe-a, Śakra, oferecida pela mão do Adhvaryu, ou aceita o oferecimento da oblação (da mão) do Hotr.

**11.** Nós invocamos para nossa proteção o opulento Indra, célebre nesse combate; o líder na (luta) concessora de alimento, que ouve (os nossos louvores), terrível em batalhas, o destruidor de inimigos, o conquistador de riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 36 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> Come grãos adequados, isto é, de acordo com o comentador, cevada frita.

<sup>2</sup> *Yajur-Veda*, xxvi. 23.

<sup>3</sup> *Prajānan pathyā anu svāh*, isto é, de acordo com o escoliasta, compreendendo corretamente os louvores que são devidos ou peculiares, e que são oferecidos com os ritos ordenados pelos Vedas.

## Hino 35. Indra (Griffith)

1. Monta os Cavalos Baios atrelados à tua carruagem, e vem a nós como Vāyu com seus corcéis. Tu, apressando-te em direção a nós, beberás o Soma. Salve, Indra! Nós o derramamos para o teu êxtase.
2. Para ele, o Deus que é invocado por muitos, os dois Cavalos Baios velozes à lança eu atrelo,<sup>4</sup> para que eles em curso veloz possam trazer Indra para cá, para este sacrifício completamente preparado.
3. Traze os Corcéis fortes que bebem a libação quente,<sup>5</sup> e, Touro de natureza Divina, sê benevolente. Que os teus Corcéis comam; solta os teus Cavalos Fulvos, e consome grão torrado<sup>6</sup> como esse diariamente.
4. Aqueles que são atrelados por prece com prece eu atrelo, Baios amigáveis velozes que têm sua alegria juntos. Subindo em teu carro firme e ligeiro, Indra, sábio e onisciente vem para o Soma.
5. Nenhum outro adorador deve ficar perto deles teus Baios, teus Corcéis vigorosos e de costas lisas. Passa por todos eles e te apressa para diante para cá; com Soma espremido nós nos prepararemos para regalar-te.
6. Teu é este Soma; apressa-te para te aproximar dele. Bebe dele, benevolente, e não cessa. Senta-te na grama sagrada nesse nosso culto, e leva essas gotas em teu estômago, Indra.
7. A grama está espalhada para ti, o Soma está espremido; o grão está pronto para os teus Baios se alimentarem. Para ti que os amas, o muito poderoso, forte, cercado por Maruts, esses presentes são oferecidos.
8. Esta a dose doce, com vacas,<sup>7</sup> os homens,<sup>8</sup> as montanhas,<sup>9</sup> as águas,<sup>10</sup> Indra, prepararam para ti. Vem, bebe dela, ó Sublime, de espírito amigável, prevendo, conhecendo bem os caminhos que tu segues.
9. Os Maruts, eles com quem tu compartilhas Soma, Indra, que te tornaram forte e eram teu exército, – com esses concordante, avidamente desejoso bebe esse Soma com a língua de Agni.
10. Bebe, Indra, do suco pela tua própria natureza,<sup>11</sup> ou pela língua de Agni, ó Santo. Aceita o presente sacrificial, ó Śakra,<sup>12</sup> da mão do Adhvaryu ou do Hotar.
11. Nós invocamos Maghavan, Indra auspicioso, o melhor Herói na luta onde o saque é coletado, o Forte, que ouve, que dá auxílio em batalhas, que mata os Vṛtras, ganha e reúne riquezas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 36 \(Griffith\)](#)

---

<sup>4</sup> A minha prece faz Indra atrelar.

<sup>5</sup> Ou, de acordo com Sāyaṇa, 'que nos protegem de nossos inimigos'.

<sup>6</sup> Cevada frita, segundo Sāyaṇa. O grão parece ser destinado aos cavalos de Indra. Veja a estrofe 7.

<sup>7</sup> Isto é, com o leite que é misturado com Soma.

<sup>8</sup> Que fazem todos os preparativos para o sacrifício.

<sup>9</sup> Nas quais a Soma cresce; ou talvez as pedras de espremer trazidas da colina.

<sup>10</sup> Usadas para purificar a Soma.

<sup>11</sup> Pela tua própria força, ou esforço; espontaneamente.

<sup>12</sup> Poderoso; um nome comum de Indra.

## Hino 36. Indra (Wilson)

(Sūkta VII)

Deus, Ṛṣi,<sup>1</sup> e métrica como antes.

Varga 19. **1.** Indra, que estás constantemente buscando (associação) com teus aliados (os Maruts) aceita essa nossa oferenda, (feita) para a concessão (por ti de riquezas); pois tu és aquele que cresce com energias que aumentam, através de repetidas libações, e tens sido reconhecido por feitos gloriosos.

**2.** Para Indra libações foram apresentadas nos tempos antigos, por meio das quais ele se tornou ilustre, o regulador do tempo, o concessor de desejos;<sup>2</sup> aceita, Indra, essas (oferendas) prescritas e bebe dessa (bebida) auspiciosa, espremida pelas pedras.<sup>3</sup>

**3.** Bebe, Indra, e prospera; tuas são estas (atuais) libações, como eram as libações primitivas; que tu, que és adorável, bebas hoje as libações recentes, como tu bebeste aquelas antigamente.

**4.** O grande Indra, o vitorioso em batalha, o desafiador de inimigos; a sua força feroz e vigor resolutivo são exercidos; de fato a terra não o contém, nem (o céu), quando as libações de Soma alegram o senhor dos corcéis fulvos.

**5.** O poderoso, feroz, auspicioso Indra, o derramador (de benefícios), aumenta (em poder), quando ele é animado para (atos) heroicos por meio de louvores; seus gados são gerados doadores de alimentos; são muitas as doações dele.<sup>4</sup>

Varga 20. **6.** Como os rios seguem seu curso, as águas correm para o oceano, como os motoristas de carros (para uma meta), assim o vasto Indra (se apressa) a partir de sua residência (no firmamento), quando a humilde libação de Soma o propicia.<sup>5</sup>

**7.** Como os rios estão ansiosos (para se misturar) com o oceano, assim (estão os sacerdotes) que trazem a libação eficiente para Indra; segurando em suas mãos eles ordenham a planta Soma, e purificam os sucos doces (enquanto eles caem), em gotas através dos filtros purificadores.

**8.** O estômago de Indra (é um receptáculo) de Soma tão espaçoso quanto um lago,<sup>6</sup> pois ele tem compartilhado dele em muitos sacrifícios; e visto que ele comeu as primeiras iguarias (sacrificais), ele foi o matador de Vṛtra, e dividiu o Soma (com os deuses).

**9.** Rapidamente, Indra, traze (riqueza); que ninguém te impeça, pois nós te conhecemos como o senhor da riqueza, de todos os tesouros; e uma vez que, Indra, a tua grandeza é munificência, portanto, senhor dos corcéis fulvos, concede-nos (riquezas).

<sup>1</sup> [Segundo Gary Holland, Ghora Āṅgīrasa é o Ṛṣi do verso 10.]

<sup>2</sup> *Ṛbhur yebhiḥ, vṛṣaparvā vihāyāḥ*, com as quais (libações) ele é Ṛbhur, ou, conforme o comentador o explica, *dīptaḥ*, iluminado; também *vṛṣaparvā*, ou aquele de quem a estação chuvosa, e outras divisões de tempo, *parvāni*, dependem; ou, de fato, o próprio tempo, *kālātmakaḥ*. E *vihāyā*, que abandona ou entrega àqueles que pedem qualquer coisa, o que eles desejam; os dois primeiros, e Ṛbhur e *Vṛṣaparvā*, também podem ser considerados como nomes próprios ou denominações de Indra.

<sup>3</sup> *Vṛṣadhūtasya vṛṣṇaḥ*, mostra a predileção usual por, *vṛṣ*, despejar, chover; a acepção literal desses termos seria de derramador sacudido pela chuva, mas o segundo é explicado como o Soma, que concede *svarga*, e outros benefícios como esse, e o primeiro como o suco espremido por pedras usadas para o propósito; a mesma ideia de elas serem derramadoras, ou concessoras de bênçãos, sugerindo essa denominação delas.

<sup>4</sup> *Dakṣiṇā asya pūrvīḥ*; de acordo com Sāyaṇa esses são epítetos de *gāvaḥ*; aquelas muitas vacas, doadoras (de leite e semelhantes) nascem; mas *dakṣiṇā* mais geralmente significa a taxa ou presente para brâmanes ou sacerdotes em sacrifícios.

<sup>5</sup> De acordo com o comentador, a comparação é neste sentido: como rios pequenos e águas diminutas contribuem para o vasto oceano, assim o suco Soma, embora insignificante, contribui para a satisfação do grande Indra.

<sup>6</sup> *Hradā iva kukṣayaḥ somadhānāḥ*; barrigas, *udarāni*, é usado no plural, para sugerir a capacidade de conter o Soma.

10. Opulento Indra, recebedor do suco Soma sem vigor, dá-nos riquezas em quantidade universalmente desejada; concede-nos cem anos para viver; dá-nos, Indra de queixo belo, posteridade numerosa.

11. Nós invocamos para nossa proteção o opulento Indra, célebre nesse combate; o líder na (luta) concessora de alimento, que ouve (os nossos louvores), terrível em batalhas, o destruidor de inimigos, o conquistador de riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 37 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 36. Indra (Griffith)

1. Com auxílios constantes, tu mesmo desejoso de compartilhá-la, torna eficaz essa oblação que nós trazemos. Engrandecido através de presentes fortalecedores em cada libação, ele se tornou famoso por façanhas poderosas.

2. Para Indra as Somas foram descobertas antigamente, pelas quais ele cresceu de juntas fortes, vasto e o mais hábil. Indra, toma rapidamente esses sucos oferecidos; bebe do forte, que as fortes sacudiram.<sup>7</sup>

3. Bebe e torna-te grande. Teus são os sucos, Indra, ambos os Somas dos tempos antigos e esses nós te trazemos. Assim como tu bebeste, Indra, os Somas mais antigos, desse modo bebe hoje, um novo convidado, digno de louvores.

4. Grandioso e impetuoso, de voz poderosa<sup>8</sup> em batalha, poder insuperável é dele, e força irresistível. A terra ampla não o compreendeu quando os Somas alegraram o Senhor dos Cavalos Fulvos.

5. Poderoso e forte ele se tornou por façanha heroica; o Touro foi suprido com a sabedoria de um Sábio. Indra é o nosso Senhor bondoso; seus bois têm vigor; suas vacas<sup>9</sup> são muitas com prole abundante.

6. Como as torrentes de acordo com sua corrente fluem adiante, assim para o mar, como levadas em carros, as águas. Indra é mais vasto até do que sua residência, quando o talo ordenhado, o Soma, o preenche.<sup>10</sup>

7. Ávidos para se misturar com o oceano,<sup>11</sup> os rios<sup>12</sup> carregam o suco Soma bem espremido para Indra. Eles<sup>13</sup> drenam o talo com seus braços, de mãos rápidas, e o purificam com uma corrente de hidromel e filtros.

8. Parecem com lagos os flancos dele repletos com Soma; sim, ele contém libações em abundância. Quando Indra consumiu as primeiras iguarias doces, ele, depois de matar Vṛtra, reivindicou o Soma.

---

<sup>7</sup> *Bebe do forte*: isto é, do forte suco Soma, que foi *sacudido*, ou seja, espremido violentamente, pelas *fortes* pedras de espremer.

<sup>8</sup> O significado exato de *virapsín* é incerto. O professor Wilson o traduz, conforme Sāyaṇa, como 'desafiador de inimigos'.

<sup>9</sup> Eu sigo Sāyaṇa, Roth, Ludwig e Grassmann ao dar esse significado a *dakṣiṇāḥ*, porque o significado 'recompensas', 'doações', não se adéqua à passagem.

<sup>10</sup> Como os rios aumentam o tamanho do oceano, assim as libações de suco Soma aumentam a grandeza de Indra até que ele fica vasto demais para seu lar, o céu, contê-lo.

<sup>11</sup> Talvez o reservatório sacrificial.

<sup>12</sup> As águas usadas nas cerimônias Soma.

<sup>13</sup> Os sacerdotes oficiantes.

**9.** Então traze para cá,<sup>14</sup> e que ninguém impeça isso; nós te conhecemos bem, o Senhor da riqueza e do tesouro. Aquela dádiva esplêndida que é tua, ó Indra, concede a nós, Senhor dos Cavalos Fulvos.

**10.** Ó Indra, Maghavan, movedor impetuoso, dá-nos a riqueza abundante que traz todas as bênçãos. Dá-nos cem outonos<sup>15</sup> como o nosso tempo de vida; dá-nos, ó Indra de bela face, abundância de heróis.

**11.** Nós invocamos Indra, Maghavan, auspicioso, o melhor Herói na luta onde o saque é coletado, o Forte, que ouve, que dá auxílio em batalhas, que mata os Vṛtras, ganha e reúne riquezas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 37 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>14</sup> Traze a riqueza pela qual nós rogamos.

<sup>15</sup> Veja 1.89.9.

## Hino 37. Indra (Wilson)

(Sūkta VIII)

Deus e R̥ṣi como antes; a métrica é Gāyatrī, exceto no último verso, no qual ela é Anuṣṭubh.

Varga 21. **1.** Nós te incitamos, Indra, a exercer a força que destrói Vṛtra, e subjuga exércitos hostis.

**2.** Que os (teus) louvadores, Indra, que és adorado em cem ritos,<sup>1</sup> dirijam a tua mente e os teus olhos para nós.

**3.** Nós recitamos, Indra, que és adorado em cem ritos, (os teus muitos) nomes em todos os nossos hinos em busca de força para resistir aos nossos inimigos.

**4.** Nós repetimos o louvor de Indra louvado por muitos, o sustentador do homem, envolvido com cem glórias.

**5.** Eu te invoco, Indra, que és chamado por muitos, para matar Vṛtra, e conceder alimentos (como os despojos) de batalha.

**6.** Sê vitorioso, Indra, em batalhas; nós pedimos a ti, objeto de muitos ritos, para destruir Vṛtra.

Varga 22. **7.** Derrota, Indra, aqueles que são adversos a nós em riquezas, no campo de batalha, em tropas hostis, em força.

**8.** Bebe, Indra, objeto de muitos ritos, para a nossa preservação, o mais revigorante suco Soma, que concede fama, que dissipa o sono.<sup>2</sup>

**9.** Indra, objeto de muitos ritos, eu considero os órgãos dos sentidos que existem nas cinco raças (de seres dependentes) de ti, como teus.

**10.** Que o abundante alimento (sacrificial que nós oferecemos) chegue a ti, Indra; dá-nos prosperidade que não possa ser facilmente superada; nós aumentamos o teu vigor (por meio das nossas oferendas).

**11.** Vem a nós Śakra, seja de longe ou de perto; Indra, manejador do raio, qualquer que seja a tua região, vem de lá para cá.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 38 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> Śatakratu é um nome de Indra, ou ele pode ser usado como um epíteto, aquele para quem cem (ou seja, muitos) sacrifícios são oferecidos, ou por quem muitos grandes atos são realizados.

<sup>2</sup> De acordo com Sāyaṇa, beber Soma é preventivo de sono.

### Hino 37. Indra (Griffith)

1. Ó Indra, pela força que mata Vṛtra e conquista na luta,  
Nós te voltamos para cá para nós.
2. Ó Indra, Senhor dos Cem Poderes, que aqueles que te louvam<sup>3</sup>  
Direcionem para cá o teu espírito e os teus olhos.
3. Ó Indra, Senhor dos Cem Poderes, com todas as nossas canções nós invocamos  
Teus nomes por triunfo sobre os inimigos.
4. Nós nos esforçamos por glória através dos poderes imensos daquele a quem muitos  
louvam, de Indra que sustenta a humanidade.
5. Para a morte de Vṛtra eu me dirijo a Indra a quem muitos invocam,  
Para nós ganharmos despojos nas guerras.
6. Em batalhas sê vitorioso. Nós buscamos a ti, Senhor dos Cem Poderes,  
Indra, para que Vṛtra possa ser morto.
7. Em combates esplêndidos das tropas, em glórias onde a luta é vencida,  
Indra, sê vitorioso sobre inimigos.
8. Bebe o Soma para nos ajudar, brilhante, vigilante,<sup>4</sup> extraordinariamente forte,  
Ó Indra, Senhor dos Cem Poderes.
9. Ó Śatakratu,<sup>5</sup> os poderes que tu tens mostrado em meio às Cinco Raças<sup>6</sup> –  
Esses, Indra, eu reivindico de ti.
10. Indra, grande glória tu ganhaste. Conquista fama esplêndida que ninguém possa  
arruinar. Nós tornamos o teu poder perpétuo.
11. Vem a nós de perto, ou, Śakra, vem de longe.  
Indra, onde quer que seja o teu lar, vem a nós de lá, ó Armado com o trovão.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 38 \(Griffith\)](#)

---

<sup>3</sup> Os instituidores do sacrifício.

<sup>4</sup> De acordo com Sāyaṇa, Soma impede o sono.

<sup>5</sup> Senhor de cem, ou inúmeros, poderes.

<sup>6</sup> Indra é o protetor especial das cinco tribos arianas.



## Hino 38. Indra (Wilson)

(Sūkta IX)

O deus é Indra, associado nos últimos seis versos com Varuṇa; o Ṛṣi é Prajāpati o filho de Viśvāmitra, ou o filho de Vāc da linhagem de Viśvāmitra, um dos dois ou ambos; ou pode ser Viśvāmitra sozinho; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 23. **1.** Repitam (para Indra) louvor piedoso, como um carpinteiro (aplana a madeira), e engajando-se (zelosamente em ritos sagrados), como um cavalo rápido carregando bem sua carga;<sup>1</sup> dotado de inteligência, e refletindo sobre os futuros atos aceitáveis (para Indra), eu desejo ver os sábios (que foram para o céu).<sup>2</sup>

**2.** Perguntem aos senhores (da terra, os professores santos), do nascimento daqueles sábios divinizados, que com mentes bem governadas, e diligentes em ritos sagrados, fabricaram os céus; e que esses (louvores) propiciatórios, aumentando (o teu poder) e rápidos como o vento, te alcancem neste rito solene.

**3.** Compreendendo (mistérios) ocultos aqui na terra, eles, através de seu poder, tornaram manifestas (as coisas do) céu e da terra; eles estabeleceram limites para eles por seus elementos;<sup>3</sup> eles conectaram os dois unidos mutuamente, vastos e amplamente expandidos, e fixaram o (firmamento) intermediário para sustentá-los.

**4.** Eles todos ornamentaram (Indra) que se encontra (em seu carro); e, vestido em beleza, ele procede auto-radiante; extraordinários são os atos daquele derramador (de benefícios), o influenciador (de consciências),<sup>4</sup> que, tendo todas as formas, preside as (águas) ambrosíacas.

Varga 24. **5.** O derramador (de benefícios), o precedente e mais velho (dos deuses), gerou (as águas); elas são as abundantes aliviadoras da sede dele; soberanos Indra e Varuṇa, netos do céu, vocês possuem a riqueza (que deve ser adquirida) pelos ritos do sacrifício esplêndido.

**6.** Nobres Indra e Varuṇa, embelezem os três sacrifícios universais (e os tornem) repletos (de todos os requisitos) para esta celebração; tu foste ao rito, pois eu vi em minha mente, nessa solenidade, os Gandharbas com cabelo (flutuando) ao vento.<sup>5</sup>

**7.** Aqueles que, por (causa do) derramador (de benefícios), ordenam o agradável (produto) da vaca leiteira, (que é conhecido) por (muitos) nomes, eles investidos com a força diversificada (dos Asuras) e praticando a arte ilusória, têm depositado a sua própria natureza nele.<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> Supõe-se que aqui o instituidor do rito se dirige aos sacerdotes oficiantes, exortando-os a serem trabalhadores diligentes, como o carpinteiro ou o cavalo de carga.

<sup>2</sup> *Abhipriyāṇi marmṣat parāṇi kavīn ichāmi sandṛśe*; o significado não é muito óbvio, e a coerência menos ainda, embora nós tenhamos a ajuda adicional da explicação da passagem no *Aitareya Brāhmaṇa*, vi. 20; *priyāṇi* Sāyaṇa diz ser *Indrasya priyatamāni*, e *parāṇi* implicar *uttamāni*, os melhores e mais queridos para Indra, *karmāni*, atos; ou *parāṇi* pode significar os atos a serem realizados nos dias seguintes; *kavi*, que normalmente é explicado como *krānta darṣi*, um vidente do passado, é dito significar aqui uma pessoa santa, que, por sua devoção assídua, alcançou deificação.

<sup>3</sup> Com os elementos eles fizeram divisões determinadas do céu e da terra por tanto, isto é, até um limite ou extensão definida.

<sup>4</sup> O texto tem apenas *asurasya*; o comentário o explica por *prerakasya antaryāmitayā*, impulsor, por estar no espírito interno.

<sup>5</sup> *Gandharbhān vāyukeśān*; os Gandharbas, de acordo com o escoliasta, são os guardiões do Soma; ele cita os *Taittirīyakas* para a especificação de seres similares, embora o nome específico não seja dado.

<sup>6</sup> Essa estrofe é singularmente obscura, e é explicada muito imperfeitamente pelos comentadores.

8. Ninguém (distingue) o meu brilho dourado daquele desse Savitr,<sup>7</sup> em qual (brilho) ele se refugiou; satisfeito com louvor piedoso, ele nutre o céu e a terra fomentadores de tudo como uma mulher nutre sua prole.

9. Vocês dois garantem a grande felicidade do antigo (adorador), aquela que é felicidade no céu; (portanto) estejam sempre perto de nós; todos aqueles que usam ilusão,<sup>8</sup> contemplam as façanhas múltiplas do eterno Indra que fala brandamente.

10. Nós invocamos para nossa proteção o opulento Indra, célebre nesse combate; o líder na (luta) concessora de alimento, que ouve (os nossos louvores), terrível em batalhas, o destruidor de inimigos, o conquistador de riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 39 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 38. Indra (Griffith)

1.<sup>9</sup> Apressando-me como um corcel forte bom em puxar, um pensamento eu imaginei como um artífice.<sup>10</sup> Ponderando o que é mais querido e mais nobre, eu anseio ver os sábios<sup>11</sup> cheios de sabedoria.

2. Pergunta sobre as gerações poderosas dos sábios; dedicados e de mente firme eles moldaram o céu. Essas são as tuas direções fortalecedoras procuradas pelo coração, e eles passaram a ser os mantenedores do céu.

3. Assumindo nesse mundo naturezas misteriosas, eles enfeitaram o céu e a terra para grande domínio,<sup>12</sup> mediram com medidas, fixaram as suas amplas extensões, separam os grandes mundos mantidos firme por segurança.

4. Mesmo enquanto ele ascendia<sup>13</sup> todos eles o adornaram; auto-luminoso ele viaja vestido em esplendor. Essa é a poderosa imagem do Touro, do Asura; ele, que tem todas as formas, alcançou as águas eternas.<sup>14</sup>

5. Primeiro o Touro mais antigo<sup>15</sup> gerou descendentes; esses são os seus muitos goles que lhe fornecem vigor. Desde os tempos antigos vocês Reis, os dois Filhos do Céu,<sup>16</sup> por hinos de sacrifício ganharam domínio.

6. Três assentos<sup>17</sup> vocês Soberanos, no santo sínodo, muitos, sim, todos, vocês honram com sua presença. Lá eu vi, indo para lá em espírito, Gandharvas<sup>18</sup> em seu curso com madeixas sopradas pelo vento.

---

<sup>7</sup> Savitr, de acordo com o comentador, aqui significa Indra, de Indra o impulsor, por ele ser aquele que permeia internamente o mundo inteiro; esse verso é pouco menos ininteligível que o anterior.

<sup>8</sup> *Viśve māyinaḥ*, o escoliasta explica, *sarve devāḥ*, todos os deuses; *māyā* às vezes significa sabedoria, inteligência, de modo que ele também pode ser traduzido como os sábios; no sentido comum de *māyā* ele pode significar todos os enganadores, ou Asuras; esse Sūkta inteiro é muito obscuro.

<sup>9</sup> É dito que o deus desse hino é Indra, embora ele seja mencionado só no verso final. O hino é intencionalmente obscuro, e em partes ininteligível.

<sup>10</sup> Como um carpinteiro prepara sua madeira.

<sup>11</sup> Para que eu possa aprender deles o que eu desejo saber.

<sup>12</sup> Para que Indra possa governá-los.

<sup>13</sup> Isto é, Indra como o Sol.

<sup>14</sup> Ou, de acordo com o professor Roth, 'as forças da eternidade'.

<sup>15</sup> Indra como o Sol.

<sup>16</sup> Ou de Dyaus; Varuṇa e talvez Mitra.

<sup>17</sup> Os três assentos são o céu, o firmamento ou meio do ar, e a terra. O poeta parece querer dizer, pelas palavras seguintes, que nenhum lugar de sacrifício está consagrado devidamente a menos que esses Deuses estejam presentes.

<sup>18</sup> Os Gandharvas, de acordo com o comentador, são os guardiões do Soma. Aqui, provavelmente, eles são meramente raios de sol.

7. Aquela mesma companhia dela, a Vaca Leiteira, aqui com as diversas formas do Touro forte eles estabeleceram. Dotando ainda alguma nova figura celestial, os trabalhadores hábeis moldaram uma forma em volta dele.<sup>19</sup>

8. Que ninguém aqui me impeça de apreciar a luz dourada que Savitar difunde. Ele cobre ambos os mundos, que fomentam todos, com louvores assim como uma mulher nutre seus filhos.<sup>20</sup>

9. Realizem, vocês Dois,<sup>21</sup> a obra dele, o Grande, o Antigo;<sup>22</sup> como bênção celeste mantenham sua proteção em torno de nós. Todos os Deuses sábios contemplam as ações variadas dele que permanece ereto, cuja voz é como a de um pastor.<sup>23</sup>

10. Nós invocamos Indra, Maghavan, auspicioso, o melhor Herói na luta onde o saque é coletado, o Forte, que ouve, que dá auxílio em batalhas, que mata os Vr̥tras, ganha e reúne riquezas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 39 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>19</sup> A Vaca Leiteira é a Aurora, e o Touro forte aparentemente é Indra como o Sol. [Veja a nota 6.]

<sup>20</sup> Essa estrofe também mal é inteligível.

<sup>21</sup> Aparentemente Mitra e Varuṇa.

<sup>22</sup> Dyaus.

<sup>23</sup> O professor Wilson traduz isso como 'que fala brandamente'. O significado parece ser, usando a sua voz para a proteção do homem, como um pastor que chama por seu gado.

## Hino 39. Indra (Wilson)

(Anuvāka 4. Sūkta I)

O deus, o R̥ṣi, e a métrica, os mesmos.

Varga 25. **1.** O louvor que é incitado pelo coração, e é proferido pelos recitadores de hinos sagrados, procede para a presença do senhor, e é seu despertador quando repetido no sacrifício; está ciente, Indra, desse louvor, que nasce para ti.

**2.** Esse louvor que é gerado antes (do amanhecer) do dia é o despertador de Indra, quando repetido no sacrifício (da manhã); auspicioso e vestido em traje branco<sup>1</sup> é esse nosso hino antigo e paterno.<sup>2</sup>

**3.** A mãe de gêmeos, (a aurora), gerou os gêmeos (Aśvins) nessa ocasião, (no louvor de quem) a ponta da minha língua permanece trêmula; eles dois, os dispersores das trevas, se unem, assumindo corpos como um par (de gêmeos) no início do dia.<sup>3</sup>

**4.** Não há insultadores entre os homens daqueles que foram os nossos progenitores e combatentes para (a recuperação do) gado; pois o poderoso Indra, o realizador de grandes feitos, libertou para eles os rebanhos numerosos.

**5.** Um amigo, acompanhado pelos amigos fiéis que tinham celebrado o rito de nove meses,<sup>4</sup> e rastreando as vacas de joelhos, e do mesmo modo acompanhado por aqueles dez que tinham realizado o rito de dez meses,<sup>5</sup> Indra tornou manifesta a verdadeira (luz do sol) residindo (até então) na escuridão (da caverna).

Varga 26. **6.** Indra descobriu o leite doce secretado na vaca leiteira, e, então, trouxe para fora (de seu esconderijo) o rebanho (de gado) tendo pés e tendo cascos; magnânimo (em presentes), ele segurou em sua mão direita aquele que havia sido escondido na caverna, que estava oculto nas águas.<sup>6</sup>

**7.** O perspicaz (Indra) separou a luz das trevas; que nós, afastados para longe do mal, estejamos sempre em segurança; Indra, bebedor do suco Soma, que és nutrido pela bebida, fica satisfeito com esses louvores do teu adorador que é o derrotador de seus inimigos.

**8.** Que a luz se espalhe por todo o céu e a terra para (a promoção do) sacrifício; que nós estejamos muito distantes do mal excessivo; Vasus, que devem ser tornados presentes (por louvor piedoso), concedam riqueza crescente ao homem que é de doações generosas.

**9.** Nós invocamos para nossa proteção o opulento Indra, célebre nesse combate; o líder na (luta) concessora de alimento, que ouve (os nossos louvores), terrível em batalhas, o destruidor de inimigos, o conquistador de riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 40 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> *Bhadrā vastrāṇi arjunā vasānā-vāc*; discurso auspicioso, com vestes brancas, isto é, *tejānsi*, de acordo com o escoliasta, esplendores, energias.

<sup>2</sup> *Pitryā dhīh, pitṛkramāgatā stutī*, louvor vem na sucessão de progenitores.

<sup>3</sup> Os Aśvins são especialmente adorados na cerimônia da manhã.

<sup>4</sup> Os Aṅgirasas.

<sup>5</sup> *Navagvāḥ* e *Daśagvāḥ*; veja 1.62.4, nota 4.

<sup>6</sup> Ou seja, ele libertou as chuvas de sua prisão nas nuvens do firmamento.

## Hino 39. Indra (Griffith)

1. Para Indra do coração provém o hino, para ele o Senhor, recitado, construído com louvores; a canção despertadora cantada no sínodo sagrado: essa que é nascida para ti, ó Indra, nota.
2. Nascido do céu nos tempos de outrora, despertador, cantado em voz alta em assembleia sagrada, auspicioso, vestido com vestes brancas e brilhantes,<sup>7</sup> este é o hino antigo de nossos antepassados.
3. A mãe dos Gêmeos<sup>8</sup> teve Filhos Gêmeos;<sup>9</sup> a ponta da minha língua ergueu-se e ficou silenciosa.<sup>10</sup> Matando a escuridão na fundação da luz, o Par recém-nascido obtém sua beleza.
4. Ninguém é encontrado entre eles, nenhum dos mortais, para censurar os nossos antepassados que lutaram para ganhar o gado. O fortalecedor deles era Indra o Majestoso; ele expandiu os estábulos de vacas deles, o Fazedor de Milagres.<sup>11</sup>
5. Onde como um Amigo com homens amigáveis, Navagvas,<sup>12</sup> com heróis, de joelhos ele procurou o gado. Lá, realmente, com dez Daśagvas<sup>13</sup> Indra encontrou o Sol jazendo escondido na escuridão.
6. Indra encontrou hidromel<sup>14</sup> coletado na vaca leiteira, por meio de pata e casco,<sup>15</sup> no lugar de pastagem da vaca. Aquilo que estava oculto,<sup>16</sup> escondido nas águas, ele segurou em sua mão direita, o rico recompensador.
7. Ele pegou a luz, discernindo-a da escuridão; que nós estejamos muito longe de todo infortúnio. Essas canções, ó bebedor de Soma, alegrado por Soma, Indra, aceita do teu poeta mais zeloso.
8. Que haja luz através de ambos os mundos para culto; que nós fiquemos distantes do mal opressivo. Grande aflição vem mesmo do mortal hostil, acumulada; mas bons em resgate são os Vasus.
9. Nós invocamos Indra, Maghavan, auspicioso, o melhor Herói na luta onde o saque é coletado, o Forte, que ouve, que dá auxílio em batalhas, que mata os Vṛtras, ganha e reúne riquezas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 40 \(Griffith\)](#)

<sup>7</sup> Vestido com energia e esplendor.

<sup>8</sup> De acordo com Sāyaṇa, Uṣas ou Aurora.

<sup>9</sup> Os Aśvins.

<sup>10</sup> Eu me preparei para louvar os Aśvins, mas não estava à altura da tarefa.

<sup>11</sup> Veja Max Müller, *Chips [from a German workshop]*, IV. 29 (Edição de 1895).

<sup>12</sup> Uma família mitológica frequentemente associada com os Anḡirasas, e descrita como tomando parte nas batalhas de Indra. Veja 1.33.6, e 1.62.4.

<sup>13</sup> Membros da, ou aliados sacerdotais relacionados com a, família de Anḡiras. Veja 1.62.4.

<sup>14</sup> Chuva doce.

<sup>15</sup> Rastreado as vacas por suas pegadas.

<sup>16</sup> A chuva que estava aprisionada nas nuvens.

## Hino 40. Indra (Wilson)

(Adhyāya 3. Continuação do Anuvāka 4. Sūkta II)

O deus e o Ṛṣi como antes; a métrica é Gāyatrī.

Varga 1. **1.** Nós te invocamos, Indra,<sup>1</sup> derramador (de benefícios), para a libação derramada; bebe da bebida estimulante.

**2.** Indra, o louvado por muitos, aceita o suco Soma derramado, o concessor de conhecimento; bebe, absorve<sup>2</sup> a dose satisfatória.

**3.** Indra, senhor dos homens, que és louvado (pelos devotos) e ajudado pelos deuses, aperfeiçoa este nosso sacrifício no qual a oblação é oferecida (a ti).

**4.** Indra, senhor dos virtuosos, esses sucos Soma derramados, alegradores e brilhantes, procedem para a tua residência.<sup>3</sup>

**5.** Recebe, Indra, em teu estômago essa excelente libação derramada, essas (gotas) brilhantes permanecem contigo no céu.

Varga 2. **6.** Indra, que és glorificado com louvor, bebe essa nossa libação, pois tu és aspergido com as gotas da (dose) estimulante; o alimento (sacrificial) é realmente purificado por ti.

**7.** O (suco Soma) brilhante e imperecível, oferecido pelo adorador, envolve Indra; tendo bebido da libação, ele aumenta (em vigor) .

**8.** Matador de Vṛtra, seja de perto ou de longe, vem até nós, aceita esses nossos louvores.

**9.** Seja chamado de perto ou de longe, ou do meio do espaço, vem de lá, Indra, para cá.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 41 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> O comentário aqui dá várias etimologias do nome Indra, tiradas de Yāska e do *Taittirīya Āraṇyaka*, ou seja, aquele que se deleita (*ramate*) no suco Soma (*indu*); ou aquele que mostra esse (*idam*) universo; ou aquele que divide (*dṛṇāti*), ou dá (*dadāti*), ou tira (*dadhāti*), ou causa adoração (*dārayati*), ou possui (*dhārayati*) licor destilado (*irām*), ou que faz correr ou passa (*dravati*) o suco Soma (*indau*); ou acende ou anima (*inddhe*) seres vivos; ou aquele que contempla o espírito puro, ou Brahma, que é esse (*idam*) universo; os gramáticos o derivam de *idi* governar com o afixo *ran*.

<sup>2</sup> *Vṛṣasva*, asperge, despeja, isto é, no estômago, de modo que ele não possa, de acordo com o comentador, descer abaixo do estômago.

<sup>3</sup> *Kṣayaṃ tava*; *kṣaya*, uma residência, aqui significa a barriga de Indra, *jaṭhara*.

## Hino 40. Indra (Griffith)

1. A ti, Indra, nós invocamos, o Touro, quando o Soma é espremido.  
Então bebe do suco saboroso.
2. Indra, a quem muitos louvam, aceita o suco Soma que confere força;  
Bebe, derrama<sup>4</sup> a bebida que satisfaz.
3. Indra, com todos os Deuses promove o nosso sacrifício concessor de riqueza,  
Tu altamente louvado Senhor dos homens.
4. Senhor dos bravos, para ti vão essas gotas de suco Soma espremido,  
As gotas brilhantes para a tua habitação.
5. Dentro de teu estômago, Indra, toma o suco, Soma o mais excelente; tuas são as  
gotas celestiais.
6. Bebe a nossa libação, Senhor dos hinos; com rios de hidromel tu és borrifado  
Nossa glória, Indra, é teu presente.
7. Para Indra vão os tesouros do adorador, que nunca falham;  
Ele bebe o Soma e é forte.
8. De longe, de perto, ó matador de Vṛtra, vem a nós;  
Aceita as canções que nós cantamos para ti.
9. Quando do espaço entre o próximo e o distante<sup>5</sup> tu és invocado por nós,  
De lá, Indra, vem para cá.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 41 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>4</sup> [Veja a nota 2.]

<sup>5</sup> O firmamento ou meio do ar, entre a terra e o céu distante.

## Hino 41. Indra (Wilson)

(Sūkta III)

O deus, o R̥ṣi, e a métrica, como antes.

Varga 3. **1.** Indra, manejador do raio, vem a mim com teus cavalos, quando chamado para beber o Soma em nosso (sacrifício).

**2.** O sacerdote invocador está sentado no tempo adequado; a grama sagrada entrelaçada foi espalhada; as pedras são colocadas em contato para a (libação) da manhã.

**3.** Portador de preces,<sup>1</sup> essas preces são oferecidas (por nós); senta-te na grama sagrada; compartilha, herói, da oblação.

**4.** Matador de Vṛtra, Indra, que és satisfeito por louvor, fica contente com esses nossos louvores e preces em nossos sacrifícios (diários).

**5.** Os nossos louvores afagam o poderoso Indra, o bebedor de suco Soma, como vacas lambem seus bezerros.

Varga 4. **6.** Fica alegre completamente (por beber) da libação que nós oferecemos por causa de ampla riqueza; não exponhas o teu adorador ao opróbrio.

**7.** Devotados, Indra, a ti, e oferecendo oblações, nós te glorificamos, dador de residências; sê disposto favoravelmente para nós.

**8.** Amante de cavalos, Indra, não soltes os teus corcéis enquanto longe de nós, mas vem (com eles) à nossa presença; desfrutador da oferenda, fica animado nesse sacrifício.

**9.** Que os teus corcéis de crina longa e de pelo brilhante te tragam na tua carruagem ligeira para sentar-te sobre a grama sagrada.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 42 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 41. Indra (Griffith)

**1.** Chamado para beber o suco Soma, vem com teus Cavalos Baios, Armado com o Trovão! Vem, Indra, para cá até mim.

**2.** O nosso sacerdote está sentado, fiel à época; a grama está espalhada regularmente; As pedras de espremer foram acionadas de manhã.

**3.** Essas preces, ó tu que ouves prece, são oferecidas; senta-te na grama. Herói, desfruta do bolo oferecido.

**4.** Ó matador de Vṛtra, sê satisfeito com essas libações, com esses hinos, Indra amante de música, com as nossas louvações.

**5.** Os nossos hinos afagam o Senhor da Força, vasto, bebedor de suco da Soma, Indra, como mães-vaca seu bezerro.

**6.** Delicia-te com o suco que nós derramamos em busca da tua própria generosidade notável; não entregues o teu cantor à censura.

**7.** Nós, Indra, amando-te ternamente, trazendo oblação, te cantamos hinos Tu, Vasu, nos amas ternamente.

**8.** Ó tu para quem teus Baios são queridos, não soltes os teus cavalos longe de nós;

---

<sup>1</sup> Que carrega ou recebe louvores, ou pode significar, que é atingido por louvor ou prece.



Alegra-te aqui, Indra, Senhor divino.

9. Que Corcéis de crina longa, pingando óleo, te tragam para cá em carro veloz, Indra, para sentar-te sobre a grama.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 42 \(Griffith\)](#)

## Hino 42. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

Deus, Ṛṣi e métrica, como antes.

Varga 5. 1. Vem, Indra, para esse nosso suco Soma derramado misturado com leite e coalhos, com teus cavalos (atrelados ao teu carro), o qual é favorável a nós.

2. Vem, Indra, para o estimulante (Soma) espremido pelas pedras, e derramado sobre a grama sagrada; bebe dele até a saciedade, pois há fartura.

3. Que os meus louvores, dirigidos a partir daqui e desse modo, alcancem Indra, para trazê-lo para cá para beber o suco Soma.

4. Nós invocamos Indra para este rito com preces para beber o suco Soma; que ele, repetidamente invocado, venha para cá.

5. Indra, esses sucos Soma são derramados; toma-os, Śatakratu, em teu estômago; tu que és rico em alimento (abundante).

Varga 6. 6. Perspicaz Indra, nós te conhecemos como vitorioso e ganhador de riqueza em batalhas; por isso nós te pedimos riquezas.

7. Tendo vindo (ao nosso rito) bebe, Indra, essa nossa (libação), derramada pelas pedras, e misturada com leite e coalhos, e com cevada.

8. Eu te ofereço, Indra, esse suco Soma como a tua bebida, para ser tomado em seu receptáculo adequado; que ele deleite o teu coração.

9. Descendentes de Kuśa,<sup>1</sup> desejosos de proteção, nós invocamos a ti, Indra, que és antigo, para beber da libação.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 43 \(Wilson\)](#)

## Hino 42. Indra (Griffith)

1. Vem para o suco que nós esprememos, para o Soma, Indra, misturado com leite; Vem, favorecendo-nos, o teu carro puxado por Baios!

2. Vem, Indra, para essa bebida alegre, colocada sobre a grama, espremida com pedras; tu não beberás dela até saciar-te?

3. Para Indra as minhas canções de louvor têm partido, enviadas desse modo rapidamente daqui, para voltá-lo para a dose de Soma.

4. Para cá com cânticos de louvor nós chamamos Indra para beber o suco Soma; Ele não virá a nós por louvores?

5. Indra, esses Somas estão espremidos. Toma-os dentro de teu estômago, Senhor Dos Cem Poderes, ó Príncipe da Riqueza.

<sup>1</sup> “*Kuśikas*: membros da família de Kuśika que era o pai ou avô de Viśvāmitra, o Ṛṣi do hino”. – Griffith.

6. Nós te conhecemos ganhador do despojo, e resoluto em batalhas, Sábio!  
Portanto a tua bênção nós imploramos.
7. Trazido para cá por teus Garanhões, bebe, Indra, esse suco que nós esprememos,  
Misturado com cevada e com leite.
8. Indra, para ti, no teu próprio lugar, eu incito o Soma para tu beberes;  
No fundo do teu coração que ele permaneça,
9. Nós invocamos a ti, o Antigo, Indra, para beber o suco Soma,  
Nós Kuśikas que buscamos a tua ajuda.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 43 \(Griffith\)](#)

## Hino 43. Indra (Wilson)

(Sūkta V)

O deus e o Ṛṣi são os mesmos; a métrica é Triṣṭubh.

- Varga 7. 1. Desce até nós viajando em teu carro, pois é realmente tua esta libação antiga; desatreia os teus (cavalos) amados e amigáveis perto da grama sagrada, pois estes ofertantes da oblação a apresentam para ti.
2. Passando por multidões, vem para cá, nobre Indra, com teus corcéis, (para receber) as nossas bênçãos; pois esses louvores, Indra, compostos pelos devotos, te invocam, propiciando a tua amizade.
3. Divino Indra, vem rapidamente com teus cavalos, e bem satisfeito, para o nosso sacrifício aumentador de alimentos; oferecendo alimento (sagrado) com manteiga, eu te invoco realmente com louvores na câmara de libações doces.
4. Que esses dois vigorosos corcéis amigáveis carregadores de cargas, e de bons membros, te tragam para cá, onde Indra, aprovando a cerimônia (na qual a oferenda) é grão tostado, possa ouvir como um amigo os louvores de seu amigo (o adorador).
5. Possuidor de riqueza, aceita o suco Soma sem vigor, torna-me o protetor, ou melhor, um monarca de homens; torna-me realmente um sábio santo, um bebedor de libação; torna-me realmente o possuidor de riqueza imperecível.
6. Que os teus cavalos fortes, Indra, atrelados (ao teu carro), e igualmente estimulados (pela bebida), te tragam à nossa presença, pois eles são os destruidores (de inimigos) do derramador (de benefícios), e esfregados gentilmente pela mão dele eles atravessam, seguindo rapidamente, as regiões do céu, tornando-as duplas por assim dizer.<sup>2</sup>
7. Bebe, Indra, da (libação) abundante espremida pelas (pedras) benfazejas; aquela que o falcão<sup>3</sup> carregou para ti desejando-a, em cuja alegria tu subjogaste homens (oponentes), em cuja alegria tu abriste as nuvens.

<sup>2</sup> Eles especialmente tornam duplos todos os quadrantes do horizonte, de modo que ele (o céu) torna-se duplo: essa é a explicação de Sāyaṇa; o que isso significa exatamente é difícil de compreender.

<sup>3</sup> Isso se refere a uma lenda contada brevemente no *Aitareya Brāhmaṇa*, Pañcika III. Adhyāya 13 [Livro 3; cap. 3; 25-26 da tradução por Martin Haug, 1863], e que é explicada com mais pormenores pelo comentador sobre aquela obra: a planta Soma crescia antigamente, diz-se, só no céu; os Ṛṣis e os deuses consideraram como ela poderia ser trazida para a terra, e desejaram que as *Chandasas*, as métricas dos Vedas, a trouxessem; transformando-se em aves (*Suparṇas*), elas se encarregaram da tarefa; a única que conseguiu, no entanto, foi a Gāyatrī, na forma de uma águia (*śyenī*), e ela foi ferida por uma flecha disparada por um dos Somapālas ou Gandharbas, os guardiões do Soma, por isso chamados *Somabhrājas*, a qual cortou uma unha de seu pé esquerdo; o icor da ferida tornou-se a *vasā* ou gordura animal da oferenda queimada; outras metamorfoses são detalhadas.

8. Nós invocamos para nossa proteção o opulento Indra, célebre nesse combate; o líder na (luta) concessora de alimento, que ouve (os nossos louvores), terrível em batalhas, o destruidor de inimigos, o conquistador de riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 44 \(Wilson\)](#)

### Hino 43. Indra (Griffith)

1. Elevado sobre o assento do teu carro aproxima-te de nós; tua é a dose de Soma desde os tempos de outrora. Solta para a grama sagrada os teus queridos companheiros.<sup>4</sup> Estes homens que trazem oblação te chamam para cá.
2. Vem nosso Amigo verdadeiro, passando por muitos povos; vem com teus dois Cavalos Baios para as nossas devoções; pois esses nossos hinos estão te chamando, ó Indra, hinos formados por louvor, solicitando a tua amizade.
3. Satisfeito, com teus Cavalos Baios, Indra, Deus, vem rapidamente a esse nosso sacrifício que aumenta a adoração; pois com os meus pensamentos, apresentando óleo para te alimentar, eu te chamo para o banquete de libações doces.
4. Sim, que os teus dois Garanhões Baios te tragam para cá, de bons membros e bons para puxar, os teus queridos companheiros. Satisfeito com a oferenda misturada com grãos que nós te trazemos, que Indra, Amigo, ouça a adoração de seu amigo.
5. Tu não me farás guardião do povo, me tornarás, impetuoso Maghavan, seu governante? Tornar-me-ás um R̥ṣi tendo bebido do Soma? Tu não me darás riqueza que dura para sempre?
6. Atrelados à tua carruagem, que os teus Baios altos, Indra, companheiros de teu banquete, te tragam para cá, que desde antigamente se apressam para os limites mais distantes do céu, os Cavalos impetuosos e bem tratados do Touro.
7. Bebe do forte<sup>5</sup> espremido pelas fortes,<sup>6</sup> Indra, aquele que o Falcão te trouxe<sup>7</sup> quando tu almejavas; em cuja alegria selvagem tu agitaste o povo, em cuja alegria selvagem tu abriste os estábulos das vacas.
8. Nós invocamos Indra, Maghavan, auspicioso, o melhor Herói na luta onde o saque é coletado, o Forte, que ouve, que dá auxílio em batalhas, que mata os Vṛtras, ganha e reúne riquezas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 44 \(Griffith\)](#)

<sup>4</sup> Teus cavalos.

<sup>5</sup> Suco Soma.

<sup>6</sup> Pedras de espremer.

<sup>7</sup> É dito que o Soma foi trazido do céu por um falcão. Veja 1.80.2 e 1.93.6.

## Hino 44. Indra (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus e o Ṛṣi são como antes; a métrica é Bṛhatī.

- Varga 8. 1. Que este Soma desejável e gratificante espremido pelas pedras seja, Indra, para ti; sobe na carruagem verdejante, e com os teus (cavalos) fulvos vem a nós.<sup>1</sup>
2. Desejando (o Soma), tu honras a aurora; desejando o Soma, tu iluminaste o sol; conhecendo e discriminando (todos os nossos desejos), senhor dos corcéis fulvos, tu aumentas sobre nós todos (os tipos de) prosperidade.
3. Indra sustentou céu de raios amarelos; a terra de cor verdejante; há pasto abundante (para seus corcéis) nas duas esferas azuis do céu e da terra, entre as quais Hari viaja.
4. O derramador (de benefícios) de cor azul ilumina, assim que nasce, toda a região luminosa; o senhor dos corcéis fulvos segura em suas mãos a arma amarela, o raio destruidor.
5. Indra descobriu o Soma desejável de cor branca, que flui rápido, derramado pelas pedras de espremer, e coberto com os brilhantes (leite e outros líquidos), do mesmo modo como quando, levado por seus corcéis, ele resgatou o gado.<sup>2</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 45 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 44. Indra (Griffith)

- 1.<sup>3</sup> Que este Soma deleitável seja espremido para ti por pedras fulvas; alegrando-te com isso, Indra, vem com teus Cavalos Baios; sobe na tua carruagem de cor dourada.
2. Por amor tu fizeste Uṣas brilhar, por amor tu fizeste Sūrya brilhar. Tu, Indra, conhecedor, pensativo, Senhor dos Cavalos Baios, te tornaste grande acima de todas as glórias.
3. O céu com rios de cor dourada, a terra com seus matizes de verde e ouro – o Par dourado deu a Indra nutrição abundante; entre eles se move o Dourado.<sup>4</sup>
4. Quando nascido à vida o Touro dourado<sup>5</sup> ilumina todo o reino de luz. Ele leva a sua arma dourada, Senhor dos Corcéis Baios, o raio de ouro em seus braços.
5. O brilhante, o raio bem-amado, cingido com os brilhantes,<sup>6</sup> Indra descobriu, descobriu o suco Soma espremido por pedras fulvas, com corcéis fulvos guiou as vacas adiante.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 45 \(Griffith\)](#)

---

<sup>1</sup> O principal significado desse hino parece ser proclamar as mudanças nos derivados da raiz *hr*, pegar, como em um anterior era sobre aquelas da raiz *vṛṣ*, derramar; assim nós temos *haryataḥ*, atraente, cativante, desejável; *harit*, a pedra que mói a planta Soma; também, os cavalos da Indra no dual ou plural, *harī*, *harayaḥ*; novamente, *harit*, verde, *haryaśvaḥ*, aquele que tem cavalos chamados hari; *haridhāyasam*, de raios amarelos, *harivarpasam*, de cor verde, e assim por diante, e em cada um dos cinco versos.

<sup>2</sup> Sāyaṇa cita outro texto em apoio à descoberta de Indra do Soma escondido, no qual, no entanto, o ato é atribuído a Pūṣan, veja 1.23.14.

<sup>3</sup> Por todo o hino o poeta canta as mudanças nas palavras ditas serem derivadas da raiz *hr*, pegar, como *haryatá*, deleitável, *haryán*, amoroso, *hári*, baio ou fulvo, *hárít*, verde, amarelo, ou de cor dourada.

<sup>4</sup> O sol.

<sup>5</sup> Indra como o Sol.

<sup>6</sup> Cercado por raios de luz.

## Hino 45. Indra (Wilson)

(Sūkta VII)

O deus, o Ṛṣi, e a métrica são os mesmos.

- Varga 9. **1.** Vem, Indra, com teus exultantes corcéis de pelo de pavão;<sup>1</sup> que nenhuma pessoa te detenha, como (caçadores) jogando armadilhas pegam um pássaro; passa por elas (rapidamente) como (viajantes atravessam) um deserto.<sup>2</sup>
- 2.** O devorador de Vṛtra, o quebrador da nuvem, o remetente das águas, o demolidor de cidades, Indra, o destruidor de inimigos poderosos, subiu em seu carro para incitar seus cavalos à nossa presença.
- 3.** Tu nutres o celebrante do ritual piedoso como (tu enches) os mares profundos (com água); ou como um pastor cuidadoso (nutre) as vacas; (tu absorves o Soma), como vacas (obtêm) forragem, (e os sucos fluem para ti) como riachos fluem para um lago.<sup>3</sup>
- 4.** Concede-nos riquezas, protegendo (-nos contra inimigos), como (um pai dá) sua parte a (um filho) que chegou à maturidade; envia para nós, Indra, riqueza suficiente (para os nossos desejos), como um gancho derruba o fruto maduro de uma árvore.
- 5.** Tu és possuidor de opulência, Indra; tu és o senhor do céu, auspicioso e renomado; que tu, que és adorado por muitos, aumentando em vigor, possas ser para nós um muito (generoso concessor) de alimentos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 46 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 45. Indra (Griffith)

- 1.** Vem para cá, Indra, com Cavalos Baios alegres, com caudas como plumas de pavões.<sup>4</sup> Que nenhum homem detenha o teu curso como caçadores param o pássaro; passa por eles como por terras desertas.
- 2.** Ele que matou Vṛtra, rompeu a nuvem, quebrou as fortalezas e impeliu as torrentes, Indra que sobe em seu carro ao grito de seus Corcéis Baios, despedaça até as coisas que se encontram muito firmes.
- 3.** Como tanques de água profundos e cheios, como vacas tu nutres tua força; como as vacas leiteiras que seguem bem protegidas para o prado, como córregos que chegam ao lago.<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> *Mayūra-romabhiḥ*, com pelo semelhante às penas do pavão.

<sup>2</sup> O verso ocorre duas vezes no *Sāma-Veda*, I. 246; v. 1068; uma vez no *Yajush*, xx. 53; Mahīdhara concorda com Sāyaṇa na interpretação.

<sup>3</sup> O verso é ininteligível sem algum preenchimento das várias elipses como o escoliasta sugere; pode-se dizer, no entanto, dela, como de muitas outras passagens, com o professor Benfey, *doch bleibt die wendung dunkel* [‘mas a expressão permanece obscura’]; *Sāma-Veda*, II. 1070; o mesmo tem também o verso anterior, II. 1069. [Veja a nota 5.]

<sup>4</sup> Nuvens rastejantes com franjas de púrpura e ouro.

<sup>5</sup> O significado parece ser, como o professor Ludwig sugere: o teu poder mental é tão inesgotável quanto a água em fontes profundas, tão seguro contra danos quanto vacas guardadas cuidadosamente que seguem sem se perder para o seu pasto, e sempre pleno como rios que despejam água em um lago. O professor Wilson, seguindo Sāyaṇa, parafraseia. [Veja a versão dele acima.] *Kratu*, que eu traduzi como ‘força’ significa ‘poder’, mental ou físico, e às vezes também, especialmente em obras posteriores, uma cerimônia sacrificial. Sāyaṇa preencheu as supostas elipses do modo mais arbitrário.

4. Traze-nos riqueza com poder para atacar, a nossa parte contra aquele que a chama de sua. Sacode, Indra, como com ganchos, a árvore por fruto maduro, por riqueza para satisfazer o nosso desejo.

5. Indra, Senhor autogovernante és tu, bom Líder, de fama muitíssimo gloriosa. Então, desenvolvido em tua força, ó tu a quem muitos louvam, sê o mais pronto a ouvir o nosso apelo.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 46 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 46. Indra (Wilson)

(Sūkta VIII)

O deus e o R̥ṣi são os mesmos; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 10. **1.** Vastas são as energias de ti, Indra, o guerreiro, (o derramador de benefícios), o senhor da riqueza, o feroz; que és (ambos) jovem e velho; o vencedor de inimigos, o imperecível, o manejador do raio, e que és poderoso e renomado.

**2.** Adorável e poderoso Indra, tu és grandioso e magnífico, superando adversários por tua coragem; só tu és o senhor de todo o mundo; faze guerra (contra os nossos inimigos), e dá residências seguras aos homens.

**3.** Indra, o resplandecente e ilimitado de todas as maneiras, que bebe o suco Soma sem vigor, supera de longe os elementos, (excede de longe) os deuses em força; ele é mais vasto do que o céu e a terra, ou o firmamento espaçoso amplamente expandido.

**4.** Os sucos Soma derramados diariamente entram no vasto e profundo Indra, feroz desde o seu nascimento, que permeia tudo, o protetor dos (adoradores) piedosos, como os rios correm para o mar.

**5.** Qual Soma, Indra, o céu e a terra contêm para ti, como uma mãe contém o embrião; derramador (de benefícios), os sacerdotes o derramam para ti, eles o purificam para tu beberes.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 47 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 46. Indra (Griffith)

**1.** De ti, o Touro, o Guerreiro, Regente Soberano, alegre e feroz, antigo e sempre jovem, o Imperecível que empunha o trovão, renomado e grandioso, grandiosas são as façanhas, Indra.

**2.** Grandioso és tu, Senhor Poderoso, através de vigor viril, ó Feroz, reunindo despojo, subjugando outros, tu mesmo sozinho o Soberano do universo; assim envia os homens para combater e para descansar.

**3.** Ele superou todos os limites em seu brilho, sim, e os Deuses, pois ninguém pode ser seu igual. Impetuoso<sup>6</sup> Indra em sua força excede amplamente os vastos ar e o céu e a terra juntos.

---

<sup>6</sup> Ou, de acordo com Sāyaṇa, a quem o professor Wilson e Ludwig seguem: 'bebedor do suco Soma sem vigor'.

4. Para Indra, assim como os rios para o oceano, fluem desde os tempos antigos os sucos Soma; para ele extensamente profundo e poderoso desde a hora de seu nascimento, o poço de pensamentos santos, que compreende tudo.

5. O Soma, Indra, que o céu e a terra carregam para ti como uma mãe carrega seu filho, esse eles mandam para ti, esse, Herói vigoroso! os Adhvaryus purificam para tu beberes.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 47 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 47. Indra (Wilson)

(Sūkta IX)

O deus, o Ṛṣi e a métrica são os mesmos.

Varga 11. **1.** Indra, acompanhado pelos Maruts, o derramador (de benefícios), bebe o Soma oferecido após os outros oferecimentos, para a tua alegria para a batalha; toma em teu estômago da onda (plena) do inebriante (Soma), pois tu és o senhor das libações desde os tempos antigos.<sup>1</sup>

**2.** Indra, herói, regozijando-te com e acompanhado pela tropa de Maruts, bebe o Soma, pois tu és o matador de Vṛtra, o sábio; subjuga os nossos inimigos, afasta os malévolos,<sup>2</sup> faze-nos seguros por todos os lados contra o perigo.

**3.** Bebedor do Soma na época, bebe com teus amigos divinos os Maruts o Soma que é oferecido por nós; aqueles Maruts cuja ajuda tu desfrutaste (em batalha), e que, seguindo-te, te deram a força com a qual tu mataste Vṛtra.

**4.** Eles que te encorajaram, Maghavan, a matar Ahi, que (te ajudaram) no conflito com Śambara, e na recuperação do gado, e que, possuidores de sabedoria, contribuem verdadeiramente para a tua alegria, com eles, a tropa dos Maruts, Indra, bebe o Soma.

**5.** Nós invocamos para este sacrifício por presente proteção Indra, o chefe dos Maruts, o derramador (de benefícios); aumentando (em glória), superando muitos inimigos, regulador divino (do bem e do mal), o subjugador de todos (os inimigos), o feroz, o concessor de força.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 48 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> *Yajur-Veda*, VII. 38; existe uma leve variedade de leitura, *pratipāt* por *pradivat*, que Mahīdhara traduz como o primeiro e outros dias lunares ou *tithis*, até a lua cheia, durante os quais oferendas de Soma são apresentadas diariamente; Yāska concorda com o *Rc. Nir.* IV. 8.

<sup>2</sup> *Apanudasva mṛdhah* também pode significar, afasta todos aqueles que estão envolvidos em combate, ou seja, inimigos; ou mantém as batalhas longe de nós; *mṛdh*, significando guerra, batalha, *saṃgrāma*; o *Yajush* tem esse verso também, VII. 37, e Mahīdhara o explica no mesmo sentido.

## Hino 47. Indra (Griffith)

1. Bebe, Indra, cercado pelos Maruts, como Touro, o Soma, por alegria, por êxtase assim como tu desejas. Despeja o rio de hidromel dentro do teu estômago; tu desde antigamente és Rei dos sucos Soma.
2. Indra, concordante, com os Maruts unidos, bebe Soma, Herói, como o sábio matador de Vr̥tra. Mata os nossos inimigos, afugenta os assaltantes e faze-nos seguros de todos os lados contra o perigo.
3. E, bebedor nas devidas épocas, bebe na época, Indra, com os Deuses amigáveis, o nosso Soma espremido. Os Maruts seguidores, de quem tu fizeste participantes, te deram a vitória, e tu mataste Vr̥tra.
4. Bebe Soma, Indra, unido com os Maruts que, Maghavan, te fortaleceram na morte de Ahi, contra Śambara, Senhor dos Baios! ao ganhar o gado,<sup>3</sup> e agora se regozijam em ti, os Cantores sagrados.
5. O Touro cuja força se desenvolveu, a quem os Maruts seguem, que dá livremente, Indra, o Governante celestial, Poderoso, que conquista tudo, o concessor de vitória, a ele vamos chamar para nos conceder nova proteção.<sup>4</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 48 \(Griffith\)](#)

---



---

<sup>3</sup> Ao recuperar as vacas roubadas, os raios de luz desaparecidos, ou, geralmente, na batalha com os demônios da seca.

<sup>4</sup> Essa estrofe volta a ocorrer em 6.19.11.



## Hino 48. Indra (Wilson)

(Sūkta X)

Deus, R̥ṣi, e métrica como antes.

Varga 12. **1.** Que o derramador (de chuva), que, assim que nasce, é objeto de afeto, proteja o ofertante da libação derramada; bebe à vontade, Indra, antes (dos outros deuses), do suco Soma puro misturado com leite.

**2.** No dia no qual tu nasceste, tu bebeste à vontade o néctar habitante da montanha desta planta Soma, pois a tua mãe jovem (Aditi), na casa do teu grande pai (Kaśyapa), o deu a ti antes que ela desse o peito.

**3.** Aproximando-se de sua mãe ele pediu comida, e viu o Soma acre sobre o peito dela; ávido ele prossegue, expulsando os adversários (dos deuses); e, aplicando (energia) múltipla, ele realizou (feitos) grandiosos.

**4.** Feroz, rápido no ataque, de força irresistível, ele fez sua forma obediente à sua vontade;<sup>1</sup> tendo superado Tvaṣṭṛ por seu (vigor) inato, e levado o suco Soma, ele o bebeu (depositado) nas conchas.

**5.** Nós invocamos para nossa proteção o opulento Indra, célebre nesse combate; o líder na (luta) concessora de alimento, que ouve (os nossos louvores), terrível em batalhas, o destruidor de inimigos, o conquistador de riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 49 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 48. Indra (Griffith)

**1.** Assim que o jovem Touro<sup>2</sup> veio à existência ele desejou provar o licor da Soma espremida. Bebe até a saciedade, de acordo com o teu desejo, primeiro, da mistura agradável combinada com Soma.

**2.** Naquele dia quando tu nasceste, ansioso para prová-lo, tu bebeste o leite da planta que as montanhas nutrem.<sup>3</sup> Aquele leite a tua Mãe<sup>4</sup> primeiro, a Dama que te deu à luz, derramou para ti na residência do teu Pai poderoso.<sup>5</sup>

**3.** Desejando comida ele aproximou-se de sua Mãe, e no peito dela viu o Soma pungente. Sábio, ele seguiu em frente, mantendo afastados os outros, e fez grandes façanhas em seus aspectos variados.

**4.** Feroz, conquistando rapidamente, de vigor insuperável, ele moldou seu corpo assim como ele desejava. Desde o momento de seu nascimento Indra conquistou Tvaṣṭar, levou embora o Soma e o bebeu em taças.

---

<sup>1</sup> Assim, de acordo com outro texto, 3.53.8a: *rūpām-rūpam maghāvā bobhavīti*, Maghavan é repetidamente de várias formas; ele pode tomar qualquer forma à vontade.

<sup>2</sup> Indra.

<sup>3</sup> É dito que a planta Soma cresce nas colinas.

<sup>4</sup> Aditi.

<sup>5</sup> De acordo com a mitologia posterior Kaśyapa era o marido de Aditi e pai de Indra e dos outros deuses, e Sāyaṇa diz que nessa passagem Kaśyapa é aludido. Mas parece quase certo que Tvaṣṭar, a quem Indra conquistou em seu nascimento, é aqui mencionado como seu Pai poderoso. Veja Bergaigne, *La Religion Védique*, III. 58 e seguintes.

5. Nós invocamos Indra, Maghavan, auspicioso, o melhor Herói na luta onde o saque é coletado, o Forte, que ouve, que dá auxílio em batalhas, que mata os Vṛtras, ganha e reúne riquezas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 49 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 49. Indra (Wilson)

(Sūkta XI)

Deus, Ṛṣi, e métrica como antes.

Varga 13. **1.** Eu glorifico o poderoso Indra, em quem todos os homens, bebendo o suco Soma, obtêm seus desejos; a quem os poderosos (céu e terra) e os deuses geraram, o fazedor de grandes feitos, o matador de Vṛtras, que foi formado por Vibhu (o criador).<sup>1</sup>

**2.** A quem, quando levado por seus corcéis, o principal e eminente em batalhas, partindo em dois o (exército hostil), ninguém supera; supremo em domínio, acompanhado pelos seus Maruts fiéis, e apressando-se para o combate, ele tem destruído, com (energias) enfraquecedoras de inimigos, a existência do Dasyu.

**3.** Vigoroso, avançando através (de tropas hostis), como um cavalo de guerra, ele tem permeado o céu e a terra, enviando chuva; ele deve ser adorado com oblações no (rito) solene como Bhaga; ele é como o pai daqueles que (o) adoram; ele é belo, digno de invocação, o concessor de alimentos.

**4.** O sustentador do céu e do firmamento, o vento, como uma carruagem percorrendo a (região) superior<sup>2</sup> acompanhado pelos Vasus; aquele que cobre a noite (com escuridão), o pai do sol, o distribuidor da porção (destinada aos piedosos), como as palavras (dos ricos destinando) o alimento (para todos).

**5.** Nós invocamos para nossa proteção o opulento Indra, célebre nesse combate; o líder na (luta) concessora de alimento, que ouve (os nossos louvores), terrível em batalhas, o destruidor de inimigos, o conquistador de riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 50 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> *Vibhvataṣṭam*, o escoliasta o explica como, nomeado por Brahmā para o governo do mundo.

<sup>2</sup> A construção aqui torna o sentido muito duvidoso: *pr̥ṣṭah ūrdhvo ratho na vāyur vasubhir niyutvān*; parece como se Indra também fosse designado aqui como *vāyu*; os Vasus são ditos serem os Maruts; além da explicação seguida no texto, Sāyaṇa tem outra: como Vāyu, tendo os Niyuts como seus corcéis, se move como um carro no alto, assim faz Indra, acompanhado pelos Maruts.

## Hino 49. Indra (Griffith)

1. Eu louvarei o grandioso Indra, em quem todas as pessoas que bebem o Soma têm alcançado o seu desejo; a quem, muito sábios, os Deuses, Céu e Terra, geraram, formado pela mão de um Mestre,<sup>3</sup> para esmagar os Vṛtras.<sup>4</sup>
2. A quem, muito heroico, levado por Corcéis Fulvos, realmente ninguém subjuga em batalha; que, chegando longe, o mais vigoroso, encurtou a vida do Dasyu com guerreiros de espírito ousado.<sup>5</sup>
3. Vitorioso em luta, movedor rápido como um cavalo de batalha, permeando ambos os mundos, derramador de bênçãos, para ser invocado em guerra como Bhaga, Pai, por assim dizer, de hinos, justo, pronto a ouvir, dador de força.
4. Suportando o céu, a alta parte posterior da região, seu carro é Vāyu<sup>6</sup> com seu grupo de Vasus. Iluminando as noites, o criador do Sol, como Dhiṣaṇā<sup>7</sup> ele distribui força e riquezas.
5. Nós chamamos Maghavan, Indra auspicioso, o melhor Herói na luta onde o saque é coletado; o Forte, que ouve, que dá auxílio em batalhas, que mata os Vṛtras, ganha e reúne tesouro.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 50 \(Griffith\)](#)

---

<sup>3</sup> Ou formado por Vibhvan, um dos Ṛbhus. De acordo com Sāyaṇa, nomeado por Brahmā para o governo do mundo.

<sup>4</sup> Vṛtra e demônios similares, ou, geralmente, os inimigos dos Deuses e arianos.

<sup>5</sup> Seus aliados os Maruts.

<sup>6</sup> A construção do primeiro hemistíquio é difícil e o sentido é duvidoso. O significado pode ser: como Vāyu o deus do vento se move como um carro no alto puxado pelos corcéis do ar, assim Indra se move acompanhado pelos Vasus ou Maruts.

<sup>7</sup> A Deusa do Desejo, uma divindade que preside a prosperidade. Veja 1.96.1, nota 7; 4.34.1; 5.41.8.

## Hino 50. Indra (Wilson)

(Sūkta XII)

Deus, R̥ṣi, e métrica, como antes.

- Varga 14. **1.** Que Indra beba a libação; ele de quem é o Soma, tendo chegado ao sacrifício; ele que é o repulsor (de adversários), o derramador (de benefícios), o senhor dos Maruts; que ele, o que permeia amplamente, esteja satisfeito com essas iguarias (sacrificais); que a oblação seja adequada para as necessidades de seu corpo.
- 2.** Eu atrelo (ao teu carro), para trazer-te rapidamente, os teus dois cavalos dóceis, cuja velocidade tu tens empregado desde antigamente; que os teus cavalos, belo Indra, te tragam para cá, e bebe prontamente dessa libação agradável bem derramada.
- 3.** Seus adoradores sustentam com gado, Indra, que está disposto a lhes conceder seus desejos, e pronto para vir para o sacrifício, para obter prosperidade eminente e vida prolongada; aceitante do Soma sem vigor, que és o bebedor do suco Soma, e és alegrado (pelo gole), dá-nos livremente gado em abundância.
- 4.** Satisfaz esse nosso desejo (de riqueza) com vacas, com cavalos, com tesouro brilhante, e nos torna renomados; os sábios Kuśikas, desejosos de céu, oferecem louvor a ti, Indra, com (preces) piedosas.
- 5.** Nós invocamos para nossa proteção o opulento Indra, célebre nesse combate; o líder na (luta) concessora de alimento, que ouve (os nossos louvores), terrível em batalhas, o destruidor de inimigos, o conquistador de riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 51 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 50. Indra (Griffith)

- 1.** Que Indra beba, Salve!<sup>1</sup> pois seu é o Soma – que o Touro poderoso venha, cercado pelos Maruts, para cá. Extenso, que ele se sacie com estas iguarias, e que a nossa oferenda satisfaça os desejos do seu corpo.
- 2.** Eu atrelo o teu par de Corcéis confiáveis por rapidez, cujo serviço fiel tu amas desde os tempos antigos. Aqui, de bela face! que os teus Cavalos Baios te coloquem; bebe dessa libação adorável bem derramada.
- 3.** Com leite<sup>2</sup> eles fizeram de Indra o seu bom Preservador, louvando por auxílio e governo o derramador generoso. Deus Impetuoso, quando tiveres bebido o Soma, extasiado nos envia gado em abundância.
- 4.** Com vacas e cavalos realiza esse desejo; com generosidade muito esplêndida continuamente o amplia. Buscando a luz, com hinos a ti, ó Indra, os Kuśikas trouxeram seu presente, os cantores.<sup>3</sup>
- 5.** Nós chamamos Maghavan, Indra auspicioso, o melhor Herói na luta onde o saque é coletado; o Forte, que ouve, que dá auxílio em batalhas, que mata os Vṛtras, ganha e reúne riquezas.

---

<sup>1</sup> Eu considero *svāhā* aqui como uma exclamação dirigida a Indra. Sāyaṇa explica a palavra como *svāhā-kṛtam-imaṃ somam* (que Indra beba) esse Soma oferecido com *svāhā*.

<sup>2</sup> Com libações de suco Soma misturado com leite.

<sup>3</sup> Essa estrofe é encontrada também em 3.30.20.

## Hino 51. Indra (Wilson)

(Sūkta XIII)

O deus e o R̥ṣi são os mesmos; a métrica dos três primeiros versos é Jagatī, dos três últimos Gāyatrī, do resto Triṣṭubh.

Varga 15. **1.** Que louvores abundantes celebrem Indra, o esteio do homem, o possuidor de opulência, o adorável, que prospera com crescimento, o chamado por muitos, o imortal, que deve ser propiciado diariamente com hinos sagrados.<sup>1</sup>

**2.** Os meus louvores constantemente propiciam Indra, o objeto de muitos ritos, o remetente de chuva, acompanhado pelos Maruts, o líder (de todos), o concesso de alimentos, o destruidor de cidades, o veloz (em combate), o rápido (dispensador) de águas, o distribuidor de riquezas, o subjogador de inimigos, o concesso de céu.

**3.** Indra, o enfraquecedor (de adversários), é louvado como uma mina de riqueza;<sup>2</sup> ele é propiciado por elogios justos; ele é satisfeito na casa do ofertante de oblações; glorifiquem Indra, o conquistador, o destruidor dos inimigos dele.

**4.** Os sacerdotes glorificam-te, líder heroico de homens, com louvores e com preces; Indra, o autor de muitas ilusões, se esforça para (a aquisição de) força; ele desde a antiguidade é o senhor dessa (oblação).

**5.** Muitas são as suas proibições<sup>3</sup> (contra o mal impostas) aos homens; muitos são os tesouros que a terra entesoura; para Indra para os céus, as plantas, as águas, os homens e os sacerdotes, preservam as suas riquezas.

Varga 16. **6.** Para ti, Indra, (os piedosos) dirigem preces e louvores e sacrifícios; aceita-os, senhor dos cavalos; concesso de residências, amigo (do homem), que és aquele que permeia (todas as coisas), compartilha dessa oferenda atual, e concede alimentos para os adoradores.

**7.** Indra, acompanhado dos Maruts, bebe o Soma nessa cerimônia como tu bebeste da libação do filho de Śaryāti;<sup>4</sup> teus adoradores perspicazes e devotos, estando em segurança,<sup>5</sup> te adoram através de suas oferendas.

**8.** Indra, que és satisfeito pela bebida, bebe o Soma que foi derramado por nós, junto com teus amigos, os Maruts, nessa cerimônia; tu que és chamado por muitos, e que todos os deuses equiparam assim que nasceu para a grande batalha (com os Asuras).

<sup>1</sup> *Sāma-Veda*, I. 374.

<sup>2</sup> *Ākare vasoh*, ou, de acordo com Sāyaṇa, ele é louvado para obter sua ajuda na batalha, que, quando bem sucedida, é a fonte de riqueza ou saque; *Ākiryate yuddhārtham dhanam atra ityākarō yuddham*, ele é celebrado por causa da guerra, pois nela há riqueza, portanto, *ākara* é o mesmo que *yuddha*; ou *vasoh jarāyitr* pode ser colocado junto, enfraquecedor do inimigo, *vasu* aqui significando inimigo.

<sup>3</sup> *Pūrvīr asya niṣṣidho martyeṣu* é explicado *nānāprahārāṇi anuśāsanāni*, vários tipos de comandos ou regulamentos; uma frase semelhante numa passagem anterior, 1.10.5, *pūruniṣṣidha*, foi traduzida como 'o que repele muitos inimigos', não há incompatibilidade material, o último sendo um epíteto composto, e o substantivo em ambos os casos sendo derivado de *śidh*, suceder, ir, com a preposição *nir*, para fora, *ex*, excluir, proibir.

<sup>4</sup> Veja 1.51.12 [nota 16].

<sup>5</sup> *Tava śarman ā vivāsanti*, eles te adoram na segurança, ou lugar inexpugnável, dependentes de, ou protegidos por ti; Mahidhara, *Yajur-Veda*, VII. 35, explica *śarman* ou como *sukha nimitte*, por causa de felicidade, ou *yajñagr̥ha*, a câmara de sacrifício.

9. Maruts, este é o seu amigo para o envio de águas; eles (os Maruts), os dadores de força, produziram a satisfação de Indra; que o devorador de Vṛtra beba com eles a libação oferecida pelo adorador em sua própria casa.

10. Senhor das riquezas, digno de louvor, essa libação foi derramada de acordo com a (nossa) força; bebe dela rapidamente.<sup>6</sup>

11. Revigora o teu corpo com o Soma que foi derramado como alimento para ti; que ele te anime, deliciando-te com o gole de Soma.<sup>7</sup>

12. Que essa libação, Indra, penetre nos teus flancos; que ela, (ajudada) pela prece, chegue à tua cabeça; que ela se espalhe, herói, através de teus braços, (para que eles possam distribuir) riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 52 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 51. Indra (Griffith)

1. Grandes hinos têm feito soar o louvor de Maghavan, defensor da humanidade, de Indra digno de louvores; ele, que tem se tornado grande, invocado com belas canções, Imortal, cujo louvor cada dia é cantado em voz alta.

2. Para Indra de todos os lados partem as minhas canções de louvor, o Senhor dos Cem Poderes, forte, Herói, como o mar, veloz, ganhador de saque, demolidor de fortalezas, fiel e sempre glorioso, descobridor de luz.

3. Onde o despojo de batalha é empilhado o cantor ganha louvor, pois Indra cuida de adoradores incomparáveis. Ele na morada de Vivasvān<sup>8</sup> encontra o seu leite; louva o sempre conquistador matador de inimigos.

4. A ti, valoroso, o mais heroico dos heróis, os sacerdotes glorificarão com canções e louvores. Cheio de todo poder extraordinário ele vai para a conquista; a adoração é dele, único Senhor desde os tempos de outrora.

5. Abundantes são as dádivas que ele dá aos mortais; para ele a terra tem um rico estoque de tesouros. Os céus, as plantas crescentes, as águas vivificantes, as árvores da floresta, preservam a sua riqueza para Indra.

6. Para ti, ó Indra, Senhor dos Baios, preces e canções sempre são oferecidas; aceita-as alegremente. Como Parente pensa em algum auxílio novo; bom Amigo, dá força e vida para aqueles que te louvam.

7. Aqui, Indra, bebe Soma com os Maruts, como tu bebeste o suco ao lado de Śāryāta.<sup>9</sup> Sob a tua orientação, sob a tua guarda, Herói, os cantores servem, hábeis em sacrifícios justos.

8. Tão avidamente desejoso bebe o Soma, o nosso suco, ó Indra, com os teus amigos, os Maruts, já que no teu nascimento todas as divindades te adornaram para a grande luta,<sup>10</sup> ó invocado por muitos.

9. Ele era seu companheiro em seu zelo, ó Maruts; eles, ricos em nobres presentes, regozijaram-se em Indra. Junto com eles que o matador de Vṛtra beba em seu lar a libação do adorador.

---

<sup>6</sup> *Sāma-Veda* I. 165 e II. 87.

<sup>7</sup> *Sāma-Veda* II. 88-89.

<sup>8</sup> Na câmara sacrificial do adorador. Veja 3.34.7.

<sup>9</sup> Dito por Śāyaṇa ter sido um Rāja filho de Śāryāta que era talvez o mesmo que Śāryāti, um filho do Manu Vaivaśvata. Veja 1.51.12; 1.112.17.

<sup>10</sup> A batalha com Vṛtra e os demônios da seca.

- 10.** Assim, Senhor dos ricos presentes, esse suco foi espremido para ti com força; bebe dele, tu que amas canção.
- 11.** Inclina o teu corpo para esse suco que serve bem para a tua natureza Divina; que ele possa alegrar a ti que o amas.
- 12.** Bravo Indra, deixa-o trabalhar através de ambos os teus flancos, e através da tua cabeça pela prece, e através dos teus braços, para nos tornar prósperos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 52 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 52. Indra (Wilson)

(Sūkta XIV)

O deus e o Ṛṣi são os mesmos; a métrica dos primeiros quatro versos é Gāyatrī, do sexto Jagatī, do quinto, sétimo e oitavo Triṣṭubh.

Varga 17. **1.** Aceita, Indra, em nosso sacrifício da manhã, esta libação, combinada com cevada fresca, com grãos secos e coalhos, e com bolos, e santificada por prece sagrada.<sup>1</sup>

**2.** Aceita, Indra, os bolos preparados e a manteiga; come-os avidamente; as oblações fluem para ti.

**3.** Come, Indra, os nossos bolos e a manteiga (oferecidos); deriva prazer de nossos louvores, como um amante de sua amada.<sup>2</sup>

**4.** Indra, renomado desde antigamente, aceita os nossos bolos e a manteiga, oferecidos ao amanhecer; pois os teus feitos são grandiosos.

**5.** Compartilha, Indra, da cevada e dos bolos deliciosos e manteiga do sacrifício do meio-dia, quando o teu adorador zeloso, apressando-se para adorar-te, e impetuoso como um touro, está presente, e (te) celebra com hinos.

Varga 18. **6.** Indra, que és louvado por muitos, aceita prontamente de nosso amigo cevada, e bolos, e manteiga, oferecidos no terceiro sacrifício (ou do anoitecer); carregados com iguarias sacrificais, nós nos aproximamos de ti com louvores, sábio Indra, que és acompanhado pelos Ṛbhus e por Vāja.

**7.** Nós preparamos os grãos tostados e coalhos para ti, associado com Pūṣan; a cevada frita para ti, senhor dos cavalos fulvos, associado com teus corcéis; acompanhado pela tropa de Maruts, come os bolos; herói, que és sábio, e o matador de Vṛtra, bebe a libação.

**8.** Ofereçam para ele rapidamente (sacerdotes) a cevada frita; ofereçam ao mais heroico dos líderes os bolos e a manteiga; que as oferendas semelhantes, vitorioso Indra, apresentadas a ti diariamente, aumentem o teu vigor para beber o suco Soma.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 53 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> *Yajur-Veda*, XX. 29; *Sāma-Veda*, I. 210.

<sup>2</sup> *Vadhūyur iva-yoṣaṇām*, como um apreciador de mulheres, um libertino, desfruta de uma mulher jovem.

## Hino 52. Indra (Griffith)

- 1.<sup>3</sup> Indra, aceita ao raiar do dia o nosso Soma misturado com grãos torrados, Com sêmea, com bolo,<sup>4</sup> com louvores.
2. Aceita, ó Indra, e desfruta do bolo sacrificial bem preparado; Oblações são derramadas para ti.
3. Consome o nosso bolo sacrificial, aceita as canções de louvor que nós cantamos, Como aquele que almeja aceitar sua noiva.
4. Famoso desde os tempos antigos, aceita o bolo em nossa libação derramada ao amanhecer, pois grande, ó Indra, é o teu poder.
5. Que os grãos torrados da nossa libação do meio-dia, e o bolo sacrificial aqui te agradem, Indra, quando o cantor louvando, de determinação forte e ávido como um touro, com hinos implora a ti.
6. No terceiro sacrifício, ó tu a quem muitos louvam, dá glória<sup>5</sup> ao grão torrado e ao bolo sagrado. Com iguarias oferecidas e com canções que nós possamos ajudar-te, Sábio, a quem Vāja e os R̥bhus<sup>6</sup> acompanham.
7. As sêmeas nós preparamos para ti com Pūṣan,<sup>7</sup> grãos<sup>8</sup> para ti, Senhor dos Corcéis Baios, com teus cavalos. Come o bolo de farinha, unido com os Maruts, Herói sábio, matador de Vṛtra, bebe o Soma.
8. Tragam os grãos torrados para encontrá-lo rapidamente, bolo para o Herói mais bravo em meio aos heróis. Indra, que os hinos harmoniosos contigo diariamente te fortaleçam, Audaz, para o gole de Soma.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 53 \(Griffith\)](#)

<sup>3</sup> As estrofes 1-4, na métrica Gāyatrī, acompanham o sacrifício matinal; a estrofe 5, em Triṣṭubh, a oferenda do meio-dia; e a 6, em Jagatī, a libação do anoitecer.

<sup>4</sup> *Karambhiṇam apūpāvantam*; *karambhā* é grão moído grosseiramente, ou farinha misturada com coalhos, um tipo de mingau; *apūpā* é um bolo feito de farinha.

<sup>5</sup> Honra por aceitar.

<sup>6</sup> Os três R̥bhus.

<sup>7</sup> Porque *karambhā*, sêmeas ou mingau, é a oferenda usual para aquele Deus.

<sup>8</sup> Para os cavalos de Indra.



## Hino 53. Indra, Parvata, etc. (Wilson)

(Sūkta XV)

Indra e Parvata são os deuses;<sup>1</sup> o Ṛṣi é, como antes, Viśvāmitra; a métrica do décimo e décimo sexto versos é Jagatī; do décimo terceiro Gāyatrī; do décimo segundo, vigésimo, e vigésimo segundo Anuṣṭubh; do décimo oitavo Bṛhatī; do vigésimo terceiro,<sup>2</sup> Triṣṭubh.

Varga 19. **1.** Indra e Parvata, trazem para cá, em um carro espaçoso, iguarias deliciosas (geradoras de) boa progênie; compartilhem, deuses, das oblações (oferecidas) em (nossos) sacrifícios, e, satisfeitos com o alimento (sacrificial), sejam exaltados por nossos louvores.<sup>3</sup>

**2.** Permanece por algum tempo contentemente, Maghavan, (em nosso rito); não vai embora; pois eu te ofereço (a libação) de Soma derramado copiosamente; poderoso Indra, eu seguro as abas (do teu manto) com elogios de sabor doce, como um filho (se agarra à roupa) de um pai.

**3.** Adhvaryu, vamos nós dois oferecer louvor; coopera comigo;<sup>4</sup> vamos endereçar louvor agradável a Indra; senta-te, Indra, na grama sagrada (preparada pelo) instituidor do rito; e que os nossos louvores sejam os mais aceitáveis para Indra.

**4.** A esposa de um homem, Maghavan, é a sua morada; realmente ela é o seu local de nascimento;<sup>5</sup> para lá que os teus cavalos, atrelados (ao teu carro), te conduzam; nós preparamos o suco Soma na época adequada; que Agni venha como nosso mensageiro diante de ti.

**5.** Parte, Maghavan; vem Indra; em ambos os caminhos,<sup>6</sup> protetor,<sup>7</sup> há um motivo para ti, seja continuar na tua grande carruagem, ou liberar o teu corcel relinchante.

Varga 20. **6.** Quando tu tiveres bebido o Soma, então, Indra, vai para casa; uma vida auspiciosa (mora) agradavelmente em tua residência; em ambos (os casos) há permanecer no teu carro ou liberar os corcéis para a forragem.

**7.** Esses sacrificadores são os (Bhojas), de quem os diversificados Aṅgirasas (são os sacerdotes);<sup>8</sup> e os filhos heroicos do expulsor (de inimigos dos deuses) do céu,<sup>9</sup> concedendo riquezas a Viśvāmitra no sacrifício de mil (vítimas),<sup>10</sup> prolonga a vida (dele).

**8.** Maghavan torna-se repetidamente (manifesto) em várias formas, praticando ilusões com relação ao seu próprio corpo específico; e chamado pelas suas preces adequadas,

<sup>1</sup> [Veja a nota 33.]

<sup>2</sup> [E do restante.]

<sup>3</sup> *Sāma-Veda*, I. 338.

<sup>4</sup> *Pratī me ghr̥ṇi*; supõe-se que o Hotṛ fala para o Adhvaryu dirigir sua realização conjunta de alguma parte da cerimônia.

<sup>5</sup> *Jāyā id astaṃ maghavan sed u yonih*, o propósito disso não é muito evidente; *astaṃ* o comentador explica por *gr̥ham*, e ele cita a *Smṛti* para a identidade de casa e dona de casa; a noção de que o homem é nascido de sua esposa, evidentemente, tem origem na etimologia fantasiosa de *Jāyā*, uma esposa, de *jan*, nascer, como é encontrado primeiro no *Brāhmaṇa* [*Aitareya*, Livro 7, Cap. 3, 13, vv. 6-7]:

“Novamente, nela sendo renovado (como um filho) ele nasce no décimo mês,

E uma esposa, portanto torna-se *Jāyā*, porque ele nasce de novo nela”;

A partir disso, passando provavelmente pelos *Sūtras*, nós temos o mesmo em *Manu* 9.8:

“O marido, após a concepção por sua esposa, se torna um embrião e nasce de novo dela; pois essa é a condição de esposa de uma esposa (*Jāyā*), que ele nasce (*jāyate*) novamente por meio dela”.

<sup>6</sup> De acordo com o escoliasta, a esposa de Indra espera por seu retorno, a libação de Soma solicita a sua permanência.

<sup>7</sup> *Bhrātar*, literalmente, irmão, mas aqui explicado como *poṣaka*, nutridor.

<sup>8</sup> O texto é meramente *ime bhojā arighiraso virūpā*; o comentador explica os primeiros como descendentes *kṣatriya* de Sudās, que instituem o sacrifício no qual os últimos, Medhātithi e o resto da família de Aṅgiras, eram seus *Yājakas*, ou sacerdotes oficiais.

<sup>9</sup> Rudra; seus filhos são os Maruts.

<sup>10</sup> *Sahasrasāve*, de acordo com o comentário, o *aśvamedha*.

ele vem em um instante céu para os três (ritos diários) e, apesar de observador das estações, é o bebedor (de Soma), independentemente da estação.

**9.** O grande Ṛṣi o gerador dos deuses,<sup>11</sup> o atraído pelas divindades, o superintendente dos líderes (em rituais sagrados), Viśvāmitra deteve a corrente de água<sup>12</sup> quando ele sacrificou para Sudās; Indra com os Kuśikas ficou satisfeito.<sup>13</sup>

**10.** Sábios e santos, superintendentes dos líderes (de ritos sagrados), Kuśikas, quando o Soma é espremido com pedras no sacrifício, então alegrando (os deuses) com louvores, cantem (alto) a melodia sagrada, como cisnes (gritando), e, junto com os deuses, bebam o suco doce de Soma.

Varga 21. **11.** Aproximem-se, Kuśikas, do corcel de Sudās; (o) animem, e soltem-no para (ganhar) riquezas (para o rāja); pois o rei (dos deuses) matou Vṛtra no Leste, no Oeste, no Norte, portanto que (Sudās) o adore nas melhores (regiões) da terra.

**12.** Eu fiz Indra glorificado<sup>14</sup> por estes dois, o céu e a terra, e essa prece de Viśvāmitra protege a linhagem de Bhārata.<sup>15</sup>

**13.** Os Viśvāmitras dirigiram a prece para Indra, o manejador do raio; que ele, portanto, nos torne muito opulentos.<sup>16</sup>

**14.** O que faz o gado por ti entre os Kīkaṭas?<sup>17</sup> Eles não produzem leite para misturar com o Soma, eles não precisam do recipiente (para a libação);<sup>18</sup> traze-os para nós; (traze também) a riqueza do filho do usurário,<sup>19</sup> e dá-nos, Maghavan, (as posses) dos ramos inferiores (da comunidade).<sup>20</sup>

**15.** A filha de Sūrya dada por Jamadagni,<sup>21</sup> deslizando por toda parte e dissipando a ignorância, tem emitido um (som) poderoso,<sup>22</sup> e tem espalhado alimento ambrosíaco imperecível entre os deuses.<sup>23</sup>

Varga 22. **16.** Que ela, deslizando por toda parte, rapidamente nos traga alimentos (adequados) para as cinco raças de homens;<sup>24</sup> que ela, a filha do sol<sup>25</sup> a quem os grisalhos Jamadagnis me deram, (seja) a concessora de vida nova.

<sup>11</sup> *Devajāḥ* é explicado por Sāyaṇa, o gerador de radiâncias ou energias; o composto não é *devajā*, nascido dos deuses, nem Viśvāmitra tinha parentesco divino; *devajāta*, que se segue, é explicado como, puxado ou atraído por aquelas energias.

<sup>12</sup> É dito que ele parou a corrente da confluência dos rios Vipās e Śutudrī.

<sup>13</sup> Sāyaṇa explica, com os Ṛṣis da linhagem de Kuśika; ou, pode ser interpretado, satisfeito pelos Kuśikas.

<sup>14</sup> O verbo é o terceiro pretérito do causal, eu fiz ser louvado; ou, se tomado no lugar do tempo presente por licença védica, pode ser, de acordo com o comentador, eu louvo Indra, que permanece entre o céu e a terra, ou seja, no firmamento.

<sup>15</sup> [Veja a nota 45.]

<sup>16</sup> Os Bhāratas, ou descendentes de Bharata, são em um sentido os descendentes de Viśvāmitra, Bharata sendo o filho de Śakuntalā, a filha do sábio. *Mahā. Ādi P.*; a mesma autoridade, no entanto, faz de Vasiṣṭha o sacerdote da família dos Bhāratas, e seu restaurador ao domínio do qual eles tinham sido expulsos pelo Pañcālas. – Ibid. [pág. 201 da tradução em português].

<sup>17</sup> Sāyaṇa, seguindo Yāska, *Nir.* VI. 32, diz que os Kīkaṭas são as regiões habitadas por *Anāryas*, pessoas que não realizam culto, que são infieis, *nāstikas* [ateístas]; Kīkaṭa é geralmente identificado com Bahar do Sul, mostrando, aparentemente, que o hinduísmo védico não tinha chegado à província quando isso foi dito; ou, como Kīkaṭa foi a fonte principal do budismo, poder-se-ia afirmar que os budistas foram aqui aludidos, se isso não fosse totalmente incompatível com todas as noções recebidas a respeito da data mais antiga dos Vedas.

<sup>18</sup> *Na tapanti gharmani* [ou *gharmam*]; Yāska explica o último como *harmyam*, uma casa; mas Sāyaṇa o chama de um recipiente denominado Mahāvira, usado no rito chamado Pragṛhya, o qual o gado não aquece por dar seu leite a ele.

<sup>19</sup> *Abhara pramagandasya vedas*; *maganda* é explicado por ambos os comentadores, *kusīdin*, ou usurário, aquele que diz para si mesmo, o dinheiro que vai de mim voltará dobrado, e *pra*, prefixado, é equivalente a um patronímico.

<sup>20</sup> *Naicāsākham*, aquilo que pertence a um ramo inferior (*nīca*), ou classe (*śākha*); a posteridade nascida de Sūdras e semelhantes.

<sup>21</sup> *Jamadagni-dattā*, de acordo com Sāyaṇa, pode significar, dada pelos Ṛṣis, aqueles que mantêm um fogo ardente, Agni; um sentido confirmado pelo uso do plural no próximo verso; a filha de Sūrya, assim dada, é dito ser a fala, ou sua personificação, *vāk-devatā*.

<sup>22</sup> O som do trovão ou similar no céu.

<sup>23</sup> Como a prece ou exclamação que acompanha a oferenda queimada.

17. Que os cavalos sejam firmes, o eixo seja forte, a lança não seja defeituosa, o jugo não seja fraco; que Indra proteja da decadência os dois pinos do jugo; que o carro com pinas ilesas esteja pronto para nós.<sup>26</sup>

18. Dá força, Indra, aos nossos corpos; dá força aos nossos veículos; (dá) força aos nossos filhos e netos, para que eles possam viver (por muito tempo); pois tu és aquele que dá força.

19. Fixa firmemente a substância do Khayar (eixo), dá solidez ao Śísu (chão) do carro;<sup>27</sup> que o eixo forte, fixado fortemente por nós, seja forte; não nos lances para fora do nosso transporte.

20. Que este senhor da floresta<sup>28</sup> nunca nos abandone nem nos faça mal; que nós viajemos prosperamente para casa até a parada (do carro), até o desatrelamento (dos cavalos).

Varga 23. 21. Indra, herói, possuidor de riqueza, proteja-nos neste dia contra os nossos inimigos com defesas numerosas e excelentes; que o canalha vil que nos odeia caia (diante de nós); que o sopro vital saia daquele a quem nós odiamos.

22. Como (a árvore) sofre dor por causa do machado, como a flor Sīmal é cortada (facilmente), como o caldeirão danificado vazando espalha espuma, assim que o meu inimigo pereça.<sup>29</sup>

23. Homens, (o poder) do destruidor não é conhecido para vocês; considerando-o como um mero animal, eles o conduzem para longe desejoso (de completar silenciosamente as devoções dele); os sábios não se dignam a ridicularizar os tolos, eles não conduzem o asno antes do cavalo.<sup>30</sup>

24. Esses filhos de Bharata,<sup>31</sup> Indra, não reconhecem separação (dos Vasiṣṭhas), nem associação (com eles); eles incitam seus corcéis (contra eles) como contra um inimigo constante; eles possuem um arco forte (para a destruição) deles em batalha.<sup>32</sup>

<sup>24</sup> *Pāñcajanyaśu kṛṣṭiśu*; aqui, portanto, as cinco distinções estão restritas aos seres humanos, o que confirma a ideia do escoliasta de que as quatro castas e os bárbaros são mencionados.

<sup>25</sup> *Pakṣyā*, a filha de Pakṣa; *pakṣanirvāhakasya*, o distribuidor das partes (do ano?), isto é, *sūryasya*, do sol.

<sup>26</sup> Viśvāmitra, diz o comentador, estando prestes a partir do sacrifício de Sudās, invoca boa sorte para o seu transporte.

<sup>27</sup> *Khadirasya sāram* é o texto, a essência do *khadira*, [a árvore] *Mimosa Catechu*, da qual o comentador diz que o pino do eixo é feito, enquanto a *Śiṃśapā*, *Dalbergia-sisu*, fornece a madeira para o piso; essas ainda são madeiras de árvores de uso comum.

<sup>28</sup> Vanaspati, isto é, aqui, a madeira da qual o carro é feito.

<sup>29</sup> A construção é elíptica: a eclipse é preenchida pelo escoliasta, como a árvore é cortada pelo machado, assim que o inimigo seja cortado; como alguém corta sem dificuldades a flor da Śimbala, desse modo que ele seja destruído; como o caldeirão (*ukhā*) quando atingido, e por isso vazando, espalha espuma ou ar de sua boca, assim que o inimigo, atingido pelo poder da minha prece, vomite espuma de sua boca.

<sup>30</sup> De acordo com Sāyaṇa a passagem faz alusão a uma lenda de Viśvāmitra ter sido capturado e amarrado pelos seguidores de Vasiṣṭha, quando observando um voto de silêncio essas eram as suas reflexões na ocasião; menosprezando a rivalidade de Vasiṣṭha para consigo mesmo, como se entre um burro e um cavalo; alguns dos termos são incomuns; *sāyakasya*, comumente, de uma seta, é explicado segundo a sua etimologia a partir de *śo*, destruir, *avasānakārinah*, do finalizador ou destruidor, ou seja, de Viśvāmitra; *lodham nayanti*, eles levam o sábio, derivando *lodha* de *lubdham*, desejoso de que a sua penitência não possa ser frustrada, *tapasah kṣayo mā bhūd iti*, *lobhena tūṣṇim sthitam Ṛṣim paśu manyamānāḥ*, pensando que o Ṛṣi, silencioso por causa de seu desejo, era um animal, ou seja, estúpido. Yāska interpreta a frase na mesma forma, *lubdham Ṛṣim nayanti paśum manyamānāḥ*, eles levam embora o Ṛṣi desejoso, considerando-o um animal; na segunda metade as palavras também são de aplicação incomum: *na avājinaṃ vājinaḥ hāsanti*; Sāyaṇa deriva *vājinaḥ* de *vāc*, velocidade, com o sufixo *ina*, e o interpreta como *sarvajña*, onisciente; o contrário, *avājina*, como *mūrkhā*, um tolo.

<sup>31</sup> Os filhos de Bharata são os descendentes de Viśvāmitra cuja inimizade com a família de Vasiṣṭha está aqui decididamente expressa; essa e as estrofes anteriores são consideradas como maldições pronunciadas por Viśvāmitra contra Vasiṣṭha, com quem ele havia brigado por causa de seu discípulo, o Rāja Sudās.

<sup>32</sup> A *Anukramaṇikā* observa que os últimos versos desse hino têm o sentido de imprecações; eles são hostis aos Vasiṣṭhas, e os Vasiṣṭhas não os ouvem; o comentador sobre o Índice cita este verso da *Brhad-devatā* [Adhyāya IV. 23. vv. 118-120] em confirmação: a cabeça é partida cem vezes por recitá-los ou ouvi-los, e os filhos dele perecem; portanto que um homem não os repita; o comentador no *Nirukta*, quando ele chega à passagem, passa por ela sem crítica, expressamente porque ele diz que os versos são hostis aos Vasiṣṭhas, e ele é da linhagem de Vasiṣṭha, do ramo

### Hino 53. Indra, Parvata, etc. (Griffith)

- 1.<sup>33</sup> Em um carro grande, ó Parvata e Indra, tragam iguarias agradáveis, com bravos heróis,<sup>34</sup> para cá. Desfrutem dos presentes, Deuses, nos nossos sacrifícios, tornem-se fortes por hinos, regozijem-se na nossa oblação.
2. Fica parado, ó Maghavan, não avances mais longe, um gole de Soma bem espremido eu te darei. Com a canção mais doce eu agarro, ó Poderoso Indra, a bainha do teu traje como uma criança agarra a de seu pai.
3. Adhvaryu, cantemos nós dois;<sup>35</sup> canta em resposta; façamos um louvor aceitável para Indra. Sobre a grama deste sacrificador senta-te; para Indra o nosso elogio será proferido.
4. A esposa, ó Maghavan, é lar e residência;<sup>36</sup> assim que os teus Cavalos Baios atrelados te transportem para cá. Sempre que nós espremermos para ti o Soma, que Agni como o nosso Arauto se apresse para chamar-te.
5. Parte, ó Maghavan, novamente vem para cá; tanto lá quanto aqui está a tua meta, Indra, Irmão, onde o teu carro grande tem um lugar para repousar, e onde tu soltas o teu Corcel de relincho alto.
6. Tu bebeste Soma, Indra, dirige-te para casa; tua alegria está no teu lar, a tua Consorte graciosa;<sup>37</sup> onde o teu carro alto tem um lugar para descansar, e o teu Corcel forte é libertado com recompensa.<sup>38</sup>
7. Generosos são estes, Aṅgirasas, Virūpas; os Heróis do Asura e os Filhos do Céu. Eles, dando abundância de riqueza para Viśvāmitra, prolongam a vida dele através de incontáveis espremeduras de Soma.<sup>39</sup>
8. Maghavan usa toda forma à vontade, efetuando mudanças mágicas em seu corpo, Santo, bebedor fora de época,<sup>40</sup> que vem três vezes,<sup>41</sup> em um instante, devido a preces adequadas, do céu.
9. O sábio poderoso, nascido dos Deuses e incitado pelos Deuses, que contempla os homens, conteve o rio revoltado.<sup>42</sup> Quando Viśvāmitra era acompanhante de Sudās, então Indra pelos Kuśikas tornou-se amigável.

---

Kaṣiṭhala; não é incomum para os transcritores omitir essas passagens completamente, como notado pelo professor Roth, e pelo professor Müller; veja as várias leituras do último, *Rg-Veda*, vol. II. Introdução, p. 56.

<sup>33</sup> Além de Indra e de seu frequente associado Parvata, o Gênio das montanhas e das nuvens, a Deusa Vāk ou Fala (estrofes 15-16), e as várias partes da carruagem ou carro (17-20), são consideradas como as divindades ou objetos reverentemente mencionados ou abordados nesse hino.

<sup>34</sup> Acompanhadas, ou seguidas por filhos heroicos.

<sup>35</sup> O Hotar chama o Adhvaryu para se unir a ele na realização da cerimônia.

<sup>36</sup> Ou, talvez, 'A esposa, Maghavan, é o lar, assim é essa câmara'; isto é, Indra deve considerar a câmara de sacrifício como sua casa por agora, até que ele volte para a sua consorte e seu outro lar no céu.

<sup>37</sup> Indrāṇi.

<sup>38</sup> Com grãos e água.

<sup>39</sup> O professor Wilson, seguindo Sāyaṇa, parafraseia, [veja acima a versão dele]. Os Bhojas (os generosos), são ditos serem descendentes kṣatriya de Sudās, e os diversificados Aṅgirasas Medhātithi e o resto da família de Aṅgiras. 'O Asura', explicado por Sāyaṇa como o expulsor de inimigos dos Deuses do céu, é dito ser Rudra, e seus filhos são os Maruts. Os Virūpas são conectados com Aṅgiras em 10.62.5, e um Virūpa é mencionado em 1.45.3 e 8.64.6.

<sup>40</sup> Que bebe o Soma celestial sempre que ele deseja, independentemente das horas determinadas para libações na terra.

<sup>41</sup> Para as três libações diárias.

<sup>42</sup> Veja 3.33 [nota 1].

10. Como cisnes, preparem uma canção de louvor com pedras de espremer, contentes em seus hinos com suco derramado em sacrifício. Ó cantores, com os Deuses, sábios que contemplam os homens, ó Kuśikas, bebam o hidromel saboroso de Soma.

11.<sup>43</sup> Adiantem-se, Kuśikas, e fiquem atentos; soltem o cavalo de Sudās para lhe obter riquezas. No leste, oeste e norte, que o Rei mate o inimigo, então no lugar mais seletos da terra<sup>44</sup> realize o seu culto.

12. Louvores para Indra eu tenho cantado, sustentador dessa terra e do céu. Essa prece de Viśvāmitra mantém segura a linhagem dos Bhāratas.<sup>45</sup>

13. Os Viśvāmitras cantaram essa prece para Indra o Armado com o Trovão; então que ele nos torne prósperos.

14. Entre os Kīkaṭas<sup>46</sup> o que faz o teu gado? Eles não derramam dose leitosa, eles não aquecem nenhum caldeirão. Traze para nós a riqueza de Pramaganda;<sup>47</sup> entrega para nós, ó Maghavan, os de nascimento inferior.

15. Sasarpaṛī, o presente dos Jamadagnis,<sup>48</sup> mugiu com voz poderosa dissipando a fome. A Filha do Sol espalhou a nossa glória entre os Deuses, imperecível, imortal.

<sup>43</sup> Nessa e nas duas estrofes seguintes os sacerdotes imploram a ajuda de Indra para o rei Sudās que está partindo para a guerra.

<sup>44</sup> O altar.

<sup>45</sup> Os descendentes de Viśvāmitra, Bharata sendo o filho da célebre Śakuntalā que era filha de Viśvāmitra com a Apsaras Menā. Veja *Vedic India* (1895) (*Story of the Nations Series*) – Ragozin, Zénaide A., 25. págs. 319 e seguintes:

[“Vasiṣṭha era o bardo da Tritsu [ou Tr̥tsu], a principal e mais pura tribo ariana, e Viśvāmitra era o bardo dos Bhāratas, seus grandes inimigos e uma das mais poderosas tribos nativas. Ele uma vez tinha estado com os Tritsus, e por qualquer causa que ele os deixou – não provavelmente vingança pessoal – ele desempenhou um papel proeminente na conspiração que tentou deter o avanço e aumento do poder ariano. Há um hino (53), no Livro 3, aquele da família de Viśvāmitra, que evidentemente se refere a essa mesma coisa. Na primeira parte do hino diz-se que quando Viśvāmitra dirigia os sacrifícios do Rei Sudās, Indra era bondoso com ele por causa do R̥ṣi, e uma grande bênção é pronunciada sobre o rei, e seu cavalo de guerra e a expedição na qual ele parte. Então, de repente, Viśvāmitra é feito declarar, por si mesmo, que as suas preces protegiam as tribos dos Bhāratas, e o hino termina com quatro versos de imprecações contra inimigos que não são especificados, mas que a tradição identificou tão positivamente com Vasiṣṭha e sua família, que os sacerdotes dessa casa nos tempos posteriores nunca proferiam esses quatro versos, e tentavam não ouvi-los quando falados por outros brâmanes. É mais provável que os Viśvāmitras se ressentissem de alguma distinção conferida aos Vasiṣṭhas, possivelmente a sua nomeação como *purohitas* para a família real Tritsu, e passaram para o lado dos inimigos mais poderosos deles, os Purus e os Bhāratas. Os Tritsu e seus aliados foram vitoriosos na luta que se seguiu, conhecida como ‘a Guerra das Dez Reis’, e ambos os bardos deixaram descrições dela e da batalha final nas margens da Puruṣnī [o rio Paruṣnī (Iratavi, Ravi)], em alguns hinos espirituosos, sem dúvida os mais históricos da coleção.”.]

<sup>46</sup> Os habitantes não arianos de uma região geralmente identificada com Bihar do Sul. O sentido é que as vacas concedidas por Indra são inúteis quando na posse de homens que não adoram os Deuses arianos.

<sup>47</sup> O príncipe dos Kīkaṭas; de acordo com Sāyaṇa a palavra significa ‘o filho do usurário’.

<sup>48</sup> Segundo Sāyaṇa, *Sasarpaṛī* (que se move rapidamente ou que desliza por toda parte), é um nome ou um epíteto de Vāk, Voz ou Fala, a filha de Sūrya ou o Sol. A seguinte é a tradução do Dr. Muir da citação de Sāyaṇa do Comentário de Ṣaḍguruṣiṣya sobre a *Anukramaṇikā*, como apresentado com uma adição nos *Indische Studien* de Weber:

“Em relação aos dois versos que começam ‘*Sasarpaṛīḥ*’, aqueles familiarizados com a antiguidade contam uma história. Em um sacrifício do rei Saudāsa\* o poder e fala de Viśvāmitra foram completamente superados por Śakti, filho de Vasiṣṭha; e o filho de Gādhi (Viśvāmitra) sendo assim derrotado, ficou abatido. Os Jamadagnis tiraram da residência do Sol uma voz chamada ‘*Sasarpaṛī*’, a filha de Brahmā, ou do Sol, e a deram para ele. Então aquela Voz dissipou um pouco a inquietação dos Jamadagnis (ou, de acordo com a leitura da linha dada por Sāyaṇa, ‘aquela Voz, sendo a inteligência, dissipou a falta de inteligência dos Kuśikas’). Viśvāmitra então incitou os Kuśikas com as palavras *upa preta* ‘aproximem-se’ (veja verso 11). E, ficando alegre por receber a voz, ele homenageou os Jamadagnis; elogiando-os com os dois versos que começam ‘*Sasarpaṛīḥ*’.

\* A *Bṛhaddevatā*, que tem algumas linhas quase no mesmo sentido que essas que eu citei (veja *Ind. Stud.* I. 119), dá Sudās em vez de Saudāsa”. – *Original Sanskrit Texts*, I. 343.

O professor Ludwig está inclinado a concordar com o professor Roth que pensa que *sasarpaṛī* pode significar uma trombeta de guerra, que anima os combatentes e dissipa o seu medo do inimigo. O professor Grassmann argumenta que *mimāya*, mugiu, é aplicável só a uma vaca ou touro, e acha que *sasarpaṛī* significa a vaca mística Sabardughā [que aparece em 8.1.10 e 10.61.11], a vaca que deixa seu leite fluir abundantemente. Eu estou inclinado a preferir a explicação do comentador indiano, embora ela não possa ser considerada como plenamente satisfatória.

Os Jamadagnis, de acordo com Sāyaṇa, são R̥ṣis que mantêm um fogo ardente.

**16.** Sasarpārī trouxe glória rapidamente para esses, sobre as gerações da Raça Quíntupla;<sup>49</sup> filha de Pakṣa,<sup>50</sup> ela concede nova força vital, ela que os antigos Jamadagnis me deram.

**17.**<sup>51</sup> Que seja forte o par de bois, firmes os eixos, que a lança não deslize nem o jugo seja quebrado. Que Indra proteja da decadência os pinos do jugo; ajuda-nos,<sup>52</sup> tu cujas pinas são ilesas.

**18.** Ó Indra, dá força aos nossos corpos, força para os touros que puxam as carroças, força para a nossa semente e descendentes para que eles possam viver, pois tu és aquele que dá força.

**19.** Fecha-te no coração da madeira Khayar,<sup>53</sup> no carro feito de Śimśapā<sup>54</sup> põe firmeza. Mostra-te forte, ó Eixo, fixo e reforçado; não nos atira do carro no qual nós viajamos.

**20.** Que este soberano da floresta<sup>55</sup> não nos deixe desamparados nem nos fira. Que nós estejamos seguros até chegarmos aos nossos lares e descansemos e desatrelamos.

**21.** Com vários auxílios neste dia vem até nós, Indra, com as melhores ajudas nos fazes andar depressa, Maghavan, tu Herói. Que aquele que nos odeia caia de cabeça para baixo; que o sopro vital abandone aquele que nós odiamos.<sup>56</sup>

**22.** Ele aquece o seu próprio machado, e então corta uma mera flor de Semal.<sup>57</sup> Ó Indra, como um caldeirão rachado e fervente, assim ele derrama espuma.<sup>58</sup>

**23.** Os homens não notam a seta,<sup>59</sup> ó povo, eles trazem o animal vermelho<sup>60</sup> considerando-o um boi.<sup>61</sup> Um cavalo lento os homens não fazem correr com o corcel, nem jamais conduzem um burro antes de um cavalo de batalha.

**24.** Esses homens, os filhos de Bharata,<sup>62</sup> ó Indra, não consideram separação ou conexão próxima. Eles incitam o seu próprio cavalo como se fosse de outro, e o levam, rápido como a corda de arco, para a batalha.

<sup>49</sup> As cinco tribos dos homens arianos; de acordo com Sāyaṇa, as quatro castas, e os bárbaros ou não-arianos.

<sup>50</sup> Isto é, do Sol que causa os períodos claros e escuros da lua.

<sup>51</sup> Nessa e nas três estrofes seguintes Viśvāmitra estando prestes a partir do salão sacrificial do Rei Sudās abençoa, ou invoca boa sorte, para as várias partes da carruagem ou carro no qual ele está indo viajar.

<sup>52</sup> A carruagem é aqui abordada.

<sup>53</sup> A madeira dura do Khadira, ou Acacia Catechu, da qual o pino do eixo era feito.

<sup>54</sup> Dalbergia Sisu, também uma madeira de árvore comum.

<sup>55</sup> A madeira da qual o corpo do carro é feito.

<sup>56</sup> O professor Roth é de opinião que este hino consiste de fragmentos compostos por Viśvāmitra ou seus descendentes em diferentes datas, e que os versos (9-13), nos quais aquele Ṛṣi descreve a si mesmo e os Kuśikas como sendo os sacerdotes de Sudās são mais antigos do que os versos conclusivos (21-24), os quais consistem de maldições dirigidas contra Vasiṣṭha. Esses últimos versos, ele observa, contêm uma expressão de orgulho ferido, e ameaçam vingança contra um inimigo que tinha obtido a posse de algum poder ou dignidade que o próprio Viśvāmitra tinha desfrutado previamente. Com relação às relações entre Viśvāmitra e Vasiṣṭha como sacerdotes de Sudās, veja *Original Sanskrit Texts* de Muir, I. págs. 371 e seguintes.

<sup>57</sup> A Semal (Śimbala) é a árvore de algodão de seda.

<sup>58</sup> O professor Wilson observa: [veja a nota 29]. As frases são, provavelmente, como Ludwig explica, somente expressões proverbiais para ameaças cheias de som e fúria e seguidas por resultados insignificantes.

<sup>59</sup> Ou, de acordo com Sāyaṇa, 'os homens não prestam atenção no destruidor', isto é, o poder de Viśvāmitra que destruirá seus inimigos não é conhecido para, ou considerado por, seus oponentes.

<sup>60</sup> O significado de *lodham* é incerto. Sāyaṇa o explica como *lubdham*, desejoso (que a sua penitência não possa ser frustrada). O professor Roth sugere que *lodham* significa vermelho, e denota um animal de algum tipo contrastado com *paśu* (um animal domesticado ou sacrificial, um boi), de modo que a parte da frase teria levemente o mesmo sentido como 'eles consideram o lobo como se ele fosse uma lebre'. Durga, o comentador sobre o *Nirukta* diz: 'O texto no qual essa palavra (*lodhā*) ocorre é um verso que expressa ódio de Vasiṣṭha. Mas eu sou um Kāpiṣṭhala da família de Vasiṣṭha; e portanto não o interpreto'. Veja Muir, *Original Sanskrit Texts*, I. pp. 344, 372.

<sup>61</sup> Segundo Sāyaṇa, pensando que o sábio, Viśvāmitra, que mantinha silêncio por sua própria vontade, era somente estúpido como algum animal inferior. Na segunda linha a rivalidade de Vasiṣṭha com ele mesmo parece ser ridicularizada.

<sup>62</sup> Descendentes e partidários de Viśvāmitra. O professor Wilson, seguindo Sāyaṇa, parafraseia a estrofe. A palavra *araṇam*, desconhecido, estrangeiro, de outros, não dá sentido inteligível. O professor Ludwig sugere em seu lugar *karaṇam*, um auxiliador sempre pronto. O Dr. Muir sugere que a palavra pode significar 'como se a uma distância'.

## Hino 54. Viśvadevas (Wilson)

(Anuvāka 5. Sūkta I)

As divindades são os Viśvadevas; o R̥ṣi é Prajāpati, o filho ou de Viśvāmitra ou de Vāc, a métrica é Triṣṭubh.

Varga 24. **1.** Eles recitam repetidamente este louvor gratificante para o grande produto de sacrifício (Agni); que ele que (é dotado) de brilho doméstico nos ouça; que o imperecível Agni, (dotado) de esplendor divino, nos ouça.<sup>1</sup>

**2.** Conhecendo a grandeza deles, ofereçam adoração ao vasto céu e à terra; o meu desejo, almejando (por felicidade) procede<sup>2</sup> (até eles), em cujo louvor os deuses, desejosos de adoração, se deleitam junto com seus adoradores no sacrifício.

**3.** Céu e terra, que a sua verdade seja sempre inviolável; sejam propícios para nós para a devida conclusão do rito; esta adoração (Agni) é oferecida para o céu e a terra; eu (os) adoro com alimento (sacrificial); eu peço deles (riqueza) preciosa.

**4.** Céu e terra, dotados de verdade, aqueles que são os antigos declarantes da verdade obtiveram de vocês (o que eles desejavam); e assim, terra, os homens cientes (da grandeza de ambos) os têm adorado para triunfar sobre heróis (hostis) em batalha.

**5.** Quem sabe o que é a verdade, ou quem pode aqui declará-la? Qual é o caminho apropriado que leva aos deuses? Seus locais de morada inferiores são vistos,<sup>3</sup> como são aqueles que (estão situados) em ritos superiores misteriosos.<sup>4</sup>

Varga 25. **6.** O observador perspicaz da humanidade, (o sol), inspeciona este céu e terra, regozijantes quando deficientes em umidade no ventre das águas (o firmamento), ambos concorrendo em comunidade (de função),<sup>5</sup> embora eles ocupem várias residências, como os ninhos diversificados de uma ave.

**7.** Comuns (em função),<sup>6</sup> separadas, de término distante, elas ficam vigilantes em uma posição permanente; sendo, por assim dizer, irmãs e sempre jovens; elas, portanto, tratam-se mutuamente por nomes duplos.<sup>7</sup>

**8.** Esses dois mantêm todas as coisas nascidas separadas,<sup>8</sup> e, embora abrangendo as grandes divindades, não são afligidos; todos os seres móveis e estacionários se apoiam sobre uma (base), sejam animais ou aves, ou criaturas de vários tipos.

**9.** Eu considero atualmente a eterna e antiga irmandade para nós de ti, nossa grande protetora e progenitora,<sup>9</sup> em cujo caminho vasto e separado os teus elogiadores, os deuses, viajam em seus carros.

**10.** Eu repito esse hino, céu e terra, para vocês; e que Mitra de ventre macio, de língua de fogo, o nobre Varuṇa, os jovens Ādityas, todos conhecedores do passado, e proclamando (os seus próprios atos), o ouçam.

<sup>1</sup> [Veja a nota 15.]

<sup>2</sup> *Kāma me ichañ carati*, literalmente, o meu desejo almejando segue, ou existe; o comentador acrescenta a *ichañ, sarvān bhogān*, todos os prazeres, mas isso não torna a expressão mais definida.

<sup>3</sup> Como as constelações.

<sup>4</sup> No último caso eles são feitos conhecidos, diz-se, pelo Veda.

<sup>5</sup> Na troca de umidade.

<sup>6</sup> O céu e a terra são as personificações aqui aludidas.

<sup>7</sup> Céu e terra são designados juntos por *urvī* e outros termos duplicados.

<sup>8</sup> O céu e a terra mantêm tudo o que nasce distinto ou separado, por fornecerem intervalo ou espaço.

<sup>9</sup> De ti, ou seja, do céu; irmandade, a condição de um parente ou irmã; isso não permitirá *pitṛ* e *janitr* serem traduzidos como pai e progenitor, senão nós teríamos Dyus, o céu, que é aqui abordado, caracterizado por esses atributos; veja 1.164.33.

Varga 26. **11.** Savitr, de mão dourada, de língua suave, está descendo do céu (para estar presente) três vezes (por dia) no sacrifício; aceita, Savitr, o louvor (recitado pelos) adoradores, e por isso concede a nós todos os nossos desejos.

**12.** Que o divino Tvastr, o artífice hábil, o de mãos ágeis, o possuidor de riqueza, o observador da verdade, nos conceda aquelas coisas (que são necessárias) para a nossa preservação; Rbhus, associados com Pūsan, nos façam alegres, enquanto eles (os sacerdotes), com pedras erguidas, preparam a libação sagrada.

**13.** Que os Maruts, cujos carros são o relâmpago, que estão armados com lanças, resplandecentes, destruidores de inimigos, de quem as águas provêm, (que são) infatigáveis e adoráveis, e que Sarasvatī ouça (a minha prece); e que vocês (Maruts), rápidos em sua generosidade, (nos) concedam riquezas e boa prole.

**14.** Que (os nossos) louvores e preces, as causas de boa sorte, cheguem neste sacrifício a Viṣṇu, o objeto de muitos ritos; ele, o de passo largo; cujos comandos as regiões, de muitas misturas, do espaço, as geradoras (de todos os seres), não desobedecem.

**15.** Indra, envolvido com todas as energias, encheu o céu e a terra com sua grandeza; tu, que és o destruidor de cidades, o matador de Vṛtra, o líder de uma tropa conquistadora, acumula gado e os concede abundantemente a nós.

Varga 27. **16.** Nāsatyas, meus protetores, que se informam (sobre os desejos) de seu parente, belo é o seu nome cognato de Ásvins; sejam para nós os doadores generosos de riquezas; vocês, que são irresistíveis, protejam o ofertante (da oblação) com (defesas) irrepreensíveis.

**17.** Sábios familiarizados com o passado, excelente é aquele belo nome<sup>10</sup> sob o qual vocês dois se tornaram deuses na (esfera de) Indra; Indra, o invocado por muitos, um amigo, (associado) com os amados Rbhus, dá forma a essa prece para o nosso benefício.

**18.** Que Aryaman, Aditi, os (deuses) adoráveis, e as funções desimpedidas de Varuṇa nos (protejam); impeçam-nos de (seguir) o curso pouco favorável à prole, e que a nossa residência seja abundante em progênie e gado.

**19.** Que o mensageiro dos deuses, gerado em muitos lugares, em todos os lugares nos proclame livres de ofensa; que a terra e o céu, as águas, o sol, e o vasto firmamento, com as constelações, nos ouçam.

**20.** Que os (divinos) derramadores (de benefícios), as divindades das montanhas, e aqueles que permanecem em habitações fixas,<sup>11</sup> propiciados pelo alimento sacrificial, nos ouçam; que Aditi, com os Ādityas, nos ouça; que os Maruts nos concedam felicidade auspiciosa.

**21.** Que o nosso caminho sempre seja fácil de percorrer, e provido de alimentos; borrifem, deuses, as plantas com água doce; (seguro) em tua amizade, Agni, que a minha fortuna nunca seja diminuída, mas que eu possa ocupar uma residência (cheia) de riquezas e alimento farto.

**22.** Prova (Agni) as oblações; manifesta (para nós) alimento abundante; mede as iguarias diante de nós; tu derrotas todos aqueles (que são) nossos inimigos em conflito; favoravelmente inclinado para nós ilumina todas as nossas (cerimônias) dia após dia.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 55 \(Wilson\)](#)

<sup>10</sup> *Cāru nāma* pode ser explicado como ato ou devoção agradável ou aceitável; pelo qual os Ásvins obtiveram deificação; mas no verso anterior nós temos uma frase similar, *sajātyam cāru nāma*, explicada como denominação cognata desejável.

<sup>11</sup> *Dhruvakṣemāsaḥ*, 'aqueles de lugares fixos', pode ser, talvez, um epíteto do precedente, *parvatāsaḥ*.



## Hino 54. Viśvedevas (Griffith)

1. Para ele,<sup>12</sup> adorável, poderoso, digno de sínodos,<sup>13</sup> este hino fortalecedor, incessante, eles<sup>14</sup> têm oferecido. Que Agni nos ouça<sup>15</sup> com seus esplendores caseiros, ouve-nos, Eterno, com brilho celestial.
2. Para os poderosos Céu e Terra eu canto em voz alta; o meu desejo parte desejoso e conhecendo bem ambos,<sup>16</sup> em cujo louvor em sínodos, mostrando benevolência, os Deuses se regozijam com os mortais viventes.<sup>17</sup>
3. Ó Céu e Terra, que a sua grande lei seja exata; sejam os nossos líderes para a nossa grande vantagem. Para o Céu e a Terra eu ofereço esta minha homenagem, com alimento, ó Agni, enquanto eu oro por riquezas.
4. Sim, santos Céu e Terra, os sábios antigos cuja palavra era sempre verdadeira tinham poder para encontrá-los; e os bravos homens na luta onde heróis conquistam, ó Terra, a conheceram bem e lhe prestaram honra.
5. Qual caminho leva aos Deuses? Quem o conhece de verdade, e quem agora vai declará-lo? Somente as suas moradas mais baixas são vistas,<sup>18</sup> mas eles estão em regiões remotas e secretas.
6. O Sábio que contempla a humanidade os viu orvalhados, regozijando-se no lugar da Ordem. Eles fazem um lar como para uma ave, embora separados, com uma mesma vontade reunindo-se.<sup>19</sup>
7. Parceiras embora separadas, com limites muito distantes, em um lugar firme ambas permanecem para sempre vigilantes, E, sendo eternamente jovens, como irmãs, falam uma para a outra nomes que estão unidos.<sup>20</sup>
8. Todas as coisas vivas eles dividem e mantêm separados; embora sustentando os Deuses poderosos eles não vacilam. Um Todo<sup>21</sup> é o Senhor do que é fixo e móvel, do que anda, do que voa, dessa criação multiforme.
9. De longe o Antigo desde os tempos antigos eu pondero, o nosso parentesco com o nosso poderoso Senhor e Pai, – cantando o louvor de quem<sup>22</sup> os Deuses por costume permanecem no espaçoso caminho amplamente estendido.
10. Esse louvor, ó Céu e Terra, para vocês eu profiro; que os de bom coração ouçam, cuja língua é Agni, Jovens, Governantes Soberanos, Varuṇa e Mitra, os Ādityas sábios e muito gloriosos.

---

<sup>12</sup> Agni.

<sup>13</sup> Para ser adorado em assembleias sacrificais.

<sup>14</sup> Os cantores sacerdotais.

<sup>15</sup> Como o fogo terrestre usado para sacrifícios e propósitos domésticos e como o fogo celeste na forma do Sol.

<sup>16</sup> Reconhecendo a grandeza do Céu e da Terra.

<sup>17</sup> Homens como adoradores.

<sup>18</sup> As constelações; mas os Deuses também estão em reinos misteriosos e mais elevados além, e quem conhece o caminho que leva para lá?

<sup>19</sup> *O Sábio que contempla a humanidade*: o Sol onividente e onisciente. *Eles*: o Céu e a Terra. *Orvalhados*: com a água acima no firmamento e a chuva respectivamente. *No lugar da Ordem*: no lugar que a eterna Ordem do universo designou para eles. *Eles fazem um lar*: embora se reunindo, eles deixam um espaço, como o ninho de uma ave, entre eles.

<sup>20</sup> Dirigem-se uma a outra ou, talvez, são abordadas, por nomes duais, tais como *urvī*, as Duas Amplas, *dyāvāpṛthivī*, Céu-Terra, etc.

<sup>21</sup> “Nós encontramos menção em um hino de uma substância primordial ou unidade a partir da qual o universo foi desenvolvido. Essa é ‘a coisa única’ (*ekam*), que nós temos encontrado em conexão com Aja, o Não Nascido, (1.164.6 e 46; 10.82.6), e que é também usado como sinônimo de universo (3.54.8; 10.48.7) de acordo com o princípio que é a chave para muito do misticismo posterior que a causa e o efeito são idênticos. O poeta se esforça, de uma maneira que preludia a filosofia das *Upaniṣads*, para descrever para si mesmo a primeira condição do mundo, e os primeiros sinais de vida e crescimento nele”. – Wallis, *Cosmology of the Rgveda*, p. 58.

<sup>22</sup> Isto é, em relação a qual parentesco com nosso pai Dyaus ou Céu os próprios Deuses dão testemunho de sua existência.

- 11.** Savitar de língua cortês, o de mão dourada, vem três vezes<sup>23</sup> do céu como Senhor em nossa assembleia. Leva aos Deuses este cântico de louvor, e envia-nos, então, Savitar, segurança completa e perfeita.
- 12.** Trabalhador hábil, de mão habilidosa, prestativo, santo, que Tvaṣṭar, Deus, nos dê estas coisas<sup>24</sup> para nos auxiliar. Deleitem-se, ó Ṛbhus unidos com Pūṣan; vocês têm preparado o ritual com pedras ajustadas.
- 13.** Conduzidos em seu carro flamejante, os Maruts armados de lanças, os ágeis Jovens do Céu, os Filhos da Ordem, os Santos, e Sarasvatī, nos ouvirão; ó Poderosos, deem-nos riqueza com filhos nobres.
- 14.** Para Viṣṇu rico em maravilhas, canções e louvores irão como cantores na estrada de Bhaga,<sup>25</sup> – o Chefe do Passo Poderoso,<sup>26</sup> cujas Mães,<sup>27</sup> as Damas muito jovens, nunca o desconsideram.
- 15.** Indra, que governa através de todos os seus poderes heroicos, com sua majestade encheu o céu e a terra. Senhor dos bravos exércitos, esmagador de fortalezas, matador de Vṛtra, reúne e traz para nós abundância de gado.
- 16.** Meus Pais são os Nāsatyas,<sup>28</sup> bons para os parentes; o parentesco dos Ásvins é um título glorioso. Pois vocês<sup>29</sup> são aqueles que nos dão fartura de riquezas; vocês guardam seu presente, não enganados pelos generosos.<sup>30</sup>
- 17.** Este é, ó Sábios, seu título notável e glorioso, que todos vocês Deuses permanecem em Indra.<sup>31</sup> Amigo, invocado por muitos! és tu com os teus queridos Ṛbhus; moldem<sup>32</sup> esse nosso hino para o nosso benefício.
- 18.** Aryaman, Aditi merecem a nossa adoração; as leis de Varuṇa permanecem invioladas. Afastem de nós a sina da ausência de filhos, e que a nossa rota seja rica em vacas e descendentes.
- 19.** Que o enviado dos Deuses,<sup>33</sup> mandado para muitos quadrantes, nos proclame livres de pecado para a nossa segurança perfeita. Que a Terra e o Céu, o Sol, as Águas, nos ouçam, e o vasto firmamento e as constelações.
- 20.** Ouçam-nos as montanhas que destilam as gotas de chuva, e, permanecendo firmes, regozijem-se na umidade refrescante. Que Aditi com os Ādityas nos ouça, e os Maruts nos concedam sua proteção auspiciosa.
- 21.** Suave seja o nosso caminho para sempre, bem provisionado; com hidromel agradável,<sup>34</sup> ó Deuses, borrifem as ervas. Segura seja a minha felicidade, ó Agni, em tua amizade; que eu possa alcançar o lugar de riquezas cheias de alimento.
- 22.** Desfruta da oferenda; irradia força sobre nós; combina para o nosso bem todos os tipos de glória. Conquista em batalha, Agni, todos aqueles inimigos e nos ilumina todos os dias com bondade amorosa.

<sup>23</sup> Nos três sacrifícios diários.

<sup>24</sup> Pelas quais nós rezamos.

<sup>25</sup> Ou no caminho da boa sorte ou felicidade.

<sup>26</sup> Viṣṇu como o Sol.

<sup>27</sup> As Mães, de acordo com Sāyaṇa, são as regiões do espaço que geram todas as coisas. Sāyaṇa supre *ājñām*, comando, após *yāsyā*, cujo, e o professor Wilson traduz a passagem conformemente: 'cujos comandos as regiões, de muitas misturas, do espaço, as geradoras (de todos os seres), não desobedecem'.

<sup>28</sup> Os Ásvins me consideram com afeição paternal.

<sup>29</sup> Os Ásvins.

<sup>30</sup> Nunca iludidos por homens generosos como nós.

<sup>31</sup> Não, como Sāyaṇa explica, na esfera ou mundo de Indra. O significado é, como o professor Ludwig assinala, que a glória dos Deuses consiste em seu reconhecimento como formando uma parte do verdadeiro, supremo e abrangente princípio divino, no qual, como o Deus Absoluto, todos os atributos individuais deles são absorvidos e desaparecem.

<sup>32</sup> Talvez meramente, deem um resultado favorável para.

<sup>33</sup> Agni.

<sup>34</sup> Com chuva refrescante.

## Hino 55. Viśvadevas (Wilson)

(Sūkta II)

Os deuses são os Viśvadevas; o Ṛṣi é Prajāpati; a métrica Triṣṭubh.

Varga 28. **1.** Quando as auroras precedentes aparecem a grande (luz) imperecível é gerada no (firmamento, a) esfera das águas, e, então o adorador está alerta para realizar os ritos (devidos aos) deuses, pois grande e inigualável é o poder dos deuses.<sup>1</sup>

**2.** Que os deuses, Agni, agora não nos façam mal, nem os progenitores antigos, que vieram a conhecer o grau (de divindade); nem o manifestador de luz entre as duas residências antigas (a terra e o céu, o sol), pois grande e inigualável é o poder dos deuses.

**3.** Variavelmente os meus vários desejos pousam; presente na solenidade, eu recito (hinos) antigos; quando o fogo está aceso nós falamos de fato a verdade, pois grande e inigualável é o poder dos deuses.

**4.** O soberano universal<sup>2</sup> é transportado para muitas direções; ele dorme nos lugares de repouso; ele está conectado com as florestas; uma mãe (o céu) nutre a criança; a outra (a terra) lhe dá uma habitação; grande e inigualável é o poder dos deuses.

**5.** Existente em plantas antigas,<sup>3</sup> residindo depois nas novas, ele entra nas (ervas) jovens, logo que elas são produzidas; não fecundadas elas se tornam fecundas e dão frutos; grande e inigualável é o poder dos deuses.

Varga 29. **6.** O filho de duas mães dorme no oeste, mas (de manhã), o menino sozinho prossegue desimpedido (pelo céu); essas são as funções de Mitra e Varuṇa;<sup>4</sup> grande e inigualável é o poder dos deuses.

**7.** O filho de duas mães, o invocador dos deuses em sacrifícios, o soberano universal, procede dali para frente (no céu); a base (de tudo), ele reside (nas casas dos piedosos); os recitadores de (palavras) agradáveis lhe oferecem (louvores) agradáveis; grande e inigualável é o poder dos deuses.

**8.** Todas (as criaturas) que chegam muito perto dos limites dele são vistas com suas faces desviadas como (um inimigo) foge de um combatente; óbvio (para todos), ele penetra na água para a destruição dela; grande e inigualável é o poder dos deuses.

**9.** Naquelas (plantas) o velho mensageiro (dos deuses) permanece constantemente; poderoso, ele passa com o radiante (sol) através das regiões do espaço; assumindo várias formas, ele olha (complacientemente) para nós; grande e inigualável é o poder dos deuses.

**10.** Permeando e protegendo (todos), possuindo esplendor agradável e imortal, ele preserva o caminho supremo (das chuvas), pois Agni conhece todos esses mundos; grande e inigualável é o poder dos deuses.

<sup>1</sup> *Mahad devānām asuratvam ekam* é o refrão dessa e das estrofes seguintes; *asuratvam* é o extrato de *asura*, explicado como forte, poderoso, *prabala*, de *asyati*, quem ou o que joga ou impele todas as coisas ou seres, *asyati*, *kṣipati sarvān*; o extrato é *prābalyam* ou *aṣṣvāryam*, poder ou soberania; *ekam*, um, é explicado como *mukhyam* principal.

<sup>2</sup> *Samāno rājā* pode implicar ou Agni ou o Soma.

<sup>3</sup> Dito de Agni ou do sol.

<sup>4</sup> Mitra presidindo o dia, Varuṇa a noite, mas ambos sendo formas de um Agni.

Varga 30. **11.** O par de gêmeas (dia e noite) adota várias formas; uma delas resplandece brilhantemente, a outra é preta; irmãs gêmeas são elas, uma preta e outra branca; grande e inigualável é o poder dos deuses.

**12.** Onde a mãe e a filha, as duas vacas leiteiras produtivas, se unem, elas nutrem uma à outra;<sup>5</sup> eu adoro ambas no (firmamento), a residência das águas; grande e inigualável é o poder dos deuses.

**13.** Lambendo o bezerro da outra, uma delas muge alto; a vaca leiteira oferece seu úbere para aquela que está sem umidade (a terra), e ela (a terra) é revigorada pelo leite da chuva;<sup>6</sup> grande e inigualável é o poder dos deuses.

**14.** A Terra<sup>7</sup> usa corpos de muitas formas; ela reside no alto<sup>8</sup> nutrindo seu (bezerro de) um ano e meio;<sup>9</sup> conhecendo a morada da verdade<sup>10</sup> (o sol), eu ofereço culto; grande e inigualável é o poder dos deuses.

**15.** Como duas impressões (distintivas), eles (dia e noite) estão colocados visíveis no meio (entre o céu e a terra), um oculto, um manifesto; o caminho (de ambos) é comum, e esse é universal (para bem e mal); grande e inigualável é o poder dos deuses.

Varga 31. **16.** Que as vacas leiteiras<sup>11</sup> sem sua prole, permanecendo (no céu), e embora não ordenhadas, contudo produzindo leite, e sempre vigorosas e jovens, sejam sacudidas (de forma a desempenhar as suas funções); grande e inigualável é o poder dos deuses.

**17.** Quando o derramador ruge em outras (regiões) ele manda a chuva sobre um rebanho diferente,<sup>12</sup> pois ele é o vitorioso, o auspicioso, o soberano; grande e inigualável é o poder dos deuses.

**18.** Nós proclamamos, povo, a riqueza do herói, (Indra), em cavalos; os deuses conhecem a (afluência) dele; seis, ou cinco e cinco, atrelados ao seu carro, o transportam;<sup>13</sup> grande e inigualável é o poder dos deuses.

**19.** O divino Tvaṣṭṛ o impulsor (de todos), o multiforme, tem gerado e alimentado uma progênie numerosa, pois todos esses mundos são dele; grande e inigualável é o poder dos deuses.

**20.** Ele encheu os dois vastos receptáculos<sup>14</sup> (céu e terra) unidos (com criaturas); ambos são penetrados por seu brilho; o herói que saqueia os tesouros (do inimigo) é renomado; grande e inigualável é o poder dos deuses.

**21.** Nosso rei, o nutridor de todos, permanece (no firmamento) o mais próximo a esta terra como um amigo benevolente; os valentes (Maruts) o precedem (quando fora), e residem na mansão dele; grande e inigualável é o poder dos deuses.

<sup>5</sup> A terra e o céu pela troca de umidade.

<sup>6</sup> Isso é expresso muito obscuramente; é dito que o bezerro é Agni; a vaca com leite é o céu, cujo úbere é a nuvem, de onde desce a chuva da qual a terra está em falta; *ṛtasya sã payasã pīvatelā* também é explicado como, a terra sem água é aspergida pela água do sol na estação chuvosa.

<sup>7</sup> O texto tem *Padyā*, que Sāyaṇa explica como Bhūmi, derivando-a de *pad*, ou pé, a terra, de acordo com um texto do Décimo Maṇḍala, tendo sido criada a partir dos pés do Criador; o Décimo Maṇḍala, no entanto, é de autoridade questionável.

<sup>8</sup> No alto.

<sup>9</sup> Um bezerro de um ano e meio de idade; ou seja, o sol desse período, ou isso pode se aplicar ao sol, como o protetor (*avih*) dos três (*tri*) mundos.

<sup>10</sup> O lugar do sol, que é uno com a verdade.

<sup>11</sup> Ou as regiões do espaço ou as nuvens.

<sup>12</sup> Um rebanho, ou tropa, de regiões, de acordo com Sāyaṇa.

<sup>13</sup> *Ṣoḷhā yuktāḥ pañca-pañcā vahanti*, isto é, ou as seis estações do ano, ou, por combinar as estações fria e úmida, cinco; essas são figurativamente os cavalos de Indra.

<sup>14</sup> *Cambvau*, os dois recipientes nos quais os deuses e os homens comem; isso implicaria recipientes ou conchas, mas o escoliasta também propõe, os dois que são comidos ou desfrutados por seres vivos; ou seja, o céu e a terra.

22. As plantas, Indra, chegam à perfeição por ti; de ti as águas (fluem); a terra produz seus tesouros para ti; que nós, teus amigos, sejamos compartilhadores dessas bênçãos; grande e inigualável é o poder dos deuses.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 56 \(Wilson\)](#)

## Hino 55. Viśvedevas (Griffith)

1. Ao primeiro brilho das primeiras Manhãs, no lar da Vaca<sup>15</sup> nasceu o Grande Eterno.<sup>16</sup> Agora os estatutos dos Deuses serão válidos. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.<sup>17</sup>

2. Que os Deuses aqui não nos prejudiquem, ó Agni, nem os Pais dos tempos antigos que conhecem a região, nem o sinal colocado entre duas residências antigas.<sup>18</sup> Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.

3. Meus desejos voam amplamente para muitos lugares; eu olho de volta<sup>19</sup> para os sacrifícios antigos. Vamos declarar a verdade quando o fogo estiver aceso. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.

4. Rei Universal,<sup>20</sup> nascido para diversos quadrantes,<sup>21</sup> estendido através da floresta ele jaz em leitões. Uma Mãe repousa; outra alimenta o Menino.<sup>22</sup> Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.

5. Alojado em plantas antigas, ele cresce de novo nas mais jovens, rapidamente dentro das recém-nascidas e tenras.<sup>23</sup> Embora elas não sejam fecundadas, ele as torna fecundas. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.

6. Agora situado longe,<sup>24</sup> Filho de duas Mães, ele vaga<sup>25</sup> desimpedido, o único Menino. Essas são as leis de Varuṇa e Mitra. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.

7. Filho de duas Mães, Sacerdote,<sup>26</sup> único Senhor em sínodos, ele ainda precede enquanto repousando como fundação.<sup>27</sup> Aqueles que falam docemente lhe trazem discursos doces. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.

8. Como de um guerreiro amigável quando ele luta, cada coisa que se aproxima é vista encontrá-lo.<sup>28</sup> O hino se mistura<sup>29</sup> com oblação da vaca. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.

<sup>15</sup> No firmamento ou céu, o lugar da mística Vaca Cósmica.

<sup>16</sup> Os dois adjetivos estão no gênero neutro sem um substantivo. Sāyaṇa explica *jyotiḥ*, luz, na forma do Sol.

<sup>17</sup> 'Grande e incomparável é a natureza divina dos Deuses'. – Muir.

<sup>18</sup> Céu e terra, os lares respectivamente dos Deuses e dos homens.

O significado da estrofe é, como o professor Ludwig diz: Que nós sejamos capazes de calcular corretamente o tempo da aproximação do Sol, isto é, o momento de seu nascimento, quando nós devemos começar as nossas cerimônias sagradas. Não deixes que os Deuses nos desencaminhem, ou que nos permitam errar, nessa questão; não deixes que os Pais, ou espíritos dos mortos, que estão familiarizados com a região na qual o Sol aparece primeiro, e que transmitiram seu conhecimento para os seus descendentes, nem que o próprio Sol, (ou, talvez, Agni) nos engane.

<sup>19</sup> Assim o professor Max Müller traduz a passagem.

<sup>20</sup> Agni, o Deus de todos os homens arianos.

<sup>21</sup> Ou seja, para vários altares, para propósitos sacrificais.

<sup>22</sup> *Uma Mãe*: a terra. *Outra*: o céu. Ou, como o professor Ludwig sugere, o inferior dos dois bastões de fogo permanece imóvel enquanto o bastão superior, que é agitado, lhe dá vida e força.

<sup>23</sup> Agni está latente em todas as plantas, e daquelas que estão velhas e decadentes ele passa para as jovens e tenras.

<sup>24</sup> Ou, no oeste, como Sūrya ou o Sol quando ele se põs.

<sup>25</sup> Quando ele nasceu novamente.

<sup>26</sup> Agni, o arauto que chama os Deuses, o *hotar* ou invocador.

<sup>27</sup> Como a raiz e base de todo ato religioso.

<sup>28</sup> Agni é aqui representado como um campeão que atrai os homens para encontrá-lo como um amigo.

- 9.** Profundamente dentro dessas<sup>30</sup> o enviado muito antigo<sup>31</sup> penetra; poderoso, ele vai para o reino de esplendor,<sup>32</sup> e olha para nós, vestido em beleza extraordinária. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.
- 10.** Viṣṇu, o guardião, mantém a posição mais elevada,<sup>33</sup> sustentando moradas preciosas, imortais. Agni conhece bem todos estes seres criados. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.
- 11.** Vocês, Par variante,<sup>34</sup> fizeram de si mesmas belezas duplas; uma das Duas é escura, luminosa brilha a outra; e, no entanto essas duas, a escura, a vermelha, são Irmãs. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.
- 12.** Onde as duas Vacas,<sup>35</sup> a Mãe e a Filha, se encontram e amamentam produzindo seu néctar nobre, eu as louvo no lugar da lei eterna.<sup>36</sup> Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.
- 13.** Ela mugiu alto,<sup>37</sup> lambendo o filhote<sup>38</sup> da outra. Em qual mundo<sup>39</sup> a vaca leiteira colocou seu úbere? Essa Ilā<sup>40</sup> flui com o leite da Ordem. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.
- 14.** A Terra<sup>41</sup> usa belezas múltiplas; erguida,<sup>42</sup> lambendo seu Bezerro de dezoito meses,<sup>43</sup> ela permanece. Bem qualificado eu busco a sede da lei eterna. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.
- 15.** Em um lugar maravilhoso<sup>44</sup> os Dois estão entesourados; um é manifesto, o outro escondido. Um caminho comum leva em duas direções. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.
- 16.** Que as vacas leiteiras que não têm bezerras<sup>45</sup> avancem para baixo, produzindo néctar rico; jorrando, inesgotáveis, essas que são sempre novas e puras e jovens. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.
- 17.** Quando o Touro<sup>46</sup> berra em outras regiões, outro rebanho<sup>47</sup> recebe a umidade fecundante; pois ele é Bhaga, Rei, o Protetor da Terra. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.
- 18.** Vamos declarar a riqueza do Herói em cavalos, ó todos vocês povo; disso os Deuses têm conhecimento. Sêxtuplos eles o carregam, ou por cinco são atrelados.<sup>48</sup> Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.

---

<sup>29</sup> Penetra, por assim dizer, e acompanha a libação de leite e suco Soma.

<sup>30</sup> Plantas em geral.

<sup>31</sup> Agni, o mensageiro antigo entre Deuses e homens.

<sup>32</sup> Para o céu como o Sol.

<sup>33</sup> No zênite. Compare com 1.154.5,6.

<sup>34</sup> Dia e Noite.

<sup>35</sup> Céu e Terra, de acordo com Sāyaṇa; mais provavelmente Noite e Manhã são aludidas.

<sup>36</sup> O altar, o lugar de sacrifício ordenado pela lei eterna ou *ṛtā*.

<sup>37</sup> O céu, quando a chuva derrama.

<sup>38</sup> Ou bezerro, Agni.

<sup>39</sup> Ninguém sabe de onde vem a chuva.

<sup>40</sup> Um nome da terra; ou Ilā pode significar, com a dose refrescante (de chuva).

<sup>41</sup> *Padyā*, de acordo com Sāyaṇa, tem esse significado.

<sup>42</sup> Aparentemente, o Céu, mas, de acordo com Sāyaṇa, a Terra elevada na forma do altar do norte.

<sup>43</sup> Ou, segundo a explicação alternativa de Sāyaṇa, 'seu bezerro que protege os três mundos'. O bezerro é o Sol.

<sup>44</sup> Quando a Manhã chega, a Noite fica escondida em algum lugar misterioso para o qual a Manhã ou Dia também se retira por sua vez quanto a Noite vem. De sua prisão misteriosa o Dia e a Noite vêm a nós pelo mesmo caminho, um partindo enquanto o outro se aproxima.

<sup>45</sup> As nuvens pesadas que derramam sua chuva fertilizante como vacas produzem seu leite revigorante, mas que são diferentes de vacas visto que elas não têm bezerras.

<sup>46</sup> Indra como Parjanya o Deus da nuvem de chuva.

<sup>47</sup> A chuva fertilizante cai em outras regiões.

**19.** Tvaṣṭar o Deus, o Criador oniforme, gera e alimenta a humanidade de modo variado. Dele, realmente, são todas essas criaturas vivas. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.

**20.** Ele uniu as duas grandes Tigelas que se encontram;<sup>49</sup> cada um do Par está carregado com seu tesouro. O Herói é famoso por coletar riquezas. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.

**21.** Sim, e nessa nossa terra o Sustentador de todos<sup>50</sup> reside como um Rei com amigos nobres em volta dele. Sob a sua proteção os heróis repousam em segurança. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.

**22.** Ricas em seus presentes para ti são as ervas e as águas, e a terra traz toda a sua riqueza para ti, ó Indra. Que nós como teus amigos compartilhemos de tesouros consideráveis. Grande é o domínio supremo e único dos Deuses.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 56 \(Griffith\)](#)

---



---

<sup>48</sup> O número dos cavalos de Indra é determinado variavelmente. Aqui é dito que ele é puxado por seis cavalos, as seis estações do ano, ou por cinco de uma vez, ou as estações consideradas como cinco pela combinação de *hemanta* e *śísira*, as estações fria e úmida.

<sup>49</sup> O céu e a terra, hemisféricos em aparência, que se encontram no horizonte.

<sup>50</sup> Indra.

## Hino 56. Viśvadevas (Wilson)

(Adhyāya 4. Continuação do Anuvāka 5. Sūkta III)

Os deuses são os Viśvadevas; o Ṛṣi é Prajāpati; a métrica Triṣṭubh.

Varga 1. **1.** Nem os enganadores nem os resolutos interrompem as operações primitivas e permanentes dos deuses, nem o céu e a terra inócuos (as interrompem), nem as montanhas que permanecem (sobre a terra) devem ser curvadas.<sup>1</sup>

**2.** Um estacionário (ano) sustenta seis cargas (as estações); os raios (solares) se espalham por esse verdadeiro e extenso (limite); três esferas giratórias estão separadamente acima, duas das quais estão colocadas em segredo, e uma é visível.<sup>2</sup>

**3.** O de três peitos,<sup>3</sup> o derramador (de chuva), o oniforme, o de três úberes, o pai de progênie multiforme, o possuidor de magnitude, seguido de três hostes (o ano), avança, a vigoroso fecundador das plantas perenes.

**4.** (O ano) está desperto, o caminho na vizinhança daquelas (plantas); eu invoco o belo nome dos Ādityas;<sup>4</sup> as águas divinas vagando separadamente (ora) lhe dão leite, e (ora) partem dele.<sup>5</sup>

**5.** Rios, as moradas dos inteligentes deuses são três vezes três;<sup>6</sup> o medidor dos três (mundos)<sup>7</sup> é o soberano em sacrifícios; três (divindades) femininas<sup>8</sup> das águas carregadas com as chuvas descem do céu na solenidade (repetida) três vezes.

**6.** Savitr̥, descidas do céu, concede-nos bênçãos três vezes ao dia; Bhaga, salvador, dá-nos três vezes ao dia riquezas de três elementos;<sup>9</sup> Dhiṣaṇa,<sup>10</sup> permite-nos adquirir (riqueza).

**7.** Que Savitr̥ nos conceda riqueza nos (três períodos) do dia, pois Mitra e Varuṇa de mãos boas, as águas, o vasto céu e a terra, solicitam coisas preciosas da liberalidade de Savitr̥.

**8.** Três são as excelentes regiões brilhantes imunes à injúria,<sup>11</sup> três descendentes do poderoso (ano) estão brilhando;<sup>12</sup> praticantes da verdade, de movimento rápido, de esplendor insuperável; que as divindades estejam presentes três vezes por dia no sacrifício.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 57 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> A condição de todas as coisas criadas na terra e no céu, e a elevação das montanhas, são a obra dos deuses, e ninguém pode fazê-los de outra forma.

<sup>2</sup> O céu e o firmamento não são totalmente perceptíveis, a terra é.

<sup>3</sup> Isto é, como especificado subsequentemente, o ano, personificado; é dito que o número três, mencionado repetidamente, é dito se aplicar às estações do ano, reduzidas do número usual de seis para três, a quente, chuvosa e fria, por fundi-las, respectivamente, com a vernal, outonal, e orvalhosa.

<sup>4</sup> Isto é, de acordo com o comentador, os meses sobre os quais os doze Ādityas presidem.

<sup>5</sup> Durante os quatro meses do ano quando as chuvas caem os rios ficam cheios, durante os outros oito eles ficam mais ou menos secos.

<sup>6</sup> Cada um dos três Lokas tem três divisões; esse é um trecho de informação dirigido aos rios, *Sindhavah* estando no caso vocativo.

<sup>7</sup> O sol ou o ano.

<sup>8</sup> O comentador diz que elas são Iḷā, Sarasvatī e Bhārati.

<sup>9</sup> *Tridhātu rāya*, gado, ouro e pedras preciosas.

<sup>10</sup> A deusa da fala.

<sup>11</sup> Céu, terra, firmamento.

<sup>12</sup> Agni, Vāyu e Sūrya, de acordo com Sāyaṇa; o texto os chama de *asurasya vīrāḥ*; *asurah* é explicado como *kālātmā samvat sara*, o ano, idêntico ao tempo; *tasya putrāḥ*, seus filhos.



## Hino 56. Viśvedevas (Griffith)

1. Nem homens de habilidade mágica, e nem homens de sabedoria prejudicam as primeiras ordenanças firmes dos Deuses. Nunca a terra e o céu que não conhecem malícia, nem as colinas fixas, podem ser curvados por estratagemas sábios.<sup>13</sup>
2. Um, que não se afasta, suporta seis cargas; as Vacas procedem até ele o verdadeiro, o mais elevado. Perto ficam três Poderosos que viajam rapidamente; dois estão escondidos da visão, um é visível.<sup>14</sup>
3. O Touro que usa todas as formas, o de peito triplo, de três úberes, com uma linhagem em muitos lugares, reina majestoso com seu aspecto triplo, o fecundador das Eternas.<sup>15</sup>
4. Quando perto delas, como seu descobridor ele<sup>16</sup> as observou; ele chamou em voz alta o caro nome dos Ādityas.<sup>17</sup> As Deusas, as Águas, pararam para encontrá-lo; aquelas que estavam vagando separadas o cercaram.
5. Rios! os Deuses sábios têm três vezes três habitações.<sup>18</sup> Filho de três Mães,<sup>19</sup> ele é o Senhor em sínodos. Três são as santas Senhoras das Águas,<sup>20</sup> três vezes<sup>21</sup> aqui do céu supremas em nossa assembleia.
6. Ó Savitar, envia do céu três vezes para cá, três vezes por dia, as tuas bênçãos diariamente. Manda para nós, ó Bhaga, riqueza e tesouro triplo; faze com que os dois mundos nos tornem prósperos,<sup>22</sup> Preservador!
7. Savitar três vezes do céu derrama abundância, e os Reis de mãos belas Varuṇa e Mitra; e os vastos Céu e Terra, sim, e as Águas, solicitam a riqueza que Savitar pode nos mandar.
8. Três são os reinos brilhantes,<sup>23</sup> os melhores, além de obtenção, e três, os Heróis do Asura,<sup>24</sup> governam como Soberanos, santos e vigorosos, para nunca serem feridos. Que os Deuses do céu compareçam três vezes ao nosso sínodo.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 57 \(Griffith\)](#)

<sup>13</sup> Os estatutos dos Deuses são inalteráveis; eles permanecem fixos para sempre como os benignos céu e terra e como as montanhas que nunca podem ser movidas.

<sup>14</sup> O significado da estrofe é incerto. De acordo com Sāyaṇa, o *um, que não se afasta*, é o ano estacionário que sustenta a carga de seis estações, e as Vacas são os raios solares que permeiam o ano, ou o Sol como seu representante. O professor Ludwig pensa que Tvaṣṭar pode ser aludido, e que as vacas podem ser as consortes dos Deuses que são geralmente descritas como lhe fazendo companhia. *Três Poderosos*, de acordo com Sāyaṇa, o céu, o firmamento e a terra, dos quais a terra é totalmente visível e os dois primeiros são vistos apenas imperfeitamente. Que viajam rapidamente, essa é a explicação de Sāyaṇa de *ātyāh*, corcéis; mas o significado não está claro.

<sup>15</sup> *O Touro*: o Deus que preside o ano. Os *três peitos* e os *três úberes* são provavelmente o céu, o firmamento, e a terra. *Seu aspecto triplo*: as seis estações, reduzidas por combinação a três, a estação quente, as chuvas, e a estação fria. *As Eternas*, de acordo com Sāyaṇa, são as plantas; mas *os três Poderosos*, ou as Águas, podem ser aludidos.

<sup>16</sup> Provavelmente, como o professor Ludwig diz, Agni como Savitar, o Deus que preside o ano.

<sup>17</sup> Os Ādityas aqui parecem ser os meses.

<sup>18</sup> Cada um dos três mundos tendo três subdivisões.

<sup>19</sup> Agni como Savitar parece ser aludido, as três mães sendo, talvez, as três estações. Segundo Sāyaṇa, *trimātā* aqui significa 'o medidor dos três (mundos)', o Sol.

<sup>20</sup> Iṭā, Sarasvatī e Bhāratī.

<sup>21</sup> Nos três sacrifícios diários.

<sup>22</sup> *Faze com que os dois mundos*: eu sigo o professor Ludwig em considerar *dhiṣaṇe* como um acusativo.

<sup>23</sup> O céu, dividido em três.

<sup>24</sup> Segundo Sāyaṇa, Agni, Vāyu e Sūrya.

## Hino 57. Viśvadevas (Wilson)

(Sūkta IV)

Os deuses, o Ṛṣi<sup>1</sup> e a métrica como antes.

Varga 2. **1.** Que o discriminador Indra perceba a minha glorificação (dos deuses), que é (livre) como uma vaca leiteira, pastando sozinha, sem um pastor, aquela que é prontamente ordenhada, produzindo nutrição abundante, e da qual Agni e Indra (e nós), somos os louvadores.

**2.** Indra e Pūṣan, os derramadores (de benefícios), e os Ásvins de mãos auspiciosas, bem afetados em relação a nós, têm ordenhado a (nuvem) que repousa no céu; portanto, Vasus, deuses universais, entretendo-se neste (altar), que eu possa obter aqui a felicidade derivada de vocês.

**3.** As plantas que desejam para o derramador (Indra) o poder (de mandar chuva) apreciam, quando manifesto, o embrião (flor) depositado nele; as vacas desejosas de recompensa vêm à presença do bezerro, envolvido com muitas formas.<sup>2</sup>

**4.** Eu glorifico com louvor os belos céu e terra, tendo em mãos as pedras (para espremer a libação) no sacrifício, enquanto esses teus raios graciosos, adoráveis, e que abençoam muitos (Agni) sobem para o bem do homem.

**5.** Com tua língua de ampla extensão, Agni, doce e inteligente, que é renomada entre os deuses, traze para cá todas as divindades adoráveis para nossa proteção, e lhes dá para beber as (libações) doces.

**6.** Divino Agni, concessor de residências, conhecedor de tudo o que existe, estende a nós aquela benevolência que, não partilhada por outros, nos nutre como as chuvas da nuvem de chuva; aquela bondade que é benéfica para toda a humanidade.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 58 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> [Segundo Griffith e Gary Holland, o Ṛṣi desse hino e dos cinco seguintes é Viśvāmitra.]

<sup>2</sup> O mundo vegetal, como caracterizado por arroz, cevada, arroz selvagem, e semelhantes.

## Hino 57. Viśvedevas (Griffith)

1. Meu pensamento com fino discernimento<sup>3</sup> descobriu a Vaca<sup>4</sup> que vaga livre sem um pastor, a ela que derramou diretamente para mim alimento em abundância; Indra e Agni, portanto, são seus louvadores.
2. Indra e Pūṣan, de mão hábil e poderosos, bem satisfeitos drenaram o úbere inesgotável do céu. Como nesse louvor<sup>5</sup> todos os Deuses se deleitaram, que eu possa ganhar a bênção aqui de vocês, ó Vasus.
3. Desejosas de fornecer vigor para o Touro, as irmãs com reverência reconhecem o germe dentro dele. As Vacas vêm para cá mugindo para o Filhote, para ele dotado de grandes e maravilhosas belezas.<sup>6</sup>
4. Fixando com pensamento, em sacrifício, as pedras de espremer, eu convido os bem formados Céu e Terra para vir para cá; pois estas tuas chamas,<sup>7</sup> que dão aos homens bênçãos em abundância, erguem-se no alto, as belas, as sagradas.
5. Agni, a tua língua doce como hidromel que prova iguarias agradáveis, que entre os Deuses é chamada de muito estendida, com ela faze todos os Santos se sentarem aqui para o nosso auxílio, e alimenta-os com sucos doces.
6. Que a tua corrente nos dê bebida, ó Deus, ó Agni, maravilhosa e inesgotável como as nuvens de chuva. Assim cuida de nós, ó Vasu Jātavedas,<sup>8</sup> mostra-nos a tua benignidade, que alcança todos os homens.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 58 \(Griffith\)](#)

<sup>3</sup> O particípio *vivikvān* na forma masculina parece ser usado em vez da forma feminina com *manīṣā*, pensamento. Sāyaṇa lê *manīṣām* no caso acusativo, e, seguindo-o, o professor Wilson traduz: 'Que o discriminador Indra perceba a minha glorificação (dos Deuses), que é (livre) como uma vaca leiteira, pastando sozinha, sem um pastor'.

<sup>4</sup> *Vāk*, Voz ou Fala, a voz de prece e louvor que o poeta procede para se apropriar e empregar, e que Indra e Agni são ditos aprovar e louvar por sua aceitação.

<sup>5</sup> Não há substantivo no texto. Sāyaṇa supre *vedyām*, altar.

<sup>6</sup> *O Touro*: Agni. *As irmãs*: os dedos que produzem o fogo por fricção. *O germe dentro dele*: o poder fecundante de Agni. *O Filhote*: Agni. De acordo com Sāyaṇa *as Vacas* são as plantas que surgem no mundo vegetal, adornado com todos os seus vários produtos, como as vacas vão avidamente até seus bezerros.

<sup>7</sup> Ó Agni.

<sup>8</sup> Que conhece todas as coisas que vivem ou existem.

## Hino 58. Ásvins (Wilson)

(Sūkta V)

Os deuses são os Ásvins; a métrica e o Ṛṣi<sup>1</sup> como antes.

Varga 3. **1.** A vaca leiteira (a aurora) produz o leite desejado para o antigo (Agni); o filho do sul<sup>2</sup> passa dentro (do firmamento); o (dia) de horas brilhantes traz o iluminador (sol); o louvador desperta (para glorificar) os Ásvins que precedem o amanhecer.

**2.** Os (cavalos) bem atrelados trazem vocês dois em seu (carro preservador da) verdade; as oferendas avançam em direção a vocês como (filhos até seus pais); afastem de nós a disposição do avaro; nós preparamos para vocês a nossa oferenda; venham à nossa presença.

**3.** Dasras, com cavalos bem atrelados e carro bem construído, ouçam este louvor do adorador, pois os sábios antigos não os declararam, Ásvins, como os mais prontos para vir em auxílio dos desamparados?

**4.** Se você consideram (a minha prece), venham com seus corcéis rápidos; todos os homens, Ásvins, os invocam; para vocês eles oferecem o doce suco (Soma) misturado com leite, como amigos (dão presentes para amigos); o sol está em elevação, (portanto, venham ao rito).

**5.** Eclipsando (por seu esplendor) muitas regiões, Ásvins, (venham para cá); louvor alto espera por vocês opulentos (Ásvins) entre os homens; venham para este rito pelos caminhos percorridos pelos deuses; aqui, Dasras, estão amplos estoques de sucos estimulantes.<sup>3</sup>

Varga 4. **6.** Sua amizade antiga é desejável e auspiciosa; sua riqueza, líderes (de ritos), está na família de Jahnu;<sup>4</sup> renovando aquela amizade auspiciosa, que nós, seus associados, os deleitemos com o doce (suco Soma).

**7.** Ásvins, dotados de poder, sempre jovens, em quem não há inverdade, incansáveis, magnânimos, aceitantes (de libações), bebam com Vāyu e seus corcéis, regozijando-se juntos, da libação de Soma oferecida no fim do dia.

**8.** Ásvins, abundantes iguarias (sacrificais) são apresentadas a vocês, e adoradores irrepreensíveis (os saúdam) com louvores; seu carro derramador de água, atraído pelos sacrificadores, circunda rapidamente a terra e o céu.

**9.** Ásvins, esse mais doce Soma está misturado; bebam-no, venham à (nossa) casa; seu carro, conferindo riqueza repetidamente, está vindo para o lugar designado<sup>5</sup> do ofertante da libação.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 59 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> [Veja a nota 1 do hino anterior.]

<sup>2</sup> *Dakṣiṇāyāḥ putraḥ*; isto é, *Uśasaḥ putraḥ* Sūrya, sol, o filho da aurora.

<sup>3</sup> *Nidhaya madhūnām*; de acordo com Sāyaṇa, *nidhi* é aqui um tipo de recipiente.

<sup>4</sup> *Yuvor draviṇaṃ Jahnāvyaṃ*; o último é derivado de *Jahnu* e é explicado apenas por *Jahnukulajāyām*, nela nascida na linhagem de Jahnu; isso poderia implicar o Ganges, Jāhnavī, se nós tivéssemos motivo para supor que a lenda de sua origem a partir de Jahnu era conhecida dos Vedas; obviamente ela era familiar para Sāyaṇa.

<sup>5</sup> *Niṣkṛtam*, de acordo com Yāska, *Nir.* XII. 7, é o lugar de acordo, que pode ser traduzido por *gr̥ha*, casa.

## Hino 58. Ásvins (Griffith)

1. A Vaca leiteira do Antigo<sup>6</sup> produz as coisas que desejamos; o Filho de Dakṣiṇā<sup>7</sup> viaja entre eles. Ela com a carruagem esplêndida traz refulgência. O louvor de Uṣas despertou os Ásvins.
2. Elas<sup>8</sup> os trazem para cá por lei bem ordenada; as nossas oferendas sagradas erguem-se como se para os pais. Destruam em nós<sup>9</sup> o conselho do avaro; venham para cá, pois nós temos mostrado a sua graça.
3. Com carro que roda ligeiramente e cavalos bem atrelados ouçam isso, a canção da pedra de espremer, ó Fazedores de Milagres. Os sábios dos tempos antigos, ó Ásvins, não os chamaram de os mais prontos a vir e deter o infortúnio?
4. Lembrem-se de nós, e venham até nós, pois sempre os homens, como é seu costume, invocam os Ásvins. Amigos por assim dizer têm-lhe oferecido estes sucos, doces, misturados com leite ao primeiro romper da manhã.
5. Mesmo através de muitas regiões,<sup>10</sup> ó Ásvins – grande louvor é seu entre a humanidade, ó Poderosos – venham, auxiliaadores, nos caminhos que os Deuses têm percorrido; aqui as suas libações de hidromel doce estão prontas.
6. Antigo é seu lar, auspiciosa é sua amizade; Heróis, sua riqueza está com a casa de Jahnu.<sup>11</sup> Formando novamente com vocês amizade auspiciosa, juntos alegremo-nos com goles de hidromel.
7. O Ásvins, Muito Poderosos, com Vāyu e com os corcéis dele, resolutos, sempre jovens, Nāsatyas, regozijando-se no Soma do terceiro dia,<sup>12</sup> bebam, não hostis, Dadores Muito Generosos.
8. Ásvins, para vocês são trazidas iguarias abundantes em rivalidade com canções sagradas, incessantes. Surgido da Lei sublime o seu carro, instigado pelas pedras de espremer, gira em torno da terra e do céu em um breve momento.
9. Ásvins, seu Soma derrama doçura deliciosa; bebam dele e venham à nossa morada. Seu carro, assumindo muitas formas, frequentemente vai para o lugar de reunião do espremedor de Soma.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 59 \(Griffith\)](#)

<sup>6</sup> A generosa Uṣas ou Aurora, filha do antigo Dyaus ou Céu.

<sup>7</sup> A recompensa sacrificial, personificada. Seu filho é Agni, o Sol que viaja entre o céu e a terra.

<sup>8</sup> As nossas oferendas de prece e louvor.

<sup>9</sup> Removam de nós todos os pensamentos mesquinhos, e nos deixem ser generosos em nosso culto aos Deuses.

<sup>10</sup> Venham até nós mesmo de muito longe, embora muitos outros adoradores também tentem detê-los.

<sup>11</sup> A família dos Kuśikas, de quem Jahnu era o ancestral. Os 'filhos de Jahnu' são mencionados como tendo sido favorecidos adoradores dos Ásvins no Livro 1.116.19.

<sup>12</sup> Espremido no dia antes de ontem, e nesse meio tempo deixado para fermentar.

## Hino 59. Mitra (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus é Mitra; o Ṛṣi, Viśvāmitra; a métrica dos primeiros cinco versos é Triṣṭubh, dos últimos quatro Gāyatrī.

Varga 5. **1.** Mitra,<sup>1</sup> quando louvado, anima os homens ao esforço; Indra<sup>2</sup> sustenta a terra e o céu; Mitra olha para os homens com olhos que não se fecham; ofereçam a Mitra as oblações de manteiga clarificada.

**2.** Que desfrute de abundância, Mitra, aquele mortal que te presenteia, Āditya, (com oferendas) no rito sagrado; protegido por ti ele não é prejudicado; ele não é superado por ninguém; o pecado não o atinge, de longe ou de perto.

**3.** Que nós, livres de doenças, regozijando-nos com alimento (abundante), vagando livres<sup>3</sup> sobre a ampla (extensão) da terra, diligentes na adoração de Āditya, sempre estejamos nas boas graças de Mitra.

**4.** Este Mitra foi gerado adorável e para ser servido, o soberano (sobre todos), dotado de vigor, o criador (do universo); que estejamos sempre nas boas graças, na aprovação auspiciosa, deste adorável (Āditya).

**5.** O grande Āditya, o animador de homens para o esforço, deve ser abordado com reverência; ele é o dador de felicidade àquele que o louva; ofereçam com fogo a libação aceitável para aquele muitíssimo glorificável Mitra.

Varga 6. **6.** Alimento desejável e a riqueza mais renomada são (os presentes) do divino Mitra, o sustentador do homem.

**7.** O renomado Mitra, que por sua força preside o céu, é aquele que preside a terra pela (oferta de) alimentos.

**8.** As cinco classes de homens têm se dirigido ao vitorioso Mitra, pois ele sustenta todos os deuses.

**9.** Mitra é aquele que entre os deuses e os homens concede alimento como a recompensa de atos piedosos ao homem que preparou (para ele) a grama sagrada cortada.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 60 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> Mitra é dito aqui significar o sol, aquele que é medido ou apreciado (*mīyate*) por todos, e que preserva (*trāyate*) o mundo, por conceder chuva; quase a mesma interpretação do texto é dada por Yāska, *Nir.* X. 22.

<sup>2</sup> [Mitra, de acordo com Griffith e Macdonell].

<sup>3</sup> *Mitajñāvah*; com os joelhos medidos, literalmente; o que Sāyaṇa explica: indo a todos os lugares à vontade.

## Hino 59. Mitra (Griffith)

1. Mitra, quando fala, incita os homens ao trabalho;<sup>4</sup> Mitra sustenta a terra e o céu. Mitra contempla homens com olhos que não se fecham.<sup>5</sup> Para Mitra tragam, com óleo sagrado, oblação.
2. O mais notável seja aquele que te traz alimento, ó Mitra, que se esforça para manter a tua Lei sagrada,<sup>6</sup> Āditya. Aquele a quem tu ajudas nunca é morto ou conquistado, sobre ele, de perto ou de longe, não cai nenhuma aflição.
3. Regozijando-nos com alimento sagrado e livres de doenças, com os joelhos dobrados humildemente<sup>7</sup> sobre a ampla superfície da terra, seguindo estritamente o estatuto de Āditya, que nós permaneçamos na graça benevolente de Mitra.
4. Auspicioso e adorável, este Mitra nasceu com<sup>8</sup> domínio justo, Rei, Distribuidor. Que nós possamos desfrutar da graça dele o Santo, sim, repousar em sua propícia bondade amorosa.
5. O grande Āditya, a ser servido com culto, que incita os homens, é benevolente para o cantor. Para Mitra, para ele a ser louvado mais altamente, ofereçam no fogo a oblação que ele ama.
6. A graça vantajosa de Mitra, Deus, sustentador da raça humana, dá esplendor de fama mais gloriosa.
7. Mitra cuja glória se espalha longe, ele que em poder supera o céu, supera a terra em seu renome.
8. Todos os Cinco Povos<sup>9</sup> têm se dirigido a<sup>10</sup> Mitra, sempre forte para ajudar, pois ele sustenta todos os Deuses.
9. Mitra para os Deuses, para os homens vivos, para aquele que espalha a grama sagrada, dá alimento cumprindo a Lei sagrada.<sup>11</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 60 \(Griffith\)](#)

<sup>4</sup> Mitra sendo o Deus do Dia. Veja 7.36.2.

[‘Mitra incita os homens à ação quando ele os chama’ – Macdonell].

<sup>5</sup> [*Com olhar firme* – Macdonell].

<sup>6</sup> [*Que presta homenagem à tua lei* – Macdonell].

<sup>7</sup> [*Colocados firmes* – Macdonell].

<sup>8</sup> [*Para exercer* – Macdonell].

<sup>9</sup> Todos os homens arianos.

<sup>10</sup> [*Submetem-se a* – Macdonell].

<sup>11</sup> O alimento que capacita os homens a oferecer os sacrifícios ordenados.  
[Macdonell lê: ‘Tem fornecido alimento fixado por sua vontade’].

## Hino 60. Ṛbhus (Wilson)

(Sūkta VII)

Os deuses dos primeiros quatro versos são os Ṛbhus, dos três últimos Indra; o Ṛṣi é Viśvāmitra; a métrica, Jagatī.

Varga 7. **1.** A sua conexão<sup>1</sup> (com as conseqüências de ações) Ṛbhus é aqui (reconhecida) pelas mentes de todos; desejando a sua parte (do sacrifício), ó homens, eles vieram com um conhecimento (de suas reivindicações) para estes (ritos); os filhos de Sudhanvan, com os artifícios pelos quais eles são vitoriosos sobre os inimigos, vocês receberam a parte do sacrifício.<sup>2</sup>

**2.** Com aquelas faculdades pelas quais vocês dividiram as conchas; com aquela inteligência com a qual vocês cobriram a vaca (morta) com pele;<sup>3</sup> com aquela vontade pela qual vocês fabricaram os dois cavalos (de Indra); com aqueles (meios), Ṛbhus, vocês alcançaram divindade.

**3.** Os Ṛbhus, os realizadores de (boas) obras, os netos de um homem, obtiveram a amizade de Indra; eles têm (existência) perpetuada;<sup>4</sup> os filhos de Sudhanvan atingiram a imortalidade; realizadores de atos piedosos que influenciam (o resultado), através de sua devoção (eles alcançaram divindade) por suas obras.<sup>5</sup>

**4.** Vão com Indra na carruagem dele quando a libação é derramada, e sejam (recebidos) com honra pelo (adorador) que deseja (o seu favor); Ṛbhus, filhos de Sudhanvan, concessores (das recompensas de atos piedosos), suas ações virtuosas, suas grandes faculdades, não são para serem medidas.

**5.** Indra, junto com os Ṛbhus dadores de alimentos, aceita com ambas as mãos a (taça) da libação de Soma despejada; estimulado, Maghavan, pela adoração, regozija-te com os filhos humanos de Sudhanvan na casa do doador (da oferenda).

**6.** Indra, o louvado por muitos, associado com Ṛbhu, e com Vāja, exulta com Śacī,<sup>6</sup> neste nosso sacrifício; esses (dias) auto-recorrentes são dedicados a ti, bem como as cerimônias (dirigidas) aos deuses, e os atos virtuosos do homem.

**7.** Indra, com os Ṛbhus concessores de alimento que recompensam (adoração) com alimento,<sup>7</sup> vem para cá para (receber) o louvor reverente do adorador, com cem corcéis velozes, as indicações (dos Maruts); vem para a oferenda queimada do sacrifício, produzindo mil bênçãos para o sacrificador.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 61 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> *Vo bandhutā* pode significar, sua afinidade ou amizade, mas o escoliasta o explica, aqueles que conectam os atos com seus frutos.

<sup>2</sup> A passagem foi citada em um trecho anterior, 1.20.8, nota 11, e está lá traduzida um tanto incorretamente. Veja os hinos aos Ṛbhus, 1.20, [110, 111] e 161.

<sup>3</sup> [Veja 1.161.7, as duas versões.]

<sup>4</sup> *Dadhanvire*, como no caso anterior *adhārayanta*, 1.20.8, não tem acusativo; o comentador, como antes, supre *prāṇān*, vitalidade, significando vida imortal, como segue.

<sup>5</sup> Veja também 1.110.3.

<sup>6</sup> Ou Śacī pode significar *karman*, ato, rito.

<sup>7</sup> *Rbhuhir vājibhir vājayan*, implica um jogo de palavras sobre a palavra *vāja*, que é o nome de um dos Ṛbhus, colocado em lugar de todos, mas que significa, no seu mais sentido usual, alimento.



## Hino 60. Ṛbhus (Griffith)

1. Aqui está o seu parentesco espiritual,<sup>8</sup> aqui, ó Homens; eles<sup>9</sup> vieram desejosos para esses ritos sagrados com abundância de riqueza, com artes extraordinárias, pelas quais, com esquemas para atender cada necessidade, vocês ganharam, Filhos de Sudhanvan! a sua parte no sacrifício.
2. Os poderes imensos com os quais vocês formaram os cálices, a ideia pela qual vocês extraíram a vaca a partir da pele, o intelecto com o qual vocês forjaram os dois Cavalos Baios – através desses, ó Ṛbhus, vocês alcançaram divindade.<sup>10</sup>
3. Amizade com Indra os Ṛbhus ganharam totalmente; netos de Manu, eles habilmente incitaram o trabalho. Os Filhos de Sudhanvan ganharam vida eterna, servindo com ritos sagrados, piedosos com atos nobres.
4. Na companhia de Indra venham para o suco, então gloriosamente os seus desejos serão realizados. Para não serem comparadas, ó Sacerdotes, são as suas boas obras, nem os seus atos heroicos, Ṛbhus, Filhos de Sudhanvan.
5. Ó Indra, com os Ṛbhus, Poderosos, derrama o suco Soma vertido, bem misturado, de ambas as tuas mãos. Maghavan, incitado por canção, na casa do oferecedor da bebida regozija-te com os Heróis, com os Filhos de Sudhanvan.
6. Com Ṛbhu próximo, e Vāja, Indra, aqui exulta, com Śacī,<sup>11</sup> louvado por muitos, no suco que nós derramamos. Estes lares onde vivemos têm se voltado para ti, – devoções para os Deuses, como as leis dos homens ordenam.
7. Vem com os poderosos Ṛbhus, Indra, vem até nós, fortalecendo com a tua ajuda o louvor santo do cantor; por cem chamados ansiosos vem ao homem vivente,<sup>12</sup> com mil artes atende ao ato de sacrifício.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 61 \(Griffith\)](#)

<sup>8</sup> Aqui, na câmara de sacrifício onde os Deuses são adorados, vocês, Ṛbhus, originalmente homens, são conectados espiritualmente com os Deuses como participantes de oferendas sacrificais.

<sup>9</sup> Os Ṛbhus.

<sup>10</sup> Veja 1.20.2,3,6.

<sup>11</sup> A Força, personificada, a Consorte de Indra.

<sup>12</sup> O adorador.

## Hino 61. Uṣas (Wilson)

(Sūkta VIII)

A divindade é Uṣas; o Ṛṣi como antes; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 8. **1.** Afluente Uṣas, dadora de sustento, possuidora de inteligência, sê propiciada pelo louvor daquele que te louva, (e adora) com alimentos (sacrificais); divina Uṣas, adorada por todos, que (embora) antiga és (ainda) jovem, o objeto de adoração múltipla, tu estás presente no recorrente rito (da manhã).

**2.** Uṣas, que és divina e imortal, em uma carruagem dourada, brilha radiante, fazendo com que os sons da verdade sejam ouvidos;<sup>1</sup> que os teus cavalos vigorosos e bem treinados te tragam, que tens cabelos dourados, (para cá).

**3.** Uṣas, que te espalhas por todas as regiões, tu permaneces no alto, a bandeira do imortal (sol), pretendendo percorrer o mesmo caminho, volta repetidamente sempre nova, (girando) como uma roda.

**4.** A opulenta Uṣas, a noiva do (sol) que corre ao longe, lançando fora (a escuridão), como uma peça de roupa, prossegue; difundindo o seu próprio (brilho), auspiciosa, promovendo atos sagrados, ela é renomada até os confins do céu e da terra.

**5.** Ofereçam, com suas prostrações, devido louvor à divina Uṣas, que brilha sobre vocês; o repositório de doçura<sup>2</sup> manifesta seu brilho no alto no céu, e, radiante e encantadora, ilumina as regiões.<sup>3</sup>

**6.** A possuidora da verdade é reconhecida no céu por seus raios; a possuidora de riqueza assumiu uma posição maravilhosa na terra e no céu; Agni, solicitando esmolas da radiante Uṣas que avança, tu obtiveste o teu tesouro desejado (de oblações).<sup>4</sup>

**7.** O derramador (de chuva, o sol), incitando adiante a aurora, na base do verdadeiro (dia)<sup>5</sup> tem permeado os vastos céu e terra; a poderosa Uṣas, a luz dourada, por assim dizer, de Mitra e Varuṇa, difunde o seu brilho em diferentes direções.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 62 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> *Sūnṛtā irayantī*; a frase ocorreu antes, 1.113.12, onde é traduzida: a despertadora de vozes agradáveis, no sentido explicado nota 3 [daquele hino], a aurora excitando ou despertando os gritos verdadeiros ou agradáveis de animais e pássaros.

<sup>2</sup> *Madhudhā* confunde muito o comentador; *madhu* pode significar, ele diz, doces palavras de louvor, ou simplesmente louvor; ou, sem se referir à sua etimologia, ele pode ser um nome de Uṣas; *dhā* é aquilo que possui ou mantém.

<sup>3</sup> Como em 1.49.4.

<sup>4</sup> Ou seja, o fogo sacrificial é aceso ao amanhecer.

<sup>5</sup> *Ṛtasya, satyabhūtasya*; ele é identificado com a verdade como o período de realização de ritos religiosos.

## Hino 61. Uşas (Griffith)

1. Ó Uşas, forte com força, dotada de conhecimento, aceita o louvor do cantor, Ó Senhora rica. Tu, Deusa, antiga, jovem e cheia de sabedoria, te moves, todo-generosa! como a Lei ordena.
2. Resplandece, ó Manhã, tu Deusa auspiciosa, em teu carro brilhante despertando vozes agradáveis. Que cavalos dóceis de esplendor de longo alcance te tragam para cá, a de cor dourada.
3. Tu, Manhã, voltando-te para toda criatura, permaneces no alto como estandarte do Imortal,<sup>6</sup> sempre te dirigindo para uma mesma meta; agora, como uma roda, ó recém-nascida, rola para cá.
4. Deixando suas rédeas caírem,<sup>7</sup> a Manhã vem, a rica Dama, a Senhora da residência; trazendo luz, a Maravilhosa, a Abençoada expandiu-se a partir dos limites da terra e do céu.
5. Invoquem para cá a radiante Deusa da Manhã, e tragam com reverência o seu hino para louvá-la. Ela, derramando doçuras, pôs no céu seu brilho, e, bela de se olhar, irradiou seu esplendor.
6. Do céu, com hinos, a Santa foi despertada; brilhantemente para ambos os mundos veio a Dama opulenta. Para a Manhã, Agni, quando ela vem refulgente, tu vais solicitando riquezas justas.<sup>8</sup>
7. Na base firme da Lei o acelerador das Manhãs, o Touro,<sup>9</sup> entrou nos poderosos céu e terra. Grande é o poder de Varuņa e Mitra, que, brilhante, tem espalhado seu esplendor em todos os lugares.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 62 \(Griffith\)](#)

---

<sup>6</sup> O Sol.

<sup>7</sup> Talvez, mandando para baixo raios de luz.

<sup>8</sup> [Veja a nota 4.]

<sup>9</sup> O Sol, do qual, como seguinte às Auroras, pode-se dizer que as incita adiante.

## Hino 62. Indra e Outros (Wilson)

(Sūkta IX)

Este hino é dividido em seis Tr̥cas ou tercetos, as divindades dos quais são respectivamente, Indra e Varuṇa, Bṛhaspati, Pūṣan, Savitr, Soma, e Mitra e Varuṇa; Viśvāmitra é o Ṛṣi, ou, segundo alguns, o último terceto é atribuído a Jamadagni; a métrica das três primeiras estrofes é Triṣṭubh, do resto Gāyatrī.

Varga 9. **1.** Indra e Varuṇa, que estas pessoas que estão confiando em vocês, e vagando (em alarme), não sofram injúria de um jovem (adversário); pois onde está aquela reputação (que vocês desfrutam) por conta de vocês darem sustento a seus amigos?

**2.** O mais diligente (em ritos piedosos), este (seu adorador), Indra e Varuṇa, desejoso de riqueza, incessantemente os invoca em busca de proteção; associados com os Maruts, com o céu e a terra, ouçam a minha invocação.

**3.** Que haja para nós, Indra e Varuṇa, tal riqueza (como nós cobizamos); que haja, Maruts, para nós fartura (de gado) e numerosos descendentes; que as encantadoras (esposas dos deuses)<sup>1</sup> abriguem-nos com residências; que Hotrā e Bhāratī nos (enriqueçam) com presentes.

**4.** Bṛhaspati, amigo de todos os deuses, aceita as nossas oblações; concede tesouros preciosos para o ofertante.

**5.** Adorem o puro Bṛhaspati em sacrifícios com hinos; eu peço dele força insuperável.

Varga 10. **6.** O derramador (de benefícios) sobre os homens, o oniforme, o irrepreensível, o excelente Bṛhaspati.

**7.** Divino, resplandecente, Pūṣan, esta, a tua louvação mais recente, é pronunciada por nós para ti.

**8.** Sê satisfeito por este meu louvor, e inclina-te para este louvor que suplica alimento como um (marido) dedicado à esposa para sua esposa.

**9.** Que aquele Pūṣan, que olha para todos os mundos, que os contempla inteiramente, seja nosso protetor.

**10.** Nós meditamos naquela luz desejável do divino Savitr, que influencia os nossos ritos piedosos.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> O texto tem apenas *Varūtrīh*; o comentador o explica como *sarvaiḥ sambhajaniyā, devapatnyah*, para serem admiradas por todos; as esposas dos deuses; o que concorda com a especificação das duas deusas que se segue.

<sup>2</sup> Esse é o verso célebre dos Vedas que faz parte das devoções diárias dos brâmanes, e foi feito pela primeira vez conhecido dos leitores ingleses pela tradução de Sir W. Jones de uma interpretação parafrástica; ele o traduz: Adoremos a supremacia daquele sol divino, a divindade, que ilumina tudo, que recria tudo, do qual tudo provém, ao qual tudo deve retornar, a quem invocamos para dirigir o nosso entendimento corretamente em nosso progresso em direção ao seu lugar sagrado (*Works*, 8vo vol. xiii. p. 367); o texto tem apenas *tat savitur varenyam bhargho devasya dhīmahī, dhiyo yo naḥ pracodayāt*; o último membro também pode ser interpretado: que pode animar ou iluminar nossos intelectos; o verso ocorre no *Yajush*, III. 35, e no *Sāman*, II. 8, 12; ambos os comentadores concordam em entender por Savitr, a alma, como uma com a alma do mundo, Brahma, mas vários significados também são apresentados; assim, Sāyaṇa tem: nós meditamos sobre a luz que é uma com Brahma, a própria luz dele, a qual, por sua influência destruidora sobre a ignorância e suas consequências, é chamada de Bhargas, e é a que é desejável, por ser para ser conhecida ou adorada por todos (*varenyam*) a propriedade do ser supremo, (*paramēśvara*), o criador do mundo, e o animador, impulsor, ou incitador (*savitr*), por meio do espírito que reside internamente (*antaryāmi*) de todas as criaturas; além disso, *yah*, embora masculino, pode, por licença védica, ser o relativo ao substantivo neutro *bhargas*, aquela luz que anima todos os atos, ou ilumina todas as compreensões; também, *devasya savituh* pode significar, do sol brilhante ou radiante, como o progenitor de todos, *sarvasya prasavitur*, e *bhargas* pode ser entendido como a esfera ou orbe de luz, o consumidor dos pecados; além disso, *bhargas* pode ser interpretada como alimento, e a oração pode apenas pedir ao sol para fornecer sustento, *tasya prasādād annādīlakṣaṇam phalam dhīmahī, tasya ādhārabhutā bhavema*, nós esperamos de seu favor a recompensa que é caracterizada por alimento e semelhantes,

Varga 11. **11.** Desejosos de alimentos, nós solicitamos com louvor, do divino Savitr, a dádiva de riqueza.

**12.** Homens devotos e sábios, impelidos pela inteligência, adoram o divino Savitr com sacrifícios e hinos sagrados.

**13.** Soma, conhecendo o caminho correto, procede (por ele); ele vai para a excelente sede dos deuses, o lugar de sacrifício.

**14.** Que Soma conceda alimento saudável para nós e para os (nossos) animais bípedes e quadrúpedes.

**15.** Que Soma, prolongando as nossas vidas e derrotando os nossos adversários, sente-se no nosso lugar de sacrifício.

**16.** Mitra e Varuṇa, borrifem os nossos estábulos com manteiga; realizadores de boas obras, (borrifem) os mundos com mel.<sup>3</sup>

**17.** Realizadores de ritos puros, glorificados por muitos, exaltados por adoração, (celebrados) por louvores prolongados, você reinam pela grandeza de (sua) força.

**18.** Glorificados por Jamadagni, sentem-se no lugar de sacrifício (o altar); bebam, aumentadores (da recompensa) de sacrifício, a libação de Soma.<sup>4</sup>

[Índice](#) ◀

---

## Hino 62. Indra e Outros (Griffith)

**1.**<sup>5</sup> As suas bem conhecidas atividades rápidas outrora não precisavam de impulso de seu servo fiel. Onde, Indra-Varuṇa, está agora aquela glória com a qual vocês traziam sustento para aqueles os amavam?<sup>6</sup>

**2.** Este homem,<sup>7</sup> o mais diligente, buscando riquezas, incessantemente os invoca em busca de seu favor. Concordantes, Indra-Varuṇa, com os Maruts, com o Céu e a Terra, ouçam a minha invocação.

**3.** Ó Indra-Varuṇa, que seja nosso este tesouro, que a riqueza seja nossa, Maruts, com abundância de heróis. Que as Varūtrīs<sup>8</sup> com sua proteção nos ajudem, e Bhārātī e Hotrā<sup>9</sup> com as Manhãs.

**4.** Fica satisfeito com as nossas oferendas, ó amado de todos os Deuses, Bṛhaspati!<sup>10</sup>

---

isto é, que nós sejamos sustentados por ele; Mahīdhara, em seu comentário sobre o mesmo texto no *Yajush*, menciona variedades similares de interpretação.

<sup>3</sup> A prece implica, de acordo com o escoliasta, dá-nos vacas cheias de leite; o verso ocorre no *Yajur* e *Sāma-Vedas*; o comentador no primeiro explica *Gavyūti* como, ou o caminho ou sacrifício, ou um campo, e, no último caso, explica, *ghṛtair* como água pura, borrifem as nossas pastagens com chuva; o Sr. Stevenson consequentemente traduz, irriguem as pastagens com chuvas e refresquem com águas os dois mundos.

<sup>4</sup> Esses dois últimos versos ocorrem também no *Sāma-Veda* II. 14, 15; como o autor do hino é Viśvāmitra, o comentador propõe outra interpretação de *Jamadagninā*, como um epíteto de Viśvāmitra, aquele por quem o fogo foi aceso; veja 3.53.15, nota 21.

<sup>5</sup> [Veja a introdução desse hino por Wilson.]

<sup>6</sup> Essa estrofe é difícil por causa da incerteza do significado de *bhṛmāyaḥ* na primeira linha e de *sīnam* na segunda. [Veja a versão por Wilson.] A tradução do professor Ludwig é no seguinte sentido: 'Essas que são consideradas suas, essas armas rodopiantes, não foram feitas para serem lançadas em seus dependentes. Varuṇa, Mitra, onde está essa sua glória, com a qual contra seus amigos vocês mandam o míssil?' A minha versão segue a interpretação do professor Roth no *St. Petersburg Lexicon*.

<sup>7</sup> O adorador.

<sup>8</sup> Deusas guardiãs; as Consortes dos Deuses, de acordo com o comentador.

<sup>9</sup> Deusas que presidem diferentes departamentos de culto religioso.

<sup>10</sup> Senhor da Prece.

Dá riqueza para aquele que te traz presentes.

5. Em sacrifícios, com seus hinos adorem o puro Br̥haspati –  
Eu rezo por poder que ninguém possa subjugar –

6. O Touro dos homens, a quem ninguém engana, o utente de cada forma à vontade,  
Br̥haspati o Mais Excelente.

7. Divino, resplandecente Pūṣan, este nosso mais novo hino de louvor,  
Por nós é cantado para ti.

8. Aceita com benevolência essa minha canção, sê bondoso para o pensamento sincero,  
Assim como um noivo para sua noiva.

9. Que aquele que vê todas as coisas vivas, as vê juntas em um relance –  
Que ele, que Pūṣan seja nosso auxílio.

10. Que nós alcancemos aquela glória excelente de Savitar o Deus;  
Para que ele possa estimular nossas preces.<sup>11</sup>

11. Com compreensão, sinceramente, de Savitar o Deus nós almejamos  
Nossa parcela de prosperidade.

12. Homens, cantores adoram Savitar o Deus com hino e ritos sagrados,  
Incitados pelo impulso de seus pensamentos.

13. Soma que dá sucesso parte, vai para o lugar de reunião dos Deuses,<sup>12</sup>  
Para sentar-se no assento da Lei.<sup>13</sup>

14. Para nós e para o nosso gado que Soma dê alimento saudável,  
Para bípede e para quadrúpede.

15. Que Soma, fortalecendo nosso poder vital, e conquistando os nossos inimigos,  
Tome o seu lugar em nossa assembleia.

16. Que Mitra-Varuṇa, Par sapiente, orvalhem as nossas pastagens com óleo,<sup>14</sup>  
Com hidromel<sup>15</sup> as regiões do ar.

17. Governando ao longe, alegres quando adorados, vocês reinam por grandiosidade de  
poder, com leis puras eternamente.

18. Louvados pela canção de Jamadagni,<sup>16</sup> sentem-se no lugar da Lei sagrada;  
Bebam Soma, vocês que fortalecem a Lei.

[Índice](#) ◀

---

### FIM DO TERCEIRO MAṆḌALA.

---

<sup>11</sup> Essa estrofe é a Sāvitrī, a Gāyatrī por excelência. [Veja a nota 2.]

<sup>12</sup> A câmara de sacrifício.

<sup>13</sup> O lugar onde o sacrifício ordenado pela Lei eterna é realizado.

<sup>14</sup> Com manteiga clarificada, com gordura, ou seja, com chuva fertilizante.

<sup>15</sup> Ou com mel, ou seja, com orvalho doce refrescante.

<sup>16</sup> Jamadagni pode, de acordo com Sāyaṇa, ser nesse lugar um epíteto de Viśvāmitra, e significar 'aquele por quem o fogo foi aceso'; ou Jamadagni pode ser outro Ṛṣi e o vidente do hino.

## Métrica

A rima não é usada no Ṛgveda. As métricas são reguladas pelo número de sílabas na estrofe, a qual consiste geralmente em três ou quatro Pādas, medidas, divisões, ou quartos de versos, com um intervalo marcado distintamente no fim do segundo Pāda, e assim formando dois hemistíquios ou semi-estrofes de extensão igual e desigual. Esses Pādas muito usualmente contêm oito ou onze ou doze sílabas cada; mas ocasionalmente eles consistem em menos ou às vezes em mais do que esses números. Os Pādas de uma estrofe são em geral de extensão igual e de quantidades métricas mais ou menos correspondentes, mas às vezes dois ou três tipos de métricas são empregados em uma estrofe, e então os Pādas variam em quantidade e extensão. Em relação à quantidade, as primeiras sílabas do Pāda não estão sujeitas a leis muito estritas, mas as últimas quatro são mais regulares, sua medida sendo geralmente iâmbica<sup>1</sup> em Pādas de oito e doze sílabas e trocáica<sup>2</sup> naqueles de onze. No texto impresso o primeiro e segundo Pādas formam uma linha, e o terceiro, ou terceiro e quarto, ou terceiro, quarto e quinto, completam o dístico ou estrofe. Eu segui essa organização na minha tradução.<sup>3</sup>

Abaixo, em ordem alfabética, encontram-se os nomes, com descrições breves, das métricas usadas nos Hinos do Ṛgveda. O Índice dos Hinos mostrará a métrica ou métricas usadas em cada Hino.

*Abhisāriṇī*: uma espécie de Tr̥ṣṭup, na qual dois Pādas contêm doze em vez de onze sílabas.

*Anuṣṭup* ou *Anuṣṭubh*: consistindo em quatro Pādas de oito sílabas cada, dois Pādas formando uma linha. Essa é a forma de métrica prevalecente no Mānava-dharma-śāstra, no Mahābhārata, no Rāmāyaṇa, e nos Purāṇas.

*Anuṣṭubgarbhā*: uma métrica da classe Uṣṇih: o primeiro Pāda contendo cinco sílabas, e os três Pādas seguintes de oito sílabas cada.

*Anuṣṭup Pipīlikamadyā*: uma espécie de Anuṣṭup tendo o segundo Pāda mais curto do que o primeiro e o terceiro (8 sílabas + 4 + 8 + 8).

*Aṣṭi*: consistindo em quatro Pādas de dezesseis sílabas cada, ou sessenta e quatro sílabas na estrofe.

*Āstāraparīkti*: consistindo em dois Pādas de oito sílabas cada, seguidos por dois Pādas de doze sílabas cada.

*Atidhṛti*: quatro Pādas de dezenove sílabas cada, = 76 sílabas.

*Atijagatī*: quatro Pādas de treze sílabas cada.

*Atinīcṛti*: consistindo em três Pādas contendo respectivamente sete, seis, e sete sílabas.

*Atīśakvarī*: quatro Pādas de quinze sílabas cada.

*Atyaṣṭi*: quatro Pādas de dezessete sílabas cada.

*Br̥hatī*: quatro Pādas (8 + 8 + 12 + 8) contendo 36 sílabas na estrofe.

<sup>1</sup> [Formada de iampos: ênfase nas sílabas de número par, isto é, uma sílaba átona e uma sílaba tônica (fraco-forte; ou breve e longa).]

<sup>2</sup> [Formada de troqueus: ênfase nas sílabas de número ímpar, isto é, uma sílaba tônica seguida de uma sílaba átona (forte-fraca; ou longa e breve).]

<sup>3</sup> [Eu não mantive essa configuração na tradução dos versos para o português.]

*Caturviṃśatikā Dvipadā*: uma Dvipadā contendo 24 sílabas em vez de 20.

*Dhṛti*: consistindo em setenta e duas sílabas em uma estrofe.

*Dvipadā Virāj*: uma espécie de Gāyatrī consistindo em dois Pādas somente (12 + 8 ou 10 + 10 sílabas); representada inadequadamente na tradução por duas linhas decassilábicas iâmbicas.

*Ekapadā Triṣṭup*: uma Triṣṭup consistindo em um único Pāda ou quarto de estrofe.

*Ekapadā Virāj*: uma Virāj consistindo em um único Pāda.

*Gāyatrī*: a estrofe geralmente consiste em vinte e quatro sílabas, organizadas de modo variado, mas geralmente como um grupo de três Pādas de oito sílabas cada, ou em uma linha de dezesseis sílabas e uma segunda linha de oito. Há onze variedades dessa métrica, e o número de sílabas na estrofe varia conseqüentemente de dezenove a trinta e três.

*Jagatī*: uma métrica que consiste de quarenta e oito sílabas organizadas em quatro Pādas de doze sílabas cada, dois Pādas formando uma linha ou hemistíquio que na tradução é representado por um duplo alexandrino.

*Kakup* ou *Kakubh*: uma métrica de três Pādas compostos de oito, doze e oito sílabas respectivamente.

*Kakubh Nyāṅkuśirā*: consiste em três Pādas de 9 + 12 + 4 sílabas.

*Kṛti*: uma métrica de quatro Pādas de vinte sílabas cada.

*Madhyejyotis*: uma métrica na qual um Pāda de oito sílabas fica entre dois Pādas de doze.

*Mahābṛhatī*: quatro Pādas de oito sílabas cada, seguidos por um de doze.

*Mahāpadapaṅkti*: uma métrica de duas linhas de trinta e uma sílabas, a primeira linha composta quatro Pādas de cinco sílabas cada, e a segunda sendo uma Triṣṭup das usuais onze sílabas. Veja os *Vedic Hymns*, part I. (S. Books of the East) XXXII, p. xcvi.

*Mahāpaṅkti*: uma métrica de quarenta e oito sílabas (8x6 ou 12x4).

*Mahāsatobṛhatī*: uma forma alongada de Satobṛhatī.

*Naṣṭarūpī*: uma variedade de Anuṣṭup.

*Nyāṅkusāriṇī*: uma métrica de quatro Pādas de 8 + 12 + 8 + 8 sílabas.

*Pādanicṛt*: uma variedade de Gāyatrī na qual uma sílaba está faltando em cada Pāda: 7x3 = 21 sílabas.

*Pādapaṅkti*: uma métrica que consiste de cinco Pādas de cinco sílabas cada.

*Paṅkti*: uma métrica de cinco Pādas octossilábicos, como Anuṣṭup com um Pāda adicional.

*Paṅktyuttarā*: uma métrica que termina com uma Paṅkti de 5 + 5 sílabas.

*Pipīlikāmadhyā*: qualquer métrica cujo Pāda central é mais curto do que o precedente e do que o seguinte.

*Pragātha*: uma métrica no Livro 8, composta de estrofes que combinam dois versos, isto é, um Bṛhatī ou Kakup seguido por um Satobṛhatī.

*Prastārapaṅkti*: uma métrica de quarenta sílabas: 12 + 12 + 8 + 8.

*Pratiṣṭhā*: uma métrica de quatro Pādas de quatro sílabas cada; também uma variedade da Gāyatrī consistindo em três Pādas de oito, sete e seis sílabas respectivamente.



- Purastādbṛhatī*: uma variedade de Bṛhatī com doze sílabas no primeiro Pāda.
- Pura-uṣṇih*: uma métrica de três Pādas, contendo 12 + 8 + 8 sílabas.
- Śakvari*: uma métrica de quatro Pādas de quatorze sílabas cada.
- Satobṛhatī*: uma métrica cujos Pādas pares contêm oito sílabas cada, e os ímpares doze: 12 + 8 + 12 + 8 = 40.
- Skandhogrīvī*: composta de Pādas de 8 + 12 + 8 + 8 sílabas.
- Tanuśirā*: composta de três Pādas de 11 + 11 + 6 sílabas.
- Triṣṭup* ou *Triṣṭubh*: uma métrica de quatro Pādas de onze sílabas cada.
- Upariṣṭādbṛhatī*: composta de quatro Pādas de 12 + 8 + 8 + 8 sílabas.
- Upariṣṭājjyotis*: Uma estrofe Triṣṭup cujo último Pāda contém só oito sílabas.
- Ūrdhvabṛhatī*: uma variedade de Bṛhatī.
- Urobṛhatī*: uma variedade de Bṛhatī: 8 + 12 + 8 + 8.
- Uṣṇiggarbhā*: Gāyatrī de três Pādas de seis, sete e onze sílabas respectivamente.
- Uṣṇih*: composta de três Pādas de 8 + 8 + 12 sílabas.
- Vardhamānā*: uma espécie de Gāyatrī; 6 + 7 + 8 = 21 sílabas.
- Viparītā*: uma métrica de quatro Pādas, semelhante à Viṣṭārapaṅkti.
- Virāḍrūpā*: uma métrica Triṣṭup de quatro Pādas, 11 + 11 + 11 + 7 ou 8 sílabas.
- Virāj*: uma métrica de quatro Pādas de dez sílabas cada.
- Virāṭpūrvā*: uma variedade de Triṣṭup.
- Virāṭsthānā*: uma variedade de Triṣṭup.
- Viṣamapadā*: métrica de estrofes ímpares.
- Viṣṭārabṛhatī*: uma forma de Bṛhatī de quatro Pādas contendo 8 + 10 + 10 + 8 = 36 sílabas.
- Viṣṭārapaṅkti*: uma forma de Paṅkti consistindo em quatro Pādas de 8 + 12 + 12 + 8 = 40 sílabas.
- Yavamadhya*: uma métrica que tem um Pāda mais longo entre dois mais curtos.

Ralph T. H. Griffith.

## Índice dos Sūktas do Terceiro Maṇḍala

### Continuação do Segundo Aṣṭaka

### Continuação do Oitavo Adhyāya

#### Anuvāka 1

<i>Sūkta</i>	<i>(Hino)</i>	<i>Divindade</i>	<i>Rṣi</i>	<i>No. Versos</i>	<i>Métrica</i>
I	1	Agni	Viśvāmitra Gāthina	23	Triṣṭubh
II	2	Vaiśvānara		15	Jagatī
III	3			11	
IV	4	Āprīs		11	Triṣṭubh
V	5	Agni		11	
VI	6			11	
<b>Terceiro Aṣṭaka</b>					
<b>Adhyāya 1</b>					
VII	7			11	
VIII	8	Para a estaca sacrificial, (1-5); as estacas sacrificais (6, 7, 9, 10), ou os Viśvedevas (8)		11	Triṣṭubh. 3,7 Anuṣṭubh
IX	9	Agni		9	1-8: Br̥hatī. 9: Triṣṭubh
X	10			9	Uṣṇih
XI	11			9	Gāyatrī
XII	12	Indra e Agni		9	
<b>Anuvāka 2</b>					
I	13	Agni	R̥ṣabha Vaiśvāmitra	7	Anuṣṭubh
II	14			7	Triṣṭubh
III	15		Utkīla Kātya	7	

<b>Sūkta</b>	<b>(Hino)</b>	<b>Divindade</b>	<b>R̥ṣi</b>	<b>No. Versos</b>	<b>Métrica</b>
IV	16	Agni	Utkīla Kātya	6	Bṛhatī alternando com Satobrhatī
V	17	II	Kata Vaiśvāmītra	5	Triṣṭubh
VI	18	II	II	5	II
VII	19	II	Gāthin Kauśika	5	II
VIII	20	Aos Viśvedevas (1,5); e Agni (2-4)	II	5	II
IX	21	Agni	II	5	1,4: Triṣṭubh. 2-3: Anuṣṭubh. 5: Satobrhatī do tipo Virāṭ
X	22	Aos Purīṣya Agnis	II	5	Triṣṭubh. 4: Anuṣṭubh
XI	23	Agni	Bhāratas Devaśravas e Devavāta	5	Triṣṭubh. 3: Satobrhatī
XII	24	II	Viśvāmītra	5	Gāyatrī. 1: Anuṣṭubh
XIII	25	Agni (1-3, 5); Agni e Indra (4)	II	5	Virāj <sup>1</sup>
XIV	26	Vaiśvānara (1-3); os Maruts (4-6); Agni ou Ātmastuti (7,8) e o preceptor (9)	Viśvāmītra (1-6,8,9) e Ātman (7)	9	1-6: Jagatī. 7-9: Triṣṭubh
XV	27	Agni (2-15); o mesmo ou as estações (1)	Viśvāmītra	15	Gāyatrī
XVI	28	Agni	II	6	1,2,6: Gāyatrī. 3: Uṣṇih. 4: Triṣṭubh. 5: Jagatī
XVII	29	Agni (1-4, 6-16); Agni ou os sacerdotes (5)	II	16	Triṣṭubh. 1,4,10,12: Anuṣṭubh. 6,11,14,15: Jagatī
<b>Adhyāya 2</b> <b>Anuvāka 3</b>					
I	30	Indra	II	22	Triṣṭubh
II	31	II	Kuśika Aiṣīrathi ou Viśvāmītra	22	II
III	32	II	Viśvāmītra	17	II
IV	33	Viśvāmītra para os Rios (1-3,5,7,9,11-13); os Rios para Viśvāmītra (4,6,8,10); em louvor a Indra (6,7)		13	Triṣṭubh. 13: Anuṣṭubh
V	34	Indra	Viśvāmītra	11	Triṣṭubh
VI	35	II	II	11	II
VII	36	II	Viśvāmītra (1-9, 11) e Ghora Āṅgīrasa (10).	11	II

<sup>1</sup> Aquela de 33 sílabas, segundo Griffith. Veja a nota 1 desse hino.

<b>Sūkta</b>	<b>(Hino)</b>	<b>Divindade</b>	<b>R̥ṣi</b>	<b>No. Versos</b>	<b>Métrica</b>
VIII	37	Indra	Viśvāmitra	11	Gāyatrī. 11: Anuṣṭubh
IX	38	Indra <sup>2</sup>	Viśvāmitra ou Prajāpati Vaiśvāmitra, ou Prajāpati Vācyā	10	Triṣṭubh
<b>Anuvāka 4</b>					
I	39	II	Viśvāmitra	9	II
<b>Adhyāya 3</b>					
II	40	II	II	9	Gāyatrī
III	41	II	II	9	II
IV	42	II	II	9	II
V	43	II	II	8	Triṣṭubh
VI	44	II	II	5	Br̥hatī
VII	45	II	II	5	II
VIII	46	II	II	5	Triṣṭubh
IX	47	II	II	5	II
X	48	II	II	5	II
XI	49	II	II	5	II
XII	50	II	II	5	II
XIII	51	II	II	12	1-3: Jagatī. 4-9: Triṣṭubh. 10-12: Gāyatrī
XIV	52	II	II	8	1-4: Gāyatrī. 5,7,8: Triṣṭubh. 6: Jagatī
XV	53	Indra e Parvata (1); Indra (2-14 21-24); Vāc Sasarpārī (15,16), e partes da carruagem (17-20)	II	24	Triṣṭubh. 10,16: Jagatī. 12,20,22: Anuṣṭubh. 13: Gāyatrī. 18: Br̥hatī.
<b>Anuvāka 5</b>					
I	54	Viśvedevas	Prajāpati Vaiśvāmitra ou Prajāpati Vācyā	22	Triṣṭubh
II	55	II	II	22	II

<sup>2</sup> Associado com Varuṇa nos últimos seis versos. – Wilson.

<b>Adhyāya 4</b>					
<b>Sūkta</b>	<b>(Hino)</b>	<b>Divindade</b>	<b>Ṛṣi</b>	<b>No. Versos</b>	<b>Métrica</b>
III	56	Viśvedevas	Prajāpati Vaiśvāmitra ou Prajāpati Vācya	8	Triṣṭubh
IV	57	II	Viśvāmitra	6	II
V	58	Aśvins	II	9	II
VI	59	Mitra	II	9	1-5: Triṣṭubh. 6-9: Gāyatrī
VII	60	Ṛbhus (1-4); os Ṛbhus e Indra (5-7)	II	7	Jagatī
VIII	61	Uṣas	II	7	Triṣṭubh
IX	62	Indra e Varuṇa (1-3); Br̥haspati (4-6); Pūṣan (7-9); Savitr, (10-12); Soma (13-15); Mitra e Varuṇa (16-18)	Viśvāmitra (1-15); o mesmo ou Jamadagni (16-18)	18	1-3: Triṣṭubh. 4-18: Gāyatrī

## Índice Rápido

a: por Wilson; b: por Griffith; c: por Oldenberg

<a href="#">01a</a>	<a href="#">06a</a>	<a href="#">11a</a>	<a href="#">16a</a>	<a href="#">21a</a>	<a href="#">26a</a>	<a href="#">31a</a>	<a href="#">41a</a>	<a href="#">51a</a>	<a href="#">61a</a>
<a href="#">01b</a>	<a href="#">06b</a>	<a href="#">11b</a>	<a href="#">16b</a>	<a href="#">21b</a>	<a href="#">26b</a>	<a href="#">31b</a>	<a href="#">41b</a>	<a href="#">51b</a>	<a href="#">61b</a>
<a href="#">01c</a>	<a href="#">06c</a>	<a href="#">11c</a>	<a href="#">16c</a>	<a href="#">21c</a>	<a href="#">26c</a>	<a href="#">32a</a>	<a href="#">42a</a>	<a href="#">52a</a>	<a href="#">62a</a>
<a href="#">02a</a>	<a href="#">07a</a>	<a href="#">12a</a>	<a href="#">17a</a>	<a href="#">22a</a>	<a href="#">27a</a>	<a href="#">32b</a>	<a href="#">42b</a>	<a href="#">52b</a>	<a href="#">62b</a>
<a href="#">02b</a>	<a href="#">07b</a>	<a href="#">12b</a>	<a href="#">17b</a>	<a href="#">22b</a>	<a href="#">27b</a>	<a href="#">33a</a>	<a href="#">43a</a>	<a href="#">53a</a>	
<a href="#">02c</a>	<a href="#">07c</a>	<a href="#">12c</a>	<a href="#">17c</a>	<a href="#">22c</a>	<a href="#">27c</a>	<a href="#">33b</a>	<a href="#">43b</a>	<a href="#">53b</a>	
<a href="#">03a</a>	<a href="#">08a</a>	<a href="#">13a</a>	<a href="#">18a</a>	<a href="#">23a</a>	<a href="#">28a</a>	<a href="#">34a</a>	<a href="#">44a</a>	<a href="#">54a</a>	
<a href="#">03b</a>	<a href="#">08b</a>	<a href="#">13b</a>	<a href="#">18b</a>	<a href="#">23b</a>	<a href="#">28b</a>	<a href="#">34b</a>	<a href="#">44b</a>	<a href="#">54b</a>	
<a href="#">03c</a>	<a href="#">08c</a>	<a href="#">13c</a>	<a href="#">18c</a>	<a href="#">23c</a>	<a href="#">28c</a>	<a href="#">35a</a>	<a href="#">45a</a>	<a href="#">55a</a>	
<a href="#">04a</a>	<a href="#">09a</a>	<a href="#">14a</a>	<a href="#">19a</a>	<a href="#">24a</a>	<a href="#">29a</a>	<a href="#">35b</a>	<a href="#">45b</a>	<a href="#">55b</a>	
<a href="#">04b</a>	<a href="#">09b</a>	<a href="#">14b</a>	<a href="#">19b</a>	<a href="#">24b</a>	<a href="#">29b</a>	<a href="#">36a</a>	<a href="#">46a</a>	<a href="#">56a</a>	
<a href="#">04c</a>	<a href="#">09c</a>	<a href="#">14c</a>	<a href="#">19c</a>	<a href="#">24c</a>	<a href="#">29c</a>	<a href="#">36b</a>	<a href="#">46b</a>	<a href="#">56b</a>	
<a href="#">05a</a>	<a href="#">10a</a>	<a href="#">15a</a>	<a href="#">20a</a>	<a href="#">25a</a>	<a href="#">30a</a>	<a href="#">37a</a>	<a href="#">47a</a>	<a href="#">57a</a>	
<a href="#">05b</a>	<a href="#">10b</a>	<a href="#">15b</a>	<a href="#">20b</a>	<a href="#">25b</a>	<a href="#">30b</a>	<a href="#">37b</a>	<a href="#">47b</a>	<a href="#">57b</a>	
<a href="#">05c</a>	<a href="#">10c</a>	<a href="#">15c</a>	<a href="#">20c</a>	<a href="#">25c</a>		<a href="#">38a</a>	<a href="#">48a</a>	<a href="#">58a</a>	
						<a href="#">38b</a>	<a href="#">48b</a>	<a href="#">58b</a>	
						<a href="#">39a</a>	<a href="#">49a</a>	<a href="#">59a</a>	
						<a href="#">39b</a>	<a href="#">49b</a>	<a href="#">59b</a>	
						<a href="#">40a</a>	<a href="#">50a</a>	<a href="#">60a</a>	
						<a href="#">40b</a>	<a href="#">50b</a>	<a href="#">60b</a>	